

ADRIANA VIANA POSTIGO

FONOLOGIA DA LÍNGUA GUATÓ

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
TRÊS LAGOAS, MS
2009

ADRIANA VIANA POSTIGO

FONOLOGIA DA LÍNGUA GUATÓ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação Mestrado em Letras, área de concentração Estudos linguísticos, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
TRÊS LAGOAS, MS
2009

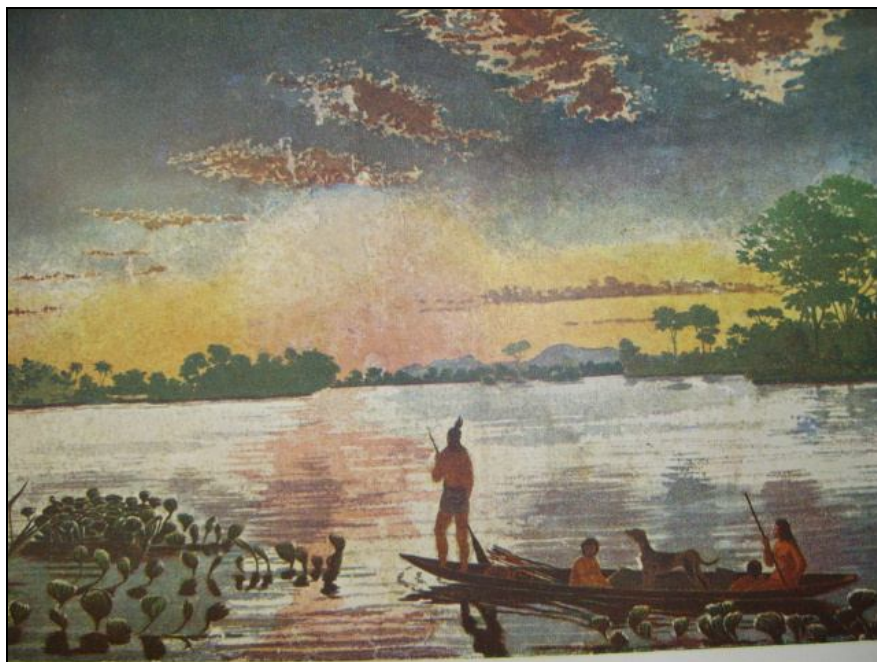
BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Rogério Vicente Ferreira (UFMS) – Presidente

Professora Doutora Rosane de Sá Amado (USP) – titular

Professora Doutora Mariana de Souza Garcia (UFMS) – titular

Três Lagoas-MS, 28 de maio de 2009.



FONTE: Florence, 1876.

Ao povo Guató

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, essência de sabedoria sobrenatural e humana, que tornou possível a realização deste trabalho.

A todos os Guató, pela amável acolhida, compreensão e disponibilidade, em especial ao cacique Severo, Sra. Dalva e Zaqueo, pela agradável viagem à aldeia e *in memorian* à Francolina Rondon.

Às diretoras, Cilena e Lucila, secretária e professores da E.E.I. Thogopanã, Glória, Fernanda e Carlos, pela calorosa recepção e grande carinho.

Ao Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, pela orientação deste trabalho e amizade dispensada em todas as etapas da pesquisa.

Às professoras da banca de qualificação e defesa: Profa. Dra. Rosane de Sá Amado, Profa. Dra. Marlene Durigan e Profa. Dra. Mariana de Souza Garcia, que dispensaram suas leituras e avaliações.

À PROPP, pelo financiamento de passagens para pesquisa de campo, especialmente ao Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira e à Profa. Dra. Célia Maria da Silva de Oliveira.

À Fundect, pelo auxílio à pesquisa com bolsa de estudos concedida durante o curso de Mestrado (Proc. 41/100.270/2006) e auxílio financeiro PAPOS (Proc. 23/200.279/2008, termo 0212/08).

À FUNAI, por conceder a autorização necessária à entrada na área indígena para a realização do trabalho de campo (processo n.1574/07).

À Coordenação da Pós-Graduação, especialmente ao coordenador (Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira) e ao secretário, Claudionor, pelo atendimento e competência.

Aos professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especialmente à Profa. Dra. Celina Aparecida Garcia do Nascimento.

À minha família, pelo apoio e contribuição em cada momento da pesquisa, em especial a minha querida e amada mãe.

A todos os amigos do curso de Graduação e Mestrado: Jefferson, Beatrice, Santa, Carlos, Daniel, Marta, Lorena, Juliana Fresqui, Jaqueline, Jeniffer e outros.

Aos amigos de Corumbá-MS, família Paravisini, Reinaldo, Hernani, Clai, Margareth e Sra. Universina (*in memorian*), pelo carinho e hospitalidade.

Aos amigos e professores de Campinas-SP, especialmente ao Prof. Dr.
Angel Corbera Mori e à Profa. Dra. Beatriz C. Protti.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar uma análise fonológica sobre a língua do povo guató do estado de Mato Grosso do Sul. Todos os dados apresentados neste trabalho foram coletados por meio de pesquisa de campo, com o auxílio de três colaboradores bilíngues. Os pressupostos teóricos fundamentam-se na teoria autosssegmental, com o uso da geometria de traços proposta por Clements; Hume (1995). Para cumprir com os objetivos propostos, o trabalho está dividido em quatro capítulos: I. Povo e língua guató, com informações sobre a demografia e localização, descrições sobre o povo e sua trajetória desde o reconhecimento da etnia até a demarcação das terras, uma sistematização comparativa dos registros e estudos prévios e algumas considerações sobre a filiação genética entre a língua guató e o tronco linguístico Macro-Jê; II. Descrição dos segmentos, no qual apresentamos as consoantes e vogais, com os fones, fonemas e contrastes em ambientes idênticos e análogos, os tons alto e baixo e a variação do tom médio, as oposições tonais, *downdrift* ou *downstep*, a classificação do sistema tonal e acentual, apontamentos articulatórios, acústicos e breves comentários sobre os espectrogramas obtidos com o auxílio programa *Praat*. III. Estrutura silábica, com a identificação dos padrões silábicos CV e V, a distribuição de sílabas na palavra, os agrupamentos vocálicos, a ressilabificação como resultado de processos morfofonológicos, algumas considerações sobre a coda silábica a partir de dados encontrados nos estudos anteriores e nos nossos; IV. Processos fonológicos e morfofonológicos, no qual são apresentados os processos mais produtivos: inserção de [j] em sintagmas verbais e inserção de [dʒ] em sintagmas nominais, elisão de vogais [a] e [o] nos morfemas {mà-} e {gò-}, apagamento de [j] diante de vogal anterior alta [i] e assimilação regressiva do traço de nasalidade.

PALAVRAS-CHAVE: línguas indígenas; fonologia; língua guató.

ABSTRACT

*This dissertation aims to present a phonological analysis on the Guató language and people of the state of Mato Grosso do Sul. All data presented in this study have been collected through field research with the help of three bilingual collaborators. The theoretical assumptions are based on the autosssegmental theory, using the geometry of features proposed by Clements, Hume (1995). To accomplish the proposed objectives, the work is divided in four chapters: I. Guató people and language, with information on demographics and location, descriptions of the people and its history since the recognition of ethnicity to the demarcation of area, a systematic comparison of the records and studies and some considerations on the genetic affiliation between the Guató language and Macro-Jê stock; II. Description of segments, which present the consonants and vowels, with phones, phonemes and contrasts in identical and similar environments, the high and low tones and the change of medium tone, the tonal oppositions, *downdrift* or *downstep*, the classification of the tonal and accentual system, articulatory and acoustic notes, and brief comments on the spectrograms obtained using the *Praat* software; III. Syllabic structure, identifying syllabic patterns CV and V, the distribution of syllables in the word, the vocalic groups, ressilabification as result of morphophonological processes, some considerations on the syllabic coda from data found in previous studies and ours. IV. Phonological and morphophonological processes, which are presented in the most productive: insertion of [j] in verbal sentences and insertion of [dʒ] in nominal sentences, erasure of vowels [a] and [o] in the morphemes {mà-} e {gò-}, erasure of [j] before vowels preceding by [i] and regressive assimilation of the nasality trace.*

KEYWORDS: aboriginal languages; phonology; guató language.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

1:	Escala de sonoridade.....	18
2:	Comparação de consoantes.....	33
3:	Comparação de vogais.....	34
4:	Comparação de sequências de vogais idênticas.....	34
5:	Comparação de padrões silábicos.....	35
6:	Comparação de codas silábicas I.....	35
7:	Consoantes (PALÁCIO, 1984, p.26).....	53
8:	Vogais orais (PALÁCIO, 1984, p.27).....	53
9:	Vogais nasais (PALÁCIO, 1984, p.27).....	54
10:	Capa e contracapa do <i>Pequeno dicionário da língua guató</i> (2002).....	57
11:	Informações gerais do <i>Pequeno dicionário da língua guató</i> (2002).....	58
12:	Evidências de parentesco I (RODRIGUES, 1986).....	66
13:	Evidências de parentesco II (RODRIGUES, 1986).....	67
14:	Hipótese do tronco Macro-Jê (RIBEIRO; VOORT, 2008).....	68
15:	Distribuição do tronco Macro-Jê (RIBEIRO; VOORT, 2008).....	69
16:	Inventário fonético das consoantes.....	71
17:	Relação entre consoantes e vogais.....	77
18:	Inventário fonológico das consoantes.....	82
19:	Inventário fonético das vogais.....	89
20:	Inventário fonológico das vogais.....	92
21:	Abertura das vogais.....	93
22:	Movimento da laringe (OHALA, 1978 <i>apud</i> YIP, 2002).....	98
23:	Espectrograma da glosa ‘macaco’.....	103
24:	Espectrograma da glosa ‘machado’.....	104
25:	Espectrograma da glosa ‘capivara’.....	105
26:	Espectrograma da glosa ‘cabelo’.....	106
27:	Comparação de codas silábicas II.....	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

\	espalhamento ou associação
≠	dissociação
-	juntura de morfema
#	fronteira de palavra
σ	sílaba
→	passa a...
.	fronteira silábica
//	representação fonológica
[]	representação fonética
{ }	representação de morfema
‘ ’	tradução livre
(´)	tom alto
(`)	tom baixo (não marcado na representação fonológica)
(¯)	tom médio
(~)	traço de nasalidade
1sg	1ª pessoa do singular
1p	1ª pessoa do plural
2sg	2ª pessoa do singular
2p	2ª pessoa do plural
3sg	3ª pessoa do singular
3p	3ª pessoa do plural
1p.suj	1ª pessoa com função de sujeito
1p.obj	1ª pessoa com função de objeto
3p.sj	3ª pessoa com função de sujeito
3p.obj	3ª pessoa com função de objeto
C	consonante
Co	coda
N	núcleo silábico
R	rima silábica
Neg	negação
O	<i>onset</i> ou ataque

PC	ponto de constrição
PV	ponto de vogal
Ep	epêntese
CAI	Contraste em ambiente idêntico
CAA	Contraste em ambiente análogo
E EI	Escola Estadual Indígena Toghopanãa
VOZ	Traço de vozeamento
CONT	Traço de contuidade
F0	Frequência fundamental
PCO	Princípio do contorno obrigatório
H	Tom alto (<i>High</i>)
L	Tom baixo (<i>Low</i>)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Fundamentação teórica	14
Metodologia da pesquisa.....	20

I POVO E LÍNGUA GUATÓ

1.1 Situação linguística, demografia e localização	26
1.2 Revisão bibliográfica.....	28
1.3 Registros e estudos prévios.....	32
1.3.1 Castelnau (1851).....	35
1.3.2 Schmidt (1905, 1928)	39
1.3.3 Rondon (1938)	45
1.3.4 Wilson (1959).....	48
1.3.5 Palácio (1984)	53
1.3.6 Pequeno dicionário da língua guató (2002)	57
1.3.7 Algumas conclusões preliminares	63
1.4 Filiação genética: Guató e tronco Macro-Jê	65

II DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS

2.1 Consoantes.....	71
2.1.1 Contrastes.....	78
2.1.2 Representação e classes naturais	82
2.2 Vogais.....	88
2.2.1 Contrastes.....	91
2.2.2 Representação e classes naturais	93
2.3 Tons.....	96
2.3.1 Apontamentos articulatórios e acústicos	97
2.3.2 Oposições tonais.....	99
2.3.3 Espectrogramas	102

III ESTRUTURA SILÁBICA

3.1 A sílaba como unidade fonológica.....	107
3.2 A sílaba em Guató	110
3.2.1 Distribuição de sílabas na palavra	111
3.2.2 Ressilabificação.....	113
3.2.3 Considerações sobre a coda silábica.....	117

IV PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS

4.1 Elisão	120
4.2 Epêntese.....	122
4.3 Nasalidade e assimilação nasal	124

CONCLUSÃO.....	129
----------------	-----

REFERÊNCIAS	131
-------------------	-----

APÊNDICES

1: Vocabulário de dados.....	139
2: Fotos.....	147

ANEXOS

1: Lista de Castelnau (1851).....	152
2: Listas de Schmidt (1905 [1942], 1928).....	156
3: Lista de palavras e frases de Rondon (1938).....	199
4: Lista de dados de Wilson (1959)	202
5: Vocabulário do Pequeno dicionário da língua guató (2002).....	207
6: Mapa “Terras Indígenas MS”	217

INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa¹ enquadra-se nas preocupações atuais em relação às línguas indígenas ameaçadas de extinção ou em situação precária de estudos. Essas preocupações intensificaram-se após a publicação do artigo de Krauss (1992, p.7-10)² que estimou que 90% das línguas do mundo estariam em perigo de extinguir-se no século XXI.

No Brasil, de acordo com Moore *et al* (2008, p.1-2), a tarefa de documentar e preservar as línguas indígenas brasileiras é imensa, sendo útil a realização de um censo sobre quantas línguas ainda são faladas no território brasileiro. Segundo os autores:

Embora 180 venha sendo repetido com freqüência como sendo o total de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150 [...] Das cerca de 150 línguas indígenas, pelo menos 21% (marcadas com ponto de exclamação na tabela) estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações.

Na tabela proposta por Moore *et al* (2008, p.5-11)³, há 38 línguas marcadas com um ponto de exclamação. No estado de Mato Grosso do Sul, 7 línguas foram registradas, sendo 3 ameaçadas (destacadas em negrito):

- Guató	(estudos: 2, transmissão: baixa, ameaçada!)
- Ofayé	(estudos: 2, transmissão: baixa, ameaçada!)
- Kinikinau	(estudos: 1, transmissão: sem, ameaçada!)
- Guarani Kaiowá	(estudos: 2, transmissão: alta, não ameaçada)
- Guarani Nhandéva	(estudos: 2, transmissão: alta, não ameaçada)
- Terena	(estudos: 1, transmissão: baixa, não ameaçada)
- Kadiwéu	(estudos: 2, transmissão: alta, não ameaçada)

¹ Este trabalho está redigido conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Lei n.º 5765, de 18 de Dezembro de 1971).

² “I consider it a plausible calculation that – at the rate things are going – the coming century will see either the death or the doom of 90% of mankind’s languages [...] Obviously we must do some serious rethinking of our priorities, lest linguistics go down in history as the only science that presided obliviously over the disappearance of 90% of the very field to which it is dedicated” (KRAUSS, 1992, p.7-10).

³ Na tabela, os valores atribuídos são: (0) línguas com pouca ou nenhuma descrição científica significativa; (1) línguas com uma dissertação de mestrado ou vários artigos; (2) línguas com um bom esboço geral ou uma tese de doutorado sobre algum aspecto da língua e (3) línguas com uma descrição razoavelmente completa. Sobre a transmissão da língua nativa, foram utilizados os termos “alta”, “média”, “baixa”, “boa” e “sem”.

Nessa tabela, a população guató está estimada em 372 indígenas, sendo 5 falantes de língua nativa, com a transmissão da língua considerada baixa. No que se refere à quantidade de estudos, a língua guató apresenta o valor (2), indicador da existência de apenas um trabalho linguístico realizado, que sabemos ser a tese de doutorado de Palácio (1984).

De acordo com os dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Mato Grosso do Sul é o segundo maior Estado com população indígena do país, com uma estimativa de 32.519 indígenas⁴, com 10 etnias: Atikum, Guarani Kaiowá, Guarani Nhandéva, Guató, Kadiwéu, Kamba, Kinikinawa, Ofaié, Terena e Xiquitano. No entanto, há ainda uma grande carência de estudos linguísticos nessa área, principalmente, com as línguas Ofaié, Kinikinawa e Guató.

Para este trabalho, nos preocupamos com a situação da língua guató, partindo da descrição realizada por Palácio (1984), buscamos realizar em nossa pesquisa uma atualização de dados, com o objetivo de descrever a fonologia da língua, a fim de contribuir para a documentação e a promoção de seu uso, como também aumentar o conhecimento científico das línguas indígenas brasileiras, em especial as faladas em Mato Grosso do Sul. Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para o conhecimento e documentação da língua guató e para o processo ensino/aprendizagem da Escola Estadual Indígena Toghopanã. Como afirma Rodrigues (1986, p.10) “cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se pode realizar a linguagem humana”.

Fundamentação teórica

Esta pesquisa apresenta um estudo sobre a fonologia da língua guató e busca, portanto, descrever as unidades distintivas (consoantes, vogais, nasalidade, tom), estrutura silábica e os processos linguísticos que ocorrem entre os morfemas e palavras.

Dentre os modelos fonológicos, podemos considerar dois grandes grupos: modelos lineares e não-lineares (ou autosegmentais). O trabalho mais representativo sobre o modelo linear (ou segmental) baseia-se em *Sound Pattern of English*

⁴ Disponível em http://www.funai.gov.br/mapas/fr_mapa_fundiario.htm, acessado em 09/12/2008.

(CHOMSKY; HALLE, 1968), no qual há uma bijetividade entre os segmentos, ou seja, uma relação de um-para-um. Os modelos autossegmentais, diferentemente, postulam que um traço pode estender-se aquém ou além de um segmento.

Sobre o desenvolvimento da fonologia, Wetzels (1995, p.3) afirma que:

Em um período correspondente a pouco mais de vinte anos, desenvolveu-se um quadro formal e conceitual bem articulado, o qual, mais do que uma teoria integrada, representa uma série de diferentes subteorias globalmente conhecidas como fonologia ‘não-linear’. Essas teorias definem, em seu conjunto, as linhas descritivas e explanatórias das gramáticas fonológicas da linguagem humana.

A fonologia autossegmental, proposta inicialmente na tese de doutorado de Goldsmith (1976), refere-se a questões tonais, concebendo os traços como autossegmentos (maiores ou menores que um segmento) e propõe uma representação hierárquica dos traços em diferentes camadas. Essa abordagem, portanto, opera com segmentos completos, matrizes inteiras de traços e autossegmentos, tais como, nasalidade, tom, entre outros. Assim, o uso desse modelo facilita a expressão de classes naturais e generalizações, estabelecidas por meio de uma geometria de traços.

A Geometria de traços é uma proposta de representação (modelagem) dos traços em camadas, que podem constituir um ou mais planos, formando um objeto (conjunto) tridimensional. Os estudos fonológicos, de modo geral, utilizam os modelos propostos por Mc Carthy (1988), Sagey (1986), Halle (1995) e Clements; Hume (1995).

Além da Geometria de traços, a fonologia autossegmental é composta pela “Fonologia Lexical”, “Fonologia Métrica” e a “Teoria da Otimalidade”.

A Fonologia Lexical foi desenvolvida inicialmente por Kiparsky (1982, 1985) e Mohanan (1982) e considera o léxico de uma língua como uma série de níveis ou estratos, sendo esses os domínios de aplicação das regras morfológicas e fonológicas, que, por sua vez, são cíclicas e podem ser reaplicadas.

Sobre a Fonologia Métrica, essa utiliza a concepção hierárquica dos traços e permite uma melhor representação da sílaba e do acento. De acordo com esse modelo, as línguas podem apresentar acento primário, secundário e principal. Assim, o acento é relacional, como uma propriedade da sílaba “não é um traço, mas uma proeminência

que nasce da relação entre os elementos prosódicos: sílaba, pé e palavra fonológica” (BISOL, 1999, p.79).

A Teoria da Otimalidade (TO) baseia-se no modelo gerativista, com Prince; Smolensky (1993), McCarthy; Prince (1993) e Archangeli; Langendoen (1997). Nesse modelo, as restrições de regras são universais e cada gramática define a importância relativa na violação ou não dessas restrições. Assim, esse modelo propõe um *input* como ponto inicial e um *output* como resultado de uma série de operações de regras, sendo mediadas por dois mecanismos formais: o GER (Gerador), que cria um conjunto de objetos linguísticos e o AVAL (Avaliador), que usa a hierarquia para selecionar o melhor ou os melhores candidatos.

Após apresentarmos os modelos fonológicos, passaremos, então, as justificativas utilizadas para a escolha do modelo teórico utilizado em nossa pesquisa.

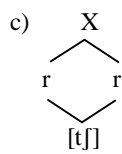
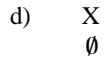
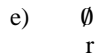
Primeiramente, como a língua guató havia sido descrita por Palácio (1984) basicamente no modelo estruturalista, buscamos, em nosso trabalho, ampliar a perspectiva da descrição e adotar uma teoria ou modelo fonológico diferenciado, baseado na fonologia autosegmental.

Entre os modelos listados anteriormente, o modelo que mais atendeu aos propósitos desse trabalho foi o da Geometria de traços, pois nos permitiu representar cada segmento consonantal e vocálico, estabelecer as classes naturais, padrões silábicos, ressilabação e processos fonológicos na língua guató.

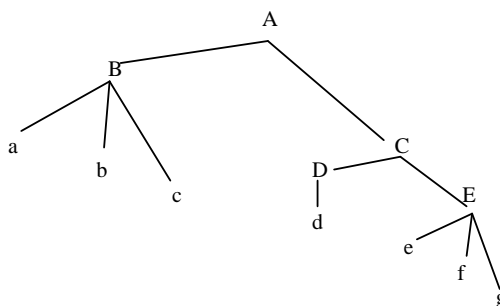
Em nossa pesquisa adotamos o modelo proposto por Clements; Hume (1995), o mais utilizado na descrição fonológica das línguas indígenas no Brasil. A seguir, apresentamos mais detalhes sobre a Geometria de traços dos autores.

De acordo com Clements; Hume (1995), postula-se uma posição “X” como unidade abstrata de sequência temporal, que domina o nó de raiz “r”. As possíveis postulações entre as camadas de “X” e “r” estão representadas e descritas a seguir:

- a)
$$\begin{array}{c} X \\ | \\ r \\ | \\ [a] \end{array}$$
 Uma unidade de tempo pode associar-se a uma raiz, em uma relação bijectiva (um por um).
- b)
$$\begin{array}{c} X \quad X \\ \diagdown \quad / \\ r \\ [a:] \end{array}$$
 Duas unidades de tempo podem associar-se a uma raiz, formando vogais alongadas (dois por um).

- c)  Uma unidade de tempo pode associar-se a duas raízes, formando segmentos de contorno como, por exemplo, as africadas. (um por dois)
- d)  Uma unidade de tempo pode não estar associada a uma raiz, então “X” é representado como um elemento flutuante na sequência temporal.
- e)  Uma raiz pode não estar associada a uma unidade de tempo, então “r” é representado como um elemento flutuante.

Em relação às postulações (d) e (e), essas são utilizadas para representar as unidades segmentais não associadas (flutuantes), como por exemplo, os traços de nasalidade, tom e entonação, que não pertencem ao segmento. A partir das postulações definidas na superfície, damos continuidade à representação dos outros níveis da hierarquia, conforme o seguinte diagrama arbóreo, proposto por Clements; Hume (1995, p.249):

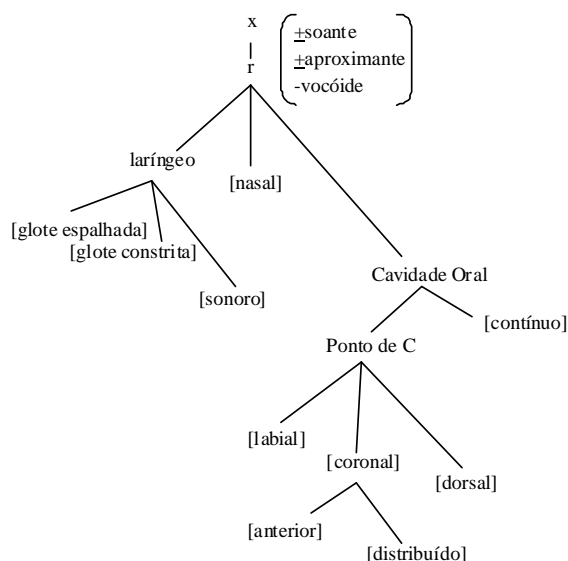


No diagrama, o nó de raiz “r” é representado por “A”, enquanto “B, C, D, E” são os respectivos nós de classe: laríngeo, cavidade oral (CO), continuidade e ponto de constricção (PC).

Os pontos “a, b, c, d, e, f, g” são nós terminais, representados no nível mais profundo da hierarquia e correspondem aos respectivos traços fonológicos: [glote espalhada]; [glote constrita]; [sonoro]; [contínuo]; [labial], [coronal] e [dorsal]. O traço [coronal] domina mais dois traços na hierarquia: [anterior] e [distribuído].

Nessa hierarquia, os elementos “a”, “b”, “e”, “f”, “g” são monovalentes, representados pela presença ou ausência do traço, enquanto “c”, “d” devem ser especificados como [+sonoro] ou [-sonoro] e [+contínuo] ou [-contínuo].

A seguir, apresentamos uma geometria totalmente especificada para um segmento consonantal qualquer, para ilustrar a organização dos traços (CLEMENTS; HUME, 1995, p.192):

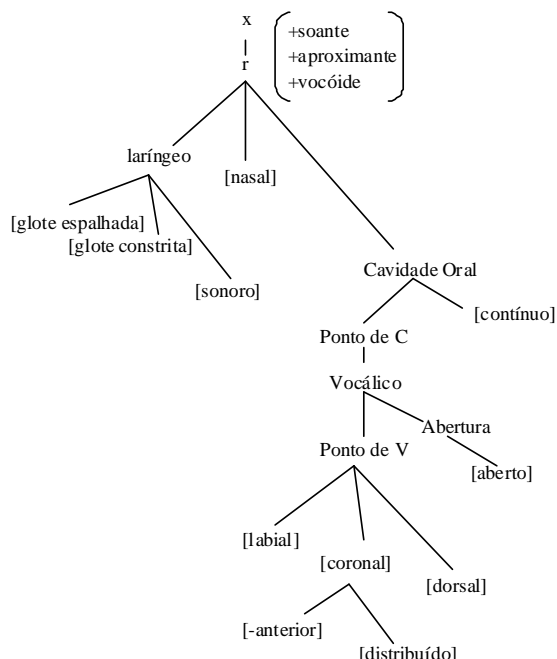


Podemos observar, nesta representação, que temos que indicar, na raiz, quais são os traços que definem a classe à qual o segmento pertence. Desse modo, os traços relevantes para contrastar consoantes e vogais são, respectivamente, [soante], [aproximante] e [vocóide], que obedecem à seguinte escala de sonoridade:

Segmentos	Traços			Sonoridade
	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	
Obstruintes (fricativas, oclusivas)	-	-	-	0
Líquidas (laterais, róticos)	+	-	-	1
Nasais	+	+	-	2
Vogais	+	+	+	3

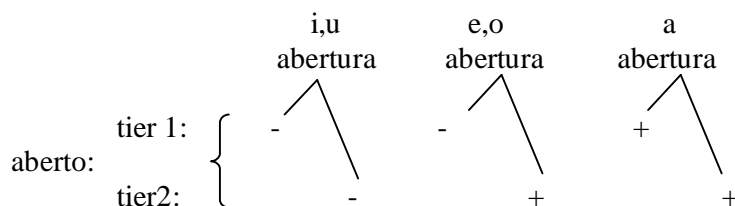
Quadro 1: Escala de sonoridade

A representação de um segmento vocálico totalmente especificado possui uma configuração diferenciada em relação a um segmento consonantal. A geometria que segue é apenas uma ilustração de como os traços estão organizados (CLEMENTES; HUME, 1995, p.292):



A seguir, apresentamos algumas distinções entre a estrutura arbórea de um segmento vocálico em relação ao consonantal:

- A raiz possui todos os traços especificados, ou seja, qualquer vogal será [+soante], [+aproximante] e [+vocóide], pois a vogal está classificada no nível máximo da escala de sonoridade;
- O nó “Ponto de C” domina o nó “Vocálico”, que, por sua vez, domina “Ponto de V” e “Abertura”;
- O “Ponto de V” de um segmento vocálico possui os mesmos traços de “Ponto de C” de um segmento consonantal, no entanto o traço [anterior], dominado pelo traço [coronal] deve ser especificado como [+anterior] ou [-anterior], e
- O nó “Abertura” domina o traço [aberto], que pode ser organizado de acordo com o sistema de altura vocálica de uma língua qualquer. Por exemplo, um sistema /i u e o a/ pode ser representado da seguinte forma (CLEMENTES; HUME, 1995, p.283):



Como pudemos observar, o modelo da Geometria de traços traz informações mais representativas em termos de hierarquia dos traços que compõem os segmentos consonantais e oferece diferentes graus de abertura para a representação das vogais. Assim, este modelo corrobora para a análise descritiva que nos propomos a realizar com a língua guató.

Metodologia da pesquisa

Os caminhos percorridos durante essa pesquisa basearam-se em ‘levantamento bibliográfico’ e ‘trabalho de campo’.

Desde a preparação do projeto de mestrado até a conclusão da pesquisa, foram realizados levantamentos bibliográficos. O primeiro levantamento, na fase inicial, consistiu em coletar qualquer tipo de informação sobre o povo e a língua guató, em livros, revistas, jornais e internet, que aos poucos foi se tornando um acervo diversificado e relevante para o conhecimento do pesquisador.

No segundo levantamento, estabelecemos algumas direções necessárias para a organização do que havia sido coletado. Esse levantamento foi dividido entre “povo” e “língua”, no entanto nem sempre esse critério pôde ser adotado, pois alguns autores escreviam sobre ambos, tais como Schmidt (1905) e Rondon (1938).

Além dos levantamentos sobre o “povo” e “língua” guató, realizamos também levantamentos teóricos, gerais, em línguas indígenas e específicos em fonologia. Esse tipo de levantamento foi fundamental para dar prosseguimento à pesquisa, pois conforme as leituras avançavam, as reflexões tornavam-se mais objetivas.

Os últimos levantamentos deram ênfase a análises fonológicas (dissertações e teses) sobre línguas indígenas realizadas por pesquisadores no Brasil com línguas do tronco linguístico Macro-Jê e outras.

Sobre o trabalho de campo, Craig (1979, p.28)⁵ afirma que “não há um guia padronizado de como fazer o trabalho de campo, nem nunca haverá. Muito do estilo de métodos de campo depende dos povos envolvidos, as personalidades e o treinamento dos linguistas” (tradução nossa). Assim, apresentamos um relato desde o primeiro contato com a liderança guató, a identificação dos colaboradores da pesquisa, os questionários utilizados, as coletas, transcrição e armazenamento dos dados.

O primeiro contato pessoal com os guató ocorreu no “4º Festival de cinema de Campo Grande”, no dia 5-2-2008, após a exibição do filme “500 Almas”. Nesse dia, ocorreu um debate com o diretor do filme, Sr. Joel Pizzini e o Prof. Dr. Levi Marques da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Após a discussão sobre o filme, tivemos a oportunidade de conhecer a liderança guató, representada pelo cacique Sr. Severo e sua esposa Dalva, com os quais nos reunimos para explicar o trabalho que seria realizado e agendar uma visita para solicitar a autorização de entrada na aldeia⁶. Essa postura adotada evitou surpresa, constrangimento ou desconhecimento da pesquisa por parte dos guató, pois sabemos que cabe ao pesquisador explicar o trabalho à comunidade e aos colaboradores, que devem decidir o que pode ou não ser gravado nas entrevistas. Como aponta Samarin (1967, p.122):

O informante cooperará mais inteligente e eficientemente se compreender o que o investigador está fazendo. Quanto pode ser dito depende de quanto pode compreender. Além disso, um informante que sabe que o investigador está relacionado com um problema especial provavelmente será mais simpático e cooperativo⁷ (tradução nossa).

Com a agenda programada, dedicamos-nos à preparação do material para o trabalho de campo, que foi desenvolvido com base em leitura, reflexão e discussões com o orientador da pesquisa, dos trabalhos de Samarin (1967), Kibrik (1977) e Everett (2006).

⁵ “There exists no standardized guide book *How to do Field Work*, nor will there ever be. Much of the style of field methods depends on the people involved, the personalities and training off the linguists” (CRAIG, 1979, p.28).

⁶ Autorização da Funai, processo n.1574/07 .

⁷ “The informant will cooperate more intelligently and efficiently if he understands what it is the investigator is doing. How much he can be told depends on how much he can understand. In addition, an informant who knows that the investigator is concerned with a special problem is more likely to be sympathetic and cooperative” (SAMARIN, 1967, p.122).

Para o trabalho de campo, foram realizadas duas viagens para obtenção dos dados: a primeira entre 17-07-2007 e 2-8-2007 e a segunda de 7 a 31-1-2008.

No que se refere à seleção dos colaboradores⁸, todos os indígenas acessíveis que possuíam fluência, completa ou parcial, foram entrevistados. Assim, os colaboradores (informantes) desta pesquisa foram três: Sra. Francolina, Sra. Josefina e o Sr. Veridiano, todos bilíngues, em Guató e Português, e sem escolaridade. A seguir, apresentamos um breve relato de cada um deles.

A principal colaboradora, Francolina Rondon, conhecida por todos como “dona Negrinha”, nasceu no porto da Fazenda Conceição, localizada às margens do rio Alegre. Filha da guató Maria Domingas e do não-índio Manoel Rondon, adquiriu a língua portuguesa no ambiente familiar e nunca teve acesso a escola, não sabia ler, nem escrever. Como seu pai não permitia o uso da língua indígena pela esposa ou pela filha, Francolina foi adquirir a língua guató ao brincar com as crianças indígenas, por volta dos 7 anos de idade. Após a separação dos pais, Francolina viveu a maior parte de sua vida na Ilha Ínsua juntamente com os outros guató. Na velhice, por motivos de saúde, voltou a morar em Corumbá com os filhos. Francolina era bilíngue completa e, em paz, faleceu em fevereiro de 2008, aos 98 anos.

A Sra. Josefina Alves Ribeiro, de 85 anos, é irmã de Francolina Rondon, também nascida no porto da Fazenda Conceição. É filha de Maria Domingas com Américo, também não-índio. Josefina aprendeu o Português no ambiente familiar e aos oito anos de idade adquiriu a língua guató com a avó materna. Alguns anos mais tarde, Francolina e sua mãe foram morar com os tios João Quirino e Joana, todos bilíngues em Português e Guató. Após a morte dos tios, Josefina passou a morar com sua mãe em Corumbá, passando a maior parte de sua vida na cidade, o que favoreceu o parcial esquecimento da língua guató. Portanto, embora a Sra. Josefina tenha sido bilíngue, atualmente, ela possui uma fluência parcial em Guató.

O Sr. Veridiano, “Seu Verí”, de aproximadamente 85 anos, sempre viveu com os pais guató, utilizando apenas a língua materna no cotidiano familiar e raramente se deslocavam até a cidade. Após o falecimento dos pais, o Sr. Veridiano passou a morar em uma casa na aldeia Uberaba, na qual tem sido cuidado pela liderança guató, cacique Severo e sua esposa Dalva, e conta com a atenção de toda a comunidade. O Sr. Veridiano, até pouco tempo atrás, era monolíngue em Guató e, atualmente, está

⁸ De modo geral, não há um consenso entre os pesquisadores sobre os termos informantes, colaboradores, professores ou acessores. Para o nosso trabalho, optamos em utilizar o termo colaboradores.

aprendendo a língua portuguesa aos poucos. Durante a nossa coleta de dados, notamos que o Sr. Veridiano é fluente completo em Guató e parcialmente em Português.

Os colaboradores, durante as coletas, mencionavam a existência de outros guató que viviam no Caracará, no rio São Lourenço, no entanto não tivemos a oportunidade de conhecê-los em decorrência da impossibilidade de acesso ao local e tempo escasso.

Após a seleção dos colaboradores, nos dedicamos a preparação dos questionários adotados nas entrevistas. De acordo com Kibrik (1977, p.19), o questionário varia de acordo com o objetivo do linguista, pois “a preparação avançada para o trabalho de campo depende dos alvos que o investigador deseja alcançar com sua descrição”⁹ (tradução nossa).

Em nossa pesquisa, a primeira coleta teve por objetivo revisar e ampliar os dados; para tanto, elaboramos um questionário composto por duas partes. Na primeira, utilizamos as glosas do vocabulário da tese de Palácio (1984) e a lista de palavras coletada por Rondon (1938). Na segunda parte, utilizamos a lista comparativa proposta por Swadesh (1955), tradicionalmente utilizada em trabalhos de tipo comparativo com línguas indígenas no Brasil (com 200 itens lexicais, entre objetos, números, adjetivos, verbos, partes do corpo, entre outros) e, também, as glosas do *Dicionário Tariana-Portugues* (AIKHENVALD, 2001). Nessa primeira coleta, tivemos a participação das duas colaboradoras, durante uma semana. Na outra semana, tivemos a oportunidade de conhecer mais um colaborador, dessa vez, na aldeia, o Sr. Veridiano.

Na segunda coleta, utilizamos roteiros de entrevistas, com situações do cotidiano e sentenças simples e não fizemos uso de questionários. Durante as entrevistas, buscamos coletar as palavras por campo semântico (partes do corpo, parentesco, fauna, flora e outros), pois esse tipo de coleta facilita a organização dos dados. O principal objetivo dessa coleta foi transcrever com maior fidelidade possível os dados da língua, privilegiando o registro das pausas, acentos, tons e processos fonológicos já identificados. Nessa segunda coleta, a liderança guató encontrava-se em Corumbá, assim como o colaborador, com o qual havia realizado a primeira coleta de dados na aldeia. Desse modo, tivemos a participação dos três colaboradores (Sra. Josefina, Sra. Francolina e Sr. Veridiano).

⁹ “The advanced preparation for field work depends on the aims the investigator wishes to pursue with his description”, (KIBRIK, 1977, p.19).

Durante a permanência em campo, fizemos análise prévia dos dados, que consistiu em manipular informações relevantes acerca dos processos fonológicos que ocorrem no interior das palavras e entre elas, levando em consideração o resultado de pesquisas anteriores, comparando e sistematizando os dados para a análise final após o trabalho de campo.

Conforme Samarin (1967, p.126), a transcrição dos dados deve ser realizada ainda em campo, sendo necessário observar “as características físicas externas, que acompanham o discurso, tal como a posição dos lábios e a musculatura da garganta, assim como as impressões não-linguísticas quanto à compreensão, conveniência e outras”¹⁰ (tradução nossa).

Assim, nas coletas, durante as entrevistas, os dados foram transcritos imediatamente em caderno de campo (com comentários/informações relevantes) e, posteriormente, transcritos com o auxílio do *software Word* (Office2007), utilizando fontes com símbolos fonéticos do *International Phonetic Alphabet* (IPA).

Nas primeiras transcrições, obtivemos os primeiros rudimentos da língua, identificando as consoantes e as vogais¹¹, gradativamente fomos identificando as pausas que marcavam a fronteira das palavras e, por último, os tons. Embora existam outros alfabetos, como o Alfabeto Americano, utilizado por Pike (1971), no registro de nossos dados, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional, pelo fato de ser utilizado na maioria dos trabalhos linguísticos atualmente realizados no Brasil e no mundo, possibilitando, assim, maior inteligibilidade entre pesquisadores.

Em relação ao armazenamento, todos os dados foram gravados com o auxílio de gravador digital (Panasonic 2.0), que permaneceu ligado durante a entrevista, sendo interrompido quando solicitado pelo colaborador. Posteriormente, todas as gravações foram digitalizadas e gravadas em CD/DVD, por medida de segurança.

Ao retornar do campo com as gravações, cada arquivo de áudio continha uma grande quantidade de dados, desorganizados. Para agilizar o trabalho de organização, utilizamos o *software Audacity*¹² para isolar cada dado, com numeração e glosa (por exemplo, o áudio com o dado [mèvî] está no arquivo ‘001 - casa’).

¹⁰ “[...] the external physical features, which accompany speech, such as lip position and throat musculature, as well as the nonlinguistic cues to comprehension, appropriateness, and others” (SAMARIN, 1967, p.126).

¹¹ Durante os primeiros meses de 2007, pude realizar treinamentos de transcrição fonética nas disciplinas “Fonética e Fonologia” (graduação) e Tópicos de fonologia (pós-graduação).

¹² O *software Audacity* (versão 1.2.6) é um editor digital para arquivos de áudio, que utiliza recursos do *Sourceforge*, um serviço *online* para projetos de código-fonte aberto. Baseado no *wxWindows*, disponível

Outro *software* utilizado foi o *Praat*¹³, específico para análise acústica do sinal da fala. Com o auxílio desse programa, pudemos obter os valores frequenciais dos formantes, F0, *pitch* e intensidade nos espectrogramas, ou seja, uma importante ferramenta para visualização do sinal acústico da língua guató. Em nossa pesquisa, a utilização dessa ferramenta foi fundamental para confirmar a transcrição dos tons após as coletas de trabalho de campo (ver seção 2.3.3 Espectrogramas).

para MS-Windows, MacOS X e Linux, esse programa pode ser obtido gratuitamente pelo *site* <http://audacity.sourceforge.net>.

¹³ *Software* desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do *Institute of Phonetic Sciences*, da Universidade de Amsterdam. Disponível gratuitamente no *site* <http://www.praat.org>.

I

POVO E LÍNGUA GUATÓ

Neste capítulo, apresentamos algumas considerações sobre o povo e a língua guató, descrevendo os estudos anteriormente realizados. A seção 1.1 contém informações sobre a demografia e localização e a seção 1.2 trata de descrições sobre o povo guató e sua trajetória desde o reconhecimento da etnia até a demarcação das terras. Na seção 1.3, descrevemos os registros e estudos realizados sobre a língua guató por pesquisadores considerados pioneiros. Em 1.4, apresentamos a filiação genética proposta por Rodrigues (1986) e os argumentos apresentados por Ribeiro; Voort (2008) sobre essa proposta.

1.1 Situação linguística, demografia e localização

Considerados extintos na década de 70 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), os guató, após muitas reivindicações, conseguiram o reconhecimento de sua identidade e, também, a demarcação da área indígena em 1998¹⁴.

Desde então, o povo guató vive na Aldeia Uberaba, situada na Ilha Ínsua, banhada pelas lagoas Uberaba, Gaíva (ou Gaíba) e rio Paraguai, no alto Pantanal sul-mato-grossense¹⁵. A Ilha (conhecida também por Bela Vista do Norte) está localizada a aproximadamente 340 km do município de Corumbá-MS, na região de fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso e a Bolívia (ver mapa no ANEXO 8).

De acordo com o cacique guató Severo, a população que vive na aldeia Uberada está estimada em 370 indígenas, que compõem as 37 famílias registradas. Embora saibamos da existência de duas famílias guató vivendo na cidade, não há uma estimativa de quantos indígenas residam em Corumbá e na região.

¹⁴ Os trabalhos de demarcação da área foram determinados pela Portaria n.124/FUNAI, em 18/02/1998.

¹⁵ Embora 'pantanal' seja uma palavra comumente encontrada nos dicionários como sinônimo de grande pântano, brejo ou chaco, o termo aqui utilizado refere-se à "porção brasileira de uma das maiores planícies de inundação do globo", com área de 500.000 km², composto por sub-regiões ou pantanais: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paiaguás, Nhecolândia, Paraguai, Aquidauana, Miranda, Abobral e Nabileque (OLIVEIRA, 1995, p. 21).

No que se refere à situação linguística, os guató são monolíngues em português e após algumas iniciativas da Secretaria de Educação e da Funai, estão utilizando saudações e algumas palavras em guató, pois apenas alguns idosos são bilíngues em Português e Guató. Em relação à língua portuguesa falada pelos guató, podemos citar duas pesquisas: a tese de doutorado *Dando a palavra aos Guató: alguns aspectos sociolinguísticos*, de Lima (2002), e a dissertação de mestrado *Língua, cultura e sociedade Guató: universo léxico-semântico da fala indígena*, de Costa (2002), ambas defendidas na UNESP, câmpus de Araraquara.

A infraestrutura da aldeia conta com água potável e energia elétrica (com gerador e placas de luz solar), recursos básicos que foram fundamentais para a instalação do posto de atendimento da Funasa e da Escola Estadual Indígena Toghopanã¹⁶.

A base alimentar da comunidade constitui-se de pequenas plantações, caça de animais (veado, anta, capivara, jacaré, queixada, caititu, entre outros), pesca e coleta de frutos típicos da região (tarumã, roncadour, acuri, bocaiúva, cupari, tucum, caiá/cajá e outros). As famílias mantêm a tradição do cultivo de subsistência e criação de animais, nas plantações cultivam produtos agrícolas, tais como, arroz, feijão, milho, mandioca, abóbora. No que diz respeito aos projetos assistenciais, a comunidade conta com o apoio do Governo Federal, Estadual e Municipal, que oferecem bolsa-família, bolsa-escola e cestas básicas.

O artesanato guató é confeccionado a partir de materiais típicos da região pantaneira. Com amarração de talos de *aguapé*, as artesãs tecem esteiras, cestos e tapetes; com folhas de acuri, confeccionam abanos e, com folhas de lança, fazem pequenos utensílios, como bolsas e potes.

Como meio de transporte, os indígenas da aldeia utilizam as canoas¹⁷ para pequenas viagens até a escola, Porto Índio ou fazendas vizinhas. Para o deslocamento até a cidade de Corumbá, o percurso é realizado por barco “voadeira”, que comporta no máximo cinco pessoas ou, então, por meio da lancha “Guató I”, pertencente à

¹⁶ A EEI Toghopanã foi criada em 4-8-2004 e seu funcionamento iniciou-se em 3-2005, com o ensino fundamental, de acordo com a direção da escola (2008).

¹⁷ A fabricação de canoas pelos indígenas envolve conhecimento técnico que passa de geração a geração. A complexidade na construção da canoa envolve três etapas: 1) escolha da árvore, para o canoieiro imaginar a canoa pronta antes da derrubada, 2) derrubada e determinação da forma da canoa ou “Tiração de Machado” e 3) processo final de acabamento, denominado “Limpação de Ferro Fino” (BRANDÃO; PEIXOTO, 2004).

comunidade, com capacidade para trinta pessoas. O deslocamento¹⁸ da aldeia para a cidade de Corumbá ocorre uma vez a cada dois meses, para realizar compras, vendas e outras necessidades. As demais viagens só ocorrem em casos de emergência ou quando solicitadas pela FUNAI, Funasa ou EEI Toghopanã.

1.2 Revisão bibliográfica

A partir do levantamento bibliográfico realizado, apresentamos algumas considerações sobre os principais estudos sobre o povo guató.

O primeiro registro sobre os guató foi realizado por Cabeza de Vaca (1555, p.276) em *Comentários*, que descreve a estreita relação entre o povo e suas canoas:

[...] y como las aguas andan crecidas, saltan en algunas tierras que quedan escubiertas, y allí matan venados y antas y otras salvajinas que van huyendo del agua; y como las aguas hacen repuntas para volver a su curso, ellos se vuelven cazando y pescando como han ido, y no salen de sus canoas hasta que las barrancas están descubiertas donde ellos se suelen tener sus casas [...].

Posteriormente, Florence (1876) apresenta uma descrição sobre a base alimentar guató na região pantaneira:

[...] Nessas vastidões alagadas cresce em grande abundância o arroz selvagem, cuja altura há de exceder de sete a oito pés, pois só fora d'água tem 2 a 3, sendo o terreno submerso em profundidade de cinco a seis. Quando os Guatós, índios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e num instante as enchem até às bordas [...] Ao longe e a rumo de N.O. víamos as altas montanhas que acompanham o Paraguai de lado e de outro e em cujas fraldas moram os índios Guatós [...] (FLORENCE, 1876, p.68).

[...] vivem quasi sempre sôbre a água, metidos em barquinhas, como acima disse, têm dimensões diminutíssimas. Quando toda a família está embarcada, a borda da canoa fica com dois dedos acima d'água, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as flechas para físgarem peixes ou transpassarem pássaros. Matam além disso jacarés que lhes servem de principal alimento [...] (FLORENCE, 1876, p.77).

¹⁸ O percurso via fluvial dura em média 36 horas para subir o rio (ida à aldeia) e 24 horas para descer o rio (ida à cidade de Corumbá).

[...] eles fazem grande matança de bugios, guaribas, lontras, etc., e preparam com cuidado as peles, assim como as da onça. São mui pouco agricultores e não plantam senão algumas raízes e milho [...] (FLORENCE, 1876, p.78).

Sobre as caçadas, Cunha (1919, p.83) descreve a estratégia utilizada pelos guató:

[...] Esses índios são grandes caçadores de onças, e, em taes caçadas, adoptam um processo que tem tanto de original quanto de ardiloso e arrojado: aproveitando que o pantanal cheio transforme alguns capões de matto em ilhas, o nosso Guató observa em qual d'estes terá urrado uma onça ciosa de amores ou de combates, e, conforme a epocha, de um outro capão julgado próprio, o ardioloso guató provoca o animal ao combate, ou o attrahe aos desejos, imitando o urro que fôr conveniente; a mulher do índio acompanha-o na perigosa empresa, e quando a onça, illudida pelo arremedo do índio, procura a nado ganhar o capão de onde a chamam, o casal de índios lança-se na canoa ao encontro da fera, e o vasto e deserto pantanal é testemunho d'esse combate em que, o índio armado de zagaia e a índia de espingarda ou flecha, nem sempre levam de vencida o nosso valente felino, que tem na água quase que a mesma assombrosa agilidade com que em terra faz prodígios.

Nos relatos de suas viagens, Rondon (1938, p.259-260) afirma que “os Guatós não passam de algumas centenas de indivíduos”. Ao coletar alguns dados, o guató Jorítana conta sobre “sua infortunada tribu, de sua gente e das desgraças que têm afligido aquela, como a gripe espanhola, que a dizimou, em 1919, e a perda de três filhos nessa ocasião”

A localização dos guató, de acordo com Steinen (1940, p.697), era “*na margem direita do Paraguai e nas lagoas desde a desembocadura superior do Paraguai-Mirim até um pouco abaixo de Escalvado, também na desembocadura do S. Lourenço e do Cuiabá*”.

Em relação à estrutura física, são descritos como altos, morenos, com troncos e braços fortes. Schmidt (1942, p.248), por exemplo, afirmou que “*todos os indivíduos do sexo masculino [...] possuem os membros inferiores relativamente pouco desenvolvidos ao passo que o resto do corpo, principalmente os braços, apresenta em geral uma forte constituição, tanto nos músculos como nos ossos*”. Castelnau (1949, p.319) descreve que “*os homens tem barba, por vezes espessa, e o corpo não raro cabeludo, possuem olhos grandes, de aspecto caucásico, nariz aquilino e traços singularmente perfeitos*”.

Todos os pesquisadores, de modo geral, descrevem o povo guató como nômade, constituído por núcleos familiares autônomos, em que cada família possuía sua área cultivada e seu próprio espaço, mas mantinham-se próximos uns dos outros, sendo sempre registrados na mesma região citada. Castelnau (1949, p.321), por exemplo, afirma que *“os guatós apresentam exemplo raro de um povo sem nenhum liame nacional e que nunca se concentra em povoados; cada família leva vida isolada e constrói a sua moradia nos lugares mais inacessíveis”*.

As moradias construídas pelos guató, eram, de acordo com Steinen (1940, p.697), *“ranchos, pequenos e baixos”*, feitos com estacas de madeira e cobertos com folhas de Acuri¹⁹, que os abrigavam por tempo suficiente até a chegada da cheia²⁰. Com a inundação e as moradias destruídas, os guató eram obrigados a se mudar para lugares mais elevados da região, mas sempre regressavam após esse período.

Entre as décadas de 50 e 70, não encontramos estudos ou registros relevantes sobre o povo guató. Nesse período, tanto a Guerra do Paraguai como a ocupação das terras pelos criadores de gado no Estado forçaram os guató a deixar seu território e adentrar cada vez mais pelo Pantanal ou trabalhar nas fazendas em troca de alimento e moradia.

De acordo com Darcy Ribeiro (1977, p.83):

[...] os canoeiros Guató jamais constituíram obstáculo [...] e foram logo dominados. Por ocasião da guerra do Paraguai atacaram e sofreram ataques de ambos os lados em luta. Nos anos seguintes a varíola e outras moléstias deram cabo da maior parte deles, continuando os poucos remanescentes sua vida de pescadores nas lagoas e furos do alto Paraguai.

Após a guerra, a dispersão dos guató foi suficiente para que fossem considerados extintos. A extinção desse povo, declarada oficialmente pelo governo brasileiro, foi uma informação equivocada dos dados do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que foi sendo reconhecido aos poucos.

A primeira pessoa que contribuiu para o reconhecimento da etnia guató foi a missionária salesiana irmã Ada Gambarotto, que teve a oportunidade de conhecer a artesã guató Josefina, a partir da venda de um artefato indígena (abanico de folha de

¹⁹ Espécie de coqueiro, típico da região.

²⁰ Período de grande quantidade de chuvas.

acuri). Aos poucos, irmã Ada foi conhecendo mais indígenas que residiam nas periferias da cidade de Corumbá e se denominavam etnicamente guató. Esses indígenas começaram a questionar o que havia acontecido com os outros guató da região e, desse modo, surgiu o interesse pelo reconhecimento da etnia e, também, pela posse da terra de seus ancestrais.

Em setembro de 1977, a linguista Adair P. Palácio procurou saber mais sobre os guató com a irmã Ada, para ver a possibilidade de dar início a uma pesquisa sobre a língua guató. Palácio (1984, p.9) afirma que:

[...] O fato do nome guató estar entre os índios contatados por Ir. Ada intrigou-me. Telefonei à missionária em Corumbá que confirmou haver ali uma meia dúzia de índios Guató que falavam a língua. Não hesitei. Consultei o que pude sobre esses índios e parti para Corumbá [...] Na mesma tarde da minha chegada àquela cidade, Ir. Ada apresentou-me a Josefina que me ensinou a palavra ‘mabo’ pé, fumo e juriti, ‘que só são diferentes no jeito de dizer’ [...].

Todo o trabalho desenvolvido por Palácio, iniciado em 1977, teve como resultado a única tese realizada sobre a língua guató. Na tese, a estimativa era de 220 indígenas²¹, sendo 20 ou 30 monolíngues em Guató, 50 bilíngues em Guató e Português e os demais monolíngues em Português. De acordo com a autora, quando possível, as famílias reuniam-se e conversavam com bastante entusiasmo sobre as coisas do passado ou sobre as notícias do presente, sendo a língua guató “um fator de identidade étnica do grupo e elo de ligação entre eles” (PALÁCIO, 1984, p.17).

Com a ajuda de Irmã Ada e Palácio, os guató deram início ao processo de reconhecimento da etnia e demarcação da terra indígena, a Ilha Ínsua. Esse processo teve a primeira identificação, realizada pela FUNAI, em 1978, com superfície de 12.716 hectares (ha). A posse da Ilha foi, no entanto, declarada oficialmente apenas em 1998, e os limites foram ratificados com superfície de 10.900 ha (redução de 1.816 ha²²) e perímetro de 92 km.

²¹ A autora utilizou o levantamento realizado pela FUNAI em 1978.

²² A redução de parte do território ocorreu devido ao destacamento militar “Porto Índio” instalado na Ilha, que de acordo com Exército Brasileiro é uma área de risco à soberania nacional, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Sendo assim, o povo guató e o Exército Brasileiro assinaram um acordo para ambos viverem na mesma Ilha.

Todo o histórico desse povo, desde a suposta extinção de 70, tem despertado o interesse de diversos pesquisadores, como, por exemplo, Oliveira (1995, p.17-18), que apresenta uma bibliografia comentada, utilizando fontes etnológicas e etnohistóricas “recolhidas e sistematizadas com o objetivo de construir um arquivo de dados culturais sobre os Guató [...] valiosas informações etnográficas obtidas a partir dos relatos orais”. Também a pesquisadora Ribeiro (2005) analisou a história dos guató no século XX, focalizando, de maneira específica, o processo de desterritorialização e reterritorialização do grupo.

O ressurgimento do povo guató foi, ainda, tema do filme longa-metragem “500 Almas”, produzido pelo cineasta Joel Pizzini. Em entrevista para a Revista Enfoque, Pizzini afirma que o filme:

[...] mostra o delicado processo de reconstrução da memória e identidade dos índios Guató, uma etnia que vive dispersa pela região do Pantanal. Considerados extintos na década de 1960, os Guató foram “redescobertos” pela missionária salesiana Ada Gambarotto nos anos 70 e, depois de conseguirem seu reconhecimento oficial como nação, reconquistaram parte de seu antigo território. A memória sócio-política dos índios é recriada através da encenação do julgamento de um índio guató, assassinado durante a reocupação da ilha e cujos assassinos ainda não foram julgados [...]. O ressurgimento dos Guató é exemplar no sentido de servir como modelo de resistência para outros povos que estão no mesmo barco. Não fiz um filme para catalogar uma etnia “agonizante”, mas, sim para revelar a transformação de uma resistente cultura milenar que tem muito a nos dizer sobre o eterno dilema da identidade [...]”²³.

1.3 Registros e estudos prévios

Apresentamos, nesta seção, algumas considerações sobre os primeiros registros consistentes em listas de palavras ou frases e uma descrição dos estudos realizados sobre a língua guató.

Durante as coletas, no trabalho de campo, não tivemos acesso a todos os trabalhos anteriores. Assim, para alguns itens não encontramos correspondentes em nossos dados.

²³ Santolin (2006), disponível em <http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=57&materia=380>.

Para melhor visualização, apresentamos um quadro com as consoantes e as correspondências encontradas a partir de nossos dados²⁴. No quadro, apresentamos a sistematização dos dados da lista de Castelnau (1851), dos estudos de Schmidt (1905), da lista de Rondon (1938), da lista de Wilson (1959), da tese de Palácio (1984), da lista do Pequeno Dicionário da Língua Guató (2002) e de meus dados, Postigo (2009)²⁵:

CASTELNAU (1851)	SCHMIDT (1905)	RONDON (1938)	WILSON (1959)	PALACIO (1984)	PEQ. DIC. ²⁶ (2002)	POSTIGO (2009)
p	p	p	p	[p]	p	[p]
t	t	t	t, t ^h , ty	[t]	t, (th)	[t]~[t ^h]
tch, th, ch	ts', s'	ch	tč, č, ty, č ^y , ch, j, (s), (š)	[č]	ch, x, (tx)	[t]
k, c, (ck)	k, kv	c, qu	k, k ^h , (c)	[k]	k, kk, c	[k]~[k ^h]
qu	ku	qu	kw, kw ^h , k ^w	[k ^w]	-	[k ^w]~[k ^{wh}]
b	b	b	b	[b]	b	[b]
d	d	d	d	[d]	d	[d]
dj, j, g	dz', dy, z'', ds	d, g, j	dj, dg, dz, dž	[j]	g, d	[dʒ]
g, gu	g	g	g	[g]	g	[g]
(gu)	gu	gu	gw, gv	[g ^w]	gu	[g ^w]
f	f	f	f	[f]	f	[f]
ch	ts', s'	ch, (x)	ch, (s), (š), j, č	-	s,	[ʃ]
h	h	h, (rr)	(rr), ʔ, h	[h]	rr, hrh, (rh), h	[h]
v	v	v	v	[v]	v	[v]
j	dz', dy, z''	(j)	(j)	-	-	[ʒ]
m	m	m	m, m̄, m̄p	[m]	m	[m]
n	n	n	n, ^ñ	[n]	n	[n]
y	y	-	y	[y]	y	[j]
r	r	r	r, ř	[r]	r	[r]
nh	-	-	-	-	-	[ɲ]
-	-	-	ng	-	ng	[ŋ]
-	gn	-	gn	-	(gn)	
-	-	-	(ʔ)	-	-	[ʔ]
(l)	-	-	l	-	-	-
-	gv	-	-	-	-	-
-	-	-	kf	-	-	-

Quadro 2: Comparação de consoantes

²⁴ Todos os nossos dados estão exemplificados em transcrição fonética, entre colchetes ([]). Os segmentos apresentados entre parênteses são hipóteses de interpretação.

²⁵ Os dados de Palácio (1984) e os nossos, Postigo (2009), estão registrados em transcrição fonética e os demais trazem alguns símbolos fonéticos e outros grafemáticos.

²⁶ Pequeno Dicionário da Língua Guató (2002).

Na representação das consoantes, em geral, os autores não se distanciam muito uns dos outros. Os casos mais problemáticos se referem aos fones [g], [ʒ], [dʒ], [ʃ], [tʃ] e [ɲ]. Não encontramos correspondentes em nossos dados em relação aos grafemas <ng> e <l>.

Em relação às vogais observa-se uma grande divergência entre os autores:

CASTELNAU (1851)	SCHMIDT (1905)	RONDON (1938)	WILSON (1959)	PALACIO (1984)	PEQ. DIC. (2002)	POSTIGO (2009)
i	i	i	i, ĩ	i	y, i	[i]
e	e	e	e	e	e	[e]
eai, ei, é	e, ae	-	ɛ, æ	ɛ	e, é	[ɛ]
a	a	a	a	a	a, â	[a]
o	o	-	ɔ	ɔ	o	[ɔ]
o	o	o	o	o	o	[o]
ou	u	o, u	u	u	u	[u]
eu, ou	i, u	u, ü	i, ə	i	ó	[i]

Quadro 3: Comparação de vogais

As sequências de vogais idênticas foram encontradas apenas em Castelnau (1851), Schmidt (1905) e no Pequeno Dicionário (2002), os demais autores não fazem esse tipo de registro. A seguir, apresentamos um quadro com as sequências encontradas:

CASTELNAU (1851)	SCHMIDT (1905)	PEQ. DIC. (2002)
aa	aa	aa
ee	ee	ee
ii	-	-
oo	-	oo
uu	-	uu
eueu	-	-

Quadro 4: Comparação de sequências de vogais idênticas

Sobre os padrões silábicos, apenas Schmidt (1905[1942]) e Palácio (1984) apresentam uma descrição, os demais autores apenas registram os vocábulos. A seguir, apresentamos um quadro com hipóteses sobre o padrão silábico e as consoantes que ocorrem na posição de coda, de acordo com os dados de cada autor.

CASTELNAU (1851)	SCHMIDT (1905)	RONDON (1938)	WILSON (1959)	PALÁCIO (1984)	PEQ. DIC. (2002)	POSTIGO (2009)
cv	cv	cv	cv	cv	cv	cv
v	v	v	v	v	v	v
cvc	cvc	cvc	cvc	-	cvc	-
-	vc	vc	-	-	-	-

Quadro 5: Comparação de padrões silábicos

	CASTELNAU (1851)	SCHMIDT (1905)	RONDON (1938)	WILSON (1959)	PALÁCIO (1984)	PEQ. DIC. (2002)	POSTIGO (2009)
cvc	m, n, r, l, c	n, m, r	c, m, n	ʔ, m, ɻ, n, gɲ	-	m, n, ng, s, r, y	-
vc	-	m	n	-	-	-	-

Quadro 6: Comparação de codas silábicas

Após a apresentação das consoantes, vogais, sequências de vogais idênticas, padrões e codas silábicas possíveis, apresentamos uma descrição do trabalho de cada autor, com os exemplos²⁷ e as correspondências com os nossos dados.

1.3.1 Castelnau (1851)

O primeiro registro da língua guató foi realizado por Castelnau (1851), em “Expédition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud”. Essa obra é composta por seis tomos, dos quais o quinto inclui o registro de vocabulários de diversas línguas indígenas, dentre eles, o do Guató²⁸.

²⁷ Os símbolos gráficos (ou grafemáticos) utilizados pelos autores estão representados entre os sinais <>.

²⁸ Todos os vocabulários de Castelnau (1851) foram reproduzidos por Martius (1867), no segundo volume de *Berträge zur ethnographie und sprachenkunde*, com glosas em latim. As palavras guató, em geral, foram copiadas com fidelidade, no entanto encontramos as seguintes divergências: (1) substituição de <th> por <tch>; (2) inserção de <i> e (3) apagamento de <-chou>. Apresentamos, a seguir, as ocorrências observadas.

	Castelnau (1851)	Martius (1867)	Glosa
1)	thenai	tchenai	‘um’
2)	akua-chou	akua-ichou	‘branco’
3)	magueu- chou	magueu	‘vermelho’

No vocabulário guató, Castelnau (1851, p.283-284) registra 164 palavras e inclui apenas uma nota²⁹, mas que não se relaciona com a língua nem com a cultura guató. Ele não apresenta descrição ou explicação para os símbolos gráficos utilizados.

A grafia utilizada para os segmentos consonantais <p>, <t>, , <d>, <f>, <v>, <m>, <n>, <h>, <w>, <r>, <y> não apresentam dificuldade de compreensão. Ao serem comparados aos nossos dados corresponderam, respectivamente, aos fones [p], [t], [b], [d], [f], [v], [m], [n], [h], [w], [r] e [j]. As demais consoantes estão descritas a seguir:

1) as sequências <th>, <tch> e <ch> correspondem ao fone [tʃ] em nossos dados:

thenai	[tʃénè] ³⁰	‘um’
tchoum	[tʃúmù]	‘três’
chagi	[tʃádʒà]	‘língua’

2) <dj> e <j> correspondem ao fone [dʒ]:

djio	[dʒíò]	‘boca’
tojepago	[mótòdʒépàgò]	‘cavalo’

3) <k> e <c> correspondem ao fone [k]:

makeueu	[màkì]	‘capivara’
macou	[màkú]	‘pedra’

4) <qu> diante de <a> corresponde ao fone [k^w]:

miquari	[mìk ^w ári]	‘sucuri’
maqua	[màk ^w á]	‘dente’

5) <g> diante de <a> corresponde ao fone [g] e diante de <i> ao fone [dʒ]:

taga	[tágà]	‘nariz’
chagi	[tʃádʒà]	‘língua’

6) <gu> corresponde ao fone [g]:

maguen	[màgî]	‘água’
---------------	--------	--------

Os segmentos apresentados, a seguir, não possuem correspondentes em nossos dados, assim pressupomos as seguintes hipóteses sobre os grafemas <ck>, <gu> e <ɫ>:

7) <ck> pode corresponder ao fone [k]:

nickeewai	‘navalha’
nicko	‘jabiru’

²⁹ “N.-B. Les Guatos reconnais sent un Dieu que les bons vont rejoindre après leur mort, tandis que les méchants sont annihilés”. Tradução nossa: “Nota Importante. Os guatóes reconhecem um Deus com o qual se reencontrarão os bons, ao passo que os maldosos serão destruídos” (CASTELNAU, 1851, p.284).

³⁰ Os nossos dados estão exemplificados em transcrição fonética, entre colchetes ([]). Os demais exemplos referem-se aos dados do autor.

8) <gu> pode corresponder também ao fone [g^w]:

afe gua		‘mergulhar’
ig uai-o		‘lábios’
ma gue u-chou		‘vermelho’
moukel engui		‘diabo’
n igu ouai		‘correr’

9) <l> pode corresponder ao fone [l] por influência da língua francesa ou ao [w] por influência da língua portuguesa:

moukel l engui		‘diabo’
al l ora		‘filho’
ma chil		‘flechas’

Em relação às vogais, devemos levar em consideração que a coleta do material foi realizada por um falante nativo francês que, inevitavelmente, pode ter sobreposto sua língua materna aos dados. Portanto, consideramos algumas sequências vocálicas como a realização de apenas um fone, são elas, <ou>, <eu>, <ei>, respectivamente, [u], [i] e [ɛ].

As vogais <a>, <e> e <i> não apresentam dificuldade de compreensão e correspondem aos fones [a], [e] e [i]. As demais vogais estão descritas a seguir.

1) <eai>, <ei> e <é> correspondem ao fone [ɛ]:

nouve ai	[nùvè]	‘sol’
mave i	[màvè]	‘chuva’
magarijahé	[gáridzájé]	‘galinha’

2) <ou> corresponde aos fones [u] e [i]:

mac ou	[màkú]	‘pedra’
nou vai	nùvè]	‘sol’
ma ou	[máí]	‘anta’

3) <eu> corresponde ao fone [i]:

make eu	[màkì]	‘capivara’
----------------	--------	------------

4) <o> corresponde aos fones [o] e [ɔ]:

ma fo	[màfó]	‘terra’
ip o	[pɔ]	‘barriga’

É possível que a sequência <ou> corresponda também ao fone [o], no entanto não temos correspondentes, em nossos dados, dessas palavras:

mou die que	‘rio pequeno’
mou g ua-a	‘sangue’
mokou- ou di	‘sobancelha’

No que se refere à sílaba, o autor não apresenta qualquer descrição. Porém, ao observar os dados do autor, podemos, por hipótese, reconhecer os padrões silábicos CVC, CV e V, sendo a posição de coda preenchida pelas consoantes <m>, <n>, <r>, <l> e <c>. A seguir, apresentamos os contextos silábicos verificados nos dados de Castelnau (1851):

CVC

<u>cvc</u>	<u>tchoum</u>	‘três’
cv. <u>cvc</u> .cv	me. <u>gen</u> .ti	‘peixe’
cv. <u>cvc</u>	ma. <u>dor</u>	‘árvore’
cv. <u>cvc</u>	ma. <u>chil</u>	‘flechas’
<u>cvc</u> .cv	<u>mac</u> .po	‘macaco’

CV

<u>cv</u> . <u>cv</u> . <u>cv</u> . <u>cv</u>	<u>to</u> . <u>je</u> . <u>pa</u> . <u>go</u>	‘cavalo’
<u>cv</u> . <u>cv</u>	<u>cha</u> . <u>gi</u>	‘língua’
<u>cv</u> . <u>cv</u>	<u>mi</u> . <u>pi</u>	‘tatu’
<u>cv</u> . <u>cv</u> . <u>cv</u>	<u>mi</u> . <u>ta</u> . <u>da</u>	‘papagaio’

V

<u>v</u> .cv.cv	<u>a</u> .pa.co	‘onça’
<u>v</u> .cv.cv	<u>i</u> .ta.vo	‘pesado’
cv. <u>v</u>	dji. <u>o</u>	‘boca’
cv. <u>v</u> .cv.cv. <u>v</u> .cv. <u>v</u> .cv	dou. <u>ou</u> .ni-ca. <u>i</u> .ca. <u>i</u> .ra	‘sete’

Em relação ao acento, Castelnau (1851) acentua somente a vogal <e>, representada por <é>, entendida como a vogal anterior média-aberta [ɛ].

Por fim, no que diz respeito às sequências de vogais idênticas, acreditamos que o autor tenha tido a intenção em registrar o alongamento ou o tom. Porém, não temos dados suficientes para estabelecer essas correspondências. Assim, apenas apresentamos os exemplos de Castelnau (1851):

aa	w <u>aa</u> fé	‘lavar’
	da <u>ap</u> é	‘peito’
	ni <u>ta</u> an	‘leve’
	ma <u>aj</u> aho	‘coati’
	ma <u>at</u> ou	‘avestruz’
ee	nicke <u>ee</u> wai	‘navalha’
ii	mi <u>ij</u> ii	‘cascavel’
	mi <u>d</u> ji	‘coqueiro’

oo	ma. <u>boo</u> a. <u>poo</u> <u>too</u> .ri	‘fumo’ ‘pé’ ‘testa’
uu	mou.di. <u>nouu</u>	‘canoa pequena’
eueu	ma. <u>keueu</u>	‘capivara’

1.3.2 Schmidt (1905, 1928)

Embora os créditos do primeiro registro da língua guató sejam de Castelnau (1851), foi o etnólogo Max Schmidt quem realizou as primeiras pesquisas sobre o povo e a língua guató, publicadas originalmente em alemão e espanhol. Três trabalhos são importantes de mencionar: *Die Guató un ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-Flusa in Matto-Grosso* (1902), *Indianerstudien in Zentralbrasilien* (1905)³¹ e *Resultados de mi tercera expedición a los guatos efectuada en el año de 1928* (1942). O primeiro trabalho consiste de uma descrição detalhada sobre o povo e os demais trazem informações de alguns aspectos linguísticos.

Em *Indianerstudien in Zentralbrasilien* (1905[1942]), no capítulo IX, “Índios guató - Linguagem”, o autor apresenta uma análise sobre a formação de palavras e um vocabulário com 507 palavras e 39 frases. Os dados foram coletados com Guató das lagoas Gaíba e Uberaba, durante três semanas, entre outubro e novembro de 1901.

Em relação à formação de palavras, Schmidt afirma que “o idioma guató é em geral uma linguagem monossilábica” (1905[1942], p.204). Em seu trabalho, há uma lista com radicais monossilábicos de palavras que designam partes do corpo, elementos naturais, etnográficos, relações de parentesco, animais, plantas e de verbos. Embora o autor não tenha considerado os tons da língua, descreve que a “língua guató distingue muito bem o sentido dos radicais homófonos: costumam servir-se de acento tônico que aparece em maior número de radicais e que recai, conforme o significado, quer na sílaba radical quer no prefixo” (1905[1942], p.208).

³¹ Traduzido por Catharina Baratz Cannabrava, sob o título *Estudos de etnologia brasileira* (1942).

Para a leitura dos vocábulos e frases em Guató, Schmidt (1905[1942], p.216) faz as seguintes observações sobre a ortografia utilizada:

ā – pronuncia-se como – a longo
 ă – pronuncia-se como – a breve
 á – pronuncia-se como – a tônico
 ũ – pronuncia-se como – u nasal
 āē – pronuncia-se como – a tônico
 s' – pronuncia-se como – ch francês
 v – pronuncia-se como – w alemão

O trabalho de Schmidt considera como fonemas as consoantes *p, t, ts', k, b, d, dz', dy, g, f, s', h, v, z'*, *m, n, r, y*³². Em relação às vogais, estas podem ser simples *a, ae*³³, *e, i, o, u* ou dobradas *aa, ai, ea, ee, eu, ia, ie, iu, ao, ua, eu, ui*. Segundo o autor, *i* e *u* ainda costumam aparecer nasalados: *ĩ, ã* (SCHMIDT, 1905[1942], p.212).

Ao referir-se à sílaba, diz que esta é composta por “uma consoante simples seguida de uma vogal simples ou dupla” (SCHMIDT, 1905[1942], p.211). De acordo com o autor, as únicas consoantes que ocorrem no fim das sílabas são: *n, m, r*, como, por exemplo, em:

mun.do.kuír	‘cabeça’
ts'u.mo.im.bó	‘treze’
(ma).kír	‘cabelo’

As modificações fonéticas propostas por Schmidt referem-se a metátese e à assimilação. A explicação de Schmidt para o que ele denomina “metátese regressiva” dá-se pela relação recíproca das sílabas “tari”, “tar” e “tair” nos seguintes exemplos:

mă	ta ri	‘trovão’
mo	kviă tar	‘relâmpago’
mu	kia tair	‘nuvem’

De acordo com a análise do autor, o “i” de “tari” falta em “tar” e foi introduzido na sílaba anterior “kva” por transposição. Segundo ele, *a metátese de ‘i’ diante de ‘r’ só representa breve vogal intercalada antes do ‘r’, mas que ainda é notada na sílaba ‘kia’* (SCHMIDT, 1905[1942], p.214).

Mais evidências de metátese são demonstradas nos seguintes dados:

³² As consoantes representadas por <ts'>, <dz'>, <s'>, <z'> e <y> correspondem, respectivamente, aos fones [tʃ], [dʒ], [ʃ], [ʒ] e [j].

³³ A vogal <ae> corresponde ao fone [ɛ].

mi t(i)r	‘veado’
mi k(i)r	‘panela’
mi pó r(i) ts’e vaii	‘faca’
ma s’io vir	‘boneca’
ma s’ir vuir	‘gente’
(i) kũ ri	‘cílio’
(ma) kír	‘cabelo’
(ma) gu kúr	‘sobancelha’
mar fo	‘terra’
ma fo ra ta	‘cinza (fogo de terra)’

O processo de assimilação, descrito por Schmidt (1905[1942]p.215), refere-se à a assimilação da vogal ‘a’ no prefixo ‘ma’³⁴, conforme os seguintes exemplos:

ma+i t(i)r → mi t(i)r	‘veado’
ma+epago → me pa go	‘jaguar’
ma+uts’í → um ts’í	‘algodão’ ³⁵
ma+ovír → mo vir	‘casa’

Em “*Resultados de mi tercera expedicion a los guatos efectuada en el año de 1928*” (1942), no subtítulo ‘apuntes linguisticos’, Schmidt apresenta algumas considerações sobre a ortografia utilizada na representação da língua guató e registra 106 frases e 4 contos.

Schmidt (1942, p. 49) afirma que na língua guató não existe a consoante <l> e o som que corresponde à consoante <j> em espanhol ocorre somente no nome próprio ‘oguenne-jivuir’ (= Chiquitano ó Umotina-Barbado).

No que se refere à transcrição, o autor apresenta as seguintes notações de leitura:

³⁴ A sílaba ‘ma’ “parece indicar a ausência de qualquer relação concreta que, porventura, haja no respectivo substantivo, conforme acontece, por exemplo, no idioma guaná e com o sufixo ‘ti’; podemos considerá-lo, portanto como um prefixo abstrato” (SCHMIDT, 1905[1942], p.216). Os prefixos {ma-} e {go-}, em nossos dados, foram analisados como morfemas que marcam os elementos que estão descontextualizados (isolados) e contextualizados (em sintagmas). Porém, diante de vogais, esses prefixos sofrem elisão e realizam-se como {m-} e {g-}.

³⁵ Analisando esses exemplos, podemos interpretá-los, no entanto, quanto à queda de vogal e metátese, pois se fosse assimilação daria outro resultado, algo como: ma + i > me, ma + u > mo. Nesse exemplo, o que podemos dizer é que há queda da vogal ‘a’ do prefixo ‘ma-’ quando a base da formação da palavra começa com uma vogal. Nesse caso, após a queda de ‘a’, parece se dar uma metátese: ma-uts’í → muts’í → umts’í ‘algodão’.

Las vocales

a; e; i; o; u vocales sin anotación relacionada a su calidad

a; e; i; o; u vocales largas

a; e; i; o; u vocales breves

ã; ê; î; õ; û vocales nasais

(a); (e); (i); (o); (u) vocales reducidas

è = ä em alemán (como en Bär = oso)

ai; au; oi son diptongos

ai = ai ó ei en alemán

au = au en alemán

oi = eu en alemán

El apóstrofo atrás de una vocal (a'i; a'u; o'i) indica que ésta no forma diptongo con la vocal siguiente.

Las consonantes

b; d; f; g = g en alemán (como Garten = jardín); h es siempre aspirada como en guarani; j = j en español aparece solamente una vez en los apuntes; (l no se usa); m; n; p; r (r en peréntesis (r) significa una r reducida); s = c en español ante i (como en cielo); t; v = w en alemán; y = y en Nueva York es exclusivamente aplicada como consonante; z = z en francés; ch corresponde a la ch en español; sh = j en francés (como em je = yo). La sílaba acentuada de los vocablos se indica por médio del acento agudo (SCHMIDT, 1942, p.49).

A partir das descrições obtidas nos registros de Schmidt (1905, 1928), pudemos perceber a dificuldade encontrada pelo autor para registrar os dados da língua guató. Embora a experiência com outras línguas como o francês, alemão, espanhol e português tenham ajudado o pesquisador, este não apresenta uma análise satisfatória para a língua guató. Desse modo, apresentamos algumas considerações sobre as consoantes e as vogais transcritas por Schmidt e a comparação com os nossos dados:

1) <ts'> e <s'> corresponderam aos fones [tʃ] e [ʃ]. Em apenas um dado o grafema <ts'> correspondeu aos fones [dʒ] ou [ʒ]:

muts'adára	[ìóʃádàrá] ~ [ìóʃádàrà]	'dedo da mão dele(a)'
mats'éevai	[màʃévíj] ~ [màʃévíj]	'faca'
mús'aadá	[mòʃádá] ~ [mòʃádá]	'prato'
mas'ága	[ìʃá] ~ [ìʃá]	'asa dele(a)'
mats'io	[ìdʒíò] ~ [ìʒíò]	'boca dele(a)'

2) <dz>, <dy> e <z'> corresponderam aos fones [dʒ] e [ʒ]:

madz'éejú	[màdʒèkí] ~ [màʒèkí]	'rio'
madz-úrr	[mádʒí] ~ [máʒí]	'lança'
matez'abó	[ìtéʒàbó] ~ [ìtéʒàbó]	'unha do dedo do pé dele (a)'
mabidz'í	[mábìdʒí] ~ [mábìʒí]	'flecha de criança'
máfāedyépagò	[màfédʒépàgò]	'pelo de jaguar'
madyuādā	[màdʒuādá]	'vara de impelir a canoa'

3) <ku> diante das vogais <a>, <e>, <i> correspondeu ao fone [k^w]:

makuá	[ìk ^w á]	'dente dele(a)'
mūkuē	[mók ^w é]	'bugio'
mikúari	[mìk ^w ári]	'cobra sucuri'

mundokuír	[ìódòk ^w í]	‘cabeça dele(a)’
-----------	------------------------	------------------

4) <gu> diante das vogais <a>, <e>, <i> correspondeu ao fone [g^w]:

maguá (a)	[màg ^w á]	‘concha para tomar sopa’
mats’adagueváí	[màtʃàdàg ^w éváj]	‘garfo’
máguaguets’i	[màg ^w àg ^w étʃì]	‘palmeira tucúm’
maguivái	[màg ^w íváj]	‘colher’

5) Schmidt (1942, p.211) não considera <gn> como um fonema da língua guató, pois “êle sôa vocálicamente”. Em nossos dados essa realização corresponde ao traço de nasalidade seguido de tom alto. Por exemplo:

ěfãgndänūvāē	[èfédènùvê]	‘crepúsculo’
akuégn	[màk ^w é]	‘telhado’

6) Schmidt não faz afirmações acerca dos segmentos <kv>, <ds> e <gv> transcritos no vocabulário. Os segmentos <kv> e <ds> correspondem, em nossos dados, aos fones [k^h] e [dʒ], respectivamente. Em relação ao segmento <gv>, não dispomos de dados para comparação.

mokviatar	[mòk ^h íàtár] ~ [mòkíàtár]	‘relâmpago’
mikvo	[mìk ^h ó] ~ [mìkó]	‘Soco (Ardea brasiliensis)’
mads’ahuag(i)r	[màdʒáhúàgí]	‘colar de sementes de capim’
mes’eds’ika	[màʃédʒìk ^h á]	‘caixa’
muháds’i	[mùhádʒà]	‘esposa (ou mulher)’
mads’eyéya	-	‘pena da flecha para pássaro’
magvêbo	-	‘marreco’

Em relação às vogais, apresentamos, a seguir, as correspondências encontradas em nossos dados:

1) <a> corresponde ao fone [a]:

maguivái	[màg ^w íváj]	‘colher’
makuá	[ìk ^w á]	‘dente dele(a)’
bápa	[bàpá]	‘pai’

2) <āē> corresponde ao fone [ɛ]

nuvae	[nùvê]	‘sol’
mafāē	[màfê]	‘pele ou roupa’
mibāēko	[mabek ^h o]	‘tijela de crocodilo’

3) <e> corresponde aos fones [e] e [ɛ]:

madz’'eékū	[màdʒékí]	‘rio’
memě	[mèmê]	‘mãe’
měpago	[mépàgó]	‘jaguar’

4) <i> corresponde aos fones [i] e [ĩ]:

múpina	[mùpíná]	‘lua’
mabidz’í	[mábídží]	‘flecha de criança’
mání	[màní]	‘barco’

5) <o> corresponde aos fones [o] e [ɔ]. Em geral, o acento agudo (ó) representa o fone [ɔ], mas o diacrítico (õ) pode corresponder fones [o] ou [ɔ]:

máto	[ítò]	‘pescoço dele(a)’
mītóhu	[màtòhú]	‘sapo e rã (Spec.)’
marõga	[írógà]	‘joelho dele(a)’
mapó	[ípò]	‘braço dele(a)’

6) <u> corresponde aos fones [u] e [i]:

mītóhu	[màtòhú]	‘sapo e rã (Spec.)’
nuvae	[nùvÉ]	‘sol’
madz’éejú	[màdzèkí] ~ [màzèkí]	‘rio’
madz-úrr	[mádží] ~ [mází]	‘lança’

7) <ĩ> e <ũ> correspondem ao fone [i]:

mágũ	[màgí]	‘água’
mákũ	[màkí]	‘remo’
mání	[màní]	‘barco’

No que se refere à sílaba, apresentamos os contextos verificados nos dados de Schmidt:

cv.cv.vc.cv	ts’u.mo.im.bó	‘treze’
cvc.cv.cv.vc	mun.do.ku.ír	‘cabeça’
v.cv.cv	(i).kũ.ri	‘cílio’
cv.cvc	(ma).kĩ	‘cabelo’

Por fim, em nossa análise, comparando dados de Schmidt com os atuais, consideramos que as consoantes <m> e <n> apresentadas por ele, que ocorrem no fim da sílaba, correspondem a vogais nasalizadas³⁶ por assimilação em nossos dados. Por exemplo:

ts’u.mo. im .bó	[tʃú.mù-ĩ.bóʔ]	/tʃú.mù-ĩ.bó/	‘treze’
man .daua.ts’í	[mã.dà.ù.à.tʃíʔ]	/mã.dà.u.a.tʃí/	‘flecha de taquara’
maan .dā.ko	[mã.dà.kúʔ]	/mã.dà.kúʔ/	‘cabo de machado’

³⁶ Por hipótese, essas vogais devem ser o resultado da queda de consoantes nasais, que deixaram como vestígio o traço nasal, contaminado a vogal correspondente. Pelo processo diacrônico que se observa em outras línguas, essa trajetória pode ser descrita como VN > ÑN > Ñ. Assim, uma análise mais recente (PALÁCIO, 1984) apresenta fonemas vocálicos nasais e não o apagamento das consoantes nasais na posição de coda silábica.

O segmento <r>, representado por Schmidt, se realiza apenas foneticamente como uma consoante glotal surda [ʔ]³⁷ nos nossos dados. Por exemplo:

(ma) k̄r	[ĩk̄ʔ]	/ĩ.k̄/	‘cabelo’
mak(í)r	[màk̄ʔ]	/mà.k̄/	‘capivara’
(mi) t (í)r	[mìt̄ʔ]	/mì.t̄/	‘veado’
(ma) dar	[màdáʔ]	/mà.dá/	‘árvore’

Por fim, as glotais na posição de coda são realizações fonéticas que ocorrem apenas em palavras isoladas. Em locuções nominais não ocorrem. Por exemplo:

[k̄ʔ]	‘cabelo’
[àk̄r̀ù]	‘meu cabelo’
[k̄ʔ]	‘cabeça’
[àk̄ʔr̀ù]	‘minha cabeça’

1.3.3 Rondon (1938)

Em sua obra, “*Na Rondônia ocidental*”, Rondon (1938) relata um encontro com os índios guató que viviam na fazenda Conceição, na margem direita do rio Paraguai, entre Corumbá e Cáceres (MT).

O autor apresenta uma lista com 80 palavras e 15 frases em guató, que foram coletadas inicialmente com Jorítana (Joaquim Ferreira) e depois com duas meninas guató. Rondon (1938) não apresenta qualquer afirmação ou justificativa para o sistema gráfico utilizado, assim apresentamos, a seguir, algumas correspondências e considerações a respeito da representação utilizada pelo autor.

Em relação as consoantes <p>, <t>, , <d>, <f>, <v>, <m>, <n> e <nh>, estas não apresentam dificuldade de compreensão, pois correspondem, em nossos dados, aos fones [p], [t], [b], [d], [f], [v], [m], [n] e [ɲ]. As demais consoantes estão descritas a seguir.

1) <c> e <qu> corresponde ao fone [k]:

maco	[màk̄ú]	‘pedra’
maquê	[màk̄ì]	‘capivara’

³⁷ Por hipótese, diacronicamente, é possível que tenha ocorrido um processo de debucalização (perda do ponto de articulação) da coronal <r> para glotal [ʔ]. Esse tipo de processo, de acordo com Kentoswicz (1994, p. 159-160), ocorre no Inglês Britânico como “glotalização” de [t'] para [ʔ] em *a[t']om* → *a[ʔ]om* ‘átomo’, como uma supressão da articulação supraglotal.

2) <ch> corresponde aos fones [ʃ] e [tʃ]:

chene	[tʃénè]	‘um’
magacha	[màgátʃà] ~ [màgáfà]	‘dança’

3) <g> corresponde aos fones [g] e [dʒ], enquanto <gu> corresponde ao fone [g^w].

mogu	[mógú]	‘urubu’
magêro	[màdʒérù]	‘milho’
cheneguáteri	[tʃénè g ^w átèhè]	‘cem’

4) <j> corresponde ao fone [dʒ]:

muhaja	[mùhádʒà]	‘mulher’
---------------	-----------	----------

5) <h> não ocorre diante de <u> e corresponde ao fone [h]:

toherá	[tóhèrá]	‘cinco’
---------------	----------	---------

As demais consoantes não possuem correspondentes em nossos dados, assim apresentamos algumas hipóteses dessas realizações.

6) <j> pode corresponder também ao fone [ʒ]:

muhaja	‘mulher’
modijaarro	‘árvore’
majague	‘capim’
dequiajáio	‘até a volta’

7) <rr> ocorre em apenas um dado e pode corresponder ao fone [h]:

modijaarro	‘árvore’
-------------------	----------

8) <x> ocorre em apenas dois dados e pode corresponder aos fones [ʃ] ou [tʃ]:

Moquixê	‘lenha’
Quiragotê corixa	‘vamos passar a corixa’

No que diz respeito ao grafema <r>, Rondon (p.262-263) faz a observação “(*r brando*)” para os vocábulos <recá> ‘quatro’ e <Robá agoriá> ‘cubra a carga’. Desse modo, podemos interpretar esse grafema como correspondente ao tepe alveolar [r], assim como ocorre em nossos dados:

recá	[rékàj]	‘quatro’
magêro	[màdʒérù]	‘milho’

No que se refere à transcrição das vogais, <a>, <e>, <i> e <ü> correspondem, em nossos dados, aos fones [a], [e], [i] e [i̯]. As demais vogais estão descritas a seguir.

1) <o> corresponde aos fones [o] e [u]

mopiná	[mópìnà]	‘lua’
chumo	[tjúmù]	‘três’

2) <u> corresponde aos fones [u] e [i]:

mogu	[mó <u>g</u> ú]	‘urubu’
movu	[mó <u>v</u> ì]	‘casa’

Em relação aos diacríticos utilizados por Rondon, encontramos o acento agudo (´) nas vogais <a>, <e>, <i>, <o> e <u> e o acento circunflexo (^) nas vogais <e> e <o>. Porém, não temos dados suficientes para estabelecer correspondências. A seguir, apresentamos os únicos dados que dispomos:

auacá	[mavà <u>k</u> á]	‘boi’
madé	-	‘homem’
maxíue	-	‘gente’
magicón	[madzék <u>õ</u>]	‘rio’
mogú	[mó <u>g</u> ú]	‘urubu’
mobê	[mò <u>d</u> é]	‘criancinha’
moquixê	-	‘lenha’
tuigí	[tú <u>i</u> gí]	‘velho’
nicôe	[mí <u>k</u> í]	‘panela’

Em se tratando da sílaba, Rondon (1938) não apresenta nenhum tipo de descrição. Assim, apresentamos uma análise com base no vocabulário do autor.

Os padrões silábicos mais produtivos, de acordo com os dados de Rondon (1938), são CVC, CV, V e VC e a posição de coda é preenchida apenas pelas consoantes <c>, <m> e <n>. Para exemplificação, apresentamos os contextos silábicos verificados nos dados do autor:

CVC

<u>cvc</u> .cv	<u>mac</u> -hê	‘revolução’
cv.v.v. <u>cvc</u>	ca.i.o. <u>pum</u>	‘muito’
cv.cv. <u>cvc</u>	ma.gi. <u>cón</u>	‘rio’
cv. <u>cvc</u>	ma. <u>nan</u> (go. <u>nan</u>)	‘canoa’
<u>cvc</u> .cv	<u>quin</u> .ra ³⁸	‘dez’

CV

<u>cv</u> . <u>cv</u>	<u>ni</u> . <u>ti</u>	‘menino’
<u>cv</u> . <u>cv</u> . <u>cv</u>	<u>mo</u> . <u>to</u> . <u>da</u> . <u>rí</u>	‘rapaz’
v.v.v.v. <u>cv</u>	a.u.a. <u>ca</u>	‘boi/vaca’
<u>cv</u> . <u>cv</u> .v	<u>ni</u> . <u>cô</u> .e	‘panela’
<u>cv</u> . <u>cv</u> .v. <u>cv</u>	ma.po.e.gã	‘conversa’

V

cv.cv. <u>v</u>	mo.to. <u>ê</u>	‘piranha’
cv.cv.cv. <u>v</u>	ma.ro.ti. <u>á</u>	‘gato’

³⁸ Neste vocábulo a representação de <r> é ambígua, podendo ser analisada como correspondente aos segmentos [h] ou [r].

cv.cv. <u>v</u> .cv	me.gi. <u>a</u> .ve	‘veado’
cv.cv. <u>v</u> .cv	mi.cô. <u>a</u> .ri	‘sucuri’
cv.cv. <u>v</u> . <u>v</u>	ma.pô. <u>i</u> . <u>a</u>	‘doença’
VC		
<u>vc</u> .cv.cv	<u>in</u> .fã.ni	‘está ruim’

Rondon (1938) apresenta alguns comentários sobre o vocabulário, ele aponta que existe influência castelhana nos vocábulos <muhaia> ‘mulher’ e <auacá> ‘boi/vaca’, pois o Espanhol e o Português foram idiomas de contato com a língua guató. O autor chama a atenção para a frequência do prefixo {ma-}, “*parecendo tratar-se de um prefixo com função de determinativo e de emprego facultativo em certos casos, a bem da eufonia*” (RONDON, 1938, p.264), com os seguintes exemplos:

Taringuê recã macã (Quero quatro remos)
 Taringuê punga cã (Quero mais remos)

Por fim, o autor afirma que “*no vocábulo matá (fogo), nitidamente se revela o prefixo ma, com função de determinativo, si se o compara com os correspondentes tupí-guaraní: tatá, atá, ratá, que têm a mesma significação*” (RONDON, 1938, p.264).

1.3.4 Wilson (1959)

Jim Wilson, em *Guató word list*, registra 201 entradas lexicais, coletadas na ilha Bela Vista do Norte (ou Ínsua). Essa lista foi apresentada ao Summer Institute of Linguistics (SIL) em 1959 e não foi publicada. Uma cópia, realizada por M. Sheffler em 1962, está disponível no Museu Nacional do Rio de Janeiro e no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE), Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/Unicamp, em Campinas-SP.

Wilson (1959) foi o primeiro pesquisador a transpor para seus registros as evidências de tons e entoação na língua guató. Porém, não há em seu trabalho qualquer tipo de análise ou explicação sobre o uso dos símbolos utilizados. Notamos que o autor utiliza os símbolos fonéticos do IPA, de Pike (1947) e alguns grafemas. Assim, fazemos algumas considerações sobre a transcrição do autor.

A representação das consoantes *p, t, t^h, k, b, d, f, v, ʔ, m, n, y* não apresentam dificuldade de compreensão, pois correspondem, em nossos dados, aos fones [p], [t], [t^h], [k], [b], [d], [f], [v], [ʔ], [m], [n], [j]. As demais consoantes estão descritas a seguir:

1) *tč* corresponde ao fone [tʃ]:

màtčī· [màtʃí] ‘flecha’

2) *č* corresponde aos fones [tʃ] e [ʃ]:

màčāʔ (ā) mòʔ [màtʃámù] ~ [màʃámù] ‘arroz’

māro·čāʔ [márótʃà] ~ [márófà] ‘gato’

3) *ty* e *čʷ* correspondem ao fone [tʃ]:

māgāt̄yà [mágátʃá] ‘arco’

māčʷáʔādā [màtʃíadá] ‘laranja’

4) *k^h* corresponde aos fones [k] e [k^h]:

māk^hónā [mòkánà] ~ [mòk^hánà] ‘mutum’

5) *k^w*, *kw^h* e *kwth* correspondem aos fones [k^w] e [k^{wh}]:

mūgwàkwā [màg^wák^wà] ~ [màg^wák^{wh}à] ‘pacu’

múk^whē [mók^wé] ~ [mók^{wh}é] ‘bugio’

nák^whō [nák^wò] ~ [nák^{wh}ò] ‘branco’

6) *dj, dg, dz* e *dž* correspondem ao fone [dʒ]:

māhāʔ·djóhò [òhàdʒáhò] ‘quati’

írácèʔ·dgāiyù [idekiadʒaiu] ‘até logo’

māgwé·džìʔ [màg^wédʒì] ‘bocaiúva’

mārédžìʔ [màrédʒì] ‘caxinguelê’

7) *gw* e *gv* correspondem ao fone [g^w]:

māgwádžídī [g^wádʒékà] ‘melancia’

mūgwàkwā [màg^wák^wà] ‘pacu’

māgvè·vāi [g^wéváj] ‘colher’

8) *ch* e *f* correspondem aos fones [ʃ] e [tʃ]:

mařo·chaʔ [márótʃà] ~ [márófà] ‘gato’

m̄pāʃérókà [pàtʃírókà] ~ [pàʃírókà] ‘feijão’

9) *m̄* e *m̄p* correspondem ao fone [m].:

m̄aku·djəʔ [màkùdʒà] ‘dourado (peixe)’

m̄pāʃérókà [màpàʃírókà] ‘feijão’

10) *r* e *ř* correspondem ao fone [r]:

àbō·řù [àbòrù] ‘meu pé’

ířa· [írá] ‘mão dele(a)’

ávřù [àvèrù] ‘minha orelha’

gwárē· [g^warè] ‘teu olho’

ārā·rù [àrárù] ‘minha(s) mão(s)’

11) *h* corresponde ao fone [h]:

tōhēřà [tóhèrá] ‘cinco’

As demais consoantes não possuem correspondentes em nossos dados, assim apresentamos as seguintes hipóteses:

12) *c* pode corresponder ao fone [k]:

ma'čĩ / ma'kĩ ‘remo’
 má'cù· ‘macaco’
 òcàdæ·ta? gwāyúgĩa ‘os homens estão caçando’

13) Não temos hipóteses para a ocorrência do segmento *kf*, encontrado apenas em um dado:

mo?kfé ‘lenha’

14) *gn* ocorreu em apenas um dado e pode corresponder ao fone [ŋ]:

đĩgn gái jōnĩ ‘hoje’

15) *š* e *s* podem corresponder aos fones [ʃ] ou [tʃ]:

mĩšyá'čĩ¹gādžàyē? ‘peru’
 àsēđjía'bō·rù ‘meu pé está cortado’
 mĩsédž'ékĩ ‘cuia’

16) *rr* e *h* podem corresponder ao fone [h]:

bōik'ĩ morro ‘vou ao morro’

17) *j* ocorreu em apenas um item e não temos correspondente em nossos dados. Por hipótese, esse segmento pode corresponder ao fone [ʒ], pois *dj* corresponde aos fones [dʒ] e [ʒ].

ĩpé'jãrē· ‘seus olhos são marrom’

Em relação aos segmentos vocálicos, *i*, *e*, *ɛ*, *æ*, *a*, *ɔ*, *o*, *u*, *ə*, provavelmente, correspondem aos fones [i], [e], [ɛ], [æ], [a], [ɔ], [o], [u], [ɨ]. Em nossos dados encontramos as seguintes correspondências:

<i>a</i>	ma'ta	[a]	[màtà]	‘fogo’
<i>e</i>	māvē·	[e]	[màvè]	‘cachorro’
<i>i</i>	mĩ'pĩ·	[e]	[mépĩ]	‘tatu’
<i>æ</i>	čæ·nē?	[e]	[tʃénè]	‘um’
<i>ɔ</i>	mā'gɔ	[ɨ]	[màgɨ]	‘água’
<i>i</i>	mĩ'pĩ·	[i]	[mépĩ]	‘tatu’
<i>u</i>	má'cù·	[u]	[mák ^w ò]	‘macaco’
<i>ɛ</i>	mepagu	[ɛ]	[mépàgò]	‘onça pintada’

<i>o</i>	mōpà?	[o]	[mòpá]	‘pacupeba
(peixe)'				
<i>o</i>	mībō	[o]	[múbó]	‘pato’

O segmento *i* ocorreu eu apenas um item e não encontramos correspondente em nossos dados.

<i>i</i>	gwáhálápìkĩřiyù	‘fui comprar pinga’
----------	-----------------	---------------------

Em relação à sílaba, Wilson (1959) não apresenta análise ou qualquer descrição sobre o padrão silábico. Desse modo, verificamos nos dados do autor que os padrões silábicos mais produtivos podem ser CV, V e CVC, sendo a posição de coda preenchida pelas consoantes *ʔ*, *m*, *ř*, *n*, *gñ*. A seguir, apresentamos alguns exemplos dos dados de Wilson (1959).

cv.cv.cvc	mū'pí.gà?	‘tamanduá’
cv.cvc.cv.v.cvc	mā.hím.bò.i.kĩ?	‘vou a Porto Alegre’
cvc#cv.v.cv	'fān yū.ì'bō	‘onze’
cvc#cv.v#cv.cv	dī.gñ gá.i jō.nī	‘hoje’

No que se refere ao uso do acento ('), não temos uma descrição satisfatória, pois Wilson (1959) não utiliza esse diacrítico em todas as palavras do vocabulário. A partir da representação do autor, encontramos as seguintes ocorrências:

- 1) palavras sem acento:

cv.cv	māve.	‘cachorro’
cv.cv.cvc	mařo.cha?	‘gato’
cv.cvc.cv.cv	māhā?-djóhò	‘quati’
- 2) palavras com acento na última sílaba:

cv'cv	mo'vī	‘casa’
cv.cv'cvc	mākú 'dji?	‘palha’
- 3) palavras com acento na penúltima sílaba:

cv'cv.cv	mū'gwápè	‘lambari (peixe)’
cv'cv.cvc	mī'tádà?	‘periquito’
- 4) uma palavra com acento na antepenúltima:

v'cv.cv.cvv	ā'dónihū	‘irmã(o)’
cv'cv.cv.cv	mā'gwádžidī	‘melancia’
- 5) palavra com dois acentos:

cv'cv.cv'cv	mā'čédà'fē	‘saia’
-------------	------------	--------

Wilson (1959) utiliza o diacrítico (·), provavelmente, para registrar o alongamento das vogais. Em nossos dados, porém, não encontramos correspondentes com alongamentos.

a·	iřa·	[i'rá]	'mão'
	má·pù?	[màpò]	'porco queixada'
e·	māve·	[màvè]	'cachorro'
	řē·kai	[rékâj]	'quatro'
ε·	māfé·tâ	[màfètâ]	'calça'
	gwáre·	-	'seus olhos'
i·	mi'pí·	[mépí]	'tatu'
	mópi·	[mópí]	'vermelho'
ĩ·	ma'řĩ·	[mà'řĩ]	'carne'
	mā'ĩ·	[mâĩ]	'anta'
o·	mařo·cha?	[márót]à]	'gato'
	māro·čâ?	[márót]à]	'jaguaririca'
u·	maku·djø?	-	'peixe'
	mākú·'dji?	-	'palha'
æ·	čæ·nè?	[t]énè]	'um'
	tígwiñyæ·gūñĩ	-	'ele tem mais canoas'
ā?·	māhā?·djóhò	[mòhàdžáhĩ]	'quati'

Por fim, em relação aos demais diacríticos, Wilson (1959) utiliza (´), (¨) e (`), provavelmente para registrar os tons alto, médio e baixo e as mareas (˘) e (˙) para os tons descendente e ascendente. Sobre esse assunto, são necessários ainda mais estudos para verificação dessas ocorrências, de modo que, neste trabalho, limitamo-nos à apresentação dos dados:

màgwà'ká	[màváká]	'boi'
māve·	[màvè]	'cachorro'
mā'gə	[màgĩ]	'água'

1.3.5 Palácio (1984)

Como dissemos anteriormente, são de Castelnau (1851) os créditos sobre o primeiro registro da língua guató e devem-se a Schmidt (1905) as primeiras pesquisas, que foram publicadas na Alemanha. No Brasil, o único trabalho descritivo realizado por um especialista da linguagem é da autoria da linguista Adair P. Palácio (1984). A pesquisadora produziu uma tese de doutorado: “Guató, a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai”, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp e publicou alguns artigos que refletem aspectos importantes de sua tese como: “Aspects of the morphology of Guató” (1986), “Guató: uma língua redescoberta” (1987), “Sistema numeral em Guató” (1996), “Situação dos índios Guató em 1984” (1998) e “Alguns aspectos da língua Guató” (2004).

Na sua tese, Palácio apresenta três capítulos de análise: (I) Fonologia, (II) Gramática: morfologia e (III) Gramática: sintaxe. Limitamo-nos a apresentar algumas considerações sobre o primeiro capítulo intitulado “Fonologia”.

Em sua análise, a autora reconhece “30 fonemas segmentais, dos quais 17 são consoantes e 13 são vogais; e dois fonemas prosódicos, os tons alto e baixo” (PALÁCIO, 1984, p.26). Para a representação dos fonemas, Palácio (1984) vale-se dos símbolos do Alfabeto Fonético Americano (PIKE, 1947) e apresenta os seguintes inventários fonológicos:

p	t	č	k	k ^w	
b	d	ǰ	g	g ^w	
f					h
v	r	y			
m	n				

Quadro 7: Consoantes (PALÁCIO, 1984, p.26)

i	ĩ	u
e		o
ɛ	a	ɔ

Quadro 8: Vogais orais (PALÁCIO, 1984, p.27)

ĩ	ĩ̃	ũ
ẽ	ã	

Quadro 9: Vogais nasais (PALÁCIO, 1984, p.27)

Para verificação das oposições fonêmicas, a pesquisadora utilizou a técnica de comutação de segmentos contrastantes, distinguindo contraste e oposição, de acordo com Jakobson e Halle (1967). Assim, as consoantes opõem-se pelos traços de sonoridade, ponto e modo de articulação, enquanto as vogais, pelos traços de altura, ponto de articulação e nasalidade. Os segmentos foram testados por meio de contraste em ambiente idêntico (CAI) e ambiente análogo (CAA).

No subtítulo “Tom”, Palácio (1984, p.33) apresenta as sequências tonais, em sua maioria com palavras dissilábicas da língua guató. Na transcrição fonológica, o tom alto é representado por /´/ e o tom baixo não é marcado. As sequências encontradas são descritas a seguir:

1) sequências de dois tons altos em oposição:

a) sequência de tons alto e baixo

/gótá/	[gótá]	‘língua, idioma’
/gótĩ/	[gótĩ]	‘piranha’
/ahékáru/	[àhékárù]	‘meu patrão’
/ahékaru/	[àhékàrù]	‘minha pressa’

b) sequência de tons baixo e alto

/míkĩ/	[míkĩ]	‘panela’
/mikĩ/	[mìkĩ]	‘esteira’
/mádá/	[mádá]	‘jararacuçu’
/madá/	[màdá]	‘árvore, pau’

c) sequência de tons baixos

/mábó/	[mábó]	‘juritĩ’
/mabó/	[màbò]	‘pé’
/gótá/	[gótá]	‘chifre’
/gota/	[gòtà]	‘fogo’

2) sequência de tons baixos em oposição:

a) sequência de tons alto e baixo

/mágĩ/	[mágĩ]	‘banha’
/magĩ/	[màgĩ]	‘água’
/mákĩ/	[mákĩ]	‘capivara’
/makĩ/	[màkĩ]	‘carcará’

b) sequência de tons baixo e alto

/mabó/	[màbò]	‘fumo’
--------	--------	--------

/mabó/	[màbó]	‘pé’
/magĩ/	[màgĩ]	‘planta’
/magĩ/	[màgĩ]	‘banha’

3) sequência de tons alto e baixo em oposição a uma sequência de tons baixo e alto:

/mák ^w o/	[mák ^w ò]	‘macaco’
/mak ^w ó/	[màk ^w ò]	‘machado’
/máki/	[mákì]	‘carcará’
/makí/	[màkì]	‘cabelo, pena’

Em relação à sílaba, Palácio (1984, p.34) afirma que o “guató tem dois padrões silábicos: CV e V”. De acordo com a pesquisadora, “não há no corpus algumas combinações de CV como pu, bu, fɔ, vɔ, fu, vu, ñ e vĩ”. A autora apresenta os seguintes exemplos de sílaba:

V

/mái/	[mài]	‘anta’
/aa/	[àa]	‘passar a noite’
/igí/	[ìgí]	‘mãe dele’
/máè/	[máè]	‘biguá’

CV

/móti/	[móti]	‘piranha’
/bogehi/	[bògèhì]	‘queimar’
/mave/	[màvè]	‘cachorro’
/nípé/	[nípé]	‘preto’

Quanto ao segmento /y/, este constitui sílaba yV com todas as vogais, exceto com as anteriores e centrais (i, ĩ, i, ĩ). Em sequências CyV, CVy e Vy, o /y/ varia livremente com [i].

O glide [w], por outro lado, não ocorre em sílaba wV nem na sequência CwV com consoantes oclusivas velares, pois, com essas, formam segmentos complexos (k^w/g^w) que, por sua vez, não formam sílaba com as vogais posteriores (u, ũ). Na sequência Vw, o segmento [w] varia livremente com [u].

Em ‘Fonética segmental’, Palácio afirma que:

- 1) todas as oclusivas surdas variam livremente com aspiração, exceto o segmento [p]. Desse modo, temos: [t] e [t^h], [ç] e [ç^h], [k] e [k^h], [k^w] e [k^{wh}].
- 2) o segmento [ç] pode realizar-se como [ç^y] e [ç];
- 3) o fonema /dj/ tem um alofone palatalizado [d^y] e outro fricativo [ž];
- 4) as vogais /i/ e /ĩ/ variam com [u] e [ũ] quando precedidas por uma consoante velar;

5) abaixamento e levantamento de vogais anteriores, centrais e posteriores, independente do ambiente em que ocorrem. Esses fenômenos foram associados à entoação.

Em relação às ‘Regras fonológicas’, os processos considerados incluem:

1) assimilação progressiva e regressiva do traço de nasalidade, com os seguintes dados:

/gõma/		‘mandioca’
/cũmu		‘três’
/nakĩni/		‘ele dorme’
/dũni/		‘dois’
/nógógĩyo/	/nógógĩũu/	‘eu bebo água’
/marogĩyo/	/marogĩũu/	‘eu comi’

2) assilabação, representada com os exemplos descritos a seguir:

/adiópígiri/	[adyöpígiri]	‘ser bem vermelho’
/mačé vái/	[mačé vây]	‘faca’
/nãjuára/	[nãjwára]	‘saber’
/mamãu/	[mamãw]	‘mamão’

3) epêntese, com a inserção de um glide palatal entre as vogais /ɛ/ e /o/, com os dados:

/neóki/	[nèyókĩ]	‘ele bebe’
/neóg ^w a/	[nèyóg ^w à]	‘ele lava’
/neókoró/	[nèyókòrò]	‘ele coça’

4) elisão de consoante /y/ diante de vogal /i/.

/nabagákiyo/	[nàbàgákìò]	‘eu bato nele’
/nakíyo/	[nàkìò]	‘eu pesco’
/natágábogehiyo/	[nàtágábògèhìò]	‘quero acender’
/g ^w áhēgigiyo/	[g ^w áhēgìgìò]	‘estou fumando’

Na seção que trata de ‘Regras morfofonológicas’, a autora descreve os processos fonológicos condicionados morfologicamente, a saber:

1) epêntese, inserção de /dʒ/ entre vogais na fronteira morfológica de temas compostos ou derivados, tais como:

/móto/ + /épagu/	→ /mótoǰépagu/	[mótòǰépàgù]	‘cavalo’
/módí/ + /áróca/	→ /módíǰáróca/	[módíǰárócà]	‘gatinho’

2) elisão da vogal prefixal de tom baixo diante de tema iniciado por vogal, como por exemplo nos seguintes dados:

/ma-ótí/	[móĩ]	‘piranha’
/go-etí/	[gètí]	‘criança’

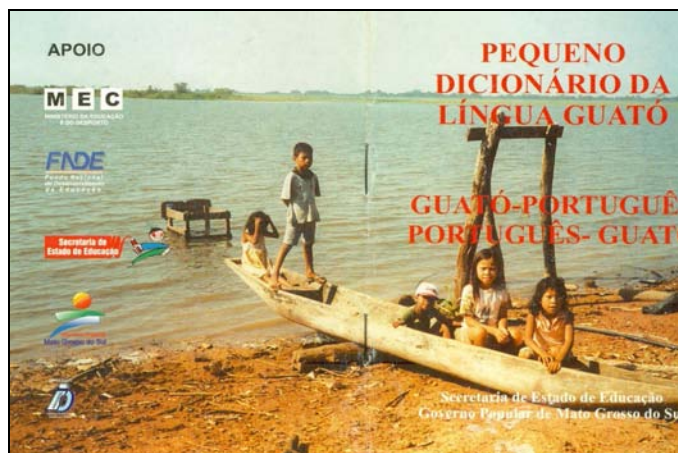
De acordo com a pesquisadora, se “a vogal prefixal, porém, tiver tom alto, ela não é afetada pelo processo de elisão” (PALÁCIO, 1984, p.41). A seguir, alguns dados apresentados pela pesquisadora:

/g ^w á-ógwayo/	[g ^w áógwàyò]	‘estou lavando’
/í-áhəkúyo/	[íáhəkúyò]	‘vou caçar jacaré’

A autora afirma, nas ‘considerações finais’ da tese, que deixou “para trabalhos futuros as manifestações fonéticas, segmentais e prosódicas” (PALÁCIO, 1984, p.120).

1.3.6 Pequeno dicionário da língua guató (2002)

Por iniciativa dos representantes do povo guató, a Secretaria de Estado de Educação, Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (gestão 1999-2002), editou o *Pequeno dicionário da língua Guató* (2002). Trata-se de 170 entradas, entre palavras e algumas frases, levantadas por Dalva M. S. Ferreira e Anísio Guató (1999) juntamente com os falantes da comunidade indígena.



Quadro 10: Capa e contracapa do Pequeno Dicionário (2002)

O trabalho contém uma *Apresentação* e um *Breve Perfil dos Guató*. As entradas lexicais estão em ordem alfabética e em versão bilíngue: Guató-Português e Português-Guató.

Na Apresentação do dicionário, o professor Antonio Carlos Biffi afirma que “uma das grandes tarefas para a educação escolar dos Guató, na atualidade, é a retomada da língua deste povo, hoje falada por poucas pessoas, principalmente os anciãos”. Em relação ao conteúdo, Biffi afirma que:

[...] este trabalho não contou com a participação de especialistas, lingüistas ou antropólogos e, assim, poderá merecer reparos caso seja feita uma leitura permeada por referenciais científicos. Todavia, em que pese esta ressalva, ela não neutraliza nem elimina o sentido desta publicação [...] (PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ, 2002, p. 4-5).

No Breve perfil dos Guató, não há evidências de autoria. Nessa seção, diz-se que “há cerca de 150 habitantes na aldeia e, aproximadamente 500 habitantes pelas morrarias do Pantanal adentro e periferia das cidades, principalmente Corumbá/MS, Cáceres/MT e Poconé/MT”. No que se refere aos costumes culturais:

[...] são hábeis caçadores e pescadores. Do rio utilizam o peixe e o jacaré como base alimentar [...] Plantam mandioca, milho e cereais de outras espécies e colhem nas matas o que mais lhes é necessário à subsistência, como frutos e mel [...] Atualmente a dieta alimentar é também complementada através de cestas básicas provenientes das esferas públicas [...] Mantém a tradição na construção de canoas com troncos de árvores de madeira leve, escavadas a fogo e aparadas com instrumentos rudimentares (PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ, 2002, p.6-7).

Nesse Breve perfil, encontramos, ainda, as seguintes informações:

<p>População atual: aproximadamente 650 habitantes Grupo lingüístico: Tronco Macro-Jê / Família Guató Auto-denominação: Maguató (frango d’água) Característica: Índios Canoeiros Localização: Ilha Ínsua ou Bela Vista do Norte ou Porto Índio, localizada no ponto extremo do Mato Grosso do Sul, município de Corumbá, na fronteira com a Bolívia e divisa com Mato Grosso.</p>
--

Quadro 11: Informações gerais do Pequeno Dicionário (2002)

A ortografia utilizada para representar a língua guató merece alguns comentários em relação à transcrição das consoantes, vogais, sinais gráficos e sílaba.

Sobre as consoantes utilizadas, <p>, <t>, , <d>, <f>, <s>, <m>, <n>, <y>, <h> não apresentam dificuldade de compreensão, pois correspondem em nossos dados aos fones [p], [t], [b], [d], [f], [s], [m], [n], [j], [h], respectivamente. As demais consoantes serão descritas a seguir.

1) <k>, <kk> e <c> correspondem ao fone [k]:

kyra	[kírà]	‘vamos’
mykkôô	[míkí]	‘papagaio’
macújá	[màkùdzà]	‘dourado (peixe)’

2) <g> corresponde aos fones [g] e [dʒ]:

magun	[màgì]	‘água’
mageêro	[màdʒérù]	‘milho’

3) <gu> corresponde ao fone [g^w]:

maguarypô	[màg ^w ájripò]	‘caetitu’
-----------	---------------------------	-----------

4) <ch> e <x> correspondem ao fone [tʃ]:

chicha	[tʃítʃà]	‘bebida fermentada’
maroxá	[márótʃà]	‘gato’

5) <rr> e <hrh> correspondem ao fone [h]:

orrê	[óhè]	‘saudação’
mahrhô	[màhì]	‘tuiuiú’

Para as demais consoantes, não encontramos correspondência em nossos dados. Desse modo, apresentamos as seguintes hipóteses:

6) <th> e <tx> podem corresponder, respectivamente, aos fones [t^h] ou [tʃ]:

Runguá gôtháa	‘toma fogo’
Tuky gôtháa	‘me dá fogo’
Mutxajá – guaraxo	‘cobra coral’

Em nossos dados, ‘fogo’ ocorreu como [màtà] e [màt^hà], enquanto ‘cobra’ ocorreu como [mòtʃádʒá]. Assim, acreditamos que as representações ortográficas <th> e <tx> correspondam aos fones [t^h] e [tʃ], respectivamente.

7) <rh> pode corresponder ao fone [h]:

matojárho	‘flor selvagem’
-----------	-----------------

8) <ng> pode corresponder ao fone [ŋ]. Porém, em nossos dados, a sílaba <reng> correspondeu a [rɛ́]:

kyra mare ng	[kírà màrɛ́]	‘vamos lá’
kyra mare ng myrobonun	-	‘vamos lá na lancha’

9) A sequencia <gn> ocorre em apenas um item e possui três interpretações possíveis:

a) <gn> semelhante à <ng> que poderiam corresponder ao mesmo fone [ŋ] em final de sílaba:

to.re.p**agn**.y.ky.ro ‘bravo’

b) <g> como segmento de coda e <n> como ataque da sílaba seguinte:

to.re.p**ag.ny**.ky.ro ‘bravo’

c) <gn> como onset da sílaba:

to.re.pa.**gny**.ky.ro ‘bravo’

Em relação às vogais, <a>, <e>, <o> e <u> não apresentam dificuldade de compreensão, pois correspondem em nossos dados, respectivamente, às vogais [a], [e], [o], [u]. Os demais segmentos vocálicos estão descritos a seguir.

1) <y> e <i> corresponderam ao fone [i]:

chicha ³⁹	[tʃítʃà]	‘bebida fermentada’
kyra	[kírà]	‘vamos’

2) <â> correspondeu ao fone [a], com nasalidade:

maka**â**na⁴⁰ [mòkánà] ‘mutum’

3) <é> correspondeu aos fones [e] e [ɛ]:

mare é dy	[màrédʒì]	‘caxinguele’
gyp é	[gípɛ́]	‘preto(a)’

4) <ó> correspondeu aos fones [o], [ɔ] e [i]:

memb ó	[múbɔ́]	‘pato’
ó duru	[òdúrù]	‘meu sobrinho’
ma ô	[mâí]	‘anta’

5) A vogal <â> pode corresponder também ao fone [i], porém não temos correspondente em nossos dados:

kyra garog**â**ny ‘vamos comer’

Como não há uma sistematização nos dados do dicionário entre os segmentos <e> e <o> e os fones [ɛ] e [ɔ], acreditamos que a representação utilizada

³⁹ Empréstimo do espanhol.

⁴⁰ Provavelmente, ao coletar esse dado, percebeu-se que se trata de uma vogal [a] mais fechada. Isso pode ter ocorrido por causa do contato com a consoante nasal precedente [n]. Assim, essa vogal [a], ao ser contaminada pela nasalidade da consoante [n], deu-se como mais fechada, da mesma maneira como ocorre com a vogal /ã/ do Português Brasileiro, que seria algo como [ẽ] em [kẽnɛ] /kãna/ ‘cana’.

tenha tido a intenção de registrar o tom da língua guató, de modo que o acento agudo (´) foi utilizado nas vogais <á>, <é>, <ó> e <ú>. Não encontramos, no entanto, correspondentes para a utilização desses acentos e a realização dos tons. Desse modo, apresentamos algumas ocorrências do dicionário:

<á>	by <u>já</u>	-	‘não quero’
	mac <u>ú</u> já	[màkùdʒà]	‘dourado (peixe)’
	magôpygu <u>á</u>	[mòg ^w ípiɡá]	‘tamanduá-mirim’
	maguayk <u>á</u> na	[g ^w ájkána]	‘jacutinga’
	mux <u>á</u> bé	-	‘andorinha’
<é>	é <u>go</u>	[égò]	‘não’
	myt <u>é</u>	[mítê]	‘abóbora’
	nykay <u>é</u>	-	‘boa tarde’
	tedé <u>fé</u> dyxádyrre	-	‘bom dia’
	myp <u>é</u> yko	-	‘café’
<ó>	ó <u>du</u> ru	[òdúrù]	‘meu sobrinho’
	myv <u>ó</u> ta	-	‘mutuca’
	maró <u>já</u> vy	-	‘ouriço’
	ma <u>ô</u>	[màí]	‘anta’
	mah <u>ô</u>	-	‘alta’
<ú>	borr <u>ú</u> tên	-	‘gralha verde’
	borr <u>ú</u> tô	-	‘flor verde’
	mac <u>ú</u> já	[màkùdʒà]	‘dourado’
	maguak <u>ú</u>	-	‘dente de onça’
	man <u>ú</u> m	[mànà]	‘canoá’

Quanto ao diacrítico circunflexo (^), utilizado na representação das vogais <â>, <ê> e <ô>, não encontramos correspondentes e justificativa para este uso. Desse modo, apenas apresentamos os exemplos do dicionário:

<â>	maka <u>â</u> na	[mòkánà]	‘mutum’
	kyra garog <u>â</u> ny	-	‘vamos comer’
	myka <u>â</u> na	-	‘aranquan’
<ê>	orr <u>ê</u>	-	‘bom dia / boa tarde’
	magu <u>ê</u> jê	[màg ^w édʒì]	‘bocaiúva’
	muku <u>ên</u>	[mók ^w é]	‘bugio’
	magu <u>ê</u> vay	[màg ^w éváj]	‘colher’
	mê <u>p</u> ago	[mépàgò]	‘onça’
<ô>	borr <u>ô</u> tê	-	‘flor verde’
	myc <u>ô</u> vay	[míkíváj]	‘panela’
	mymb <u>ô</u> todokúeén	-	‘papo de bugio’
	mac <u>ô</u> rar <u>ô</u>	-	‘piririta’

mytôrú [mìt^hú] ‘sapo’

O til indicativo de nasalidade (~) foi encontrado apenas com a vogal <ã>, nos seguintes dados do dicionário:

mumamã <u>o</u>	[mòmàmã ^h ù]	‘mamão’
togopanã <u>n</u>	-	‘garanhão’
tuky mapokã <u>ã</u>	-	‘me dá uma pinga’
xodygyakaã <u>ã</u>	-	‘pássaro campeiro pequeno’

Em relação às vogais duplicadas <aa>, <ee>, <oo> e <uu>, possivelmente corresponda às vogais alongadas por interferência ou sobreposição do tom, presente na língua guató. Nos dados, não encontramos a vogal <i> duplicada e a vogal <u> ocorreu duplicada em apenas dois dados. Ao observarmos esses dados, não encontramos correspondência entre o tom e as vogais duplicadas. Para exemplificação, apresentamos os dados do dicionário:

<aa>	majá <u>á</u>	‘jogo’
	maka <u>â</u> na	‘mutum’
	mamá <u>á</u>	‘mandioca’
	mandá <u>á</u>	‘jaracussu – pianta’
	matá <u>á</u>	‘fogo’
	matá <u>á</u> by	‘joão pinto’
	matá <u>á</u> ru	‘víbora’
<ee>	mage <u>ê</u> ro	‘milho’
	mare <u>é</u> dy	‘caxinguelê’
	mavy gov <u>é</u>	‘cachorro’
	mev <u>é</u>	‘ariranha’
	myr <u>é</u>	‘bagre’
	myv <u>é</u>	‘beija-flor’
<oo>	dyfo <u>ô</u>	‘titia’
	Maguêk <u>ô</u>	‘dente de jacaré’
	Mah <u>ô</u>	‘alta’
	mak <u>ô</u>	‘macaco’
	mang <u>ô</u> ono	‘japuira’
	ma <u>ô</u>	‘anta’
<uu>	mahk <u>ú</u>	‘capivara’
	maku <u>ú</u>	‘capivara’

Por fim, no dicionário não há uma análise ou descrição da sílaba. Assim, analisamos a estrutura da sílaba a partir dos dados do próprio dicionário e podemos

dizer que os padrões silábicos mais produtivos são CVC, CV e V, sendo a posição de coda preenchida pelas consoantes <m>, <n>, <ng>, <s>, <r>, <y>. A seguir, apresentamos alguns exemplos dos contextos silábicos:

CVC

cv.cv.cv.cv.cv.cv	ma.to.ga.go.jô.gúm	‘flor do campo’
cv.cvc	má.tum	‘ema’
cvc.cv.v	mem.bó.ó	‘pato’
cv.cv.cvc	bo.rrú.tên	‘gralha verde’
cv.cv.cvc	ma.gi.cón	‘rio’
cvc.cv.cv.cv.cv.cv	can.dy.de.ré.di.ca.ye	‘boa tarde’
cv.cv#cv.cvc	ky.ra.ma.reng	‘vamos lá’
cvc.cv	dys.té	‘titio’
cv.cv.cvc.cv	ma.to.jár.ho	‘flor selvagem’
cv.cvc.cv	mú.for.xá	‘bicho de coco’
cv.cv.cv.cvc	ma.tô.xé.yay	‘facão’
cv.cvc.cvc	mo.dey.dey	‘macaco saiúna’

CV

cv.cv	tu.ky	‘toma entrega’
cv.cv.cv.v	ná.ka.ry.o	‘quero’
cv.cv.cv.cv	ma.ca.ra.rô	‘anu branco’
cv.cv.cv	ma.gua.kú	‘dente de onça’
v.cv	o.rrê	‘bom dia’
v.cv.cv	ó.du.ru	‘meu sobrinho’

V

v.cv	o.rrê	‘bom dia’
v.cv	é.go	‘não’
v.cv.cv	ó.du.ru	‘meu sobrinho’
v.cv.cv.cv.cvc.cvc	o.rrê.ky.ra.coy.gyn	‘boa noite’
cv.cv.cv.v	ná.ka.ry.o	‘quero’
cv.cv.v.cv.cvc	ma.xe.o.go.gum	‘copo com água’
cv.cv.cv.v.cv.cv	ma.xo.ra.o.do.ro	‘alho’

1.3.7 Algumas conclusões preliminares

Após realizarmos a análise comparativa entre os dados anteriores e os nossos, observamos que as consoantes <p>, , <d>, <f> e <v> foram registradas por todos os autores e correspondem, respectivamente, aos fones [p], [b], [d], [f] e [v]. As demais consoantes, em geral, também não se distanciam muito dos fones correspondentes.

Os casos mais problemáticos se referem aos fones [g], [ʒ], [dʒ], [ʃ], [tʃ], [ɲ] e não encontramos correspondentes em nossos dados em relação aos grafemas <ng> e <l>.

Em relação às vogais, <a> e <o> não apresentam dificuldades de compreensão e correspondem, respectivamente, aos fones [a] e [o]. Porém, os fones [i], [ɛ], [ɔ] e [i] possuem diversas representações.

As sequências de vogais idênticas não possuem correspondentes em nossos dados, no entanto, foram encontradas nos trabalhos de Castelnau (1851), Schmidt (1905) e no *Pequeno Dicionário* (2002).

Sobre os padrões silábicos, CV e V podem ser confirmados em todos os autores e também em nossos dados. O padrão VC é atestado apenas por Schmidt (1905[1942]) com a consoante <m> e em alguns dados de Rondon (1938) com a consoante <n>, ambas em posição de coda. A ocorrência dessas nasais em posição de coda pode ser ambígua, pois os autores podem ter tido a intenção de registrar a nasalidade das vogais. O padrão CVC, por sua vez, é muito produtivo e a posição de coda pode ser preenchida pelas consoantes <m>, <n>, <r>, <l>, <c>, <ʔ>, <ř>, <g̃ñ>, <ng>, <s> e <y> nos dados de Castelnau (1851), Schmidt (1905), Rondon (1938), Wilson (1959) e no *Pequeno Dicionário da Língua Guató* (2002).

Em relação ao tom, apenas Palácio (1984) apresenta uma análise, os demais autores realizaram algumas tentativas. Wilson (1959) foi o autor que mais se dedicou na transcrição dos tons e entonação, utilizando alguns dos símbolos fonéticos do Alfabeto Internacional de Fonética.

Embora os trabalhos de Castelnau (1851), Schmidt (1905), Rondon (1938) e o *Dicionário* (2002) não tenham sido desenvolvidos dentro dos aportes da linguística moderna (e não poderia pedir isso de fato), esses trabalhos são relevantes para o conhecimento da língua e cultura guató da época. A disponibilidade desses trabalhos servirá para fazer estudos comparativos e observar as mudanças que ocorreram na língua ao longo do tempo.

A partir da descrição desses estudos prévios e a comparação com dados mais recentes, esperamos ter corroborado para a documentação da língua guató. Sabemos que muitos dos vocábulos e frases apresentadas por esses autores não são mais lembradas pelos poucos falantes que restam e, assim, a tarefa do linguista se torna cada vez mais complexa. Acreditamos, ainda, que a disponibilização desses estudos poderá trazer mais esperança ao povo guató e, também, a pesquisa com línguas indígenas no Brasil.

1.4 Filiação genética: Guató e tronco Macro-Jê

A língua guató, no que se refere à filiação genética, atualmente, está classificada como pertencente à família guató, no tronco linguístico Macro-Jê. Sobre esta filiação, o pesquisador Aryon Dall'Igna Rodrigues apresentou algumas considerações em “Typological paralelism due to social contact: Guató and Kadiweu” (1983), “Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas” (1986) e “Macro-Jê” (1999).

Rodrigues (1986, 1999) apresenta evidências de parentesco entre as línguas, famílias e troncos das línguas indígenas faladas no território brasileiro. De acordo com o autor, o tronco linguístico Macro-Jê possui nove famílias, a saber: Boróro, Krenák, **Guató**, Jê, Karajá, Maxakali, Ofayé, Rikbaktsa e Yatê. Todas essas famílias possuem apenas uma língua cada, exceto a família Jê, com as línguas Akwén, Apinajé, Kaingáng, Kayapó, Panará, Suyá, Timbira, Xoklém e dialetos.

No que diz respeito à língua guató, Rodrigues (1986) afirma que os dados analisados foram insuficientes para agrupar essa língua em uma família específica, mas, por meio de um estudo linguístico histórico-comparativo, foi possível verificar a mesma língua originária ancestral. Propõe, então, a classificação da língua como única, pertencente à família guató, no tronco linguístico Macro-Jê.

As evidências de parentesco apresentadas por Rodrigues (1986, p.50) permitiram-lhe agrupar as línguas do tronco Macro-Jê e a língua guató, de acordo com o seguinte quadro:

	<i>pé</i>	<i>um</i>	<i>braço</i>	<i>flecha</i>	<i>mel</i>	<i>fígado</i>	<i>cinza</i>	<i>marido</i>
Apinayé	par	pitxi	pa	-	mẽn	ma	mrò	mien
Xavante	paara	-	pano	-	pĩ	pa	-	-
Kaingáng	pẽ	pir	pẽ	(pũn)	mỹng	ta-mẽ	mrẽi	mèn
Maxacalí	pata	pytxèt	-	pói	pang	-	pytok	pen
Kamakã	wade	weto	-	wãi	-	-	-	-
Purí	txapere	i-páin	-	pun	-	-	-	-
Botocudo	pò	putxik	pò	-	pâng	ku-pagn	-	-
Yatê	fe, fet-	fathowa	-	-	-	-	felowa	(feto)
Kipeá	by, byri-	bihe	bo	buiku	-	-	bydi	-
Karajá	waa	-	-	wyhy	bâdi	baa	bry-by	-
Boróro	byre	(mito)	-	(boi-)	-	-	-	(imedo)
Ofayé	fará	-	fè	-	fyk	fa	-	-
Guató⁴¹	bò	-	pò	-	pagwa	pè	-	-
Rikbaktsá	pyry	-	txi-pa	-	mẽk-	-	-	mari- kta

Quadro 12: Evidências de parentesco I (RODRIGUES, 1986)

Rodrigues (1986) analisou as palavras ‘bò’, ‘pò’, ‘pagwa’ e ‘pè’, que correspondem a ‘pé’, ‘braço’, ‘mel’ e ‘fígado’, admitindo que:

[...] na língua ancestral do tronco Macro-Jê essas palavras começariam por uma consoante labial não nasal (como, p. ex., p), mas as palavras para “mel”, “fígado”, “cinza” e “marido” começariam por uma consoante labial nasal (como, p. ex., m). A nasalidade dessas consoantes teria em algum tempo desaparecido de certas línguas (Xavante, Maxacalí, Botocudo, Yatê, Kipeá, Karjá, Ofayé, **Guató**), acarretando a transformação da consoante labial nasal em consoante labial não nasal, análoga à que originalmente existia nessas palavras [...] (RODRIGUES, 1986, p.53-54).

Em relação aos marcadores possessivos, os prefixos de posse em guató que serviram de base à comparação foram ‘i-, è’ que correspondem a ‘dele(a)’ (3ps). Nesse caso, Rodrigues (1986, p.54) afirma que “podem, provavelmente, ter a mesma origem”, conforme o quadro a seguir:

⁴¹ Destaques em negrito, grifos nossos.

	<i>meu</i>	<i>teu</i>	<i>dele</i>	<i>dele mesmo</i>
Apinayé	i-	a-	i'-	-
Xavante	ii-	a-	ĩ-	ti-
Kaingáng	iĩ	ã-	ti-	-
Maxacalí	ỹk-	ã-	ỹ-	ty-
Kamakã	ehk-	a-	ĩ-	-
Purí	eĩ-	-	-	-
Botocudo	-	a-	-	-
Yatê	i-	a-	e-	ta-
Kipeá	hi-	e-	i-	di-
Karajá	-	a-	i-	d'a-
Boróro	i-	a-	(e-)	ty-
Ofayé	x-	è-	ỹ-	-
Guató ⁴²		-	i-, è-	-
Rikbaktsá	ik-	a-	i-	ta-

Quadro 13: Evidências de parentesco II (RODRIGUES, 1986)

Por fim, Rodrigues (1994, p.95) afirma que:

[...] a mesma importância crítica das línguas isoladas como exemplares únicos de organização lingüística e cognitiva têm também as línguas que, embora mostrem indícios de filiar-se a um grande tronco, como o Tupí e o Macro-Jê, não se relacionam diretamente a nenhuma das famílias constituintes do tronco. Essas línguas são relativamente isoladas e podem diferir consideravelmente das demais línguas do tronco, sem encontrar paralelo em nenhuma outra língua para as propriedades nelas desenvolvidas. Nesse caso está, por exemplo, o **Guató** do alto rio Paraguai (tronco Macro-Jê), o qual é falado por muito poucas pessoas, já que a maioria dos remanescentes dos Guató, que não têm mais terras próprias e vivem esparsos ao longo do rio, desde Corumbá até a lagoa Gaíba, fala somente português.

Em trabalhos mais recentes sobre o tronco linguístico Macro-Jê, Ribeiro; Voort (2008) apresentam uma nova proposta de agrupamento dessas línguas indígenas. Segundo os autores, esse tronco deveria incluir a família Jabuti e excluir algumas línguas, entre elas a língua guató.

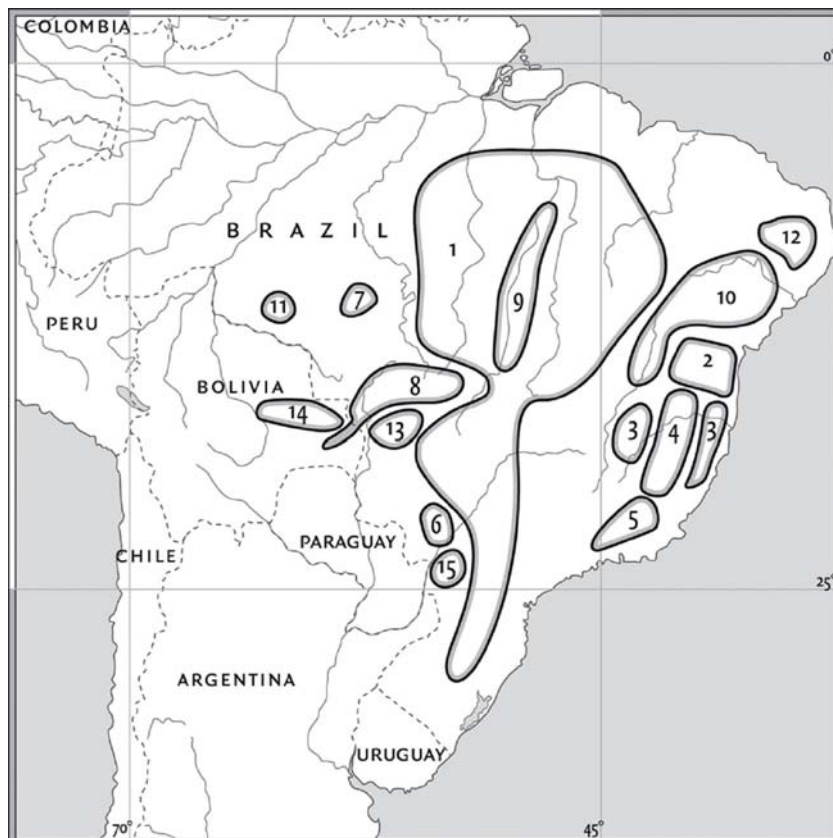
⁴² Destaques em negrito, grifos nossos.

A seguir, apresentamos a hipótese do Tronco Macro-Jê e o mapa proposto por Ribeiro; Voort (2008, p.30-31). Na representação, o Guató está na posição 13.

The Macro-Jê hypothesis	
1. Jê	
	<i>Southern Jê:</i>
	• Kaingáng, Xoklém, †Ingaín ⁴³
	<i>Amazonian Jê</i>
	• Northern Jê: Panará, Suyá (including Tapayúna), Kayapó, Apinajé, Timbira (Parkatêjê, Krahô, Pykobyê, etc.)
	• Central Jê: Xavánte, Xerénte, †Akroá-Mirim, †Xakriabá
	• †Jeikó
2. Kamakã	†Kamakã, †Mongoyó, †Meniém, †Kotoxó, †Masakarã
3. Maxakalí	Maxakalí, †Pataxó, †Kapoxó, †Monoxó, †Makoní, †Malalí
4. Krenák	Krenák (Botocudo, Borúm)
5. Purí (Coroado)	†Coroado, †Purí, †Koropó
6. Ofayé	Ofayé
7. Rikbaktsá	Rikbaktsá (Canoeiro)
8. Boróro	Boróro, †Umutína, †Otúke
9. Karajá	Karajá (including four dialects, Southern Karajá, Northern Karajá, Javaé, and Xambioá)
10. Karirí	†Kipeá, †Dzubukuá, †Pedra Branca, †Sabuyá (included by Rodrigues, but not Greenberg and Kaufman)
11. Jabutí	Djeoromitxí (Jabutí), Arikapú (included by Nimuendaju (2000) and Greenberg, but not Rodrigues and Kaufman)
12. Yatê	Yatê
13. Guató	Guató
14. Chiquitano	Chiquitano (Besiro) (included by Greenberg and Kaufman, but not Rodrigues)
15. Otí	†Otí (Eo-Xavánte) (the inclusion of Otí, proposed only by Greenberg, is not substantiated by the available data)

Quadro 14: Hipótese do tronco Macro-Jê (RIBEIRO; VOORT, 2008)

⁴³ O sinal (†) indica língua extinta.

Distribuição das famílias linguísticas do Macro-Jê⁴⁴

Quadro 15: Distribuição do tronco Macro-Jê (RIBEIRO; VOORT, 2008)

De acordo com Ribeiro; Voort (2008, p.29-34):

[...] No caso do Guató, cuja inclusão é concordada por todas as classificações principais, a evidência proposta é uma busca completa para cognatos na fonte principal da língua (Palácio 1984), o que reforça nossa opinião que esta língua não deve ser incluída no grupo [...] A maioria das línguas Macro-Jê são *verb-final*, com posposições em vez das preposições e ordem possuidor-possuída nas construções-exceções do genitivo como no Guató (que, como sugerido acima, deve provavelmente ser excluído do grupo), Chiquitano, e Kariri⁴⁵ (tradução nossa).

⁴⁴ Distribution of the Macro-Jê language families (RIBEIRO; VOORT, 2008, p.31).

⁴⁵ [...] In the case of Guató, whose inclusion is agreed upon by all major classifications, the purported evidence is particularly scanty, and a thorough search for cognates in the main source on the language (Palácio 1984) reinforces our belief that this language should not be included in the stock [...] The majority of Macro-Jê languages are *verb-final*, with postpositions instead of prepositions and possessor-

Sobre a filiação genética da língua guató estar relacionada ou não com o tronco linguístico Macro-Jê, essa discussão merece mais estudos. Nessa seção limitamos a descrever as propostas existentes. Tanto Rodrigues (1986) quanto Ribeiro; Voort (2008) não apresentam justificativas satisfatórias para incluir ou excluir a língua deste tronco. Não temos evidências para afirmar que os poucos dados apresentados possam atestar para a inclusão ou não da língua guató no tronco Macro-Jê. Portanto, são necessários mais dados para uma análise tipológica, para que esse agrupamento seja realmente satisfatório.

Esperamos que a apresentação dessa problemática possa despertar o interesse em futuros pesquisadores interessados em resolver essa questão e dar-nos uma visão mais ampla das semelhanças entre essa língua indígena e as outras faladas no Brasil e na América do Sul.

possessed order in genitive constructions-exceptions being Guató (which, as suggested above, should probably be excluded from the stock), Chiquitano, and Karirí (RIBEIRO; VOORT, 2008, p.29-34).

II

DESCRIÇÃO DOS SEGMENTOS

Este capítulo apresenta uma descrição das consoantes, vogais e dos tons. Para representar os fones e fonemas. Desse modo, primeiramente, abordamos os fones e suas ocorrências variáveis; em seguida, os contrastes idênticos e análogos, responsáveis pela distinção de significados e, por último, nas seções 2.1.2 e 2.2.2, seguimos o modelo da “Geometria de traços”, proposta por Clements; Hume (1995), com o objetivo de representar as classes naturais das consoantes e vogais.

2.1 Consoantes

Nesta seção, apresentamos os fones consonantais, os contrastes, o inventário fonológico e as classes naturais.

Em Guató, encontramos 25 fones, que compõem o seguinte inventário fonético:

Oclusivas	p	p ^h	t	t ^h	tʃ	k	k ^{w46}	k ^h	ʔ
	b		d		dʒ	g	g ^w		
Fricativas	f				ʃ				h
	v				ʒ				
Nasais	m		n		ɲ	ŋ			
Aproximantes			ɾ		j				

Quadro 16: Inventário fonético

⁴⁶ A única ocorrência da aproximante bilabial [w] é em coarticulação com as velares [k] e [g], formando segmentos complexos [k^w] e [g^w].

Apresentamos, a seguir, os fones e as ocorrências encontradas em nossos dados:

1) A consoante oclusiva bilabial surda [p] varia com a oclusiva bilabial surda aspirada [p^h] diante de vogal anterior alta [i]. Em nossos dados, ambas não ocorrem diante da vogal posterior alta [u]:

[p]	/pèrà/	[pèrà]	‘garganta’
	/nìpé/	[nìpé]	‘preto’
	/tʃípòkú/	[tʃípòkú]	‘garrata’
	/àpɔ̀rù/	[àpɔ̀rù]	‘meu braço’
	/ípinè/	[ípinè]	‘rede’
	/ìpábà/	[ìpábà]	‘joão-de-barro’
[p]~[p ^h]	/pí/	[pí] ~ [p ^h í]	‘traíra (peixe)’
	/ópìnà/	[ópìnà] ~ [óp ^h ìnà]	‘lua’

2) A consoante oclusiva alveolar surda [t] ocorre com todas as vogais e varia livremente com a oclusiva alveolar surda aspirada [t^h].

[t] ~ [t ^h]	/ètí/	[ètí] ~ [èt ^h í]	‘criança’
	/tè/	[tè] ~ [t ^h è]	‘unha’
	/àtérù/	[àtérù] ~ [àt ^h érù]	‘meu cunhado
(a)’	/túnù/	[túnù] ~ [t ^h únù]	‘umbigo’
	/òtókígògǎ/	[òtókí gògǎ] ~ [òt ^h ókí gògǎ]	‘me dá água’
	/tórà/	[tórà] ~ [t ^h órà]	‘filho(a)’
	/tí/	[tí] ~ [t ^h í]	‘flor’
	/étà/	[étà] ~ [ét ^h à]	‘chifre dele(a)’

3) A africada pós-alveolar surda [tʃ] ocorre com todas as vogais e varia com a fricativa pós-alveolar surda [ʃ] diante de vogal central baixa [a]:

[tʃ]	/ìbótʃì/	[ìbótʃì]	‘carauaçu
(peixe)’	/tʃénè/	[tʃénè]	‘um’
	/màtʃéváj/	[màtʃéváj]	‘facão’
	/tʃúmù/	[tʃúmù]	‘três’
	/átʃó/	[átʃó]	‘dia’
	/ràtʃɔ̀/	[ràtʃɔ̀]	‘amarelo’
	/tʃípòkú/	[tʃípòkú]	‘garrafa’
[tʃ]~[ʃ]	/mòtʃá/	[mòtʃá] ~ [mòʃá]	‘prato’
	/ìtʃágà/	[ìtʃágà] ~ [ìʃágà]	‘nariz dele(a)’

4) A consoante oclusiva velar surda [k] varia livremente com a oclusiva velar surda aspirada [k^h] e ambas não ocorrem com as vogais anteriores média-baixa [ɛ] e posterior média-baixa [ɔ]:

[k] ~ [k ^h]	/tʃóǵákí/	[tʃóǵákí] ~ [tʃóǵák ^h í]	‘fome’
	/tʃékè/	[tʃékè] ~ [tʃék ^h è]	‘cordão (cinto)’
	/iókù/	[iókù] ~ [iók ^h ù]	‘osso dele(a)’
	/mìkó/	[mìkó] ~ [mìk ^h ó]	‘jacaré’
	/ìkí/	[ìkí] ~ [ìk ^h í]	‘esteira/cama’
	/màká/	[màká] ~ [màk ^h á]	‘mosquito’

5) A oclusiva velar surda labializada [k^w] ocorre apenas com as vogais [e], [ɔ], [i] e [a], com as demais vogais ([i], [o], [u], [ɛ]) este segmento não ocorre.

[k ^w]	/mók ^w é/	[mók ^w é]	‘bugio’
	/nàk ^w ɔ/	[nàk ^w ɔ]	‘branco’
	/òdòk ^w írì/	[òdòk ^w írì]	‘minha cabeça’
	/àk ^w árù/	[àk ^w árù]	‘meu dente’

6) A consoante oclusiva bilabial sonora [b] ocorre com todas as vogais e não apresenta variações.

[b]	/mòbíáfò/	[mòbíáfò]	‘terra vermelha’
	/òhébé/	[òhébé]	‘saudação inicial’
	/ìbéràtʃábɔ/	[ìbéràtʃábɔ]	‘chinelo/sapato’
	/mìbúkù/	[mìbúkù]	‘lagarto vermelho’
	/bó/	[bó]	‘queixo’
	/àbɔrù/	[àbɔrù]	‘meu pé’
	/bí/	[bí]	‘estrela’
	/bàpá/	[bàpá]	‘pai’

7) A consoante oclusiva alveolar sonora [d] ocorre com todas as vogais, exceto com a posterior média-baixa [ɔ] e central média alta [i].

[d]	/díté/	[díté]	‘tio’
	/ídé/	[ídé]	‘tronco de árvore(madeira)’
	/mòdídé/	[mòdídé]	‘filho, pequeno’
	/òdúrù/	[òdúrù]	‘sobrinha(o)’
	/dónihì/	[dónihì]	‘irmã(o)’
	/dàmógèrè/	[dàmógèrè]	‘muito’

8) A africada pós-alveolar sonora [dʒ] ocorre com as vogais [i], [e], [ɛ] [u], [i] e [a]. Este fone é inserido pelo processo fonológico de epêntese (ver seção 4.2) na fronteira de

sintagmas nominais, entre vogais, e varia com [ʒ] diante de vogal anterior alta [i]. Não encontramos, em nossos dados, ocorrência deste fone com as vogais posterior média-baixa [ɔ] e posterior média-alta [o].

[dʒ]	/màg ^w édʒì/ /gòdʒéru/ /mótòdʒépàgò/ /dʒú/ /màdʒí/ /mùhádʒá/	[màg ^w édʒì] [gòdʒéru] [mótòdʒépàgò] [dʒú] [màdʒí] [mùhádʒá]	‘bocaiúva’ ‘milho’ ‘cavalo’ ‘zagaia’ ‘zagaia’ ‘mulher’
[dʒ]~[ʒ]	/àdʒíárù/ /gòdʒídʒáíé/	[àdʒíárù] ~ [àʒíárù] [gòdʒídʒáíé] ~ [gòʒídʒáíé]	‘minha boca’ ‘pássaro’

9) A consoante oclusiva velar sonora [g] ocorre com todas as vogais, exceto com a vogal posterior média-baixa [ɔ] e não apresenta variações.

[g]	/gĩpé/ /dàmógèrè/ /gépàgò ògíkíró/ /ògúta/ /gòtá/ /ópágìrì/ /àtʃiégàrù/	[gĩpé] [dàmógèrè] [gépàgò ògíkíró] [ògúta] [gòtá] [ópágìrì] [àtʃiégàrù]	‘preto’ ‘muito’ ‘onça brava’ ‘quadris’ ‘fogo’ ‘mão esquerda’ ‘meu nariz’
-----	---	---	--

10) A oclusiva velar sonora labializada [g^w] não apresenta variações. Em nossos dados, esse fone não ocorre com as vogais anterior média-baixa [e], posterior alta [u] e posterior média-baixa [ɔ].

[g ^w]	/màg ^w íváj/ /àg ^w étó/ /ódòg ^w ófá/ /ìbàg ^w í/ /màg ^w àtʃó/	[màg ^w íváj] [àg ^w étó] [ódòg ^w ófá] [ìbàg ^w í] [màg ^w àtʃó]	‘colher’ ‘tucum branco’ ‘mamilo’ ‘travesseiro dele(a)’ ‘concha’
-------------------	---	---	---

11) A consoante fricativa bilabial surda [f] não apresenta variações e não ocorre diante das vogais posterior alta [u] e posterior média-baixa [ɔ].

[f]	/áfì/ /òfè/ /màfétá/ /màfó/	[áfì] [òfè] [màfétá] [màfó]	‘noite’ ‘vento’ ‘calça’ ‘terra’
-----	--	--	--

/ífiní/	[ífiní]	‘pessoa ruim’
/mòfá/	[mòfá]	‘peito/seio’

12) A consoante fricativa glotal surda [h]⁴⁷ não apresenta variações e ocorre com todas as vogais, exceto com a anterior média-baixa [ɛ].

[h]	/tʃéhi/	[tʃéhi]	‘axila’
	/tóhèrá/	[tóhèrá]	‘cinco’
	/màtáhu/	[màtáhu]	‘lagarto’
	/mìtòhó/	[mìtòhó]	‘sapo’
	/áhò/	[áhò]	‘caçar’
	/màhĩ/	[màhĩ]	‘tuiuiu’
	/màhá/	[màhá]	‘caramujo’

13) A consoante fricativa bilabial sonora [v] não apresenta variações e não ocorre com a vogal posterior alta [u] e posterior média-baixa [ɔ].

[v]	/káviúʔbó/	[káviúʔbó]	‘quinze’
	/àvérù/	[àvérù]	‘minha orelha’
	/màvèhú/	[màvèhú]	‘coberta’
	/ìvó/	[ìvó]	‘curimba (peixe)’
	/mèvĩ/	[mèvĩ]	‘mulher’
	/íkíváj/	[íkíváj]	‘caldeirão’

14) A consoante nasal bilabial [m] não apresenta variações e não ocorre diante das vogais posterior média-baixa [ɔ] e central alta [i].

[m]	/míu/	[míu]	‘lontra’
	/mègátí/	[mègátí]	‘peixe’
	/mèmé/	[mèmé]	‘mãe’
	/tʃúmù/	[tʃúmù]	‘três’
	/mòtʃádá/	[mòtʃádá]	‘gamela’

15) A consoante nasal alveolar [n] não apresenta variações e não ocorre diante das vogais posterior média-alta [o], posterior média-baixa [ɔ] e central alta [i].

[n]	/nípé/	[nípé]	‘preto’
	/núné/	[núné]	‘dois’
	/bìnégì/	[bìnégì]	‘novo’
	/kínũ ìrá/	[kínũ ìrá]	‘dez’
	/nàrátʃò/	[nàrátʃò]	‘amarelo’

⁴⁷ Este segmento é debucalizado, portanto, não possui um “Ponto de C” na hierarquia de traços (ver seção 2.1.2).

16) O tepe alveolar [r] ocorre com todas as vogais e não apresenta variações.

[r]	/iúkúrí/	[iúkúrí]	‘sobrancelha’
	/úrékà/	[úrékà]	‘lagoa’
	/rè/	[rè]	‘olho’
	/dórù/	[dórù]	‘cebola’
	/pàjírókà/	[pàjírókà]	‘feijão’
	/írópá/	[írópá]	‘qualquer cotovelo’
	/rì/	[rì]	‘carne’
	/tóhèrá/	[tóhèrá]	‘cinco’

17) A oclusiva glotal [ʔ] ocorre apenas em fim de palavra, seguida de silêncio, contígua a vogais; nos demais contextos não ocorre. Assim, não temos evidência para afirmar o *status* fonológico desse segmento.

[ʔ]	/írè/	[írèʔ]	‘seu olho’
	/àrèrù/	[àrèrùʔ]	‘meu olho’
	/mókú/	[mókúʔ]	‘osso’

18) A consoante nasal velar [ŋ]⁴⁸ ocorre somente em final de palavra, em sílabas com consoante velar, seguida de silêncio; nos demais contextos não ocorre. Assim, não temos evidência para atestar seu *status* fonológico.

[ŋ]	/mók ^w é/	[mók ^w éŋ]	‘bugio’
	/màgǐ/	[màgǐŋ]	‘água’
	/òg ^w é/	[òg ^w éŋ]	‘sopro’

19) A consoante nasal palatal [ɲ] ocorre apenas entre vogal nasal e a aproximante palatal [j] na junção de morfemas (ver seção 4.3). Assim, não temos evidência para afirmar um *status* fonológico para este segmento.

[ɲ]	/gǔ-jó/ (matar+1psg)	[gǔɲú]	‘eu mato’
-----	-------------------------	--------	-----------

20) A aproximante palatal [j] ocorre com as vogais [e], [ɛ], [o] e [a]. Este fone é inserido por processo fonológico de epêntese (ver seção 4.2) na fronteira de sintagmas verbais, entre as vogais [ɛ] e [o]. Nesses casos, então, a aproximante forma *onset* de

⁴⁸ Este segmento, provavelmente, é um resquício de consoante nasal que era realizada em posição de coda. Com o enfraquecimento da posição de coda, a consoante nasal sofreu apagamento, mas a nasalidade permaneceu na vogal antecedente.

sílaba CV na ressilabificação (ver seção 3.2.2). Em nossos dados não encontramos ocorrências com as vogais altas [i], [i], [u]⁴⁹ e posterior média-baixa [ɔ].

[j]	/màjé/	[màjé]	‘mosca’
	/àjé/	[àjé]	‘ave’
	/jò/	[jò]	‘eu’
	/pòjà/	[pòjà]	‘abrir’
	/nèókà/	[nèjókí]	‘ele bebe’
	/égòètàbònu/	[égòjètàbònu]	‘eu não vou’

Em suma, apresentamos um quadro⁵⁰ com a distribuição das consoantes em relação às vogais.

	i	e	ɛ	u	o	ɔ	ĩ	a
p	x	x	x	x	x	x	x	x
p ^h	x	-	-	-	-	-	-	-
t	x	x	x	x	x	x	x	x
t ^h	x	x	x	x	x	x	x	x
tʃ	x	x	x	x	x	x	x	x
k	x	x	-	x	x	-	x	x
k ^w	-	x	-	-	-	x	x	x
k ^h	x	x	-	x	x	-	x	x
b	x	x	x	x	x	x	x	x
d	x	x	x	x	x	-	-	x
dʒ	x	x	x	x	-	-	x	x
g	x	x	x	x	x	-	x	x
g ^w	x	x	-	-	x	-	x	x
f	x	x	x	-	x	-	x	x
ʃ	x	-	-	-	-	-	-	-
h	x	x	-	x	x	x	x	x
v	x	x	x	-	x	-	x	x
ʒ	x	-	-	-	-	-	-	-
m	x	x	x	x	x	-	-	x
n	x	x	x	x	-	-	-	x
r	x	x	x	x	x	x	x	x
j	-	x	x	-	x	-	-	x

Quadro 17: Relação entre consoantes e vogais

⁴⁹ Da mesma forma, na análise realizada por Palácio (1984, p.35) a aproximante palatal “[...] /y/ constitui sílaba com todas as vogais, exceto com as vogais anteriores e centrais, orais e nasais que têm o traço [+alto] [...]”.

⁵⁰ No quadro, utilizamos o “x” para representar a presença e “-” para representar a ausência da combinação em nossos dados.

A partir da sistematização das ocorrências, verificamos que apenas as consoantes oclusivas [p], [t] e [k] possuem variantes aspiradas [p^h], [t^h] e [k^h]. As consoantes [p], [t], [t^h], [tʃ], [b] e [r] ocorrem com todas as vogais. Enquanto que os fones [p^h], [ʃ] e [ʒ] ocorrem apenas diante da vogal anterior baixa [a]. Os fones [k] e [k^h] não ocorrem com as vogais anterior média-baixa [ɛ] e posterior média-baixa [ɔ]. Já os fones [d] e [m] não ocorrem com as vogais posterior média-baixa [ɔ] e central alta [i]. E, por fim, os fones [f] e [v] não ocorrem com as vogais posterior alta [u] e posterior média-baixa [ɔ]. Para as demais consoantes, não encontramos generalizações.

Após a identificação das variações fonéticas, descartamos esses fones do inventário fonológico. Portanto, [p^h], [t^h], [k^h], [ʃ], [ʒ], [ʔ], [ŋ] e [ɲ] não são fonemas da língua guató. Em seguida, passaremos a identificar os demais fones e seus contrastes.

2.1.1 Contrastes

Nesta seção, apresentamos os pares utilizados na identificação de contraste dos fones semelhantes, com o objetivo de identificar os fonemas. De acordo com Kindell (1981, p.41) “o contraste é uma relação lingüística entre dois sons em que a diferença fonética corresponde a uma diferença de significado ou de estrutura fonológica ou gramatical”.

Primeiramente, verificamos o “contraste em ambiente idêntico”, controlando os dados de maneira que apenas um segmento variasse por vez, levando em consideração a posição dos segmentos na palavra, a sílaba e o tom.

Em casos em que não havia o contraste em ambiente idêntico, procuramos demonstrar o “contraste em ambiente análogo”, no qual houve mais de um segmento variando ao mesmo tempo em posições e sílabas semelhantes. Por último, quando não encontramos ambiente idêntico ou análogo, verificamos a ocorrência dos segmentos semelhantes em todos os contextos possíveis, pois se ambos ocorrerem nos mesmos contextos e constituem significados distintos, são, portanto, distintos.

A seguir, apresentamos os fones semelhantes que contrastam em ambiente idêntico.

1) Fones semelhantes que distinguem-se apenas pelo traço de vozeamento [voz]:

a) Os fonemas /p/ e /b/:

/p/	[p]	/mà p í/	[mà p í]	‘pintado (peixe)’
		/mà p ó/	[mà p ó]	‘braço’
/b/	[b]	/mà b í/	[mà b í]	‘estrela’
		/mà b ó/	[mà b ó]	‘fumo’

b) Os fonemas /t/ e /d/:

/t/	[t]	/mà t á/	[mà t á]	‘fogo’
/d/	[d]	/mà d á/	[mà d á]	‘árvore’

c) Os fonemas /k/ e /g/:

/k/	[k]	/mà k í/	[mà k í]	‘remo’
/g/	[g]	/mà g í/	[mà g í]	‘água’

d) Os fonemas /f/ e /v/:

/f/	[f]	/mà f é/	[mà f é]	‘pele’
/v/	[v]	/mà v é/	[mà v é]	‘chuva’

e) Os fonemas /tʃ/ e /dʒ/:

/tʃ/	[tʃ]	/tʃé v áj/	[tʃé v áj]	‘faca’
/dʒ/	[dʒ]	/dʒé v áj/	[dʒé v áj]	‘enxada’

2) Fones semelhantes que distinguem-se apenas pelo traço labializado:

a) Os fonemas /k/ e /k^w/:

/k/	[k]	/k á /	[k á]	‘neta’
/k ^w /	[k ^w]	/k ^w á /	[k ^w á]	‘dente’

b) Os fonemas /g/ e /g^w/:

/g/	[g]	/tʃógàni/	[tʃógàni]	‘amanhã’
/g ^w /	[g ^w]	/tʃóg ^w àni/	[tʃóg ^w àni]	‘deitado’

3) Demais fones semelhantes que contrastam em ambiente idêntico:

a) Os fonemas /t/ e /r/:

/t/	[t]	/tɛ́/	[tɛ́] ~ [t ^h ɛ́]	‘cunhado(a)’
		/mítɛ́/	[mítɛ́]	‘abóbora’
/r/	[r]	/rɛ́/	[rɛ́]	‘olho’
		/mĩrɛ́/	[mĩrɛ́]	‘bagre (peixe)’

b) Os fonemas /d/ e /r/:

/d/	[d]	/dá/	[dá]	‘árvore’
/r/	[r]	/rá/	[rá]	‘mão’

c) Os fonemas /t/ e /tʃ/:

/t/	[t]	/tógàni/	[tógàni]	‘de pé’
/tʃ/	[tʃ]	/tʃógàni/	[tʃógàni]	‘amanhã’

d) Os fonemas /d/ e /dʒ/:

/d/	[d]	/ĩdɛ́/	[ĩdɛ́]	‘tronco’
/dʒ/	[dʒ]	/ĩdʒɛ́/	[ĩdʒɛ́]	‘qualquer fruto’

e) Os fonemas /k/ e /h/ :

/k/	[k]	/màkí/	[màkí]	‘capivara’
/h/	[h]	/màhí/	[màhí]	‘caramujo’

A partir dos contrastes em ambiente idêntico, temos, portanto, /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /k/, /k^w/, /g/, /g^w/, /ɾ/, /tʃ/ e /dʒ/ como fonemas da língua guató.

Como alguns fones não foram encontrados em ambiente idêntico, a seguir, apresentamos os contrastes em ambiente análogo para confirmação dos fonemas /n/ e /m/.

1) Os fonemas /t/ e /n/ :

/t/	[t]	/àjátè/	[àjátè]	‘areia (terra)’
/n/	[n]	/tjénè/	[tjénè]	‘um’

2) Os fonemas /d/ e /n/:

/d/	[d]	/gòdé/	[gòdé]	‘homem’
/n/	[n]	/gìné/	[gìné]	‘aqui’

4) Os fonemas /p/ e /m/:

/p/	[p]	/ípé/	[ípé]	‘preto (cor)’
/m/	[m]	/dìmé/	[dìmé]	‘tia (irmã da mãe)’

3) Os fonemas /b/ e /m/:

/b/	[b]	/bàpá/	[bàpá]	‘pai’
/m/	[m]	/màpó/	[màpó]	‘porco’

Após a análise dos fones, identificamos, como Palácio (1986, p.26), 17 fonemas consonantais, que formam o inventário fonológico⁵¹ da língua guató:

⁵¹ Na organização dos fonemas, diferentemente de Palácio (1984), classificamos os segmentos em obstruintes e soantes, com os traços de continuidade [+cont] e vozeamento [+voz], porque essa organização tem sido considerada como mais fonológica, pois apresenta apenas os traços relevantes na distinção dos segmentos da língua.

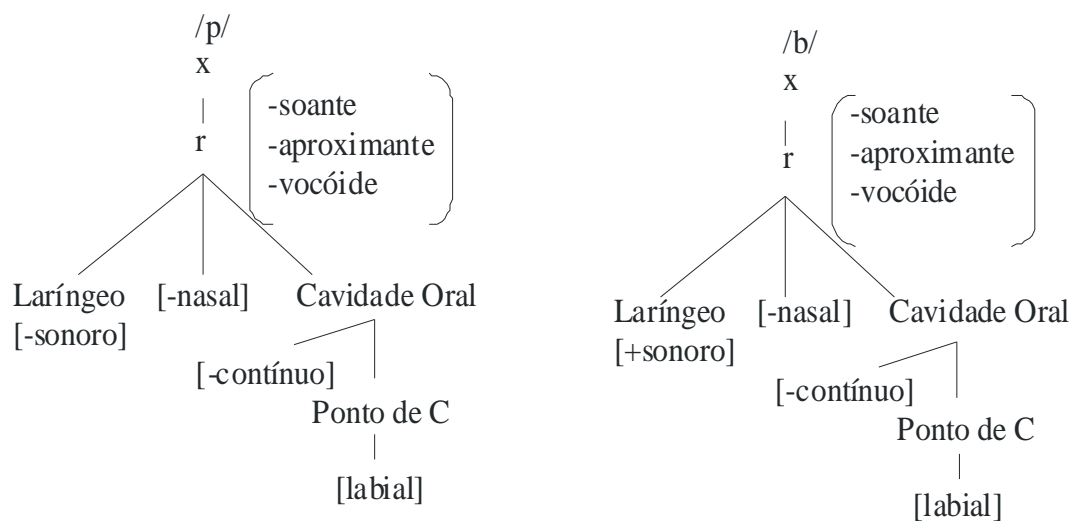
Obstruintes	[-cont]	[-voz]	p	t	tʃ	k	k ^w	
		[+voz]	b	d	dʒ	g	g ^w	
	[+cont]	[-voz]	f					h
		[+voz]	v					
Soantes	nasais		m	n				
	não-nasais			r	j			

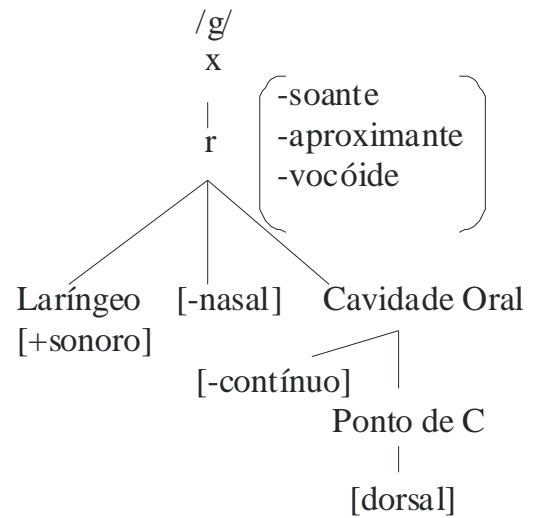
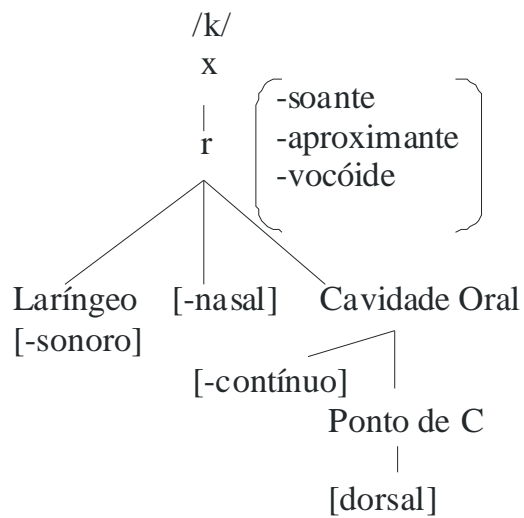
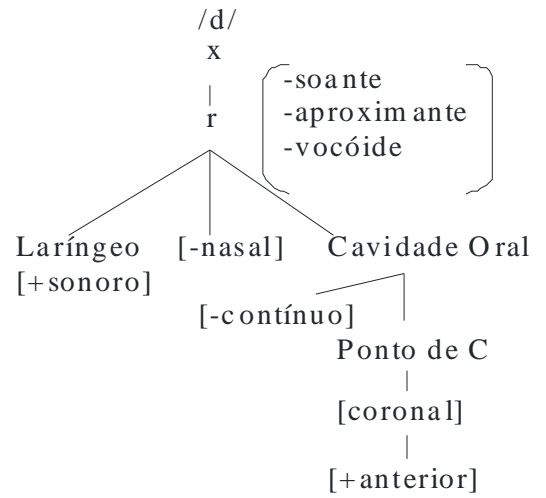
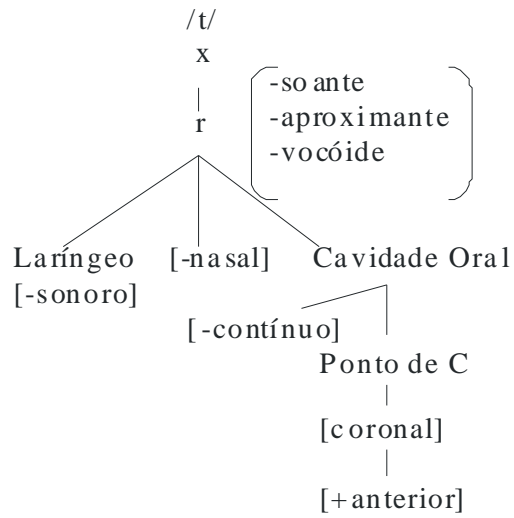
Quadro 18: Inventário fonológico

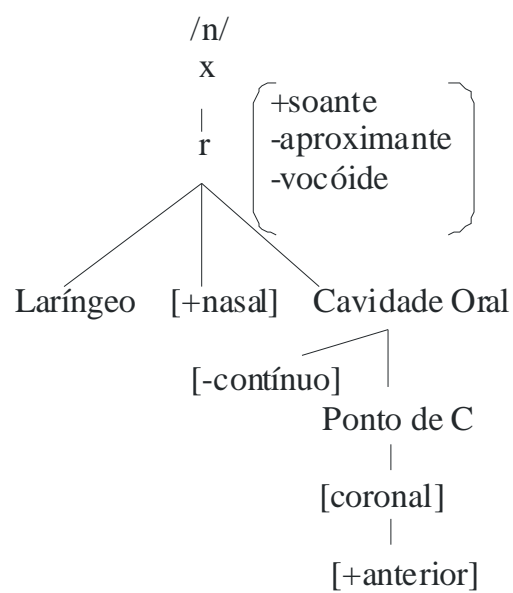
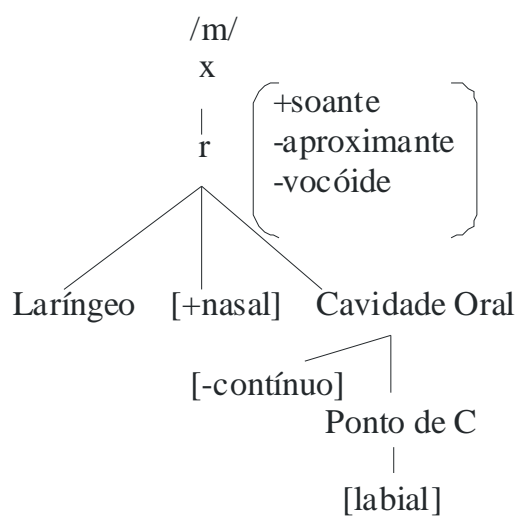
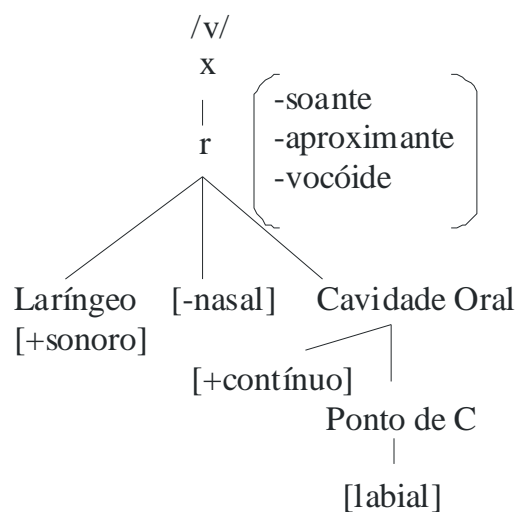
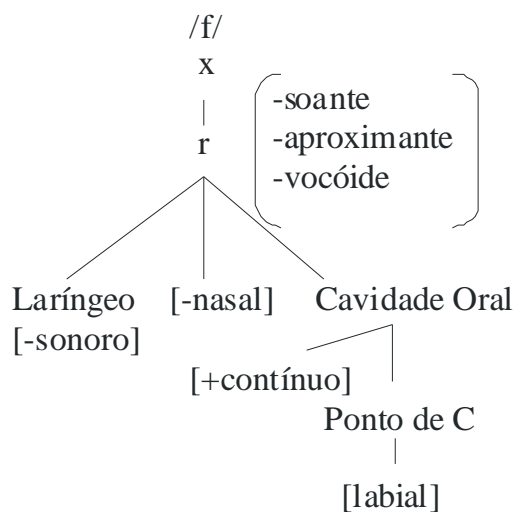
No inventário fonológico, as obstruintes opõem-se pelos traços de continuidade [cont] e vozeamento [voz], enquanto as soantes apenas pela nasalidade, pois todas são vozeadas. Assim, podemos a partir desse momento, representar os fonemas e as classes naturais das consoantes da língua guató.

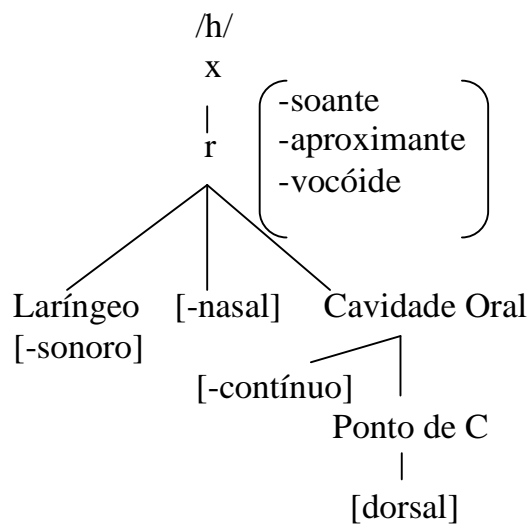
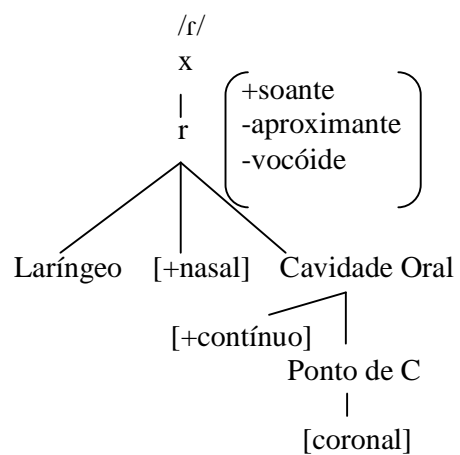
2.1.2 Representação e classes naturais

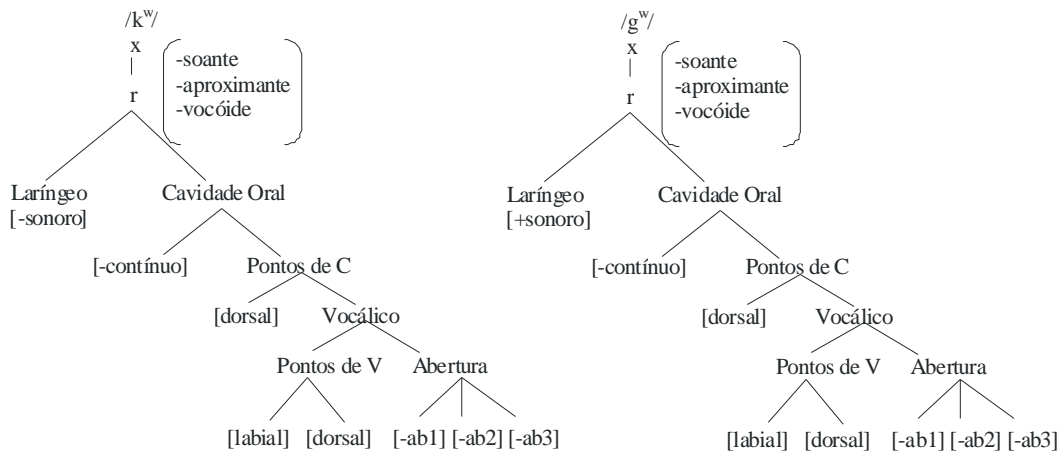
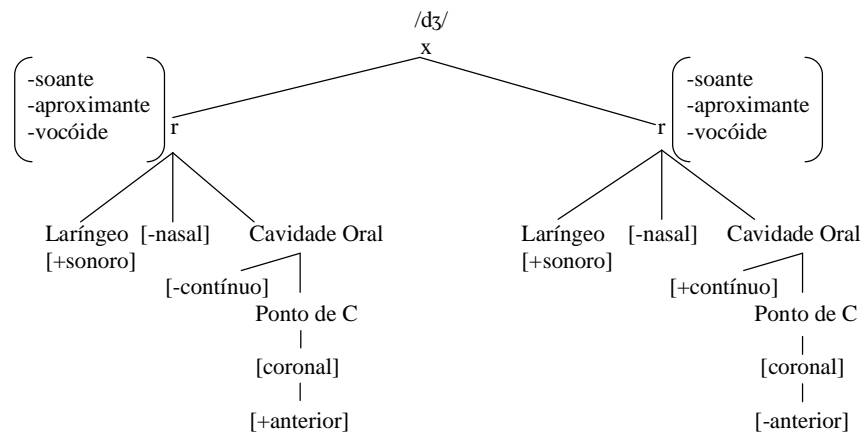
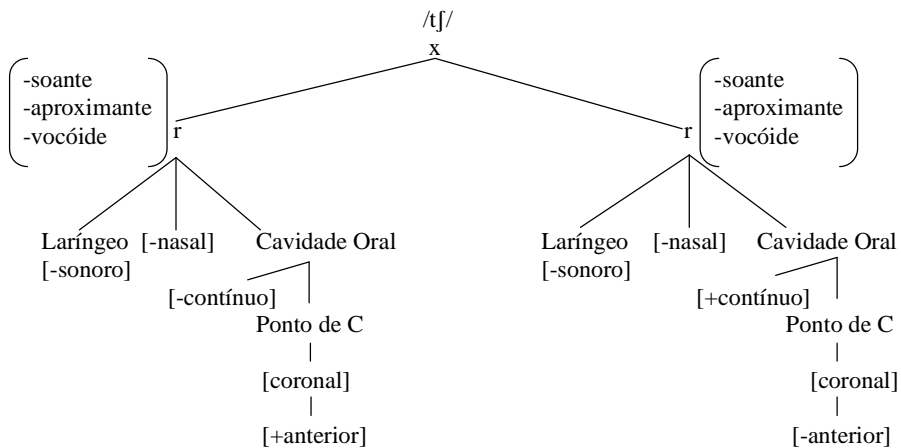
Nesta seção, apresentamos a geometria de cada fonema da língua guató, de acordo com proposta de Clements; Hume (1995).







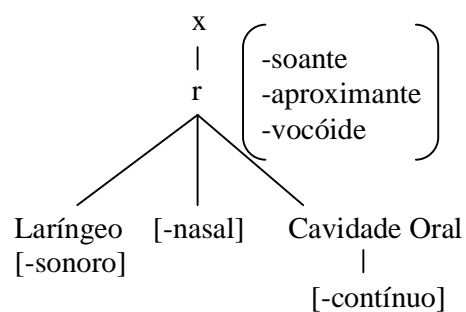




Após estabelecermos o inventário fonológico para os segmentos consonantais da língua guató (ver seção 2.1), reunimos as consoantes em seis classes naturais, utilizando apenas os traços relevantes para a representação, como segue:

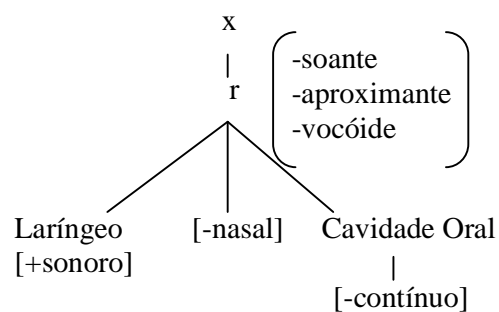
Classe 1

Obstruintes: /p/, /t/, /k/, /k^w/
[-contínuo] e [-vozeado]



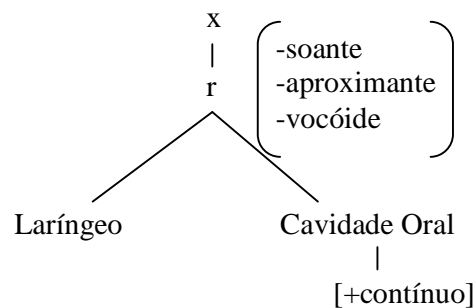
Classe 2

Obstruintes: /b/, /d/, /g/, /g^w/
[-contínuo] e [+vozeado]

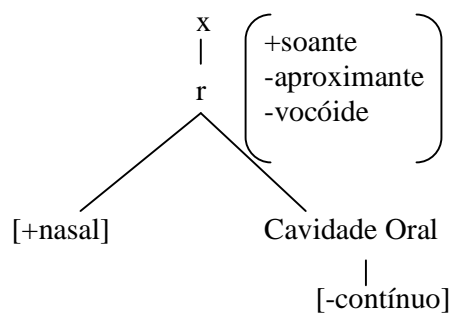


Classe 3

Obstruintes: /f/, /v/, /h/
 [+contínuo]

Classe 4

Soantes nasais: /m/, /n/
 [-contínuo]

**2.2 Vogais**

Nesta seção, apresentamos os fones vocálicos, os contrastes, o inventário fonológico e as classes naturais.

Em Guató, encontramos 13 fones vocálicos orais e 5 nasais, que compõem os seguintes inventários fonéticos:

alta		i ɪ	ĩ	u ʊ	uu
média	fechada	e	ə	o	
	aberta	ɛ	ɐ	ɔ	
baixa			a		

Quadro 19: Inventário fonético das vogais orais

A seguir, apresentamos os fones orais e as ocorrências encontradas em nossos dados:

1) A vogal anterior alta [i] varia apenas com [ɪ] em sílabas com tom baixo e ocorre com todas as consoantes, exceto com a velar sonora labializada [g^w].

[i]	/mítè/	[mítè]	‘abóbora moranga’
	/mídʒì/	[mídʒì]	‘acuri’
	/tʃéhí/	[tʃéhí]	‘axila’
[i] ~ [ɪ]	/ìdé/	[ìdé] ~ [ɪdé]	‘tronco de árvore’
	/màvì/	[màvì] ~ [màvɪ]	‘orelha’
	/mìkí/	[mìkí] ~ [mìkɪ]	‘esteira’

2) A vogal anterior média-fechada [e] não possui variações e não ocorre com as consoantes [p^h], [ʃ], [ʒ].

[e]	/mídʒè/	[mídʒè]	‘acuri’
	/màvè/	[màvè]	‘cachorro’
	/màjé/	[màjè]	‘mosca’

3) A vogal anterior média-baixa [ɛ] não apresenta variações e não ocorre com as consoantes [p^h], [k], [k^w], [k^h], [dʒ], [g^w], [ʃ], [h] e [ʒ].

[ɛ]	/nípé/	[nípé]	‘preto’
	/kájé/	[kájé]	‘chamar’
	/màvè/	[màvè]	‘chuva’

4) A vogal posterior alta [u] varia livremente com [ʊ] e em sílaba com tom baixo ocorre como [ʊ]. Ambas as vogais não ocorrem com as consoantes [p^h], [k^w], [g^w], [ʃ], [ʒ], [v] e [ʒ].

[u] ~ [ʊ]	/màdʒú/	[màdʒú] ~ [màdʒʊ]	‘zagaia’
	/àkúʒì/	[àkúʒì] ~ [àkúʒɪ]	‘folha de acuri’
	/mìbúkù/	[mìbúkù] ~ [mìbúkò]	‘lagarto’

[o]	/àk ^w árù/	[àk ^w árò]	‘meu dente’
	/mépàgù/	[mépàgò]	‘bicho, onça’
	/mókù/	[mókò]	‘jatobá’

5) A vogal posterior média-alta [o] não apresenta variações e não ocorre com as consoantes [p^h], [k^w], [dʒ], [ʃ], [ʒ] e [n].

[o]	/móù/	[móù]	‘piranha’
	/gòtʃé/	[gòtʃé]	‘flecha’
	/mák ^w ò/	[mák ^w ò]	‘macaco’

6) A vogal posterior média-alta [ɔ] não apresenta variações e não ocorre com as consoantes [p^h], [k], [k^h], [d], [dʒ], [g], [g^w], [f], [ʃ], [v], [ʒ], [m] e [n].

[ɔ]	/nák ^w ó/	[nák ^w ó]	‘branco’
	/ìpó/	[ìpó]	‘braço dele(a)’
	/ìbó/	[ìbó]	‘pé dele(a)’

7) A vogal central alta [i] varia livremente com [ə] em sílabas com tom alto e ocorre como [u] em sílabas com tom baixo. Ambas as vogais não ocorrem com as consoantes [p^h], [d], [ʃ], [ʒ], [m] e [n].

[i] ~ [ə]	/màí/	[màí] ~ [màé]	‘anta’
	/ìkí/	[ìkí] ~ [ìké]	‘cabelo dele(a)’
	/múgútí/	[múgútí] ~ [múgútə]	‘lobo guará’
[u]	/mákì/	[mákì] ~ [mákù]	‘carcará’
	/fébì/	[fébì] ~ [fébù]	‘nádegas’
	/pág ^w á gírì/	[pág ^w á gírì] ~ [pág ^w á gérù]	‘mel’

8) A vogal central baixa [a] varia apenas com o fone [ɐ] em sílaba com tom baixo. Ambas as vogais não ocorrem com as consoantes [p^h], [ʃ] e [ʒ].

[a]	/nák ^w ó/	[nák ^w ó]	‘branco’
	/mòpá/	[mòpá]	‘nó cego’
	/màtʃákó/	[màtʃáko]	‘onça parda’
[a] ~ [ɐ]	/màvì/	[màvì] ~ [mèvì]	‘orelha’
	/màká/	[màká] ~ [mèká]	‘mosquito’
	/tágâ/	[tágâ] ~ [tágè]	‘nariz’

A partir das ocorrências apresentadas, verificamos, portanto, que os fones [i], [u], [ɔ], [ə] e [ɐ] são apenas variações fonéticas e não constituem fonemas na língua guató. Verificamos, também, que a variação está relacionada com o tom baixo, podendo

ser uma tendência da língua guató. Assim, os fonemas a seguir possuem as seguintes ocorrências em sílabas com tom baixo:

- /i/ ocorre como [ɪ];
- /u/ ocorre como [ʊ];
- /ĩ/ ocorre como [ɯ],
- /a/ ocorre como [ɐ].

Sobre a distribuição das vogais em relação às consoantes (ver seção 2.1, quadro 17), verificamos que a vogal [i] ocorre com todas as consoantes, exceto com [k^w]. As vogais [e] e [a] não ocorrem com as consoantes [p^h], [ʃ] e [ʒ]. Para as demais vogais, não encontramos generalizações.

Após a identificação das variações fonéticas e sua distribuição, passaremos, então, a contrastar os fones semelhantes.

2.2.1 Contrastes

Nesta seção, apresentamos os pares para o contraste dos fones semelhantes, com o objetivo de identificar os fonemas vocálicos. A seguir, apresentamos os fones que contrastam em ambiente idêntico.

1) Os fonemas /a/ e /ɛ/:

/a/	[a]	/máki/	[máki]	‘anzol’
/ɛ/	[ɛ]	/méki/	[méki]	‘coelho’

2) Os fonemas /ɛ/ e /e/:

/ɛ/	[ɛ]	/gòtʃé/	[gòtʃé]	‘estragado/podre’
/e/	[e]	/gòtʃe/	[gòtʃe]	‘flecha’

3) Os fonemas /e/ e /i/:

/e/	[e]	/màvé/	[màvé]	‘cachorro’
/i/	[i]	/màvi/	[màvi]	‘orelha’

4) Os fonemas /i/ e /ĩ/:

/i/	[i]	/máki/	[máki]	‘anzol’
/ĩ/	[ĩ]	/màki/	[màki]	‘cabelo/pena’

5) Os fonemas /i/ e /u/:

/i/	[i]	/màkí/	[màkí]	‘cabelo/pena’
/u/	[u]	/màkú/	[màkú]	‘pedra’

6) Os fonemas /o/ e /u/

/o/	[o]	/màkò/	[màkò]	‘coruja’
/u/	[u]	/màkú/	[màkú]	‘pedra’

7) Os fonemas /o/ e /ɔ/

/o/	[o]	/pò/	[màpò]	‘porco’
/ɔ/	[ɔ]	/pɔ/	[pɔ]	‘barriga’

De acordo com os contrastes em ambiente idêntico, /i/, /e/, ε/, /u/, /o/, /ɔ/, /a/ e /i/ são, portanto, fonemas distintos. A seguir, apresentamos o inventário fonológico das vogais⁵²:

alta		i	ĩ	u
média	fechada	e		o
	aberta	ε		ɔ
baixa		a		

Quadro 20: Inventário fonológico das vogais

Após essa análise, representamos a geometria de cada fonema vocálico e os agrupamos em classes naturais na seção seguinte.

⁵² O inventário fonológico proposto por Palácio (1984, p.27) identifica treze fonemas: /a/, /e/, /ε/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/, /ĩ/, /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /ã/ e /ũ/. Em nossa análise, no entanto, consideramos apenas as vogais orais, visto que as vogais nasais ocorrem devido à assimilação do traço de nasalidade (ver seção 4.3).

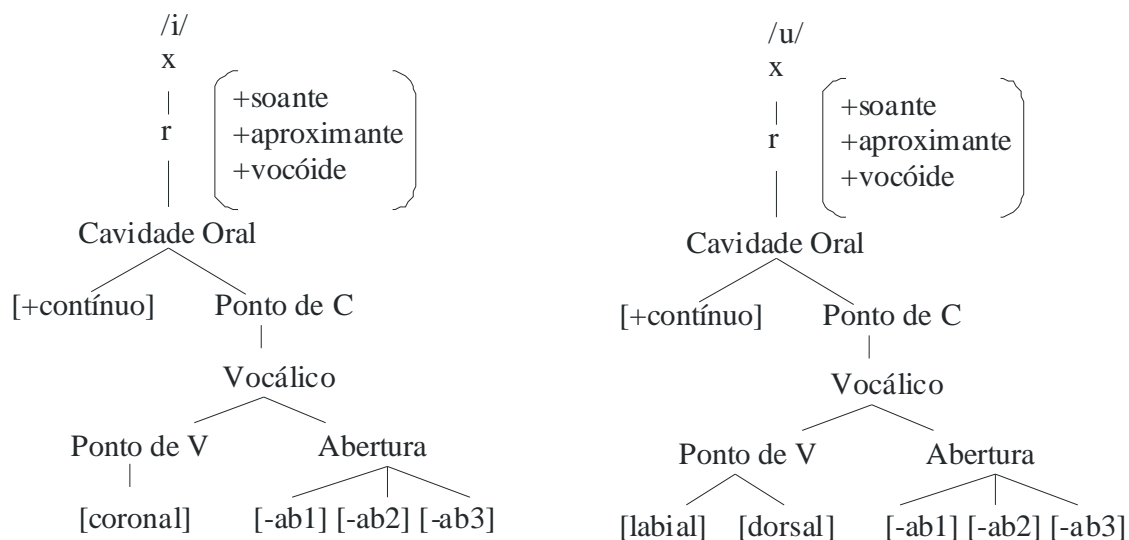
2.2.2 Representação e classes naturais

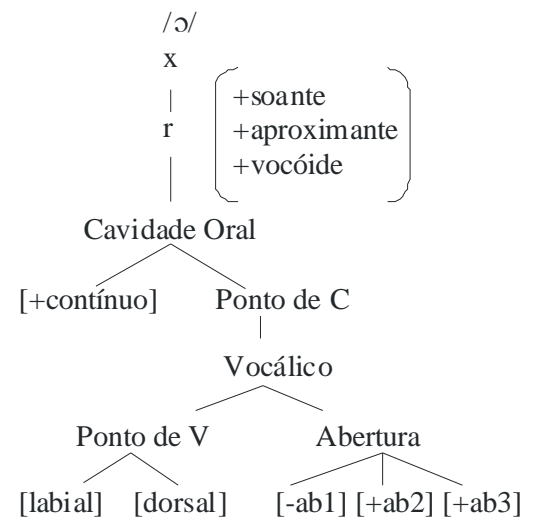
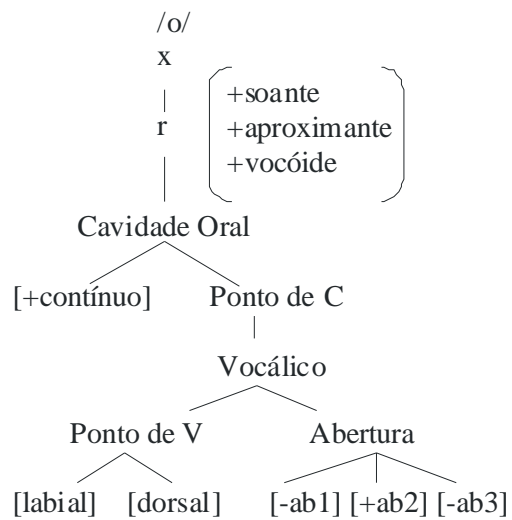
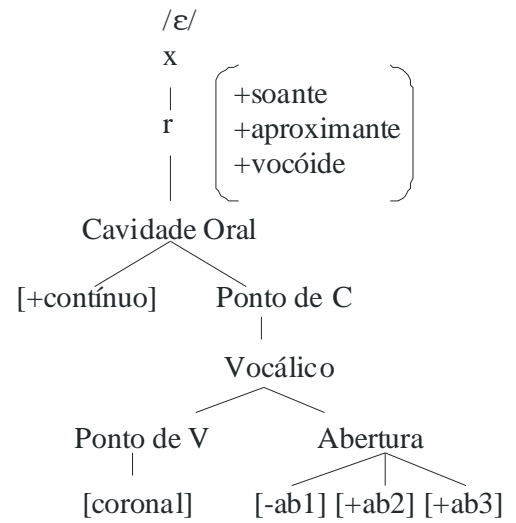
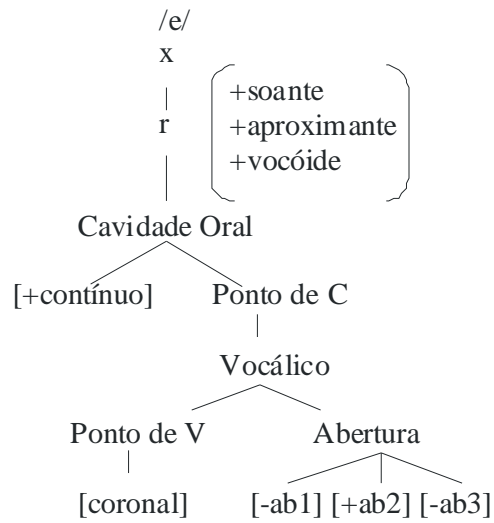
Nesta seção, os fonemas vocálicos foram distintos pelos traços [coronal], [labial], [dorsal] e aberturas [ab1], [ab2], [ab3], de acordo com a proposta de Clements; Hume (1995), no seguinte quadro:

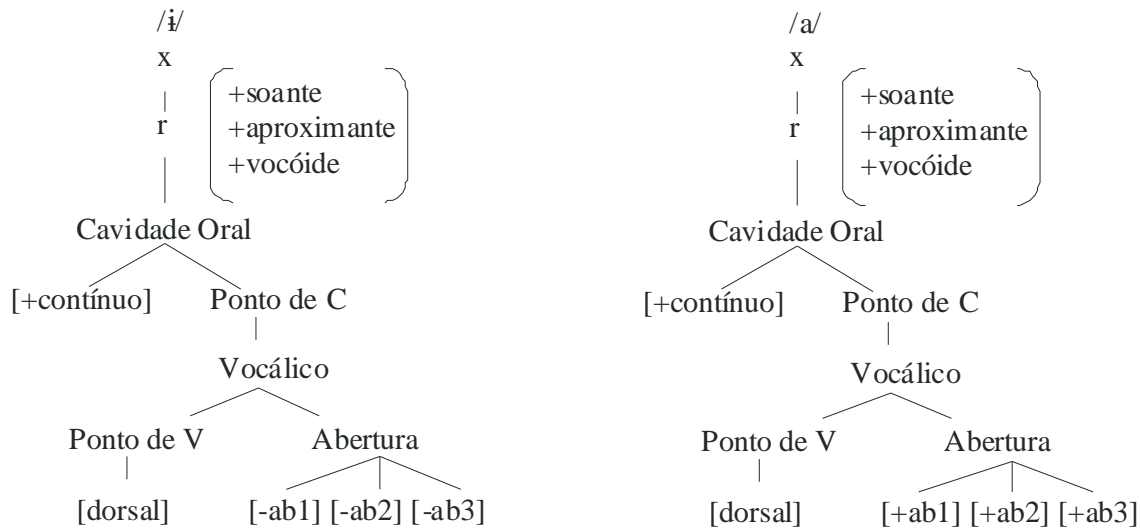
Traços	coronal			dorsal e labial			dorsal	
Abertura	i	e	ɛ	u	o	ɔ	ĩ	a
ab1	-	-	-	-	-	-	-	+
ab2	-	+	+	-	+	+	-	+
ab3	-	-	+	-	-	+	-	+

Quadro 21: Abertura das vogais

A seguir, temos a representação da geometria de cada segmento vocálico:

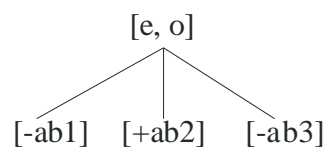
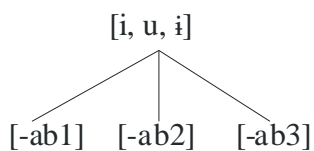




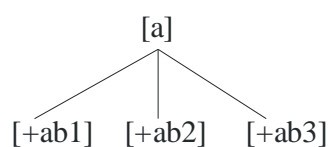
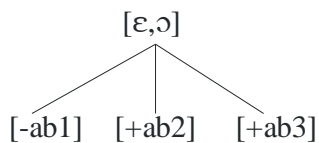


A partir do inventário fonológico (seção 2.2), agrupamos as vogais em quatro classes naturais pelo nó “Abertura” e, ainda, reunimos os segmentos de acordo com o nó “Ponto de V”, utilizando, nas representações apenas os traços relevantes, seguindo o modelo proposto por Clements; Hume (1995), como segue:

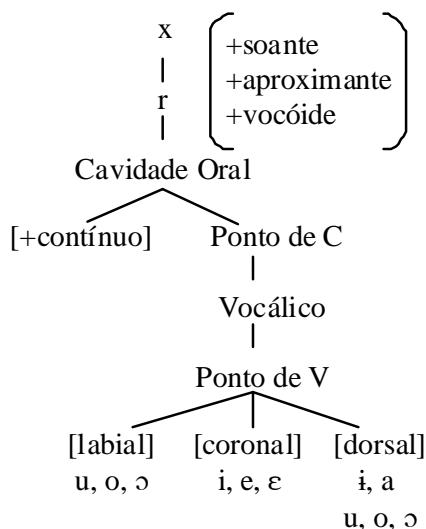
Classes 1 e 2:



Classes 3 e 4:



Vogais agrupadas pelo nó “Ponto de V”:



2.3 Tons

Tipologicamente, as línguas do mundo se distinguem quanto a sua proeminência, caracterizada como sistemas acentuais e/ou tonais, sendo acento e tom não exclusivos entre si (WOO, 1969). Basicamente, as diferenças entre língua tonal e acentual, de acordo com Hyman (1981, p.273-274), são as seguintes:

- 1 - En una lengua acentual la prominencia es *culminativa*; en una tonal, en cambio, es *no culminativa*; isto hace que sólo pueda llevar acento primario una sílaba por palabra en el primer caso, mientras que en el segundo pueden llevar tono A cualquier número de sílabas en una palabra, estando sujetas a las restricciones secuenciales de cada lengua.
- 2 - En una lengua acentual la prominencia es sintagmática; en una lengua tonal la prominencia es paradigmática. Así, en una lengua acentual sólo se destaca una sílaba con acento en cada palabra, mientras que en una lengua tonal cada sílaba lleva tono, escogido a menudo de entre un número de valores contrastivos (por ejemplo, A, M, B) o tipos de prominencia.
- 3 - En una lengua acentual la presencia frente a lo no presencia del acento puede provocar cambios segmentales (por ejemplo, diptongación bajo acento, reducción vocálica por ausencia del mismo, etc.); en cuanto en una lengua tonal las consonantes suelen afectar al tono, pero no al revés.

A língua guató é considerada tonal desde a análise realizada por Palácio (1984, p.33), na qual a autora afirma que há na língua “dois tons que se opõem ao nível da palavra [...] seqüências de tons em pares mínimos, com variadas combinações” (ver seção 1.3.5).

Assim, apresentaremos nas seções seguintes as oposições tonais, os processos de *downdrift* ou *downstep*, algumas considerações sobre a articulação, acústica e espectrogramas obtidos em nossos dados com o auxílio do programa *Praat*.

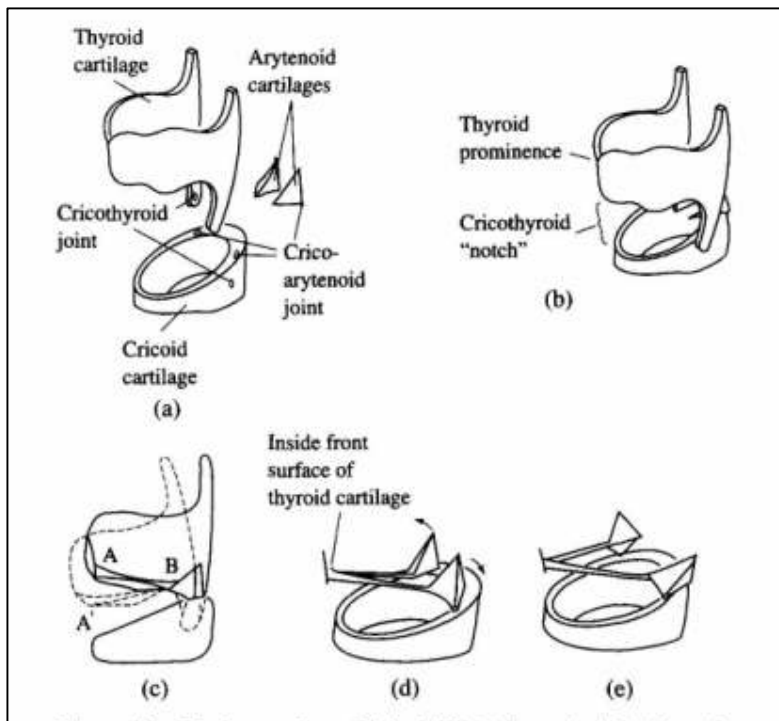
2.3.1 Apontamentos articulatórios e acústicos

Embora as línguas européias e ocidentais (tais como o Inglês, Alemão, Francês, Português e Espanhol) sejam consideradas acentuais, estima-se que 60 a 70% das línguas do mundo são tonais (YIP, 2002, p.1). A maior concentração de línguas tonais situa-se na Ásia e África, sendo uma pequena porção nas Américas, representadas por algumas línguas como o Yatê, Juruna, Guató, entre outras no Brasil.

Weiss (1988, p.70-71) afirma que o “Tom é o nível relativo da altura da voz na emissão de uma sílaba ou de uma palavra”. Segundo a autora:

Cada língua manifesta certa variação tonal na fala. A função do tom varia de língua para língua e ele pode atuar em níveis diferentes. No nível da sílaba, pode distinguir o sentido entre duas palavras. A língua em que ocorre este fenômeno é chamada ‘língua tonal’. O tom faz parte integral da sílaba, ocorrendo geralmente num som silábico no núcleo dela.

Uma língua tonal apresenta características articulatórias bem distintas das línguas acentuais. No que se refere à produção do tom nas línguas, Ohala (1978 *apud* YIP, 2002, p.6) ilustra o movimento que ocorre na laringe:



Quadro 22: Movimento da laringe (OHALA, 1978 *apud* YIP, 2002)

Nas ilustrações de Ohala (1978 *apud* YIP, 2002, p.6):

(a) é uma representação esquemática explodida das cartilagens laríngeas e dos seus movimentos; (b) cartilagens como são fechadas normalmente; (c) maneira da rotação que as cartilagens fazem com as pregas vocais, que AB, aumentem do comprimento, A'B' do tiróide e dos cricóides; (d) posição aduzida das pregas vocais quando as cartilagens dos aritenóides forem inclinadas para dentro e (e) posição sequestrada das pregas vocais quando as cartilagens dos aritenóides forem inclinadas para fora⁵³ (tradução nossa).

No que se refere à acústica do tom, Yip (2000, p.5-6) define a frequência fundamental 'F0' como um termo acústico do sinal por ele mesmo, sendo o *pitch* o termo atribuído à percepção audível desse sinal. A 'F0' é, assim, percebida como alta em *pitch* ou baixa em *pitch*, pois o *pitch* pode ser uma propriedade de sinais da fala ou

⁵³ "The larynx, from Ohala 1978 (a) An exploded schematic representation of laryngeal cartilages and their movements. (b) Cartilages as they are normally joined. (c) Manner of rotation of thyroid and cricoid cartilages which cause vocal cords, AB, to increase in length, A'B. (d) Adducted position of the vocal cords when arytenoids cartilages are tilted inward. (e) Abducted position of the vocal cords when arytenoids cartilages are tilted outwards" (OHALA, 1978 *apud* YIP, 2002, p.6).

não. O tom é, desse modo, definido como um termo linguístico que se refere à categoria fonológica na distinção de palavras e enunciados, sendo utilizado apenas para as línguas nas quais as mudanças na altura do *pitch* são relevantes.

Fox (2000) não considera o *pitch* como um traço fonológico, mas como um traço fonético que possui funções prosódicas de entonação, *pitch accent* e tom. A entonação tem seu domínio na frase ou sentença e sua função é orientar o discurso. O *pitch accent* envolve o uso do *pitch* na função acentual para dar proeminência a um elemento particular. O tom, por sua vez, possui função distintiva lexical ou gramatical como uma propriedade intrínseca, sendo a impressão auditiva produzida pela vibração das cordas vocais, medida pelo número de ciclos por segundo, ou Hertz (Hz) da F0.

No que se refere ao estudo das línguas tonais, de acordo com Fox (2002), não podemos determinar uma frequência fundamental específica para cada tom, pois essas frequências são relativas. Laver (1994, *apud* FOX, 2002) considera como mudança máxima da frequência fundamental em conversação aproximadamente de 50 a 250Hz para homens e 120 a 480Hz para mulheres.

Em Guató, verificamos que a mudança, ou oscilação de *pitch*, entre os tons alto e baixo é um pouco mais que o previsto por Laver (1994, *apud* FOX, 2002), como veremos na próxima seção nas imagens dos spectrogramas de nossos dados.

2.3.2 Oposições tonais

Nesta seção, apresentamos os tons fonéticos e fonológicos encontrados na língua guató.

Ao analisar os nossos dados, verificamos que foneticamente ocorrem os tons alto [´], médio [ˉ], baixo [ˋ], ascendente [ˊ] e descendente [ˋ]. O tom médio ocorre sempre contíguo a um tom alto, como variante do tom baixo em contexto com duas ou mais sílabas e os tons ascendente e descendente ocorrem apenas nos encontros vocálicos⁵⁴. Por exemplo:

/i.pó/	[ipó] ~ [ipó]	‘barriga dele(a)’
/ã.kí.rù/	[àkírù] ~ [ākírù] ~ [àkírū] ~ [ākírū]	‘meu cabelo’

⁵⁴ A realização de tons ascendentes e descendentes corrobora para que o peso silábico seja representado na rima silábica, no mesmo núcleo.

/i.ró.gà/	[írógà] ~ [ĩrógà] ~ [írógā] ~ [ĩrógā]	‘joelho dele(a)’
/vâi/	[vâi]	‘metal’
/já/	[âɛ̀jãđĩ̀nù]	‘meu primo’

No que se refere à distinção de significados, apenas os tons alto e baixo apresentam pares opositivos, sendo, portanto, considerados fonológicos. Enquanto os tons médio [ˊ], ascendente [ˊ̃] e descendente [ˋ] não são fonológicos, ou seja, são apenas realizações fonéticas.

Na análise e sistematização dos dados, adotamos os pressupostos teóricos da fonologia autosssegmental. Assim, os segmentos prosódicos são representados por H (*High* = alto) e L (*Low* = baixo) e atuam na distinção de significado entre as palavras no nível lexical. As distribuições foram realizadas a partir de palavras mono e dissilábicas com os tipos silábicos HH, HL, LH e LL.

Ao analisar os dados do Guató, encontramos seis tipos de oposições tonais:

1) HH vs HL

/ótí/	‘língua, idioma’	vs	/ótì/	‘piranha’
/héká/	‘patrão’	vs	/hékà/	‘pressa’

2) HH vs LH

/íkí/	‘panela’	vs	/ìkí/	‘esteira’
/máda/	‘jararacuçu’	vs	/màdá/	‘árvore’

3) HH vs LL

/mábó/	‘jurití’	vs	/màbò/	‘pé’
/mátá/	‘chifre’	vs	/màtà/	‘fogo’

4) HL vs LH

/mák ^w ò/	‘macaco’	vs	/màk ^w ó/	‘machado’
/mákì/	‘carcará’	vs	/màkí/	‘cabelo, pena’

5) HL vs LL

/gógì/	‘água’	vs	/gògì/	‘banha’
/mákì/	‘carcará’?	vs	/màkì/	‘capivara’

6) LH vs LL

/màbó/	‘fumo’	vs	/màbò/	‘pé’
/màgí/	‘planta’	vs	/màgì/	‘banha’

Embora apresentamos tons pontuais em nossos dados, uma língua tonal possui processos fonológicos que abaixam um tom alto ou elevam um tom baixo, formando uma sequência prosódica harmoniosa. Yip (2002) afirma que, em alguns casos, a fonologia determina fatores como extralinguísticos, no entanto, em outros, a representação fonológica pode também afetar a mudança do *pitch*. Assim, em várias línguas o *pitch* é abaixado depois de um tom alto ou, então, o tom alto subsequente é abaixado no *pitch* que processa o tom alto em baixo. Esse tipo de processo é conhecido por *downdrift* ou *downstep* e, embora seja muito comum, não é considerado um universal linguístico.

Em guató, esse processo é muito produtivo e ocorre em muitos de nossos dados, como no sexemplo a seguir:

1) Em /àhékárù/ ‘meu chefe’, as sílabas mediais [hé] e [ká] sofrem abaixamento em *pitch*, processando o tom alto em médio. No entanto, essas alterações são apenas fonéticas e não comprometem o significado da sentença, assim temos:

$$\begin{array}{ccccccc} & - & - & & - & - & - \\ - & & - & - & - & - & - \\ [\grave{a}.h\acute{e}.k\acute{a}.r\grave{u}] & \sim & [\grave{a}.h\acute{e}.k\bar{a}.r\grave{u}] & \sim & [\grave{a}.h\bar{e}.k\acute{a}.r\grave{u}] & & \text{‘meu chefe’} \end{array}$$

2) Em /mòtáfá.dzá/ ‘cobra’, a sílaba [mò] sofre um aumento em *pitch*, processando o tom baixo em médio e a sílaba [dzá] sofre redução do *pitch*, processando o tom alto em médio. Essas alterações, no entanto, não alteram o significado da palavra:

$$\begin{array}{ccccccc} & - & - & & - & - & - \\ - & & - & - & - & - & - \\ [m\grave{o}.t\acute{a}.d\acute{z}\acute{a}] & \sim & [m\bar{o}.t\acute{a}.d\acute{z}\acute{a}] & \sim & [m\bar{o}.t\acute{a}.d\acute{z}\acute{a}] & & \text{‘cobra’} \end{array}$$

De acordo com Pike (1948), uma língua tonal é definida pela presença ou ausência de um tom relativo (ou mais) por sílaba. O tom pode ser de nível (registro ou pontual: alto, médio, baixo) ou de *glide* (conhecido por melódico, contorno ou tom de curva: ascendente, descendente) e o sistema tonal da língua pode ser classificado em:

- 1) Sistema de contorno, em que *glides* contrastam e constituem unidades tonêmicas;
- 2) Sistema de registro, em que tons de nível contrastam e constituem unidades tonêmicas;

- 3) Sistema misto: de registro e de contorno,
- 4) Sistema de registro, com ocorrência de glides como variantes de tons de registro

Ao analisar os dados da língua guató, de acordo com Pike (1948), verificamos que a língua guató pode ser classificada como uma língua tonal com sistema de registro (item 4), com ocorrência de glides como variantes de tons de registro, conforme a descrição apresentada.

Sobre a realização do acento, apresentamos, a seguir, algumas considerações, interpretando sua realização como previsível, sendo, portanto, fonético. Para a análise do acento, faz-se necessário, ainda, uma análise mais aprofundada sobre a questão. Por enquanto, limitamo-nos a descrição das ocorrências observadas:

- 1) Quando as palavras possuem os tons alto e baixo, o acento coincide com o tom alto:

/ídʒì/	[íʒì]	‘acuri’
/àtʃó/	[àtʃó]	‘anhuma’

- 2) Quando as palavras possuem mais de um tom alto, o acento ocorre na última sílaba:

/béhé/	[béhé]	‘açúcar’
/éví/	[éví]	‘bem-te-vi’

- 3) Quando palavras não possuem tom alto, o acento ocorre na primeira sílaba:

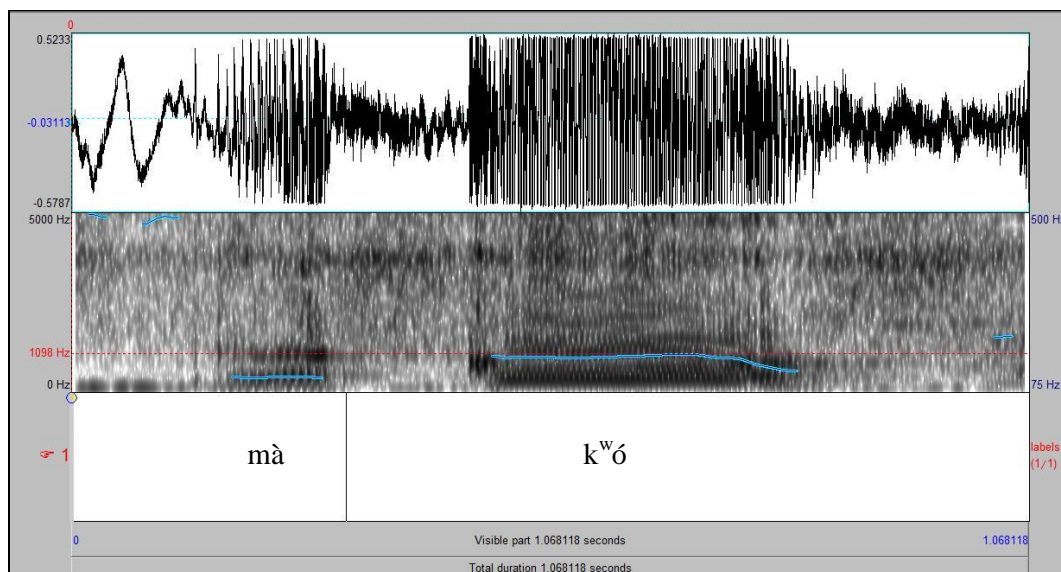
/tògà/	[tògà]	‘arara amarela’
/kàrì/	[kàrì]	‘cílios’

Na seção seguinte, apresentamos algumas considerações sobre as características articulatorias e acústicas das línguas tonais.

2.3.3 Espectrogramas

Nesta seção, apresentamos alguns comentários sobre os espectrogramas de nossos dados, obtidos com o auxílio do programa *Praat*. As imagens apresentadas nos quadros trazem a forma de onda, o espectrograma e a transcrição fonética da palavra, separada em sílabas, juntamente com a frequência fundamental (F0) e os valores em Hertz (Hz).

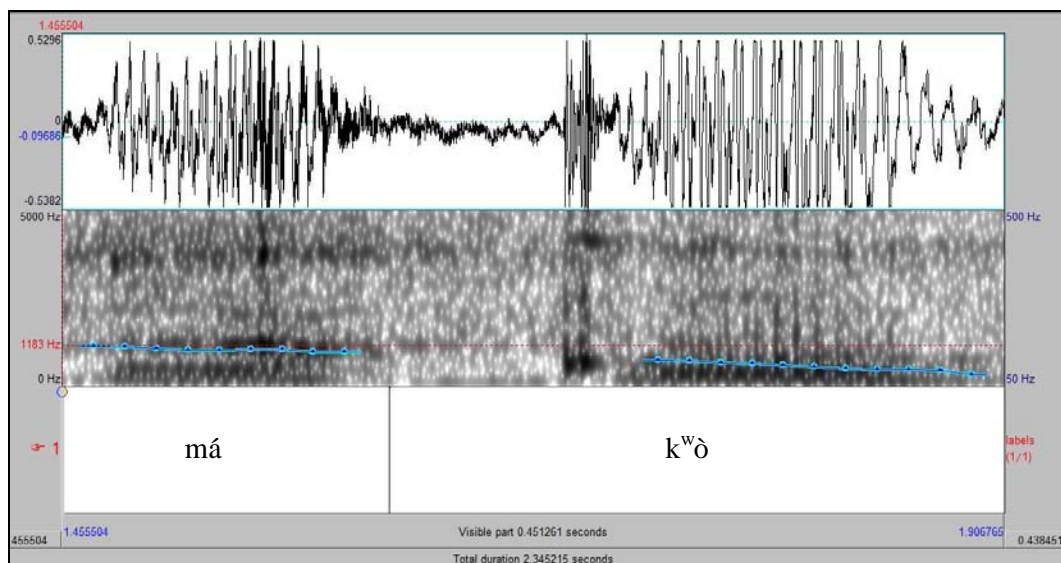
1) Na fala masculina, em [màk^wó] ‘machado’, a F0 da primeira sílaba foi de 513 Hz e a segunda de 1098 Hz, uma oscilação considerável de 585 Hz. Embora esses valores frequenciais sejam relativos, não fixos, a pronúncia exige esse tipo de oscilação de *pitch*, ou seja, a primeira sílaba é pronunciada com tom baixo e a segunda com tom alto.



Quadro 23: Espectrograma da glosa ‘machado’

Para comparação, apresentamos o próximo espectrograma, que possui primeiramente uma sílaba com tom alto e em seguida a outra com o tom baixo, nas mesmas vogais, formando um novo significado.

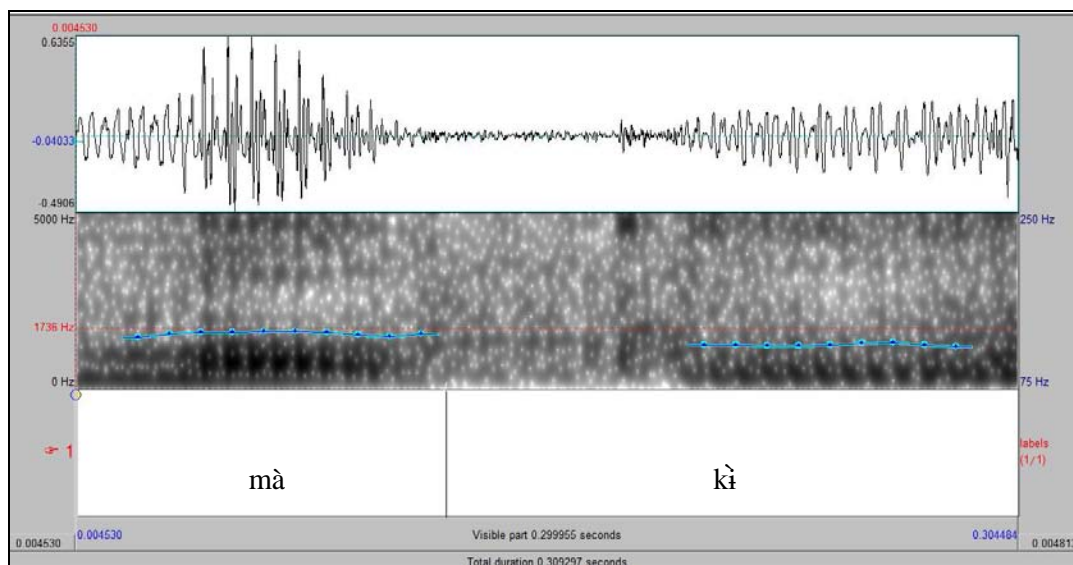
2) Na fala masculina, em [mák^wò] ‘macaco’, a F0 da primeira sílaba foi de 1183 Hz e a segunda de 702 Hz, uma oscilação considerável de 481 Hz. Assim, a primeira sílaba é pronunciada com tom alto e a segunda com tom baixo.



Quadro 24: Espectrograma da glosa ‘macaco’

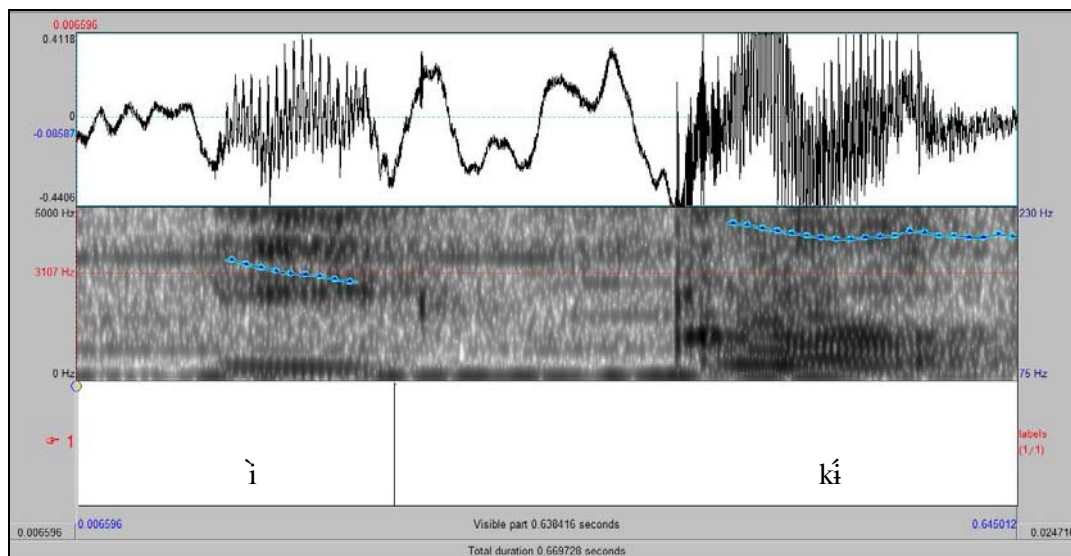
Ao comparar as oscilações entre os tons alto e baixo na fala masculina, percebemos que a língua guató diferencia-se um pouco do proposto por Laver (1994, *apud* FOX, 2002), que previa uma mudança estimada de 50 a 250 Hz. Embora as oscilações em Guató ultrapassem o estimado pelo autor, notamos que a oscilação mantém o parâmetro de 300 a 600 Hz. Para exemplificação da fala feminina, apresentamos os próximos exemplos.

3) Na fala feminina, em /màkì/ ‘capivara’, a F0 da primeira sílaba foi de 1736 Hz e a segunda de 1424 Hz, uma oscilação de 312 Hz. Assim, a primeira sílaba possui tom alto e a segunda tom baixo.



Quadro 25: Espectrograma da glosa ‘capivara’

4) Na fala feminina, em /ikí/ ‘cabelo’, a F0 da primeira sílaba foi de 3107 Hz e a segunda de 4094 Hz, uma oscilação de 987 Hz. Temos, portanto, a primeira sílaba com tom baixo e a segunda com tom alto.



Quadro 26: Espectrograma da glosa ‘cabelo’

Na fala feminina, ao comparar as oscilações entre os tons alto e baixo, notamos que a língua guató oscila entre 300 e 1000 Hz, um pouco mais que o proposto por Laver (1994, *apud* FOX, 2002) que é de 120 a 480 Hz para mulheres.

Temos portanto, na língua guató, um padrão aproximado de oscilação de *pitch* entre a fala masculina e feminina. Embora os valores frequenciais obtidos em nossos dados ultrapassem os propostos por Laver (1994, *apud* FOX, 2002), esses não são aleatórios, pois mantêm uma oscilação de *pitch* suficiente para garantir dois níveis tonais na fala masculina e feminina.

III ESTRUTURA SILÁBICA

O estudo da sílaba como um constituinte fonológico tem merecido, atualmente, a atenção dos linguistas na descrição de línguas, em especial, as indígenas. Nesta seção, tratamos da importância da sílaba como uma unidade fonológica, sua estrutura interna e uma análise para a sílaba da língua guató.

3.1 A sílaba como unidade fonológica

Apesar de a teoria proposta por Chomsky e Halle (1968) não haver abordado a sílaba como uma unidade descritiva, Hooper (1972) foi a primeira a propor o reconhecimento dessa unidade, considerando a sílaba como um domínio de aplicação das regras fonológicas. Posteriormente, Vennemann (1972), Hooper (1976) e Kahn (1976) discutiram sobre a importância de delimitar a sílaba como uma unidade fonológica de análise. Desde então, diversos pesquisadores têm se dedicado ao estudo da sílaba e suas implicações, como também do papel desempenhado por ela na fonologia das línguas naturais. Segundo Blevins (1995, p.207):

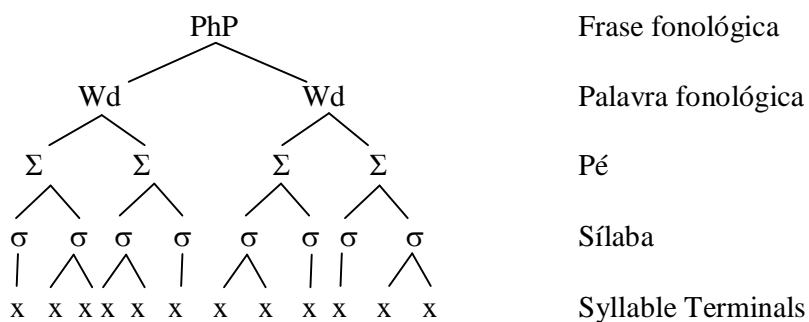
[...] o primeiro argumento para a sílaba como um constituinte fonológico deriva-se do fato de que há os processos e/ou restrições fonológicas que tomam a sílaba como seu domínio de aplicação. Tais regras e restrições são sensíveis a um domínio maior que o segmento, menor do que a palavra, e contenha exatamente um pico de sonoridade⁵⁵ (tradução nossa).

O estudo da sílaba leva em consideração, também, a intuição que o falante nativo possui de sua língua. Ewen; Hulst (2001, p.122) afirmam que:

⁵⁵ The first argument for the syllable as a phonological constituent derives from the fact that there are phonological processes and/or constraints which take the syllable as their domain of application. Such rules and constraints are sensitive to a domain that is larger than the segment, smaller than the word, and contains exactly one sonority peak (BLEVINS, 1995, p.207).

Embora seja claro que há uma unidade que os falantes nativos reconhecem como uma sílaba, nós ainda temos que demonstrar que isso é exigido na análise fonológica. Um tipo de evidência envolve a habilidade do falante nativo de julgar se uma cadeia arbitrária de segmentos é ou não uma palavra possível na língua. Como mostraremos, esta habilidade depende fundamentalmente do fato de que o falante nativo pode somente atribuir uma organização silábica bem-formada a uma cadeia de segmentos se a cadeia em questão é uma palavra possível da língua⁵⁶ (tradução nossa).

Nos estudos de prosódia, a sílaba (σ) está hierarquicamente relacionada com o pé métrico e os segmentos (syllable terminals) na ‘Hierarquia Prosódica Universal’:



A proposta de uma ‘hierarquia prosódica’ foi apresentada primeiramente por Selkirk (1980), para quem as moras ocupam a posição dos segmentos, como segue:



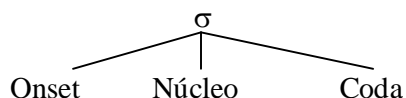
⁵⁶ Although it is clear that there is a unit which native speakers recognise as a syllable, we still have to demonstrate that it is required in phonological analysis. One kind of evidence involves the native speaker’s ability to judge whether or not an arbitrary string of segments is a possible word in the language. As we will show, this ability hinges crucially on the fact that the native speaker can only assign a well-formed syllabic organization to a string of segments if the string in question is a possible word of the language (EWEN; HULST, 2001, p.122).

Não pretendemos discutir as hierarquias de representação prosódica. Essas representações apenas corroboram a importância da sílaba como domínio das generalizações fonológicas presentes nas línguas.

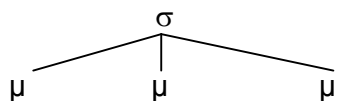
Em relação à estrutura interna da sílaba, Kentowicz (1994) considera o núcleo como constituinte obrigatório na formação da base, em seguida o ataque e, posteriormente, a coda.

Há pelo menos quatro tipos de representações para os subconstituintes que compõem a sílaba:

1) *Flat structure*⁵⁷: esse modelo considera a sílaba como um conjunto de três elementos dispostos com a mesma relevância. Os pressupostos são de Hockett (1955), Haugen (1956), Kahn (1976) e Clements; Keyser (1983). O modelo é representado da seguinte forma:



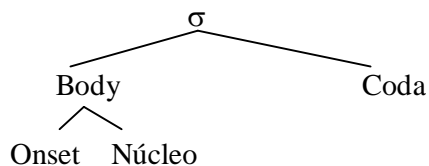
2) *Moras*: nesse modelo, considera-se que uma sílaba consiste de $C_0\mu(\mu)C_0$ como constituintes. O modelo foi proposto por Hyman (1985), McCarthy; Prince (1986) e Hayes (1989). A representação do modelo está a seguir:



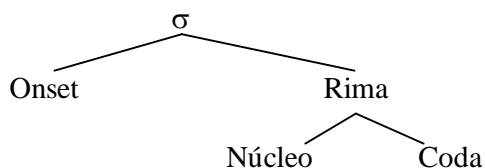
3) *Binary branching with body*⁵⁸: esse modelo apresenta *body* composto por *onset* e núcleo, estabelecendo uma relação de hierarquia e proximidade entre os elementos e distanciamento da coda. Os precursores desse modelo são McCarthy (1979) e Vennemann (1988). A seguir, a representação arbórea:

⁵⁷ Estrutura chata ou plana, ou seja, sem hierarquia (tradução nossa).

⁵⁸ Estrutura com ramificação binária (tradução nossa).



4) *Binary branching with rime*⁵⁹: esse modelo apresenta a rima composta por núcleo e coda, diferentemente da hierarquia proposta em (3). Esse modelo é estrutural e baseia-se em Pike; Pike (1947), Kurylowicz (1948), Fudge (1969), Halle; Vergnaud (1978), Selkirk (1982) e outros. A seguir, a representação:



Em nossa pesquisa, adotamos o modelo (4), por melhor representar o peso silábico na rima, pois em Guató há a hipótese de que o núcleo silábico pode ter sido ramificado em algum momento da história, pois nos estudos anteriores temos dados com elementos consonantais na coda. Outro fator importante é que a rima pode conter tons no núcleo e na coda, formando tons de contorno ascendente e descendente nos encontros vocálicos. Assim, esse modelo representa melhor o peso silábico na rima e satisfaz os objetivos propostos desta pesquisa.

3.2 A sílaba em Guató

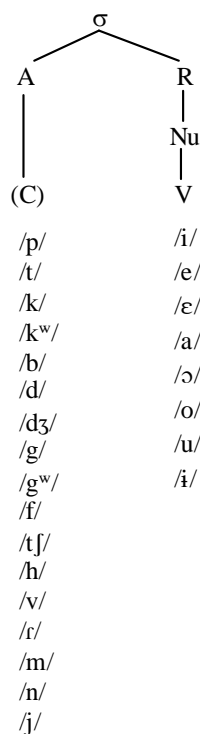
A partir do inventário fonológico proposto para as consoantes e vogais (ver seções 2.1 e 2.2), apresentamos uma análise para os padrões silábicos que se realizam em Guató.

Em nossos dados, cada sílaba fonológica possui um núcleo constituído por um segmento vocálico (V) obrigatoriamente e a posição de ataque é opcional, sendo

⁵⁹ Ramificação binária com rima (tradução nossa).

preenchida por uma consoante (C). Este, portanto, é um padrão universal CV, proposto na classificação de Clements; Keyser (1983). Não há preenchimento da posição de coda⁶⁰, sendo representado por vazio (\emptyset) ou não representado. Assim, há dois tipos de sílabas fonológicas em Guató: CV e V, que podem ser representados na regra geral (C)V⁶¹.

As sílabas fonológicas podem ser representadas em um molde silábico, com a distribuição dos segmentos vocálicos e consonantais. Em Guató, temos o seguinte molde:



3.2.1 Distribuição de sílabas na palavra

Em Guató, sílabas do tipo V podem constituir palavra isolada, no entanto é rara. O tipo silábico CV é mais produtivo e constitui a maior parte das palavras em

⁶⁰ Ver seção 3.2.4 sobre possíveis codas silábicas em estágios anteriores da língua guató.

⁶¹ Embora sejam os mesmos padrões silábicos apontados por Palácio (1984), em nosso trabalho, apresentamos uma configuração baseada na fonologia autosssegmental.

Guató, exceto com os segmentos /r/ e /g^w/, que ocorrem apenas nas posições medial e final de palavra, não sendo encontrados na posição inicial. A seguir, apresentamos alguns exemplos de distribuição das sílabas V e CV em palavras simples:

V	/ĩ/	[ĩ]	‘anta’
CV	/dá/	[dá]	‘árvore’
	/tjê/	[tjê]	‘asa’
	/k ^w á/	[k ^w á]	‘dente’

Embora Schmidt (1942, p.204) tenha afirmado que “o idioma guató é em geral uma linguagem monossilábica”, pressupondo afixos, encontramos, em muitos de nossos dados, palavras simples com duas e três sílabas. Por exemplo:

V.CV	/ĩ.vé/	[ĩvé]	‘beija-flor’
	/á.dá/	[áda]	‘cobra jararacuçu’
	/ĩ.dʒì/	[ĩdʒì]	‘acuri (coco)’
	/ĩ.vó/	[ĩvó]	‘curimba (peixe)’
CV.CV	/pí.nù/	[pínù]	‘barro’
	/dì.mé/	[dìmé]	‘tia’
	/tó.rí/	[tórí]	‘testa’
	/bá.pà/	[bápà]	‘pai’
V.CV.CV	/ò.kí.rà/	[òkírà]	‘vamos’
	/ĩ.ká.nà/	[ĩkánà]	‘arancuã (ave)’
	/ò.tjá.dá/	[òtjadá]	‘Boca-de-sapo (cobra)’
	/ũ.vé.dà/	[ũvédà]	‘cupari (coco)’

No que se refere às sequências vocálicas, em Guató ocorrem tanto em palavras simples como na junção de morfemas. Por exemplo:

V.V	/á.ê/	[áê]	‘biguá’
V.V.CV	/à.ò.vì/	[àòvì]	‘caminho, estrada’
CV.V.CV	/vé.à.kú/	[véàkú]	‘pedra de gelo (granizo)’
	vé-à.kú (chuva-pedra)		

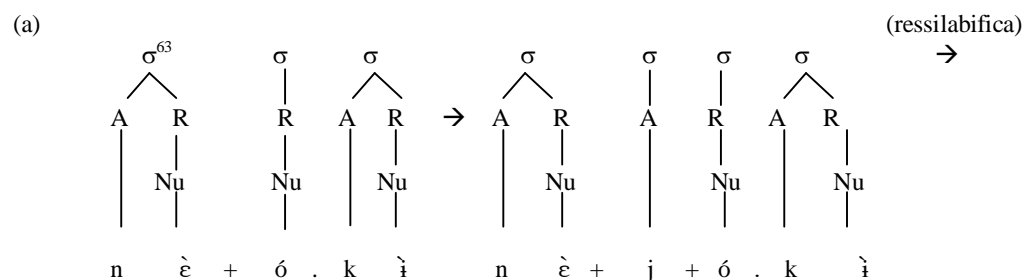
CV.V.CV.CV /g^wá-ó.g^wà-jó/
 g^wá-ó.g^wà-jó
 (1obj-lavar-1suj) [g^wáóg^wájó] ‘eu estou me lavando’

Porém, algumas sequências vocálicas não foram encontradas em nossos dados, são elas: *èó, *èá, *èè. Para a realização dessas vogais em palavras da língua guató há inserção de segmentos, ocorrendo a ressilabificação, descrita adiante.

3.2.2 Ressilabificação

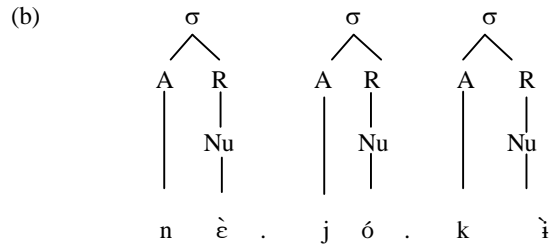
Como dissemos anteriormente, na seção 3.2, o padrão silábico mais produtivo na língua guató é o tipo CV. Em nossos dados, verificamos que após os processos morfofonológicos⁶² ocorre a ressilabificação, que privilegia o tipo silábico CV.

No primeiro exemplo, temos os morfemas *nè*- ‘3sg’ e *ókì* ‘lavar’ formando a palavra [nèjókì] ‘ele lava’. Podemos observar que nesta formação insere-se o segmento [j], formando uma sílaba CV com a consoante epentética [j] e a primeira vogal do morfema seguinte. Tal processo passa pela seguinte ressilabificação:

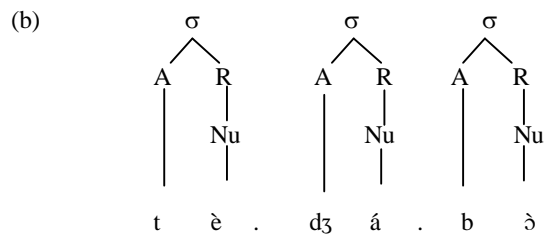
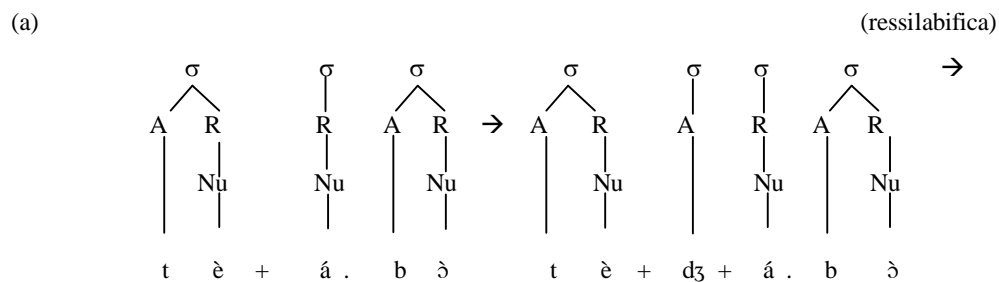


⁶² Os processos fonológicos e morfofonológicos estão descritos no capítulo IV.

⁶³ Nas representações, “σ”, “A”, “R” e “Nu” correspondem, respectivamente, a “sílaba”, “ataque ou onset”, “rima” e “núcleo”.

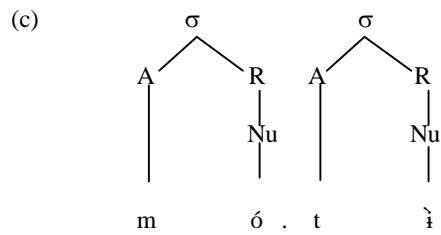
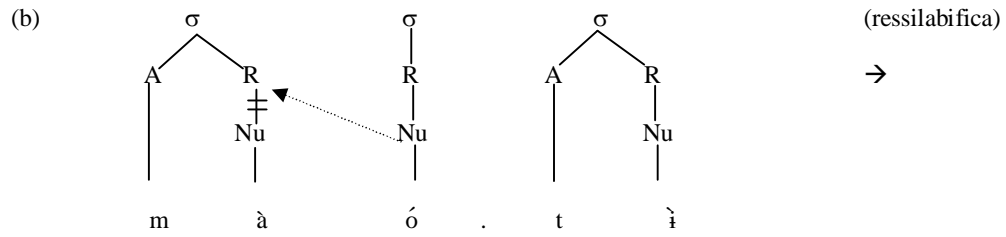
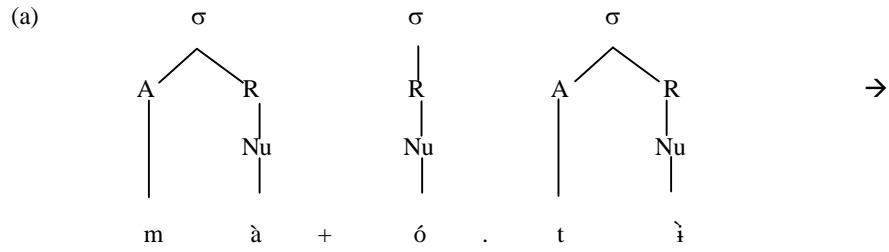


No segundo exemplo temos os morfemas *tè-* ‘unha’ e *ábò* ‘pé’ formando a palavra [tèdʒábò] ‘unha do pé’. Neste caso, temos a inserção do segmento [dʒ] para formar uma sílaba do tipo CV, novamente com a consoante epentética e a vogal do morfema seguinte. Tal processo passa pela seguinte ressilabificação:

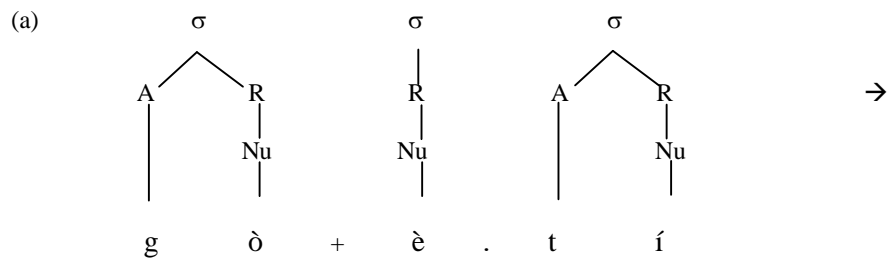


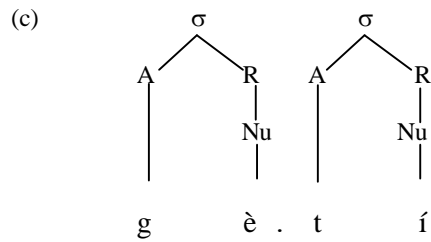
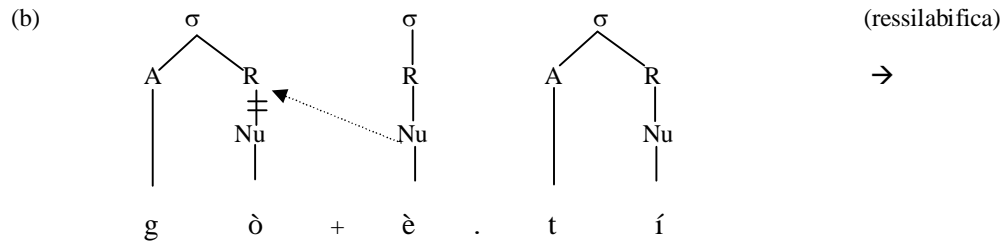
Os exemplos terceiro e quarto abordam os morfemas *mà-* e *gò-*. Ambos os prefixos possuem tom baixo e sofrem perda da vogal diante de radicais iniciados por vogal, ou seja, sofrem o processo fonológico de elisão e a palavra passa por uma ressilabificação.

No terceiro exemplo, então, temos *mà-* ‘det’ e *ótĩ* ‘piranha’ para formar a palavra [mótĩ] ‘(a) piranha’. Neste caso, temos a seguinte ressilabificação.

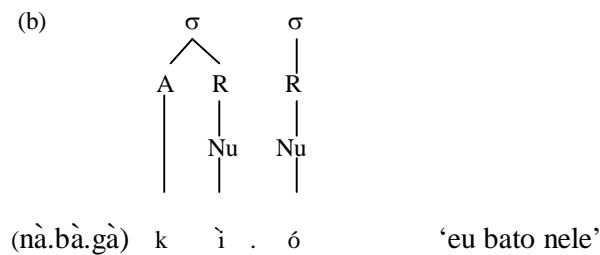
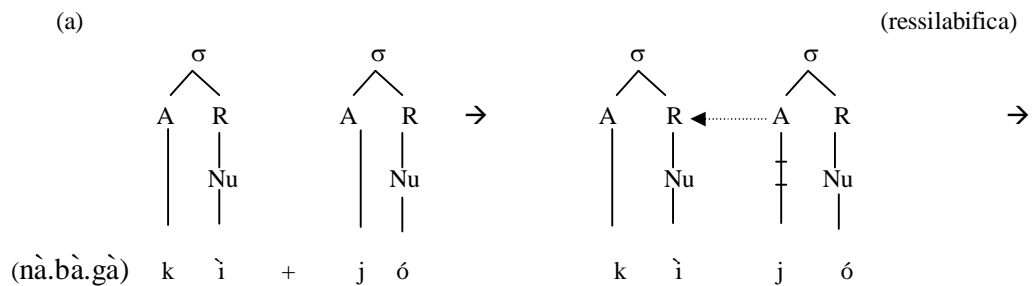


No quarto exemplo, temos os morfemas *gò-* ‘det’ e *ètí* ‘criança’ formando a palavra [gètí] ‘(a) criança’. Então, o prefixo perde a vogal [o] ocorrendo a ressilabificação da seguinte forma:





O próximo e último exemplo, trata da elisão de /j/ diante de vogal anterior alta [i]. Os morfemas *nà-* ‘3p.obj’, *bà.gá.kì* ‘bater’ e *-jó* ‘1p.suj’ formam a sequência [nàbàgàkì] ‘eu bato nele’, ocorrendo a ressilabificação, como segue:



De acordo com os exemplos apresentados, vimos, portanto, que a língua guató tende a evitar sequências do tipo CV.V, ou seja, a rima em Guató não permite

dois elementos no núcleo e dissocia um dos segmentos (idênticos ou não) pelo processo de elisão ou, então, insere [j] ou [dʒ] para reestruturar as sílabas, de modo que se tenha sequências silábicas de tipo CV. Assim, podemos postular que nesta língua há uma tendência para manter o padrão silábico CV, salvo em raras exceções, como veremos na próxima seção.

3.2.3 Considerações sobre a coda silábica

Assim como Palácio (1984), também atestamos que os padrões silábicos CV e V são os mais produtivos na língua guató. No entanto, de acordo com os dados de estudos anteriores há algumas evidências de codas silábicas, o que torna possível considerar os padrões silábicos VC e CVC em estágios anteriores dessa língua.

Ao analisar a posição de coda silábica nos registros de estudos anteriores, encontramos as seguintes consoantes: m, n, r, l, c, ʔ, ng, s, y. A seguir, apresentamos um quadro com as ocorrências encontradas:

codas	exemplos	glosas	autores
m	tchou m	três	CAST ⁶⁴
	ts'u.mo. im .bó	treze	SCHM
	ca.i.o.pu m	muito	ROND
	ō m .bǐʔ	response	WILS
	má.tu m	ema	PDIC
n	me.gen.ti	peixe	CAST
	mun.do.kuír	cabeça	SCHM
	ma.gi.cón	rio	ROND
	dūn.dzǐ.kēʔ.tà.kwà.yā.ì.bō	vinte	WILS
	bo.rrú.tēn	gralha verde	PDIC
r	ma.dor	árvore	CAST
	(ma).kír	cabelo	SCHM
	mú.for.xá	bicho de coco	PDIC
c	mac.po	macaco	CAST
	mac-hê	revolução	ROND
l	ma.chil	flechas	CAST
ʔ	mā.kú ·djiʔ	palha	WILS
gn	dīgñ gá.i jō.nī	hoje	WILS
ng	ky.ra ma.reng	vamos lá	PDIC
s	dys.té	titio	PDIC
y	ma.tô.xé.vay	facão	PDIC

Quadro 27: Comparação de codas silábicas II

Ao analisarmos os dados do quadro, contrapondo-os com os nossos, as consoantes *m*, *n*, *ng*, *gn* podem ser interpretadas como traço fonético ou fonológico de nasalidade nas vogais (ver seção 4.3), sem o preenchimento da coda. Por exemplo:

CV	/gíN/	[gí]	‘água’
V.CV	/ó.k ^w éN/	[ók ^w é]	‘bugio’

⁶⁴ Abreviaturas: CAST – CASTELNAU (1851), SCHM – SCHMIDT (1905), ROND – RONDON (1938), WILS – WILSON (1959), PDIC – PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ (2002).

V.CV.CV	/è.gáN.tí/	[ègétí]	‘peixe’
V.CV.CV	/ò.k ^h á.nà/	[òk ^h énà]	‘mutum’
CV.CV	/tjú.mù/	[tjúmù]	‘três’
CV.CV	/dú.nì/	[dúnì]	‘dois’

Sobre a realização da glotal [ʔ], esta só ocorre em fim de palavra ou sentença, já o <y> varia com a vogal anterior alta [i]. Assim, esses segmentos são considerados apenas realizações fonéticas. Já para as demais consoantes <l>, <c>, <r> e <s>, apresentamos as seguintes hipóteses:

1) É possível que em um estágio anterior da língua guató essa posição de coda possuía um status fonológico, que com o tempo, deixou de ser relevante. Embora não dispomos de dados suficientes para comparação, temos dois itens que podem ser interpretados como resquícios de preenchimento da posição de coda, são eles:

[s]	[ístúnù]	‘umbigo’
[ɰ]	[ìòdòk ^w íɰ]	‘cabeça dele(a)’

2) Provavelmente, as ocorrências com coda são interferências, com base na ortografia da língua de origem dos autores, ou então, interferências das línguas que estiveram em contato com a língua guató em um determinado período do tempo.

Até o momento, essas são as hipóteses que podemos traçar a respeito do preenchimento da coda silábica, limitando-nos a apresentar algumas considerações. Para conclusões mais precisas, são necessários ainda mais estudos e uma sistemática comparação entre os estudos anteriores e dados atuais. Como tal investigação ultrapassa os objetivos desse trabalho, seguiremos com a análise dos processos fonológicos da língua guató.

IV PROCESSOS FONOLÓGICOS E MORFOFONOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos uma descrição dos processos fonológicos e morfofonológicos encontrados na língua guató, são eles: elisão de vogais, epêntese de [j] e [dʒ], nasalidade e assimilação nasal, descritos nas seções seguintes.

4.1 Elisão

Em Guató, o processo de elisão, ou apagamento, é muito produtivo e ocorre com os núcleos silábicos dos morfemas *mà-* e *gò-* e, também, com a aproximante [j] diante de vogal anterior alta [i] pelo Princípio do Contorno Obrigatório (PCO).

O morfema *mà-* não possui uma tradução, ele é utilizado para indicar que o radical encontra-se isolado da sentença (ou descontextualizado), sendo classificado como um determinante ('det'), de acordo com Palácio (1984).

Quando este morfema *mà-* é inserido diante de radicais iniciados por consoantes, permanece como [mà-]. Por exemplo:

mà-gǝ	(det-água)	[màgǝ]	'água'
mà-tʃámù	(det-arroz)	[màtʃámù]	'arroz'
mà-tʃé	(det-flecha)	[màtʃé]	'flecha'
mà-ʃágà	(det-arara vermelha)	[màʃágà]	'arara vermelha'

Porém, quando este morfema é inserido diante de radicais iniciados por vogal, realiza-se como [m-] com perda da vogal [à] de tom baixo. Por exemplo:

mà-ítè	(det-abóbora)	[mítè]	'abóbora'
mà-évè	(det-aririnha)	[mévè]	'aririnha'
mà-óvì	(det-casa)	[móvì]	'casa'
mà-ìvó	(det-curimba)	[mìvó]	'curimba (peixe)'

A única exceção encontrada em nossos dados foi com a palavra que designa ‘anta’. Nesse item, o morfema *mà-*, mesmo diante da vogal [i], não sofre elisão e ocorre como [mà-]. Por exemplo:

mà-í	(det-anta)	[màí]	‘anta’
------	------------	-------	--------

O morfema *gò-*, por sua vez, também não possui uma tradução e é classificado como um determinante (PALÁCIO, 1984). Este morfema se afixa quando o radical pertence a um sintagma (contexto). Por exemplo:

nò-gò-gǐ	(3sg-det-água)	[nògògǐ]	‘ele bebe água’
rì-gò-g ^w ák ^w à	(carne-det-pacu)	[rìgòg ^w ák ^w à]	‘carne de pacu (peixe)’
rì-gò-pò	(carne-det-porco)	[rìgòpò]	‘carne de porco’

No entanto, quando *gò-* é inserido diante de radicais iniciados por vogal, esse morfema realiza-se como [g-] com perda da vogal [ò] de tom baixo. Por exemplo:

rì-g-ìré	(carne-det-bagre)	[rìgìré]	‘carne de bagre (peixe)’
rì-g-ékì	(carne-det-coelho)	[rìgékì]	‘carne de coelho’
rì-g-ìkó	(carne-det-jacaré)	[rìgìkó]	‘carne de jacaré’

A exceção encontrada em nossos dados foi, novamente, com a palavra que designa ‘anta’. Assim como ocorre com o prefixo *mà-*, também ocorre com o prefixo *gò-*, ou seja, embora [i] seja vogal, o morfema não sofre elisão e realiza-se como [gò-]. Por exemplo:

rì-gò-í	(carne-det-anta)	[rìgòí]	‘carne de anta’
---------	------------------	---------	-----------------

Sobre a elisão da aproximante /j/, na “Geometria de traços” os segmentos [i] e [j] são considerados semelhantes e se diferenciam conforme a posição silábica que ocorrem. Em nossos dados, a elisão de /j/ diante de /i/ foi analisada como uma tendência que a língua guató possui em não permitir que segmentos semelhantes se realizem em sequência. Este tipo de restrição fonológica é definido por McCarthy

(1986 *apud* Clements; Hume 1995, p.264) como “Princípio do contorno obrigatório (PCO): elementos idênticos adjacentes são proibidos”⁶⁵ e ocorre em dados como:

nà-kì-jó	(3obj-pescar-1sg)	[nàkìó]	‘eu pesco ele (peixe)’
nà-bà.gá.kì-jó	(3obj-bater-eu)	[nà.bà.gá.ki.ò]	‘eu bato nele’

Nesta seção, portanto, vimos que o processo de elisão ocorre como forma de reestruturação silábica, mantendo o padrão da língua guató em CV e V, não permitindo sequência de vogais idênticas ou encontros vocálicos com os morfemas {mà-} e {gò-}. Sobre a exceção encontrada nos dados, com os itens [máí] e [gôí] ‘anta’, são necessários mais estudos para verificar se trata-se de um caso isolado ou não. Por enquanto, não temos uma explicação satisfatória sobre esses dois dados e deixamos para estudos futuros uma investigação mais ampla. A seguir, damos continuidade a descrição do processo de epêntese.

4.2 Epêntese

O processo de epêntese (ep), em Guató, é muito produtivo e ocorre com a inserção dos segmentos [j] e [dʒ] entre segmentos vocálicos. Observamos que esse processo, assim como o de elisão, também contribui para a ressilabificação⁶⁶ na língua guató, para manter o padrão silábico (C)V.

A inserção do segmento [j] ocorre entre as vogais /ɛ/ e /o/ na junção dos morfemas. Por exemplo:

nè-j-ó.kì	(3suj-ep-beber)	[nèjókì]	‘ele bebe’
nè-j-óg ^w à	(3suj-ep-lavar)	[nèjóg ^w à]	‘ele lava’
nè-j-ókòrò	(3suj-ep-coçar)	[nèjókòrò]	‘ele coça’

⁶⁵ “*Obligatory Contour Principle (OCP): adjacent identical elements are prohibited*” (McCarthy, 1986 *apud* Clements; Hume, 1995, p.264).

⁶⁶ Ver seção 3.2.2.

A epêntese, ou inserção, do segmento [dʒ] ocorre nas demais palavras. Por exemplo:

tè-dʒ-á.b̀	(unha-ep-pé)	[tè dʒ á.b̀]	‘unha do pé’
mó.t̀-ò-dʒ-é.g̀.á.tí	(aum-ep-peixe)	[mó t̀ ò dʒ ég̀.á.tí]	‘jáú (peixe)’
mó.d̀-ì-dʒ-á.r̀.ó.tʃà	(dim-ep-gato)	[mó d̀ ì dʒ ár̀.ó.tʃà]	‘gatinho’

Temos, portanto, nesta seção, uma descrição dos processos de epêntese encontrados em nossos dados. Assim como o processo de elisão, o processo de epêntese também corrobora para a reestruturação silábica, mantendo o padrão (C)V, fazendo com que não ocorram sequências vocálicas nos sintagmas nominais.

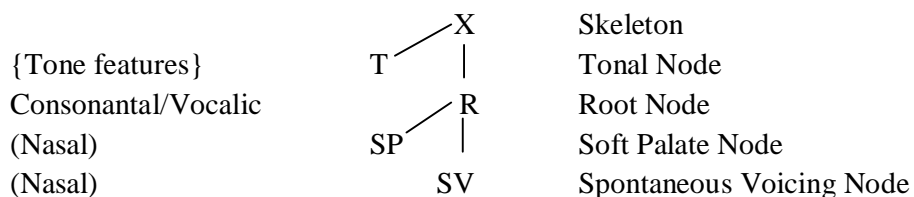
Por fim, pudemos notar que há uma sistematização de epênteses na língua guató, pois temos inserção de [j] para sintagmas verbais e inserção de [dʒ] para os sintagmas nominais. Porém, há alguns sintagmas verbais que contestam essa afirmação, como o verbo /áh̀/, por exemplo, que invés de inserir [j] como o previsto, nesse verbo há inserção de [dʒ], como segue:

áh̀-ò-dʒ-ép̀.à.g̀	(caçar-ep-onça)	[áh̀ò dʒ ép̀.à.g̀]	‘caçar onça’
áh̀-ò-dʒ-ók̀.é	(caçar-ep-bugiu)	[áh̀ò dʒ ók̀.é]	‘caçar bugio’

Estes dados são exceções às regras de epêntese na língua guató e, por enquanto, não temos uma explicação satisfatória para a realização desses itens com a epêntese de [dʒ]. Para isso, necessitamos ainda de mais estudos e, neste trabalho, limitamo-nos a descrever as ocorrências encontradas e propor as generalizações possíveis. Assim, na seção seguinte, trataremos da nasalidade e assimilação nasal das vogais em Guató.

4.3 Nasalidade e assimilação nasal

Nesta seção, apresentamos uma análise para a nasalidade e a assimilação nasal das vogais da língua guató. Em nossa representação, adotamos o modelo proposto por Piggott (1992, p.43), de acordo com o seguinte esquema:



Sobre a nasalidade, em Guató, temos oito vogais orais (ver seção 2.2) e a realização de apenas cinco vogais foneticamente nasais, são elas: [ĩ], [ẽ], [ã], [ɨ] e [ũ]. Não encontramos, em nossos dados, as vogais posteriores [o], [ɔ] e anterior média-baixa [ɛ] com o traço nasal. As únicas vogais que apresentaram distinção entre oral e nasal em ambiente idêntico são as vogais centrais altas [i] e [ɨ], nas seguintes palavras:

[mákì] ‘carcará (pássaro)’
 [mákî] ‘remo’

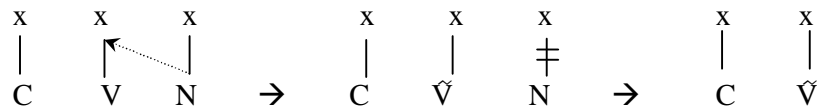
Embora [i] e [ɨ] apresentem pares mínimos em CAI, as demais vogais não apresentam essa oposição entre oral e nasal. Assim, não podemos assumir que todas as vogais possuem uma contrapartida nasal como fonema, pois ainda há dúvidas sobre seu verdadeiro *status* funcional. Assim, a análise que apresentamos adiante é apenas provisória e necessitamos de maiores evidências para um conclusão mais precisa.

Na interpretação de nossos dados, postulamos que a nasalidade das vogais não precisa ser totalmente especificada na representação subjacente. A partir dos padrões silábicos CV e V, podemos interpretar a nasalidade como a realização de um suprasegmento nasal que não pode realizar-se na coda silábica e, portanto, manifesta-se no núcleo da sílaba, representado por /N/.

Assim, na sílaba final das palavras, na ausência de consoantes nasais, o suprasegmento nasal realiza-se juntamente com a vogal do núcleo da sílaba e, em seguida, é dissociado, tornando-se flutuante.

cv	[gĩ]	/gĩN/	‘água’
v.cv	[ók ^w é]	/ók ^w éN/	‘bugio’
v.cv.cv	[ègétí]	/è.géN.tí/	‘peixe’
cv	[hĩ]	/hĩN/	‘lá’
cv.cv.cv	[gòdʒèkà]	/gòdʒèkàN/	‘rio’
cv.cv.cv	[g ^w ádʒèkà]	/g ^w ádʒèkàN/	‘melancia’
cv.cv.cv	[nàtʃédʒì]	/nàtʃédʒìN/	‘tudo estragado’
cv.cv.cv	[náotʃègì]	/náotʃègìN/	‘ele cozinha’
cv.cv	[nèkĩ]	/nèkĩN/	‘corta’
cv.cv	[nèkú]	/nèkúN/	‘ouve’
cv.cv	[mákà]	/mákàN/	‘remo’

Na representação esquemática, temos:

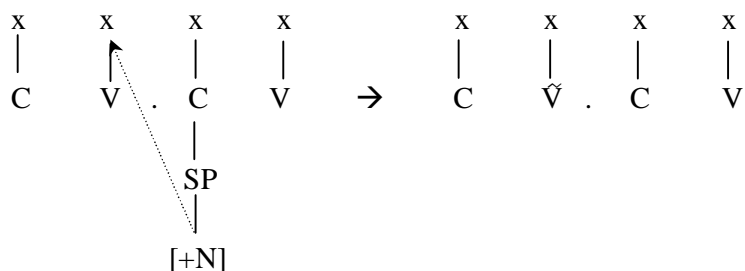


Sobre a assimilação nasal, encontramos as mesmas cinco vogais descritas anteriormente: [ĩ], [ẽ], [ã], [ĩ], [ũ]. Todavia, nos exemplos expostos adiante, essas vogais são nasalizadas e ocorrem sempre anteriores a uma consoante nasal foneticamente realizada.

Assim, em palavras em que há consoantes nasais [m] e [n], o traço [nasal] é assimilado pela vogal antecedente, da sílaba anterior. Desse modo, interpretamos esse processo fonológico como assimilação regressiva do traço de nasalidade. Nesses casos, não há dissociação do segmento com o traço [nasal]. Portanto, temos vogais nasalizadas. Por exemplo:

/ò.k ^h á.nà/	[òk ^h ánà]	‘mutum’
/ì.tú.nù/	[ìtúnù]	‘umbigo dele(a)’
/gò.mà/	[gòmà]	‘mandioca’
/tʃú.mù/	[tʃúmù]	‘três’

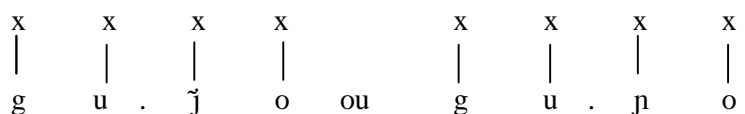
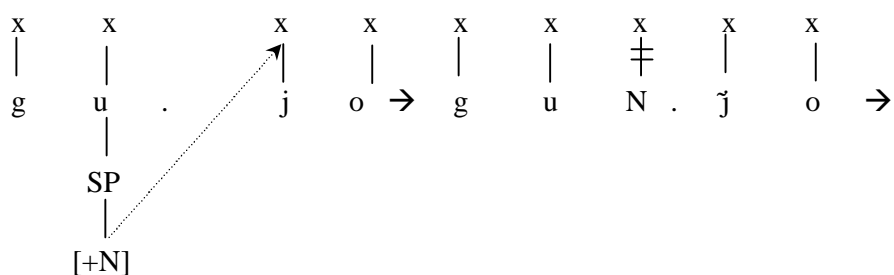
Na representação esquemática, temos:



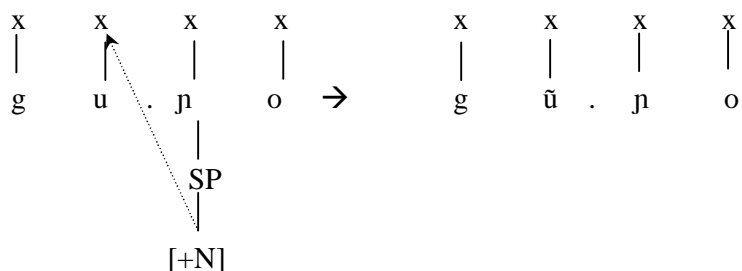
No que refere à assimilação nasal na fronteira de morfemas, apresentamos duas hipóteses para a manifestação da nasalidade, a partir do seguinte exemplo:

gùN-jó#i-k^hó [gũjú ik^hó] ~ [gũjú ik^hó] ‘eu matei o jacaré’
 (matar-1psg#3psg-jacaré)

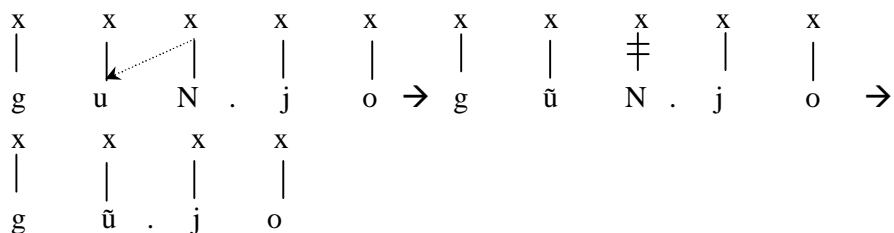
1ª hipótese: Trata-se de assimilação nasal progressiva, que ocorre com a aproximante palatal [j], que assimila o traço nasal /N/ da vogal antecedente, mantendo o ponto de articulação palatal e realizando-se como [j] ou [ɲ].



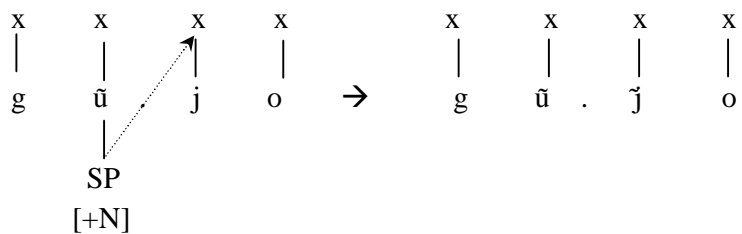
Desse modo, temos em seguida a assimilação regressiva do traço nasal da consoante na direção da vogal antecedente, fazendo com que [u] se realize como [ũ].



2ª hipótese: Primeiramente, o traço nasal /N/ realiza-se na vogal antecedente como um processo de assimilação regressiva, da mesma forma como ocorre internamente com as palavras sem a consoante nasal.



Em seguida, o traço nasal da vogal espalha-se para a consoante [j], que se realizará como [j] ou [ɲ].



O que podemos apresentar, por enquanto, é que parece tratar-se de uma questão conflitante, na qual temos que optar por uma análise que melhor represente a

estrutura fonológica da língua guató. Assim, acreditamos que a segunda hipótese torne-se mais satisfatória, uma vez que a regra de assimilação nasal para as palavras simples é, inicialmente, regressiva. Portanto, *a priori*, de acordo com a segunda hipótese, primeiro temos a assimilação nasal regressiva e em seguida a progressiva, nas sentenças e frases. Porém, sabemos que são necessários mais estudos e mais dados para uma análise mais aprofundada sobre a questão.

CONCLUSÃO

Este estudo é resultado de uma pesquisa que teve por objetivo apresentar aspectos fonológicos da língua guató. Para tanto, realizamos trabalho de campo para comparação e revisão de pesquisas anteriores, ampliação dos dados e análise fonológica.

No capítulo introdutório abordamos algumas considerações sobre a situação de pesquisa das línguas faladas no mundo, no Brasil e no estado de Mato Grosso do Sul, a falta de estudos descritivos e o papel fundamental dos linguistas na tarefa de documentação das línguas ameaçadas de extinção. Apresentamos, ainda, nesse capítulo, a fundamentação teórica e a metodologia de nossa pesquisa, baseada em levantamentos bibliográficos, coleta, transcrição, armazenamento e análise de dados.

No primeiro capítulo, apresentamos algumas considerações sobre o povo e a língua guató, com informações sobre a demografia e localização da aldeia Uberaba. Na revisão bibliográfica, descrevemos a trajetória do povo guató desde o reconhecimento da etnia até a demarcação das terras. Nos registros e estudos prévios realizamos uma comparação sistemática entre os dados consistentes em listas de palavras e os nossos, apresentando uma descrição das pesquisas já realizadas com a língua guató. Assim, pudemos atestar que os registros antigos se aproximam das transcrições atuais e a retomada de todos esses trabalhos constitui uma etapa importante do nosso trabalho. Além disso, com a finalidade de tornar acessível o máximo de dados existentes sobre a língua guató, disponibilizamos nos anexos (1 a 5) todas as listas de palavras e frases analisadas nesta pesquisa. Sobre a filiação genética, apenas apresentamos as hipóteses existentes e deixamos para estudos futuros a investigação acerca da inclusão ou não da língua guató no tronco Macro-Jê.

O capítulo segundo dedicou-se a descrição, contrastes e representação dos segmentos e das classes naturais na Geometria de traços proposta por Clements; Hume (1995). Identificamos como fonemas consonantais as obstruintes: /p/, /t/, /tʃ/, /k/, /kʷ/, /b/, /d/, /dʒ/, /g/, /gʷ/, /f/, /h/, /v/ e as soantes: /m/, /n/, /r/, /j/. As vogais identificadas foram: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /o/, /ɔ/, /u/, /ĩ/. Nesse capítulo, descrevemos, também, os tons alto e baixo, os processos de *downdrift* ou *downstep*, alguns apontamentos acústicos e articulatórios do tom e breves comentários sobre os espectrogramas obtidos com o auxílio do programa *Praat*.

No capítulo três, interpretamos os padrões silábicos CV e V como os mais produtivos nesse estágio na língua guató, de acordo com a proposta de representação de Selkirk (1982) e outros. Apresentamos, também, a distribuição de sílabas na palavra, os agrupamentos vocálicos e a ressilabificação, que ocorre na fronteira dos morfemas. No fim desse capítulo, apresentamos algumas considerações sobre a coda silábica, com evidências sobre o preenchimento dessa posição com as consoantes *m, n, r, c, l, ʔ, gn, ng, s, y* nos estudos anteriores e a presença de [s] e [ɹ] em dois itens de nossos dados: [ɪstúnù] ‘umbigo’ e [ìòdòk^{wí}ɹ] ‘cabeça dele(a)’. Porém, para as evidências apresentadas, são necessários mais estudos para averiguação.

O quarto capítulo foi dedicado a identificação e descrição dos processos fonológicos e morfofonológicos. O processo de epêntese de [dʒ] ocorreu entre sintagmas nominais e a epêntese de [j] em sintagmas verbais, com exceção do verbo /áhò/ ‘caçar’. O processo de elisão de [j] ocorreu apenas diante de [i], ou seja, a língua guató não permite que segmentos semelhantes se realizem em sequência pelo “Princípio do contorno obrigatório (PCO): elementos idênticos adjacentes são proibidos” (MCCARTHY, 1986 *apud* CLEMENTS; HUME 1995, p.264). Para a nasalidade das vogais, apresentamos uma abordagem em que esse traço [nasal] não seja representado na subjacência (PIGGOTT, 1992), sendo o processo de assimilação nasal considerado regressivo, de acordo com a tendência que a língua guató apresenta nas palavras simples e entre os morfemas. Deixamos para estudos futuros a investigação de outros processos fonológicos que ocorrem na língua.

Ao concluir esta pesquisa, percebemos que há ainda outros fenômenos da língua a serem estudados, principalmente, em relação ao tom, que devido ao escasso tempo nos limitamos apenas a identificação e contrastes.

Por fim, a descrição da fonologia da língua guató vem ao encontro da necessidade do conhecimento sobre as línguas indígenas brasileiras, especialmente, as faladas em Mato Grosso do Sul. Sendo uma língua seriamente ameaçada de extinção, tal pesquisa visa valorizar o uso da língua guató, sendo ainda necessário um trabalho voltado para a construção de uma ortografia a ser usada na escola da aldeia.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. *Dicionário Tariana -Português e Português-Tariana*. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia. v.17, 2001.
- ANDERSON. S. R. *Phonology in the Twentieth Century: Theories of Rules and Theories of Representations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- ARCHANGELLI, D.; LANGENDOEN, D. T. *Optimality Theory: an overview*. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. GOLDSMITH, John A. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- BRANDÃO, A. C.; PEIXOTO, J. L. S. A canoa do pantanal: processo de fabricação. Resumo apresentado no IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal. Corumbá-MS, 2004.
- CABEZA DE VACA, A. N. *Comentários*. Valladolid: Madrid, 1555.
- _____. *Naufragios y comentarios*. Edición, introducción y notas de Roberto Fernando. Madrid: Raycar, 1984.
- CASTELNAU, F. *Expedições às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo: Nacional, 1949.
- _____. Langue des guatos (Rio Paraguay). *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para. Histoire Du voyage, (tomo V). Chez P. Berthand, Libraire-Éditeur. Paris, 1851 (p.283-284).
- CHOMSKY, N.; M. Halle. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook 2*, 1985 (p.225-252).
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. GOLDSMITH, J. A. (org.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995 (p.245-301).

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. CV Phonology. *A generative theory of the syllable*. Cambridge: MIT Press, 1983.

COSTA, Natalina Sierra A. *Língua, cultura e sociedade guató: universo léxico-semântico da fala indígena*. Dissertação de mestrado. UNESP, Assis-SP, 2002.

CRAIG, C. G. Jacalteco: field work in Guatemala. *Languages and their speakers*. Cambridge: Winthrop, 1979 (p.2-57).

CUNHA, H. P. *Viagens e caçadas em Matto-Grosso: trez semanas em companhia de Th. Roosevelt*. 2ed. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves, 1919.

EVERETT, D. L. *Linguistic fieldwork: a student guide*. Illinois State University (formerly of University of Manchester), 2006.

EWEN, C.; HULST, H. van der. *The phonological structure of words*. Cambridge: CUP, 2001.

FLORENCE, H. Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. *Revista trimestral do Instituto histórico, geographico e ethnographico do Brasil (RIHGB)*. Rio de Janeiro, vol.38, 1875 e vol.39, 1876.

_____. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

FOX, A. *Prosodic features and prosodic structure: the phonology of suprasegmentals*. Oxford University Press, 2000.

FUDJE, E. Syllables. *Journal of Linguistics* 5, 1969 (p.253-287).

GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental phonology*. PhD dissertation, MIT, 1976.

_____. (org.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995 (p.245-301).

HALE, K. Endangered Languages. *Language* 68, 1992 (p.1-42).

HALLE, M. Feature geometry and feature spreading. *Linguistic Inquiry*, vol.26, n.1, 1995 (p.1-46).

HALLE, M.; G. N. Clements. *Problem Book in Phonology*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1983.

HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *Metrical Structures in Phonology*. Cambridge: MIT, 1978.

HAUGEN, E. *Bilingualism in the Americas: a bibliography and research guide*. University of Alabama Press, 1956.

HAYES, B. M. The prosodic hierarchy in meter. *Rhythm and meter*, Paul Kiparsky and Gilbert Youmans (eds.). Orlando, Florida: Academic Press, 1989 (p.201-260).

HOCKETT, C. *A Manual of Phonology*. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

HOOPER, J. B. The syllable in phonological theory. *Language* 48, 1972 (p.525-540).

_____. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.

HYMAN, L. *Phonology: Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

_____. Tonal accent in Somali. *Studies in African linguistics* 12, 1981 (p.169-203).

_____. Word domains and downstep in Bamileke-Dschang. *Phonology Yearbook* 2, 1985 (p.47-83).

KAHN, D. *Syllable based generalizations in English phonology*. Cambridge: Mass: MIT, 1976.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge & Oxford: Blackwell, 1994.

KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics: setting up the problem*. Mouton. The Hague-Paris, 1977.

KINDELL, G. E. *Guia de análise fonológica*. Summer Institute of Linguistics (SIL). Brasília-DF, 1981.

KIPARSKY, P. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. (org) *Linguistic in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982 (p.3-91)

_____. Some Consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2, 1985 (p.85-138).

KRAUSS, M. The world's languages in crisis. *Language* 68, 1992 (p.4-10).

KURYLOWICZ, J. Contribution à la théorie de la syllabe. *Bulletin de la Société Polonaise de Linguistique* 8, 1948 (p.80-114).

LAVER, J. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LIMA, R. A. F. *Dando a palavra aos Guatós: alguns aspectos sociolingüísticos*. Tese de Doutorado. UNESP, Assis-SP, 2002.

MARTIUS, K. F. P. von. *Berträge zur ethnographie und sprachenkunde*, vol.2, 1867, (p.209-210). Disponível em <http://books.google.com.br>.

MCCARTHY, J. J. Feature geometry and dependency: a review. *Phonetica* 45, 1988 (p.84-108).

McCARTHY, J. J. *Formal problems in Semitic phonology and morphology*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass, 1979.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic morphology*. University of Massachusetts, Amherst, and Brandeis University, Waltham, Mass, 1986.

MCCARTHY, J.; PRINCE, A. *Prosodic Morphology I: Constraint Interaction and Satisfaction*, University of Massachusetts, Amherst, and Rutgers University, 1993.

MOHANAN, K. P. *Lexical Phonology*. Cambridge, Mass.: MIT, 1982.

MOORE, D.; GALUCIO, A. V.; GABAS JR, N. *O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas*. Museu Goeldi-MCT, 2008.

OLIVEIRA, J. E. *Os argonautas guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Mestrado em História, área de concentração em Arqueologia. PUCRS, Porto Alegre, 1995.

PALÁCIO, A. P. Alguns aspectos da língua Guató. *LIAMES* 4, Campinas-SP: UNICAMP, IEL, 2004.

_____. *Guató, a língua dos índios canoeiros do rio Paraguai*. Tese de doutorado. Campinas-SP: UNICAMP, IEL, 1984.

_____. Aspects of the morphology of Guató. B.F. Elson (ed.). *Language in global perspective*. Dallas: SIL, 1986 (p.363-372).

_____. Guató: uma língua redescoberta. *Ciência Hoje* 5/29, 1987 (p.74-75).

_____. Sistema numeral em Guató. *Boletim da ABRALIN* 19, 1996 (p.51-56).

_____. *Situação dos Índios Guató em janeiro de 1984*. Campinas-SP, 1998.

PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ: Guató-Português Português-Guató. Secretaria de Estado de Educação, Governo Popular de Mato Grosso do Sul, gestão 1999-2002. Convênio FNDE/MEC/SED-MS, 2002.

PIGOTT, G. L. Variability in feature dependency: the case of nasality. *Natural language and linguistic theory* 10, 1992 (p.33-77).

PIKE, Kenneth L. The premises of practical phonemics. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. The University of Michigan Press, 1947.

_____. *Tone languages: a technique for determining the number and type of pitch contrasts in a language, with studies in tonemic substitution and fusion*. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1948.

_____. More revolution: tagmemics. LAIRD, C. and GORRELL, R. M. (eds.) *Readings about language*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971 (p.234-247).

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraint interaction in Generative Grammar*. Rutgers University Center for Cognitive Science Technical Report 2, 1993.

RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

RIBEIRO, E.; VOORT, H. van der. Nimuendajú was right: the inclusion of the Jabuti language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, 2008.

RIBEIRO, M. S. *Uma ilha na história de um povo canoieiro: o processo de desterritorialização e reterritorialização dos guató na região do pantanal (Século XX)*. Mestrado em História. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2005.

RODRIGUES, A. D. Typological paralelism due to social contact: Guató and Kadiweu. *Proceedings of the 9th Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 1983 (p.218-222).

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola, São Paulo, 1986.

_____. Macro-Jê. R. DIXON, M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (eds.), *The Amazonian languages*. Cambridge: CUP, 1999 (p.165-206).

RONDON, F. *Na Rondônia Ocidental*. Brasiliana CXXX. São Paulo, 1938 (p.257-267).

SAGEY, E. *The representation of features and relations in non-linear phonology*. Doctoral dissertation, MIT, Cambridge, Mass, 1986.

SAMARIN, W. J. *Field linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

SANTOLIN, J. L. 500 Almas: cineasta fala sobre índios Guató. *Revista Enfoque Gospel*, edição 57, 2006 (<http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=57&materia=380>).

SCHMIDT, M. *Indianerstudien in Zentralbrasilien*. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900-1901. Berlin, 1905.

_____. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie XLIV (ZE)*. Berlin, 1912 (p. 130-174).

_____. *Die Anfänge der Bodenkultur in Südamerika*. Zeitschrift für Ethnologie LIV. Berlin, 1922 (p.113-122).

_____. *Estudos de etnologia brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901, seus resultados etnológicos*. Trad. Catharina Baratz Cannabrava. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª Brasileira, 1942.

_____. Resultados de mi tercera expedición a los Guatós efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, tomo V, n.6. Asunción, 1942 (p.41-75).

SELKIRK, E. The syllable. HULST, Harry Van der; SMITH, Norval. *The structure of phonological representations* (part II). Foris, Dordrecht, 1982 (p.337-383).

STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil central*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.

SWADESH, M. Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics* 21, 1955 (p. 121-137).

VENNEMANN, T. On the Theory of Syllabic Phonology. *Linguistische Berichte*, 18.1, 1972 (p.1-18).

_____. *Preference laws for syllable structure and the explanation of sound change: with special reference to German, Gernanic, Italian, and Latin*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

WEISS, H. E. *Fonética articulatória: guia e exercícios*. Summer Institute of Linguistics (SIL). Brasília, 1988.

WETZELS, L. *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1995.

WILSON, J. *Guató word list*. Summer Institute of Linguistics (SIL). Brasília-DF, 1959.

WOO, N. *Prosody and phonology*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1969.

YIP, M. *Tone*. University College London: Cambridge University Press, 2002.

APÊNDICES

1: Vocabulário de dados

A seguir, apresentamos um vocabulário básico da língua guató, com os exemplos utilizados nessa dissertação.

Ordem	Glosa	Transcrição fonológica
1.	Abacaxi	bìg ^w ádʒìkĩ
2.	Abanico	tʃékànàtà
3.	Abóbora (moranga)	ítè
4.	Açúcar	béhé
5.	Acuri	ídʒì
6.	Água	g̃
7.	Alho	dórù gatiòràjá
8.	Amarelo	nàràtʃò
9.	Anel	k ^w ógi rá
10.	Anhuma	àtʃó
11.	Anta	í
12.	Ânus	tìákú / úpinù
13.	Anzol	ákí
14.	Arancuã	ìkànà
15.	Arara amarela	tògà
16.	Arara azul	tàhá
17.	Arara papo branco	ìtó
18.	Arara vermelha	ʃágà
19.	Ararinha	údáhù / dérì / ritú
20.	Arco	ágátʃá / pàpòkì
21.	Areia	àtʃá
22.	Ariranha	évè
23.	Armal	ùgó
24.	Arroz	tʃámù
25.	Árvore	àdá
26.	Árvore pequena	ódiàdá
27.	Asa	tʃè
28.	Aumentativo	ótò
29.	Avó	tʃádʒèví
30.	Avô	kúdʒìó
31.	Axila	tʃéhí
32.	Azul	g ^w àràpó
33.	Bagre (peixe)	ìré
34.	Baguari (pássaro)	ùgá
35.	Balde	àtétʃàgèhígò
36.	Banana	g ^w ádʒá
37.	Banco	ìkóbàdá

38.	Banha/gordura	g̃
39.	Barba	k ^w ábò
40.	Barbado	ràdákígà
41.	Barriga	pò
42.	Batata	ókà
43.	Bebê	òdé
44.	Beija-flor	ìvé
45.	Bem-te-vi	méví
46.	Bermuda	ódótòdàfètà
47.	Bezerro (dim-boi)	ódìváká
48.	Bicicleta	ódifǎnù
49.	Bigode	kígà
50.	Biguá	âè
51.	Boca	dǒì
52.	Boca de sapo (cobra)	òtǎdà
53.	Bocaiúva	g ^w édzì
54.	Bochecha (maçã do rosto)	k ^w àvì
55.	Boi/vaca	váká
56.	Bola	pà
57.	Bolsa	tǎg ^w à
58.	Boné	àòkótǎdàfè
59.	Braço	pó
60.	Branco	nák ^w ó
61.	Brinco	ìrávè
62.	Bugio	ók ^w é
63.	Cabeça	k ^w í
64.	Cabelo grisalho	fágì
65.	Cabelo/pena	kí
66.	Cachimbo	tég ^w è
67.	Cachorro	vè
68.	Cadeira	ìkóbàdà
69.	Caiá, cajá	àtǎ
70.	Caju	ótò gòpǎ tǎdà
71.	Calça	àfètà
72.	Calcanhar	èbó
73.	Caldeirão	ìkíváj
74.	Canário (pássaro)	àròbìkí
75.	Canoa	nà
76.	Capim/mato	dǎg̃
77.	Capivara	kì
78.	Cará	àdǎ
79.	Caramujeiro	áròhà
80.	Caramujo	há
81.	Carauçu	ìbótǎ
82.	Carcará	ákì
83.	Careca	tíg ^w í

84.	Carne	rĩ
85.	Casa	óvĩ
86.	Casca de fruta	fê
87.	Cavalo (aum-onça)	ótòdʒépàgò
88.	Caxinguelê	àrédʒi
89.	Cebola	dórù
90.	Cervo	ítí
91.	Chapéu de palha	àòk ^{wí}
92.	Chave	àtʃé pòʒà òjà
93.	Chifre	tá
94.	Chinelo/sapato	ìbéràtʃábó
95.	Chuva	vè
96.	Cílios	kàrì
97.	Cinto	tʃágàdógòtʃěki
98.	Coberta	vèhú
99.	Cobra	òtʃádʒá
100.	Coco da bahia	ótòg ^w édʒi
101.	Coelho	ékì
102.	Colher de metal	g ^w éváj
103.	Colher de pau	g ^w àdá
104.	Comida	áótʃà
105.	Concha	g ^w àtʃó
106.	Coração	kògò
107.	Cordão de cintura (cinto)	tʃěkè
108.	Coruja	àkò
109.	Costas	ókídʒàú
110.	Cotia	ító
111.	Cotovelo	ròpà
112.	Criança	etí
113.	Cunhado/a	té
114.	Cupari	ùvèdà
115.	Curimba	ìvó
116.	Dançar	gátʃà
117.	Dedo da mão	òtʃádá-rá
118.	Dedo do pé	òtʃádá-bò
119.	Dente	k ^w á
120.	Despedida (xau)	dèkíàdʒájù
121.	Dia	átʃó
122.	Diminutivo	ódì
123.	Dourado (peixe)	àkùdʒà
124.	Égua	èví tòdʒépàgò
125.	Ema	átú
126.	Enxada	ádʒèvâj
127.	Espinha (dorsal)	ókídʒàú
128.	Esteira/cama	ìkí
129.	Estômago	rápè

130.	Estragado	tʃé
131.	Estrela	bí
132.	Faca	tʃévãj
133.	Facão	ótòtʃévãj
134.	Feijão	pàʃírókà
135.	Fêmea	ìóhá
136.	Filho pequeno (caçula)	ódì-dé
137.	Filho/a	tórà
138.	Flecha	tʃé
139.	Flor	tí
140.	Fogão	àhétà
141.	Fogo	tà
142.	Folha	kú
143.	Folha de acuri	àkúdʒì
144.	Folha de árvore	àkú ádà
145.	Folha de banana	àkúg ^w ádʒá
146.	Fome	tʃógákí
147.	Formiga	ódídʒépàgò
148.	Fruta	tʃíadà
149.	Fruto	ìdʒé
150.	Fumo	bó
151.	Galho	bò
152.	Galinha/frango	gáridʒájé
153.	Galo	édé
154.	Gamela	mòʃadà
155.	Garça	ìkó
156.	Garganta	pèrà
157.	Garrafa	tʃípòkú
158.	Gavião	ótò-dʒ-àjé
159.	Gavião	tòdʒájé
160.	Goiaba	ágídʒá
161.	Guarda-chuva	tópí
162.	Homem velho/idoso	túigí
163.	Intestinos	tʃá
164.	Irmã	dónídʒèví
165.	Irmão	dónihì
166.	Jacaré	ìkó
167.	Jacutinga	g ^w àjkánà
168.	Jaguarica/gato	árótʃà
169.	Jápuira	gònú
170.	Jararacuçu	ádà
171.	Jatobá	ókù
172.	Jenipapo	tó
173.	João pinto	útàbì
174.	João-de-barro (pássaro)	ìpábà
175.	Joelho	rógà
176.	Juriti	ábó

177.	Lábios	fégà
178.	Lagarto amarelo	rátʃðdībúkù
179.	Lagarto pintado	òtótáhù
180.	Lagarto vermelho	ìbúkù / táhù
181.	Lagoa	úrékì
182.	Lágrima	àgǝ̀rì
183.	Lambari	ùtánà
184.	Lamparina	têj
185.	Laranja	tʃíádá
186.	Laranja (para doce)	tòtʃíádá
187.	Limão	òrìmǎù
188.	Língua (boca)	tʃádzà
189.	Língua (idioma)	ótí
190.	Lobinho	ùk ^w à
191.	Lobo guará	úgútí
192.	Lontra	míù
193.	Lua	ópìnà
194.	Macaco	ák ^w ò
195.	Macaco pequeno amarelo (mico leão)	ré`ídí
196.	Macaco pequeno branco (mico)	òdéd`idêj
197.	Macaco pequeno um pouco amarelo	k ^w átí gírí
198.	Machado	k ^w ó
199.	Machado	àkò
200.	Macho	èdédé
201.	Mãe	émé
202.	Mamão	mǎù
203.	Mamilo	ódòg ^w ófá
204.	Mandioca	mà
205.	Manga	úk ^w òpètʃíádá
206.	Manhã	g ^w àtʃó
207.	Mão	rá
208.	Mão direita	áfánáhìrù
209.	Mão esquerda	ópágìrì
210.	Marido	bítʃá
211.	Mel	pág ^w á
212.	Mel mandaguari	pág ^w á gírì
213.	Melancia	g ^w àdʒékà
214.	Mesa	dʒétʃàrù
215.	Metal	vâj
216.	Milho	dʒérù
217.	Minhoca	pí
218.	Moça	ìdá
219.	Morcego	pó
220.	Mosca	jé
221.	Mosquiteiro	àtʃébà

222.	Mosquito	ká
223.	Muçum	ùhé
224.	Mulher	ùhádžà
225.	Mulher velha/idosa	éví
226.	Mutum	òkánà
227.	Nádegas	fébì
228.	Não	égò
229.	Nariz	tágà
230.	Neta	kádžèví
231.	Neto	kárò
232.	Neto-1pss	àkáròjò
233.	Nó sem volta (nó cego)	òpá
234.	Noite	áfì
235.	Nuca	hàgó
236.	Óculos (olho-metal)	rèvâj
237.	Óculos (sombra-olho)	tòrè
238.	Olho	rè
239.	Ombro	ódžàg ^w ápó
240.	Onça	épàgò
241.	Onça brava	gépàgò ògíkíró
242.	Onça parda	àjákí
243.	Onça parda	àtjákó
244.	Orelha	vè
245.	Osso	ókú
246.	Ouvido	tjávì
247.	Ovo	kí
248.	Pacu	g ^w ák ^w à
249.	Pacu (peixe)	g ^w ák ^w á
250.	Pacupeba (peixe)	òpá
251.	Pai	bápà
252.	Palma da mão	párá
253.	Panela	íkí
254.	Panela de barro	íkípìnù
255.	Panturrilha	ròvì
256.	Papagaio	ìkí
257.	Pássaro amarelo	bìdì
258.	Pato	úbó
259.	Pé	bò
260.	Pedra	àkú
261.	Pedra de gelo/granizo (chuva-pedra)	vè-àkú
262.	Peido	ìtjé
263.	Peito	òfá
264.	Peito do pé	ùbó
265.	Peixe	égãtí
266.	Pele	fè
267.	Penacho	àpárádédžì

268.	Pênis	tʃó / pākí
269.	Perna	óvì
270.	Pernilongo	kàràpànà
271.	Pescoço	tò
272.	Pinhé	àg ^w ákù
273.	Pintado (peixe)	àpí
274.	Piolho	ibéú
275.	Piranha	ótì
276.	Porco	pò
277.	Prato	òfá
278.	Presilha da calça	tʃá
279.	Preto	ípé
280.	Quadris	ògútà
281.	Quati	òhàdʒáhhì
282.	Queixo	bó
283.	Quero-quero	íródzì
284.	Quero-quero (pássaro)	ìródzì
285.	Raiz	tànà
286.	Rapaz	òtódàrì
287.	Rede	pànà
288.	Remo	ákè
289.	Rio	dʒékè
290.	Rosto	tòrì
291.	Sapo	ìtìhú
292.	Sardinha	ùg ^w àpé
293.	Saudação (oi)	óhèbè
294.	Seio	ófá
295.	Sobrancelha	ùkúrì
296.	Sobrinho/a	òdúrù
297.	Socó (pássaro)	íkò
298.	Socozinho (pássaro)	àtʃó
299.	Sono/dormir	kínì
300.	Sucuri	ìk ^w àrì
301.	Tamanduá bandeira	òpígá
302.	Tamanduá mirim	òg ^w ípígá
303.	Tarimba	íkó
304.	Tarumã (fruta)	àdó
305.	Tatu	épi
306.	Tatu canastra	ótò dʒípí
307.	Terra	àfó
308.	Testa	tórí
309.	Tia	dímé
310.	Tio	dité
311.	Traíra (peixe)	àpí
312.	Travesseiro	bàg ^w á
313.	Tronco de árvore	ìdé

314.	Tucum branco	àg ^w étò
315.	Tucum preto	mìtòdzàkí
316.	Tucum vermelho	ùg ^w ág ^w édzì
317.	Tuiuíú	hì
318.	Tuvira	àtʃògá
319.	Umbigo	túnù
320.	Unha	tè
321.	Urubu	ógú
322.	Urubu	ùgù
323.	Urutau	íbáhá
324.	Vagina	dó / óbì
325.	Vamos	òkírà
326.	Vento	òfè
327.	Verde	rápòhù
328.	Verdinha (pássaro)	ìtadá
329.	Vermelho	ópí
330.	Zagaia	dzú

NUMERAIS

Transcrição	Glosa
tʃénè	Um
dúnì	Dois
tʃúmù	Três
rékâj	Quatro
tóhèrá	Cinco
tʃénè kàékà ìrá	Seis
dúnì kàékà ìrá	Sete
tʃúmù kàékà ìrá	Oito
rékâj kàékà ìrá	Nove
kǐnù ìrá	Dez
tʃénè ìbò	Onze
dúnì ìbò	Doze
tʃúmù ìbò	Treze
rékâj ìbò	Catorze
kávìbò	Quinze
tʃénè dètʃúà	Dezesseis
dúnì dètʃúà	Dezessete
tʃúmù dètʃúà	Dezoito
rékâj dètʃúà	Dezenove
k ^w ávìbò	Vinte
dúnì kèdak ^w á ìbò tʃúmùjá kàéka ìrá	Trinta
dítʃèròk ^w á tʃúmùjá kàéka ìrá	Quarenta
tʃénè g ^w átèhè	Cem
dúnì g ^w átèhè	Duzentos
tʃúmù g ^w átèhè	Trezentos
rékâj g ^w átèhè	Quatrocentos

2: Fotos

Apresentamos, neste anexo, algumas fotos obtidas durante a pesquisa de campo.



FONTE: Postigo, A. V. Artesanato: chocalhos, colares, canoas, gamelas e barco (julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Artesanato: colher de madeira, pote e ganzá (julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Artesanato: colar, tapete e viola de cocho (julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Ilha Ínsua: aldeia Uberaba (Julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Ilha Ínsua: Posto da Funasa e E. E. I. Toghopanã (julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Coleta de dados na aldeia (julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Coleta de dados em Corumbá-MS (julho/2008).



FONTE: Postigo, A. V. Coleta de dados em Corumbá-MS (janeiro/2009).

ANEXOS

1: Lista de Castelnau (1851)

Os dados apresentados neste anexo foram transcritos da obra de Castelnau (1851) disponível no setor de Obras Raras da biblioteca da Universidade de São Paulo (USP). Nesta lista encontramos palavras e numerais com as glosas originais em francês. Em nossa digitação, à esquerda da lista, acrescentamos a glosa em português, ordenada alfabeticamente.

Langue des guatos (Rio Paraguay)

Glosa - português	glosa - Francês	transcrição - Castelnau
Água	eau	maguen
Aldeia	aldea	thajou
Alegre	être joyeux	atarijou
Algodão	coton	moutchai
Amarrar	attacher	aoutchai
Anta	tapir	maou
Arara	ara	machada
Arco	arc	magatea
Árvore	arbre	mador
Ave	oiseau	madjahé
Avestruz	autruche	maatou
Banana	bananes	maquajaha
Barba	menton	ebo
Barriga	ventre	ipo
Batata	patate	mouka
Bater	battre	negoun
Beber	boire	noukeu
Boca	bouche	djio
Boi/vaca	bœuf	waca (du portugais vaca)
Bom	bon	itua
Bonito	joli	nitou
Braço	bras	mapo
Branco	blanc	akua-chou
Cabeça	tête	do-keu
Cabelo	cheveux	ma-eu
Caçar	chasser	yavarou
Cachorro	chien	mavii
Calor	chaleur	apeu
Canoa grande	grand canot	moutonouu
Canoa pequena	petit canot	moudinouu
Cansar	fatiguer	acoura
Cantar	chanter	maho
Capivara	capivara	makeueu

Carne	viande	madeu
Casa	maison	moucu
Cascata	cascade	apowakou
Cascavel	serpent à sonnettes	mijii
Cauda	queue	ipana
Cavalo	cheval	tojepago
Cérebro	cervelle	injaque
Cervo	cerf	mejiavi
Chefe	chef	madjioo
Chorar	pleurer	aouni
Chuva	pluie	mavei
Coati	coati	maajaho
Cobra	serpent	mojjipao
Comer	manger	aroeguen
Coqueiro	cocotier (acuri)	midjii
Coração	cœur	acogo
Correr	courir	niguouai
Coxa	cuisse	uvi
Dançar	danser	agacha
Dedo	doigt	tijaque
Dente	dents	maqua
Deus	dieu	ochewekin
Dia	jour	machuo
Diabo	diable	moukelengui
Doença	malade	akouai
Dormir	dormir	kouni
Espingarda	fusil	makeu
Espirrar	eternuer	atchian
Estrada	chemin	maouvi
Estrelas	étoiles	mabeu
Faca	couteau	motepougouai
Falar	parler	mouteu
Febre	fièvre	apouja
Feijão	haricots	moupariroca
Filha	fille	moudiohaja
Filho	fils	alora
Flechas	flèches	machil
Fogo	feu	mata
Frio	froid	maraquai
Fumo	tabac	maboo
Galinha	poule	magari-jahé
Homem	homme	matai
Homem velho/mulher velha	vieillard ou vieille femme	meou
Jabiru	jabiru	nicko
Jacaré	alligator	miko
Lábios	lèvre	iguai-o
Lagarto	lézard	miperei
Lago	lac	mouriquen

Lavar	laver	waafé
Leve	léger	nitaan
Língua	langue	chagi
Lobo	loup	mougouteu
Lua	lune	upina
Maçã	massue	maragueu
Macaco	singe	macpo
Mão	main	ida
Mata	bois	modj-ao
Matar	tuer	wadoubegou
Mau/feio	mauvais ou laid	mifau
Medo	crainte	noutaguaio
Mergulhar	plonger	afeugua
Milho	maïs	majei
Minha filha	ma fille	jio
Montanha	montagne	marapo
Morcego	chauve-souris	mapo
Morder	mordre	eta
Mulato	mulâtre	noupirego-chou
Mulher	femme	mouhaja
Nadar	nager	afeaeuni
Não	non	mau
Nariz	nez	taga
Navalha	sabre	nickeewai
Negro	nègre	mibaia-chou
Noite	nuit	mafi
Olhos	œil	marei
Ombro	épaule	chawapo
Onça	jaguar	apaco
Ouvido	oreille	mavi
Papagaio	perroquet	mitada
Pé	ped	apoo
Pedra	piere	macou
Peito	poitrine	daapé
Peixe	poisson	megenti
Pele, couro	peau	ifai
Perna	jambe	mucupana
Pesado	lourd	itavo
Pescoço	gorge	yotorito
Porco	cochon	mapo
Prados/campos	prairies	madjo-ougeu
Preguiçoso	paresseux	eiguaoraea
Relâmpago	éclair	ito
Rio	rivière	matogiquen
Rio pequeno	Petite rivière	moudieque
Sangue	sang	mougua-a
Sentar-se	s'asseoir	naguagueu
Sim	oui	ii

Sobrancelha	sourcils	mokou-oudi
Sol	soleil	nouveai
Sucuri	boa	miquari
Tatu	tatou	mipi
Ter vida	euau-de-vie	mapoqueue
Terra	terre	mafo
Testa	front	toori
Toucinho	lard	magunpo
Trovão	tonnerre	matariaa
Tucano	toucan	matogouiai
Vermelho	roug	mageueu-chou
Vestuário	vêtements	maré

numerais	transcrição - Castelnau
1	thenai
2	dou-ouni
3	tchoum
4	dekai
5	toera
6	tchenai-caicaira
7	dououni-caicaira
8	tchoum-cairaira
9	dekai-caicaira
10	quinoida
11	thenai-ai-caibo
12	douounai-ai-caibo
13	tchoum-ai-caibo
14	dekai-ai-caibo
15	quinoibo
16	tchenai-ai-quachoibo
17	douounai-ai-quachoibe
18	ichoum-ai-quachoibo
19	dekai-aiquachoibo
20	quinoui-quachoibo
21	tchenai-jiga
26	deekagiga
30	tchenai-jiga-caicaira

2: Listas de Schmidt (1905 [1942], 1928)

Lista de palavras de Schmidt (1905[1942]):

I – Partes do corpo

1.	CABEÇA, mundokuír, C. do-keu Para kuir v. N. 154 máhokuir – chapéu N. 186 ětagíkuir – recorte da flecha de osso N. 44 igíkuir – crista do galo N. 308 mörōbik (u) ir – cardeal (pássaro) N. 349 mukuír – carregador (formiga) N. 40 makír – cabelo
2.	Cérebro, C. toori
3.	Fronte, C. toori
4.	Língua, C. chagi
5.	BOCA, mats’iō C. djio V.N.127 its’i – orifício da viola
6.	Lábio, C. iguai-o.
7.	DENTE, makuá, C. maqua V. N. 366 makuadár – fôlha, V.N. 76 mākú - pedra, N. 97 mákuada – espátula para sopa
8.	NARIZ, itáaga, C. taga V.N. 45 itáaga – bico de pássaro, V.N. 280 mirátaaga – pelicano, para ga temos N. 86 eopígagá – ponta ou proa do barco
9.	OLHO, irae, C. marei
10.	ORELHA, máve, C. mavi
11.	PESCOÇO, máto
12.	Garganta. C. yotorito
13.	Queixo, C. ebo
14.	MÃO, mara, C. ida V.N. 18 muts’adára – dedo da mão, V.N. 19 mutogúra – polegar, V.N. 25 máteyára – unha do dedo da mão, V.N. 424 a 429 tóhera – cinco, kinyuira – dez, V.N. 280 - mirátaaga – pelicano
15.	OMBRO, yúkuyahu, C. chawapo
16.	BRAÇO, mapó, C. mapo
17.	COTOVELO, marópa Para ro v. N. 22 marōga – joelho
18.	DEDO DA MÃO, muts’adára, C. tijaque Para ra v. N. 14 mará – mã, Para ts’ada v. N. 24 ts’adabó – dedo do pé N. 103 mats’adagueváí – garfo Para ts’a v. N. 23 mats’aabó planta do pé

	<p>N. 46 mas ãgam - asa N. 252 C. madjähé – pássaro N. 125 its´á – corda da viola N. 162 mats´aagátir – corda do arco N. 25 máteyára – unhas dos dedos da mão N. 26 matez’’abo – unha do dedo do pé</p>
19.	<p>POLEGAR, mutogúra Para ra v.14 mará – mão</p>
20.	<p>PÉ, mabó, C.apoo V.N.23 mats´aabó - planta do pé V.N.24 ts´adabó-dedo do pé V.N.26 matez’’abó – unha do dedo do pé V.N.430 a 439 ts’enehebó – onze, Kinguimbó – vinte</p>
21.	<p>PERNA, müvi, C. uvi (côxa) C. mucupana (perna, canela)</p>
22.	<p>JOELHO, marõga Para ro v. N.17 marópa – cotovelo</p>
23.	<p>PLANTA DO PÉ, mats´aabó Para bo v. N. 20 mabó – pé Para ts’ada v. N. 18 muts´adára – dedo da mão</p>
24.	<p>DEDO DO PÉ – ts´ adabó Para bo v. N. 20 mabó-pé, Para ts’a v. N. 18 muts´adára-dedo da mão</p>
25.	<p>UNHA DO DEDO DA MÃO, máteyára Para ra v. N. 14 mára – mão Para te v. N. 26 matez’’abó,2 Para ya,ts’a v.N. 18 muts´adára – dedo da mão e corda da viola</p>
26.	<p>UNHA DO DEDO DO PÉ, matez’’’abó Para bo v.N. 20 mabó – pé Para te v.N. 25 máteyara – unha do dedo da mão Para z’’a, ts’a v.N. 18 muts´adára – dedo da mão e da corda da viola</p>
27.	BICHO DO SEIO, iñfa
28.	Peito, C.daapé
29.	Região Lombar, ióku
30.	UMBIGO, itóono
31.	<p>PENIS, ióob (i)r Para b(i) r.v N.32 ifeeb(i)r traseiro</p>
32.	<p>TRASEIRO, iféeb(i)r Para b (i) r.v N. 31 ióob(i)r – pênis</p>
33.	FÍGADO, ipě
34.	Ventre, C. ipo
35.	Coração, C. acogo
36.	SANGUE, múnguaha, C. mungua-a.
37.	Toucinho, C. magunpo
38.	Carne, C. madeu
39.	<p>PELE, mafãē, C. ifai V.N. 112 mibãēo – tijela de couraça de crocodilo ¹⁰¹ V.N. 150 máfãēyépago – pelo de jaguar</p>

	V.N. 151 mafāē(i) r – pelo de veado V.N. 155 mafāē- camisa V.N. 156 mavāēa – calça V.N. 157 mavāēúta – ligadura de pulso V.N. 402 tōōfāē- grande V.N. 113 mipaeyoréko – pequena tijéla de couraça de crocodílo ¹⁰²
40.	CABELO, makĩr, C.ma-eu Para kir v. no N. 1 mundokuír – cabeça, Para kuri no N. 41 ĩkũri – cílio ¹⁰³ , Para kur no N. 42 magúkúr - sobrançelha ¹⁰⁴ v. além disso N. 74 C. madjo-ougeu – capinzal N. 368 ik(i)ryabó – galho N. 160 mads’ahuag(i)r - Colar de sementes de capim N. 104 matiök(i)r – canudo para beber ts’its’a
41.	CÍLIO, ĩkũri V.N. 40 makĩr – cabelo
42.	SOBRANCELHA, magúkúr, C. mokou-oudi Para kur v. N. 40 makĩr – cabelo
43.	ESPORÃO DO GALO, yobumbõ V. N. 173 yubũ - ponta de osso da flecha Para bo N. 20 mabó – pé
44.	CRISTA DO GALO, igĩkuir Para kuir v. N. 1 mundokuir – cabeça
45.	BICO, itáaga V. N. 8 itáaga – nariz
46.	ASAS, mas’săga Para as v. N. 252 C. madjahé – pássaro N. 18 muts’adára – dedo da mão
47.	CAUDA, ipána, C. ipána

II – Natureza

48.	SOL, nuvae, C. nouveai V. N. 58 ěfagndanùvāē - crepúsculo
49.	LUA, múpina, C. upina V. N. 396 úpive, amarelo
50.	ESTRELA, mabír ^o , C. mabeu V. N. 406 na(a)pir – quente V. N. 115 mápir – fuso de fazer fogo
51.	CÉU, muts’á
52.	TERRA, marfó, C. mafó V. N. 71 maforáta – cinza
53.	NUVEM, mukiatáir Para táir v. N. 56 matári – trovão N. 57 mokviätar – relâmpago
54.	CHUVA, mavāē, C. mavei

55.	ARCO-ÍRIS, mipá
56.	TROVÃO, mătari, C. matariaa V. N. 53 mukiatáir – nuvem
57.	RELÂMPAGO, mokviătar ¹⁰⁸ , C. Ito V. N. 53 – mukiatáir - nuvem
58.	CREPÚSCULO, ăřagnďanuvăe Para nŭvae v. N. 48 nŭvae - sol
59.	Dia, C. machuo
60.	Noite, C. mafi
61.	ÁGUA, mágŭ, C. magneu V. N. 84 mákŭ - remo N. 62 madz'ėekŭ - rio N. 63 moreekŭ - baía
62.	RIO, madz'ėekŭ, C. matogiquen, C. moudieque (pequeno rio) Para kŭ v. N. 61 mágŭ - água V. frase n. 2 gudz'ėikŭ - rio
63.	BAÍA, moreekŭ Para kŭ v. N. 61 mágŭ - água
64.	LAGO, magáho
65.	BRAÇO DE RIO, ioiáki
66.	Cachoeira, C. apowakou
67.	ILHA, guatoiėki Para oiėki v. oiáki em n. 65
68.	FOGO, mată, C. mata V. N. 116 tiakanatá – abano para fogo V.N. Frase 37 ogapoėgota – acende o fogo V. N. 71 maforáta – cinza V. N. 56 mătari – trovăo V. N. 57 mokviătar – relâmpago
69.	LENHA, mokuė
70.	FUMAÇA, mugŭ V. N. 119 matáhegi – cigarro V. N. 463 guahegi – fumar
71.	CINZA, maforáta (i. é trerra de fogo) V. N. 52 marfó – terá V. 68 mata - fogo
72.	MORRO, marápo, C. marapo
73.	Floresta, C. madj-ao
74.	Capinzal ou Campina, C. madjo-ougeu V. N. 160 mads'ahuag(í)r – colar de sementes de capim V. N. 40 makŭr – cabelo
75.	Caminho, C. maouvi
76.	PEDRA, măkú, C. maçou V. N. 7 makuá – dente V. N. 88 makó – machado V. N. 382 mŭku – jatobá

	V. N. 118 vaígukuárigakú – pedreira?
77.	PRATA, maráhe

III – Elementos Etnográficos

78.	CASA, movír C. moucu Ahiovír(10) – nossa casa Ehiovír – sua casa Guahiovir – tua casa V. Fráse 15
79.	Povoação, C. thajou
80.	Telhado, akuégn
81.	Porta, apeoiá
82.	Rancho Festivo, mafeerító
83.	Barco, máñi C. moutomouu, barco grande C. moudinouu, barco pequeno Para to em C. moutouu v. N.402 tööfãe - grande
84.	Remo, mákū V.N. 61 mágū - água
85.	Vara para impelir a canoa (Em port.zinga),madyuãdã Para da v.365 madár - madeira
86.	Ponta ou proa do barco, eopígagá Para ga v. N. 8 itáaga – nariz
87.	Popa do barco, hihē (e) ir
88.	Machado, makó V. n. 76 makú – pedra N. 89 maandāko – cabo do machado
89.	Cabo do machado, maandāko V.N. 88 makó – machado N. 365 madár – madeira
90.	Prato de barro, Mús'a N. 91 mús'aadá – prato de madeira
91.	Prato de madeira Mús'aadá V.N. 90 múa'á – prato de barro V.N. 365 madár – madeira
92.	Bilha de barro, V.N. 266 matū, ema
93.	Panela, mik(í) r° N. 254 mikí(r°) – papagaio

	N. 152 mikĩrbãdã - banco de madeira
94.	Caneca ,mats'úugiĩrgu V.N. 460 gogiĩgn – beber
95.	Colher, maguivái V.N. 96 mágua (a) dá – grande colher de pau V.N. 103 mats'adaguevái – garfo V.N. 101 mats'éevai – faca de campo
96.	Grande colher de pau,mágua (a) dá V.N. 98 maguá – concha para tomar sopa V.N. 365 madár – madeira V.N. 95 maguivái – colher
97.	Espátula para sopa, mákuada Para kua v. N. 7 makuá – dente Para da N. 365 madár – madeira
98.	Concha para tomar sopa, maguá (a) V.N. 96 maguá (a) dá – grande colher de pau
99.	Caracol para beber, mahá
100.	Sopa de bananas, mãhõdz''inõ
101.	Faca de campo, mats'éevai C. nickeevai (em francês:sabre) V.N. 467 mageho(u) ets'evai – amolar N. 102 minor(i)ts'eváii Para vai v.N. 118 vaígukuarigakú – pedreira? N. 95 maguivái – colher N. 103 mats'adaguevái - garfo
102.	FACA, mipor (i) ts' eváii C. motepougouai V.N. 101 mats'éevai – faca de campo
103.	GARFO, mats'adaguevái Para guevái –v. N. 95 maguivái – colhér Para ts'ada N. 18 muts'adára –dedo da mão
104.	CANUDO PARA TOMAR “TS'TS'A”, mãtiók (i) r Para k(i) r v.N. 368 ik(i) ryabó – galho V.N. 40 makĩr – cabelo V.N. 105
105.	“BOMBILHA” (Cana pra tomar mate) mãtiók (i) r V.N. 104
106.	VASILHA OU CUIA DE CASCA DE ABÓBORA PARA TOMAR MATE, matõnyĩko Para yĩco v.N. 109 mats'íko – chocalho de abóbora N. 108 matuyéko – tijéla de abóbora
107.	PEQUENA TIJELA DE CASCA DE ABÓBORA, matuyéko V.N.106 e 108.
108.	VASILHA OU CUIA DE ABÓBORA, mis'evekn V.N. 107 e 109.
109.	CHOCALHO DE CASCA DE ABÓBORA, mats'íiko Para ts'íiko v.N.106 matõnyĩko - vasilha de abóbora
110.	SUMO DE ACURÍ FERMENTADO, ts'its'a (Vocábulo admitido)
111.	AGUARDENTE DE AÇÚCAR, pokí

	C. mapoqueue
112.	TIJELA DE COURAÇA DE CROCODILO (grande), mibāēko Para ko v. N. 320 miko – crocodilo Para bāē v. N. 39 mfāē - pele N. 113
113.	TIJELA DE COURAÇA DE CROCODILO (pequena), mipeyouréko V.N. 112 mibāēko
114.	CAIXA, mes'eds'ika, mats'iávia
115.	FUSO DE FAZER FOGO mápir V.N. 406 na(a) pir – quente V.N. 50 mabír - estrela
116.	ABANO PRA FOGO, tiakanatá V.N. 144 madátiadaápara – tear
117.	PEDRA DE BATER CAROÇOS, mátaha
118.	PEDREIRA, vaígukuárigakú V.N. 76 makú – pedra V. 'N. 467 hãřikã – buscar Para vai v; N; 101 mats'éevai – faca de campo V.N. 467 mangeho (u) ets'evai - amolar
119.	CHARUTO, matáhegi V.N. 70 mugí – fumaça V.N. 463 guahegi - fumar
120.	FUMO, mabó C. maboo
121.	PENEIRA PARA FARINHA DE MANDIOCA, ugoágoma V.N. 373 mamá – mandioca V.N. 122
122.	RALADOR DE MANDIOCA, mateúkuma Para ma v. N. 373 mamá – mandioca Para teu v. tea em N. 139 matēadaápara – faca para tecer
123.	CESTO (trançado de folha de acurí) - um (n) dá V.N. 365 madár - madeira
124.	VIOLA (Instrumento de cordas), magáhu Para hu v. N. 493 – cantar ” ga v. N. 494 vãgaäts'a – dansar
125.	CORDA DA VIOLA, its'á V.N. 162 mat'aagátir – corda da viola Para ts'a v. N. 18 muts'adára – dedo da mão
126.	CARAVELHA DE VIOLA, its'ági V.N. 125 ts'a – corda
127.	ORIFÍCIO REDONDO DA VIOLA, its'ío V.N. 5 mats'io – boca
128.	OS TRÊS FIOS HORIZONTAIS NA EXTREMIDADE SUPERIOR DA VIOLA, ékuagító
129.	CARACACHA, (Instrumento de música feito de bambu torneado). Magaragats'a V.N. 494 vagaats'a – dansar
130.	CORNETA PRA CHAMAR, mūpõ
131.	CASTANHETA DE CASCO DE ANIMAL, máts'urubó

	V.N. 20 mabó – pé
132.	RAMINHO DE PENAS PARA A ORELHA, máraavi V.N. 10 máve – orelha
133.	DIADEMA, muts'aari Para ts'a v. N. 46 mas'ãga – asas
134.	AGUILHÕES DA RAIA (Instrumento contra dor de dente), mos'ibáku V.N. 7 makuá – dente
135.	BONECA DE PANO, mas'íovir V.N. 217 masirvuir – gente V. Frase 4
136.	CLAVA, C. maragueu
137.	LANÇA, madz-úrr
138.	ARMA, gátu C. makeu V. Frase 36
139.	FACA PARA TECER, própria para a confecção do abano de mosquitos, matěadaápara V.N. 144 madátiadaápana – tear para redes V.N. 158 mapára – abano para mosquitos V.N. 365 madár – madeira Para tea v. N. 116 tiakanatá – abano para fogo
140.	FUSO, madáhuits'i V.N. 142 muts'i° – algodão V.N. 143 muts'i° – fio N. 365 madár – madeira
141.	EIXO DO FUSO, Emũ(ng)
142.	ALGODÃO, muts'i° C. moutechai V.N. 143 N.140 madáhuits'í – fuso N.378 máguaaguets'í – palmeira tucúm
143.	FIO, muts'i° V.N. 142
144.	TEAR DE REDES, madátiadaápana V.N. 139 mateadaápara - Faca de tecer para abanos de mosquitos V.N. 146 mápana – rede de algodão V.N. 365 madár – madeira V.N. 116 tiakanatá – abano para fogo
145.	ARCO PARA ALISAR O ALGODÃO EM RAMA, magayidã V.N. 161 magadidã – arco
146.	REDE DE ALGODÃO, mápana V.N. 144 – madátiadápana V.N.147
147.	REDE DE FIBRA DE TUCUM, mats'edebá V.N.146
148.	ESTEIRA DE DORMIR DE JUNCO, miró
149.	ESTEIRA DE DORMIR DE FOLHA DE ACUMRÍ, mádaakúts'i V.N. 390 mūkuädã – acurí
150.	PELO DE JAGUAR (Rde de dormir), máfãedyépagó

	V.N. 240 mépago – jaguar N. 39 mafãe – pele
151.	PELO DE VEADO, mafãet (í) r V. N. 237 mĩt (˘) r – veado N. 39 mafãe – pele
152.	BANCO, mĩkĩrbãdã V.N. 365 mádar – madeira V.N. 93 mik(í) r ^o – panela
153.	Roupa, C. maré
154.	CHAPÉU, máhokuir V.N. 1 mundokuír – cabeça
155.	CAMISA, mafãe V.N. 39 mafãe - pele V.N. 156, 157
156.	CALÇA, mavãeta V.N. 155, 157
157.	LIGADURA PARA PULSO, mavãerúta V.N. 155, 156
158.	ABANO DE MOSQUITOS, mapára V.N. 139 matêadaápara – faca pra tecer
159.	MOSQUITEIRO, mageetó
160.	COLAR DE SEMENTES DE CAPIM, mads’ahuag (i) r V.N. 74 C. madjo-ougeu – capinzal
161.	ARCO, magadidá magátia C. magatea V.N.145 magayidã – arco para alisar o algodão em rama
162.	CORDA DO ARCO, mats’agátir V.N. 161 Para ts’a v. N. 18 muts’adára – dedo da mão
163.	ARCO, (Do arco de bola), madögöpiinu V.N. 164 V.N. 165 mãpiino – barro
164.	BOLA DE BARRO (Do arco de bola), madögãpino V.N. 163 N. 165
165.	BARRO mãpiino V.N. 163, 164
166.	FLECHA, C. machie Para chie (i.é. ts’í na mnha ortografia) V.N. 167, 169, 170
167.	FLECHA, COM PONTA DE TACUARA, mandauats’í V.N. 169 tauats’í – flecha para pássaros V.N. 166 C. machie – flecha V.N. 170 mabiz’í – flecha de criança
168.	FLECHA COM PONTA DE OSSO, madápi V.N. 175 – cabo de flecha
169.	FLECHA PARA PÁSSARO COM PONTA DE MADEIRA MAIS GROSSA, tautas’í V.N. 167 mandauats’i

170.	FLECHA DE CRIANÇA, mabidz'í Para diz' í v. ts'í em N. 167 mandauats'í – flecha com ponta de tacuara
171.	FLECHA-ARPÃO, mats'ábaga
172.	PONTA DE TACUARA DA FLECHA, míta
173.	PONTA DE ÔSSO DA FLECHA E DA FLECHA-ARPÃO, yubũ V.N. 43 yobumbo – esporão do galo
174.	PONTA DE MADEIRA DA FLECHA PARA PÁSSARO, ietõga
175.	CABO DA FLECHA, madápi V.N. 168 madápi-flecha com ponta de osso
176.	CABO DE ARPÃO, eida
177.	O ENROLADO DAS FLECHAS, mambáve
178.	O ENROLADO DAS PENAS NA FLECHA DE CRIANÇA, mundáda
179.	O ENROLADO DE ALGODÃO DA FLECHA, muts'i° V.N. 142 muts'i° – algodão
180.	O ENROLADO DE ALGODÃO DO ARPÃO, ivegnkuir Para kuir v. N. 1 mundo Kuír – cabeça
181.	PEÇA DE MADEIRA, INTERMEDIÁRIA, DA FLECHA DE TACUARA, mākūgubõ
182.	PEÇA DE MADEIRA INTERMEDIÁRIA DE UMA FLECHA DE PONTA DE OSSO E A PEÇA DE MADEIRA DENTEADA DE UM ARPÃO, yúpi
183.	A PENA DO CABO DA FLECHA DE TACUARA, makidyaye
184.	A PENA DO CABO DA FLECHA PARA PÁSSARO, mads'eyéya
185.	CORTE NA FLECHA DE TACUARA, mátaguígits'é V.N. 186
186.	CORTE NA FLECHA DE ÔSSO E NO ARPÃO, ãtagikuir Para kuir v. N. 1 mundokuir – cabeça V.N. 185
187.	CORTE NA FLECHA PARA PÁSSARO, ãtauekuír Para kuir v.N. 186, N. 1
188.	CORTE NA FLECHA DE CRIANÇA, madehedz'e
189.	CORDA DO ARPÃO, eits'áegeri
190.	COLA DE PEIXE PARA LIGAR A PONTA DE OSSO, madóko

IV – Relações de Parentesco

191.	Mãe, memě Guagi – tua mãe; v. frase 31 V.N. 199 mé – irmão de mãe
192.	PAI, bápa V.N. 198 pá – irmão de pai
193.	FILHO, bé C. allora
194.	FILHA, ió C. moudiohaja C. jio (minha filha)

195.	IRMÃO MAIS VELHO, ts'ína Para ts'í v. N. 197 ts'ívãē –irmã V.N. 208 ts'ína – primo mais velho
196.	IRMÃO MAIS MOÇO, didáhir V.N. 209 didáhir – primo mais moço
197.	IRMÃ- ts'ívãē Para ts'í v. N. 195 - ts'ína –irmão mais velho
198.	IRMÃO DO PAI, pá V.N. 192 bápa- pai
199.	IRMÃO DA MÃE, mé V.N.; 191 mee – mãe
200.	IRMÃ DO PAI, kuir V.N. 201
201.	IRMÃ DA MÃE, kuir V.N. 200
202.	PAI DO PAI, tovãēiu Para vãēiu v. N.203 kũ(ng) vãēiu – mãe do pai
203.	MÃE DO PAI, kũ (ng) vãēiu Para vãēiu v. V. 202 tovãēiu – pai do pai Para ku (ng) v. N> 205 kũ (ng)_ vuir – mãe da mãe
204.	PAI DA MÃE, ts'avuír Par vuír v. N. 205
205.	MÃE DA MÃE, kũ(ng) vuír Para vuir v. N. 204 ts'avuir – pai da mãe Para kũ (ng) v. N. 203 kũ (ng) vãēiu – mãe do pai
206.	NETO, nga
207.	NETA, nga
208.	PRIMO MAIS VELHO, ts'ína V.N. 195 ts'ína – irmão mais velho
209.	PRIMO MAIS MOÇO, didáhir V.N. 196 didáhir – irmão mais moço
210.	MARIDO, madãē C. matai
211.	ESPOSA, muháds'i C. mouhaja Para há v. N. 214 giõha – mãe do marido ou da esposa N. 201 ts'íehá – cunhado
212.	PAI DO MARIDO, dēēte
213.	PAI DA ESPOSA, dēētē V.N. 212
214.	MÃE DO MARIDO, giõha Para gi. V. N. 191 guagi – tua mãe, V. N. 215 Para há v. N. 211 muháds'í – esposa
215.	MÃE DA ESPOSA, giõhá V.N. 214

216.	CUNHADO, ts'iehá Para há v. N. 211 muháds'í – esposa
217.	GENTE, mars'irvuir V. fráse n. 4 V.N. 135 mas'ióvir, boneca de pano
218.	MENINO, s'iágants'i V. fráse n. 35
219.	VELHO, VELHA C. meou
220.	NEGRO, C. mibaia-chou
221.	BRANCO, C. akua-chou V.N. 391 mákuó – branco
222.	ÍNDIO, C. magueu-chou
223.	MULATO, C. noupirego-chou
224.	DEUS, C. ochewekin
225.	DIABO, C. moukelengui

V – Animais

226.	MACACO (Em tupí, macaco), (<i>Símia macaus spec.</i>), máku
227.	MACACO, C. maepo
228.	MACACO (pequena espécie), mas'žari
229.	“BOCA DÁGUA” (“Macaco da espécie macacus boca dágua”), maguáahu
230.	BUGIO (Tupi). <i>Myeetes barbatus</i> , mūkuē
231.	MORCEGO (spec.), muts'iga C. mapo
232.	COATÍ (Tupi), (<i>Nasua socialis</i>), mähādyāho C. maajaho
233.	BOI, mavaká (“do barsileiro: vaca”). C. waca
234.	CAVALO, matōyēpago C. tojepago V.N. 240 mēpago – jaguar N. 402 tōōfāē – grande
235.	PORCO, mapo C. mapo
236.	CAVALO, mavāē C. mavii
237.	VEADO PEQUENO, (Em tupí “suasú”), (<i>Cervus rufus</i> ou <i>campestris</i>), méds'iavi C. mejjavi
238.	VEADO GALHEIRO (“ Em tupí: suasúpucu”), (<i>Cervus paludosus</i>), mi(í)r V.N. 151 mafāēt (í) r – pele de veado
239.	TAPIR (“Em tupí: tapira”), (<i>Tapirus americanus</i>), mah(í)r
240.	JAGUAR (“Em tupi: yaguára”), (<i>Felis onca</i>) mēpago C. apaco V.N. 234 matōyēpago – cavalo V.N. 150 máfedyépago – pele de jaguar

241.	JAGUATIRICA (Tupí), (Feliz mitis [pardalis]), mǎroódz''a
242.	Lobo, C. mougouteu
243.	TATÚ (Tupí) (Dasypus), mipí C. mǐpǐ
244.	SARIGUELA (Didelphys spec.) mis'egas''iguǎfir
245.	LONTRA (Lutra brasiliensis), mǎēvĕ
246.	PACA (Coelogenys paca), mǐs'ǎviz''itō
247.	ESQUILO (Seiurus aestuans), mǎréiyi
248.	RATO (spec.), mits'čǎki
249.	GOLFINHO ou PEIXE-PORCO (Cavia aperea), mĕki
250.	AGUTÍ (Dasyprocta aguti), mitō
251.	CAPIVARA (Hydrochoerus capyvara), mak(í)r C. maqueueu
252.	PÁSSARO, C. madjahé V.N. 46 mas'aga – asas
253.	NINHO, mǎgunyitso
254.	PAPAGAIO (spec.), miki (r°). V.N. 93 mik(í) r° – panela
255.	ARARA (spec. Azul), mǎtaha
256.	ARARA (spec. Encarnada), mǎtōga
257.	ARARA (spec. Encarnada), mǎs'āga C. machada
258.	PERIQUITO (spec.), mípe
259.	PERIQUITO (spec.), mitáda C. mitada
260.	GALO, magare (d) z''oié C. magari-jahé V.N. 129 magariagats'a - caracacha
261.	MUTUM (Crax), makǎna
262.	JACUNTINGA (Tupí), (Penélope pipile), mǎhi
263.	PERDIZ (Perdix spec.), mūtirĭō
264.	ARACUÁ (Tupí), (Ortolida canicollis), mikǎna
265.	ANHUMA (Tupí), (Palamedea cornut), madz''í (r)
266.	EMA (Tupí), (Rhea maericanana), matũ C. maatou V.N. 92 matũ
267.	POMBO (spec.), mabō N.20 mabó – pé
268.	POMBA (spec.), mikĭrh(a)
269.	POMBA (spec.), míkĭ (n)
270.	TUCANO (Tupí), (Ramphastos discolorus), matōō (g) ōāē C. matogouiai
271.	CANCÃO (Tupí), Erismatura dominica, tōmǎts'óuiu
272.	PESCADOR (“Nome brasileiro que se dá a um certo pássaro”), mǐrǎts'a
273.	CABEÇA SECA (Idem), mikō
274.	TUJUJÚ (Tupí: tuyuyu), (Micteria americana ou ciconia mycteria), mahí(r)
275.	Jabiru, C. nicko
276.	Soco (Tupí), (Ardea brasiliensis), mikvo
277.	YOCO (Sic) (Nome brás. De um certo pássaro), mats'ō

278.	GARÇA CINZENTA (Ardea spec.), māguāha
279.	CARÃO (Tupí), (Ardea scolopacea, sive Ibis infuscata), măto V.N. 11 máto – pescoço
280.	COLHEREIRO (Platalea rosea), mĩrătăăgă V.N. 45 itáaga – bico V.N. 14 mará – mão
281.	GAIVOTA (Spec.), mǎngăăna
282.	PATO, mibă
283.	MARRECO, magvēbo
284.	ANDORINHA (Spec.), muts’ăabe V.N. 285
285.	ANDORINHA (Spec.), toyots’ăabe V.N. 284
286.	GRALHA (Cyanocorax coeruleus), tomatē
287.	“AMASSA-BARRO” (Nome bras.), (Furnarius spec), mipába V.N. 288
288.	“AMASSA-BARRO” (Nome bras.), (Furnarius spec.), măguanipaaba V.N.287
289.	CURICACA (Tupí), (Spec. Ibis), matodikăna
290.	CURICACA (Tupí), (Ibis spec), mǎkōdă
291.	“yao” (Tupí), (Crypturus noctivagus, sive zabele bras.), mũfats’ăho
292.	FRANGO DÁGUA (Fulica spec.), maguáato Compara-se com o nome da tribu: guató
293.	“BIGUA-TINGA” (Tupí), (Plotus anhinga), mǎhē
294.	BIGUÁ (Tupí), (Carbo brasilianus), mitũyé
295.	SARIEMA (Tupí), (Dicholophus cristatus), muts’iga
296.	“CAFEZINHO” (Bras.) (Pequena ave dos chacos), mits’í
297.	PICAPÁU (Picus spec.), mitumbāvi
298.	BAGUARÍ (Tupí), (Ciconia spec), muga
299.	BAGUARÍ (Tupí), (Ciconia spec.), măguōōgă
300.	“ESCRAVO DE JOÃO PINTO” (Sic) (Bras.) makũũhe
301.	CABURÉ (Tupí), (Strix spec.), mubō
302.	URUBÚ (Tupí), (Catharista spec.), mōgú
303.	URUBÚ (Tupí), (Catharista spec.), mats’iga
304.	GAVIÃO (Spec.), mēdz’ăha
305.	GAVIÃO (Spec.), mǎrōdz’ikăna
306.	GAVIÃO (Spec.), maguikĩngua
307.	GAVIÃO (Spec.), mütăkoraăpě
308.	CARDEAL (Cardinalis cucullatus), mōrōbik (u) ir V.N. 1 mundokuír – cabeça V.N. 154 máhokuir – chapéu
309.	SAPO e RĂ (Spec.), mĩtōhu
310.	SAPO e RĂ (Spec.) ōpĩgadz’ēnye
311.	SAPO e RĂ (Spec.) măguārēté
312.	SAPO e RĂ (Spec.) mătrogua
313.	SAPO e RĂ (Spec.) mǎdōvi
314.	SENEMBÚ (Tupí), (Espécie graúda de lagarto), mĩkuahu
315.	PAPAVENTO (Grande lagarto brasileiro), mĩtāmũhă

316.	OURIÇO (Espécie de lag. Bras.), maroyave
317.	LAGARTO (Lagartixa Spec.), mipēeri
318.	LAGARTO (Lagartixa Spec.), mihã
319.	LAGARTO (Lagartixa Spec.), mĩbirēkn
320.	CROCODILO (Crocodylus serelops), miko V.N. 112 mibãeko – tijela de crocodilo
321.	Sucuriú (Tupí), (Boa spec.), mikúari C. miquari
322.	CASCAVEL, C. mijaii
323.	Cobra, C. mojjipao
324.	CÁGADO (Platemis spec.), mútaab (i)
325.	Peixe, C. megenti
326.	PIRANHA (Tupí) (Serasalmo piraya), mūt(i)r
327.	CURIMBATÁ (Tupí) (Spec. Peixe) mivō
328.	CASCUDO (Spec. Peixe), ĩboōts'ĩ
329.	CARÁ (Tupí) (Spec. peixe), mĩboōts'ĩ
330.	PACÚ (Tupí) (Spec. peixe), muguãakuã V.N. 7 makuá – dente
331.	PACUPEBA (Tupí) (Spec. peixe), mūpã
332.	PINTADO (Spec. peixe) mapír
333.	PEIXE SEMELHANTE AO PINTADO, mats'ĩ
334.	JAÚ (Tupí) (Spec. peixe) mĩpěz'ēgntí
335.	Rubafo (Spec. peixe), mǎpĩ
336.	BORBOLETA (Spec.), muboóta
337.	BORBOLETA (Spec.), mandagũnta
338.	MOSCA (Spec.), maié
339.	MOSCA (Spec.) mádz'ĩhĩ
340.	MUTUCA (Spec. brasil.) nivóoto
341.	“MOSQUINHA” (Spec. brs.) mǎrōrě
342.	“MANDORI” (Tupí), (Spec. abelha) manōpĩnō
343.	MARIMBONDO (Tupí), (Spec. vspa), maguáha
344.	MEL, mápagua V.N. 345
345.	PIOLHO, mápagua V.N. 344
346.	MOSQUITO, maká
347.	FORMIGA (Spec.), mǎrōmō
348.	FORMIGA (Spec.), mufãra
349.	FORMIGA CARREGADOR (Spec. brasil.), mukuĩr Para kuir v. N. 1 mundokuĩr – cabeça
350.	“FORMIGA TOCANGUIRA” (Spec.), mĩs'ĩēb(i)r
351.	“FORMIGA TOCANGUIRA” magũ(ng) dĕrãhu
352.	GRILO (Spec.), tomoiēiē
353.	GRILO (Spec.), mas'ĩōt(i)r
354.	GRILO (Spec.), movĩriri
355.	GRILO (Spec.), mǎkōōdyĕ
356.	GRILO (Spec.), maiyēhe
357.	SANGESSUGA (Spec.), mǎts'ō (ng)tǎ

358.	CARANGUEJO (Spec.), mútă
359.	CARACOL (Spec.), mapagopě
360.	CONCHA (Spec.), māguāz''īpī
361.	CONCHA (Spec.), maguōē
362.	CONCHA (Spec.), miūri
363.	CONCHA (Spec.), mutídăguā

VI – Plantas

364.	<p>ÁRVORE, madár C. mador V.N. 365 madár – madeira V.N. 366 makuadár - folha V.N.384 matoadár - flor V.N. maguidá – cana de açúcar V.N. 396 mūkuadă – acurí</p>
365.	<p>MADEIRA, madár V.N. 364 madár – árvore V.N.85 madyuădă – vara de impelir a canoa V.N.89 mandăko – cabo de machado V.N.91 mus'adá – prato de madeira V.N.96 máguaadá – grande colher de pau V.N.97 mákuada – espátula para sopa V.N.123 mu (n) dá - cesto V.N.139 mateadaápara – faca para tecer V.N.140 madáhuits'huits'í – fuso V.N.144 madátiadaápana- tear V.N.145 magadidă - arco para alisar algodão em rama V.N.149 mádaakúts'í – esteira de acurí V.N.152 mīkīrbădă - banco V.N.168 madápi – flecha com ponta de osso V.N.175 mdápi – cabo de flecha V.N.176 eida – cabo de arpão V.N.178 mudada – o enrolado nas penas de flecha de criança</p>
366.	<p>FOLHA, makuadár V.N. 364,365 madár – árvore, madeira V.N. 7 makuá – dente</p>
367.	RAÍZ, matána
368.	<p>GALHO, ik (i) ryabó V.N. 40 makīr – cabelo</p>
369.	<p>FLOR, matoadár V.N. 364 madár – árvore N. 409 nitoavi – bom, bonito</p>
370.	<p>MILHO, madz''éro C. majei</p>
371.	<p>FEIJÃO, moparóha C. moupariroca</p>
372.	Batata, C. mouka

373.	MANDIOCA, mamá V.N. 121 ugoágoma – peneirador de mandioca V.N. 122 mateúkuma – ralador de mandioca
374.	CANA DE AÇUCAR, maguidá N. 462 arogueda – chupar cana de açúcar
375.	BANANA, măguăădz’ã C. maquajaha
376.	FIGUEIRA, mukă
377.	“MANGAVE” (Sic) mararita
378.	TUCUM, măguaaguets’í V.N. 379 142 muts’í° – algodão
379.	FRUTO DO TUCUM, matakúvets’í V.N. 378
380.	ACURÍ, müküadă C. mdjii V.N. 366 makuadár - folha
381.	CARANDÁ, mūf(i)r
382.	JATOBÁ, mūku V.N. 76 makú – pedra
383.	Inganzeira, mirádz’a
383-A	Embauva, mamăadă
384.	SIBOTÁ (frúto), mats’i
385.	UNHA DE GATO (Arbustos de espinhos), mákugubó
386.	“PAUDAIO” (sic), mīpōōgadā
387.	“RUNCADOR” (sic), mōguăadō
388.	TARUMĂ, madō
389.	FORNO DÁGUA, mīguātă
390.	GUAAPE (Planta aquática), mudăda

VII - Adjetivos

391.	BRANCO, mákuó V.N. 221 C. akua-chou – branco
392.	PRETO, ipě
393.	AZUL, rápoukuaadá V.N. 394 marápou – verde
394.	VERDE, marápou V.N. 393 rápoukuadá – azul
395.	VERMELHO, maráts’o
396.	AMARELO, úpive V.N. 49 múpina – lua
397.	ESCURO, aguári
398.	CLARO, matűűdza
399.	LIMPO, nís’ia
400.	VIAVEL, năbí V. frase 3
401.	SUJO, mirori

402.	GRANDE, tōōfāē Para tōō v. N. 443 toopū (ng) – muitos N. 404 toguéts'a – alto (N. 413 notō – duro) N. 83 C. moutomouu – barco grande para fāē v. N. 39 mafāē – pele
403.	PEQUENO, dzavī
404.	ALTO, toguéts't Para to v.N. 443 toopū (ng) – muitos N. 402 tōōfāē – grande (N. 413 notō – duro)
405.	BAIXO, diópada
406.	QUENTE, na(a)pír C. apeu, calor V.N. 50 mabir – estrela V.N. 115 mápír ^o - fuso de fazer fogo
407.	FRIO, nakaráguaiu C. maraquai, o frio
408.	MUITO LONGE, okuóheya V. frase 6, pahe em frase 21 ivia pahe: “eles não vão longe”
409.	BOM, BONITO, nitoavi C. itoa (bom) V. frase 4
410.	BONITO, C. nitou
411.	MAU, RUIM, nikiiro C. mifau
412.	FEIO, C. mifau
413.	DURO, notō
414.	Pesado, C. itavo
415.	Leve, C. nitaan
416.	BRAVO, (no sentido de SELVAGEM), na kēdza
417.	MANSO, nanīndě
418.	Podre, C. eiguaoraea
419.	DIFERENTE, DIVERSO, iogr V. frase 28 e 33

VIII – Adjetivos numerais

420.	UM, ts'énehe C. tehenai V.N. 425 ts'enekaéhera – seis V.N.430 tsénehebó – onze V.N.438 C. tchenai-ai-quchoibo – dezesseis V.N.440 C. thcenai-kiba – vinte-e-um
421.	DOIS, dúni C. dou-ouni V.N. 426 dunikaéhera – sete

	V.N. 431 duniimbó – doze V.N. 436 C. douounai-ai-quachoibo –dezessete
422.	TRÊS, ts'úmo C. tchoum V.N. 427 ts'umokaéhera – oito V.N. 432 tsúmoimbó – treze V.N. 437 C. tchoum-ai-quachoibo – dezoito
423.	QUATRO, deéka(i)r C. dekai V.N. 428 (deka(i) kaékaira – nove) V.N. 433 deekaírkaírkaírbó – quatorze V.N. 438 C. dekai-ai-quachoibo - dezenove
424.	CINCO, tóhera C. toera V.N. 14 mará – mão Para ra v. N. 425 – N. 429 – seis – dez
425.	SEIS, ts'enekaéhera C. tchenai-caicaíra V.N. 420 ts'énehe – um Para hera N. 424 tóhera – cinco V.N. 14 mará - mão
426.	SETE, dunkaéhera C. dououini-caicaíra V.N. 421 dúni – dois Para hera N. 424 tóhera – cinco V. N. 14 mará – mão
427.	OITO, ts'umokaéhera C. tchoum-caicaíra V.N. 422 ts'úmo – três Para hera N. 424 tóhera – cinco N. 14 mará - mão
428.	NOVE, deka(i)rkaékaira C. dekai-caicaíra V.N. 423 deéka(i)r – quatro Par hera N. 424 tóhera – cinco
429.	DEZ, kínyuira C. quinoida Para ra v. N. 14 mará-mão
430.	ONZE, ts'enehebo C. thenai-ai-caibo V.N. 420 ts'énehe –um N. 20 mabó- pé
431.	DOZE, duniimbó C. douounai-ai-caibo V.N. 421 dúni – dois N. 20 mabó – pé
432.	TREZE, ts'umoimbó C.tchoum-ai-caibo V.N. 422 ts'úmo – três N. 20 mabó – pé

433.	QUATORZE, deekairkairkairbó C. dekai-al-caibo V.N. 423 deéka(i)r – quatro V.N. 20 mabó – pé
434.	QUINZE, C. quinoibo V.N. 10 C. quinoida N. 20 mabó – pé
435.	DEZESSEIS, C. tchenai-ai-quachoibo V.N. 420 ts'énehe –um N. 20 mabó- pé
436.	DEZESSETE, C. douounai-ai-quachoibo V.N. 421 dúni – dois N. 20 mabó – pé
437.	DEZOITO, tchoum-ai-quachoibo V.N. 422 ts'úmo – três N. mabó – pé
438.	DEZENOVE, C. dekai-ai-quachoibo V.N. 423 deéka(i)r - quatro N. 20 mabó – pé
439.	Vinte, C. quinoui-quachoibo N. 20 mabó – pé
440.	Vinte-e-um, C. tchenai-jiga V.N. 420 ts'énehe – um
441.	Vinte-e-seis, C. dechagiga
442.	Trinta, C. tchenai-jiga-caicaira

IX - Partículas e demais Observações

443.	MUITOS, toopũ
444.	ALGO, ALGUMAS COISAS, era V. frase 9
445.	COMO E'?, diruadé V. fr.2
446.	QUANTOS? deepũ V. fr.5 V.N. 443 toopũ – muitos
447.	QUANDO? Navaéekigi V.fr. 8
448.	LÁ, AQUÍ (Partícula que indica o local da ação), hani V. fr. 4
449.	PARA LÁ, he (também se diz: hi), indica o local para onde se dirige a ação V.fr.7
450.	ESTE AQUÍ, gine V. fr. 4 V.N. 453 dign'digine) – agora
451.	DE VOLTA, ts'a V. fr. 7

452.	DE NOVO, OUTRA VEZ, namara V. fr. 12 e 10
453.	AGORA, dign' Para gn. V.N. 450 gine – aquí
454.	NUNCA MAIS, nianinaeso virmara V. fr. 10 Para mara v.N. 452 namara – de novo
455.	POR ISSO, iruadeye eraaye V. fr. 25 Para iruadeye v. N. 445 diruadé – como é?
456.	NÃO, égu V. ego fr. 23 C. mau Negação vebral pela vogal i, v. fr.12
457.	SIM, C. ii
458.	CUMPRIMENTO, oihebí V. fr. 1
459.	ADIANTE! (“Em brasileiro: vamos!”) kíra V.fr.39 kíra gúteradya – “vamos embora”

X – verbos

460.	BEBER, gogígn V.N. 94 mats'úugiírgn – caneca
461.	COMER, guárogn' (provavelmente 2 ^a pess.), (tu comes) C. aroeuguen V. 462 arogueda – chupar cana
462.	CHUPAR CANA, arogueda V.N. 374 maguidá – cana de açúcar V.N. 461 guárogn – comer
463.	FUMAR, guahegi (provav. 2 ^a pess., tu fumas) V.N. 70 mugí - fumo V.N. 119 matáhegi - charuto
464.	FAZER, ònō(ho) nă
465.	ACENDER FOGO, ogapoégota, acende o fogo igapoégota, eu acendo o fogo. V. fr. 37
466.	PRENDER, C. ooutchai (Francês: attacher)
467.	AMOLAR, mageho(u) ets'evai V.N. 101 mats'eévai – faca de campo V.N. 102 mipor(i) ts'eváii – faca Para vai v. N. 118 vaigukuárigakú - pedreira
468.	DEITAR, okūgua
469.	DORMIR, adákuani C. kouni
470.	SENTAR, āgāhāgĩ

	C.naguagueu
471.	IR ou ANDAR, nakáni, okani, eu vou ou eu ando; eguava, tu vais outu andas V. fr.3 guava – tu vais u tu andas V. fr.3 ivia – eles não vão ou eles não andam Ahodyíka – nós vamos ou nós andamos Dekia ts’amohióvoro – vou para casa V. fr. 38
472.	Correr, C. niguouai
473.	VIAJAR, kīraugohēgn guakérehi – quando viajavas; v. fr.2 v. gōhegn’em fr. 21 v. fr. 11 kaioguak (í) rgi- onde vais
474.	BUSCAR, hāríka V.N. 118 vaígukuárigakú – pedreira ?
475.	TRAZER, hōdōkiā V. fr. 9 ōdōkiderahani – para trazer algumas coisas pra nós
476.	DAR, adomahi (eu dou) V. fr. 35
477.	ATIRAR COM A FLECHA, ukuēnikūni
478.	Caçar, C. yavarou
479.	MATAR, kērāgāgū (ng) C. wadoubegou
480.	BATER, nekéera C. negoun
481.	BRIGAR, áhedz’az’in (g)
482.	REMAR, oióga naiogaío – eu remo naióga – êle rema naiogahi – nós remamos guats’iaióga – vocês remam
483.	LAVAR, kuafú C. waafé
484.	LIMPAR, ōguāhadya
485.	CORTAR, mākimbō
486.	LANÇAR, guāyā (hã)
487.	Morder, C. eta
488.	Falar, C. mouteu
489.	CHAMAR, ōkāaye
490.	PERGUNTAR, déhogn’ma, ela pergunta V. fr. 31
491.	NADAR, naafúrnigúgn C. afeauni
492.	Mergulhar, C. afeugua
493.	CANTAR, māho, C. maho V.N. 124 magáhu – viola
494.	DANSAR, vāgaāts’a C. agacha V.N. 129 magariagats’a – caracacha
495.	RIR, guākuāhu

496.	Estar alegre, C atarijou
497.	CHORAR, mahóne, ela chora C. aouni V.fr. 31
498.	ESPIRRAR, mäts'ia C. atehian
499.	DEFECAR, kēragōkū
500.	URINAR, ĩpinar
501.	SOLTAR GASES, dīs'ídōis'ĩ
502.	MORRER, vāts'ōgã
503.	VER, SABER, guats'ír, tu vês V. fr. 2 kībets'ír (v. fr. 23) e akeheibets'ír (28) êles não sabem
504.	Cansar, C. acoura
505.	ESTAR DOENTE, năkŭvĕ C. akoai, doente
506.	Febre, C. apouja
507.	TER MEDO, montaguagagātu, êle tem medo da espingarda. V.N. 138 gatu – espingarda V.fr. 36

IV- Frases da Língua Guató

1.	oihebí <i>Bom dia</i> (cumprimento)
2.	diruadé guakérehi <i>como é quando você está viajando</i> nagua guats'ír gudz'ēkū (ng) <i>o que você viu (d) o rio?</i> diruadē – (também: iruadē. V. fr. 23 e fr. 34) encontra-se frequentemente como partícula interrogativa na frase direta e indireta (v.23) iruadē kibāē tsír, (“êles não viram como era”. 28, 31, 34). A rosa traduzida : “como é”. Acrecentando a sílaba ye “eruadeye” resulta o “por isso”, português, que é igual ao eráaye em 23. guakérehi, quando você está viajando. V. kirauygohegn N. 473 do vocab. e bem assim a frase n. 6. Deduz-se com segurança que “gua” é o pronome da 2ª pess. V. guats'ír – você vê ou viu guavá – você foi. E bem assim os substantivos: guagi – sua mãe (31), guahiovir – sua casa (78) e na expressão iókaguak (i)rgi “lá na sua banda” “de onde você vem”. na, assim como diruadé parece ser uma partícula interrogativa, conforme se vê na frase a seguir. Na fr. 8 ela está contida na palavra

	<p>navëekigide, que é a palavra interrogativa “quando?”.</p> <p>guats’ír– conforme o que dissemos acima é a 2ª pess. Do verbo “ver” – V. 5 e 34. Além disso kibe ts’ír em 23 e akéhei be ts’ír que foi traduzido em 28 por “eles não sabem”.</p> <p>gutz”ëkū (ng) – o rio. V. 6 e madz”eékū (ng) do Vocab. (N. 62).</p>		
3.	<p>nābi guavá</p> <p><i>está limpo aonde andaste?</i></p> <p>diruadē?</p> <p><i>Como é?</i></p> <p>nābi – a respeito de “na” na interrogação v. 2</p> <p>guavā – você vai, você foi – v. 32 hēgvouvādi (7), “<i>onde você vai agora?</i>”</p> <p>mara guavā (10) “<i>você vem outra vez (também 12)</i>”.</p> <p>Neta gaaavāts’ana (13) “<i>mesmo quando quer você não vem mais</i>”.</p> <p>deguavāts’a (8) – “<i>você vem outra vez</i>”</p> <p>iviā(21,27) – “<i>eles não vão</i>”.gos’irvuir viā (22) – “<i>esta gente não vai</i>”.</p> <p>V. ive (21,25).</p> <p>diruadē, v. 2.</p>		
4.	<p>gos’irvuir di -toa - g’n</p> <p><i>gente agora (estam) bons</i></p> <p>hani?</p> <p>lá?</p> <p>gos’irvuir – radical: s’irvuir; com o prefixo abstrato, temos: mas’irvuir. a gente.</p> <p>V. 5, 15, 21, 23,28.</p> <p>gināē gos’irvuir (22,27) “<i>estes gentes</i>”.</p> <p>V. no Vocab. O n. 135 mas’iróvir – boneca de pano.</p> <p>di-toa-g’n – toa é o radical do adjetivo nitoavi - “<i>bom, bonito</i>”</p> <p>V.14 e 31 e N. 409 do Vocab.</p> <p>dig’n – partícula temporal “<i>agora</i>”.</p> <p>V. hegvouvādig’n (7) – “<i>onde você vai agora</i>”, bem assim 12,1319.</p> <p>hani (às vezes abreviado para “han”). Partícula local, designa o local da ação, “<i>lá</i>” e “<i>aquí</i>”.</p> <p>V. ödökiderāni (9) “<i>trazer algumas coisas para nós, aquí</i>”.</p> <p>gos’irvuir iog(i) rhan (28) – “<i>gente de lá</i>”.</p> <p>toopū (ng) koiëehani (30) – “<i>lá na sua banda há muita criação?</i>” V. 32, 33 e 34.</p>		
5.	<p>deepū (ng) gōahír guats’ír?</p> <p><i>quanta gente você viu?</i></p> <p>deepū (n) – “<i>quanta</i>”. É a interrogação quantitativa.</p> <p>V.toopū(ng) (15,30) “<i>bastante</i>”. A sílaba “de” encontra-se além de</p>		

	<p>em deepũ (ng) também em outros sentidos interrogativos.</p> <p>V. diruadē (2) “como é?”, navāēkigide (8) “quando?”, deekuóheya (6) “é longe?”.</p> <p>Assim, também, no verbo déhogn’ma (31,32) “ela pergunta” ha esta sílaba. goahír – significa aqui o mesmo que gos’irvuir (v.4) guats’ír (v.2).</p>
6.	<p>deekuóheya odz’ēekũ (ng) <i>está longe o rio</i> (sic) guakérehi? <i>quando você está viajando?</i> (sic)</p> <p>deekuóheya – a respeito da sílaba “de” na interrogação vide 5. okuóheya – “muito longe, muito longe”. V. 11, 16, 29,32. odz’ēekũ (ng) v.2. guakérehi, v.2</p>
7.	<p>hēgvouvā dign’? <i>aonde vai agora?</i> dēkiats’áhio ? <i>já vai embora?</i></p> <p>he (também se diz hi) é como hani (v.4) a partícula local, mas indica o local para onde se dirige a ação. V. dehog’ñma heguava (31) “ela pergunta aonde você foi”.</p> <p>guakérehi (2,6), “ quando você esta viajando”. kiraugohégñ – “viajar”, N. 473 do Vocab. V. 7, 8, 9, 10,17 etc. va, v.3, gua-va – você vai. digñ – v. 4</p> <p>dekiats’áhio – v. 9, 19,38. A sílaba ts’a também se encontra em outras combinações de significação idêntica e parece corresponder à expressão alemã “zurück” (em sentido de local), (N. da T. – “zurück” – (ir) embora).</p> <p>guavats’a 8; deteheyets’árehi 31,33.</p>
8.	<p>navāēkigi deguavats’agine? <i>quando</i> <i>você vem outra vez?</i></p> <p>navaēkigi – “quando?” v.9. “na” na interrogativa vide 2, “de” na interrogativa vide 5, guava – “ você vem” – v.3, ts’a – v.7. gine – “<i>aquí</i>”, também se diz gn’e; do mesmo modo em 33 (tínee ní) gíne giog(i)r – “é como aqui ou é diferente?” (iog(i)r – diferente),</p>

	gine gos´irvuir (21,22) “estas gentes daqui”, “ estas gentes”.		
9.	navāēki <i>quando</i>	ts’āheri <i>você vem outra vez</i>	
	ōdōki <i>trazer</i>	dera <i>algumas coisas</i>	hani? <i>para nós.</i>
	<p>navāēki – v.8. ts’āheri; ts’á v.7; heri v.7. ōdōki – “trazer”, v. hōdōkia do Voc. N.475. era – “algumas coisas”, v. erāaye – “por isso” em 23, e erahani em 32 e 34, hani – v. 4</p>		
10.	nianināēs’ovirmara guavānihi <i>nunca mais (agora) você vem</i> Na negativa verbal está sempre contida a vogal “i”, assim também aqui em n – i – a – mora, “não mais”. V. inamarātehēyegn’heedign’(13): tão cedo você não vem mais; ihēgn’dígn’(12): você não vai mais longe; ivíapahe (27): eles não vão longe. V. ainda os nrs. 21, 22, 23, 24, 25,28. Encontramos a palavra namara no mesmo sentido em 12 e 13. guavā – você vem – v.3 hi – v.7		
11.	Kaio kuóheya <i>Aonde você vai</i>	guak(í)rgi <i>é muito longe</i>	
	Kuóeya – “longe, muito longe” – v.6 Kaio-gua k (ir)rgir ou também ioka-gua k(í) rgi – “ aonde você vai”, “lá na sua banda”. V. 25, 29, 30; gua é o pronome da 2ª pess. V. iokaguahe em 14 e 21, cuja significaçã é idêntica.		
12.	Enamara <i>Quando chega</i>	guavá <i>lá (na sua casa)</i>	
	i <i>você</i>	hēgn’ dī’gn’ <i>não vai mais longe</i>	
	namára – “mais” (no sentido de “não mais”) v.10. guava – “você vem”, “você vai”, relaciona-se tanto com a palavra anterior como posterior. V.3. i – negaçã, v. 10 hēgn’ - por certo – he gn’ e – “para aqui”. he v.7, 20; g’ne v. 8; v. kiraugohegn’ - “viajar” N. 473 do Vocab. đīgn’, v.4.		
13.	netaguaaváts’āna <i>nem quando quiser você não vem mais</i> inamarātēhēyēgn’heedign’ <i>tão cedo você não vem mais</i> guava – “você vem”, v.3. tsa- (ir) “embora” v.7. negaçã – v. 10.		

	hěgn' – “para aqui” – v. 4 đign – “agora”, v. 4
14.	diruadē iōkaguahe <i>como é</i> <i>la na sua banda</i> nitoavi? <i>(está) bonito?</i> diruadē - “como é?” V. 2. iōkaguahe – “lá na sua banda”, v. kaio-gua k(i)rgi em 11. he – v.7 nitoavi – “bonito”, v.4
15.	toopūguarias' irvuir? <i>Sua banda tem bastante gente?</i> tōfiāĩgovkír? <i>Tem bastantes casas?</i> toopū - “bastante” – v. 30. V. também 5, deepū (ng), - “quanto”. gua – pronome da 2ª pess. V. 2. mas' irvuir – “gente”, v. 4. movuir – “casa”, v. N. 78 do Vocab.
16.	okoiadigokuagīhadēhee gí nedi <i>aqui na banda você está longe</i> gine – “aqui”, v.8
17.	Nagoh(i)rdí idagats'i nitéer ehi <i>Nós não sabia que você vem parecer por aqui (sic)</i> Rehi – v. 7,18.
18.	ds'ōts'ēagag'n dāteérhi <i>quem é, quem sabia que você quer parecer por aqui (sic).</i> Rehi – v. 7,18.
19.	Ts'adign da dékiats'ágn'hi <i>Agora você vai embora</i> ts'á – “embora” – v.7. đign – “agora”, v. 4. hi, v.7
20.	óhé déhěgn' hegn'ē <i>você apareceu aqui tão longe</i> hěgn, hěgne – “para aqui”, v.12.
21.	g(í) ne haeruadé iveteheh(i)n <i>estas gentes daqui não passeiam</i> diokáguahin ivee kéos' irvuir <i>aqui não tem gente</i> A tradução portuguesa dessa frase é bem pouco clara. Em todo o caso na palavra “iokáguah(i) n” está indicado o lugar para onde a gente não

	<p>viaja, isto é, “para a sua banda”. V. 14 e 11. g (í) ne – “aqui” estas, v. 8. sí’rvuir – “gente”, v.8 hæruadé – v. diruadé em 2. Iveteheh(i)n – “eles (a gente) não querem ir lá”; v; iteheh(i)n em 24 “ele quer ir lá” e kíiveétehi em 25 “êles não querem ir lá”.</p> <p>vê – vem, em todo o caso, de “andar” em 3; he em 7.</p> <p>iviapahě - êlesa não vão longe, v. 22 e 27 ivia – êles não vão, v.3; i – negação, v. 10 gōhegn – as mesmas sílabas encontram-se em kirau góhegn – “viajar”. Vi N. 473 do Vocab. O n. 12 com respeito a hegn.</p>
22.	<p>gine gos’irvuir viápaads’in estas gentes daqui não vão longe</p> <p>gine - “estas”, v. 8 gos’irvuir – “gentes”, v.4 viapaa, v. 21 e 27; i negação, v. 10</p>
23.	<p>eráaye iruadēki bāēts’ir <i>por isso não viu</i> ēgo bæ ts’ir os’irvuir <i>não viu nada gente (sic)</i></p> <p>eráa – v. 9 ye, v.25, onde o ye está ligado ao iruadē = “por isso”. iruadē, v. điruadé “como é”, em 2 baets’ir – “êles vêm”, “êles viram”, v.2.28 ēgo - negação forte, v. N.456 do Vocab.</p>
24.	<p>tonaně tōananě tagviiva <i>quando alguém quer ir, não</i> iteheh(í) n <i>chega lá.</i></p> <p>Iva – não chegam lá, v.3 iteheh(i)n – êle quer ir para lá, v. iveteheh(i)n 21 e kiiveétehi 25; he, v.7.</p>
25.	<p>kaiokúóheya guak(í) rgi <i>acham longe adonde você vem</i> iruadeye kiiiveétehi <i>por isso não querem ir lá</i></p> <p>kaiokúóheya guak(í) rgi – v.11 iruadeye – “por isso”, v. eraaye 213, iruadé v. 2 (k) iveétehi – “êles não querm ir lá” i- negação; v. 10 iveétehi – v.21; hi, v.7.</p>
26.	<p>ineruadē gnomehe <i>não é como você que passeou</i> kapahes’íurehi</p>

	<p><i>como você que foi longe passear</i> i - negação; v.10 eruadē - v. 2 apahe - v. 27; iviapahe - “eles não vão longe”, e viapaa em 22 rehi - v.7</p>
27.	<p>gine gos’irvuir <i>aqui estas gentes</i> iviápahe <i>não vão longe</i></p> <p>gine - “estes aqui”, v.8 gos’irvuir - “gente”; v.4 ivia - “êles não vão, andam”; v.3 iviápahe - v.21</p>
28.	<p>akéheibaets’ir diruadēhá <i>e por isso não sabem como é</i> gos’irvuir gente <i>iogrhan</i> uma outra cidade</p> <p>ibæts’ir - “não sabem”, v. 23; i negação, v. 10 diruadé, v.2 gos’irvuir - v.4 iogghan; han - v.4 iog’r; v.33 “diferente, em outro lugar”, portanto está aqui ligado à partícula han = “em outro lugar”</p>
29.	<p>iókaguak(í)rgi okuoheyaye <i>adonde você veio é longe</i></p> <p>iokaguak (í) rgi, v. kaioguak (í) rgi em 11. okuoheya, v.11.</p>
30.	<p>iokaguak(í)rgi toopũ(ng)koiëehani? <i>lá na sua banda tem bastante criação?</i> iokaguak(í)rgi v. 29 e11 toopũ(ng) - “bastante” - v.15 koiëe - “criação” hani - v.4</p>
31.	<p>díteheyets’árehi mahóne <i>quando você chega lá hora</i> guagi déhognamhéguavá <i>sua mãe ela pergunta aonde</i> diruadeguava nítóavi <i>você andou e si o caminho está limpo</i> diteheyets’árehi - “quando você chega lá” t’as - v. 7 hi - v. 7 mahóne - ela chora</p>

	<p>guagi – “sua mãe”; gua – pronome da 2ª pess., v.2, v. mãe no Vocab. n. 191 - mēmě</p> <p>déhogn’ma – “ela pergunta”; v. medébehogn’n’ma em32, he – v.7</p> <p>guava – v.3</p> <p>diruadé – v.2</p> <p>nítóavi – “bonito”; v.4.</p>
32.	<p>medébehogn’ma heráhan? <i>o que você viu para lá?</i></p> <p>okuóheyáyedí guaváhan? <i>onde você andou é longe ou perto?</i></p> <p>medébehognma – v. dehognma – “ela pergunta”, em 31. hera (erá), v. 9 – “algumas coisas” han(hani), v.4 okuóheya – v.11 guava – v.3</p> <p>Para okuóheyá-yedí = “longe ou perto”, v.33: gine-gigr= “igual ou diferente”.</p>
33.	<p>guats’irdiōka diruadéha? <i>o que você viu para lá o que é?</i></p> <p>tíneenígínegiog’r? <i>é como aqui ou é diferente?</i></p> <p>bieyih(i)ngeniōka? <i>é lá limpo?</i></p> <p>ditehéyets’arehi medea gōhëg’nhí <i>quando chegou lá, assentou e contou tudo.</i></p> <p>guats’ír – você viu, v.2. diōka, v.11 (ioka-gua k(i)rgir, “onde você vai”, diruadē - “como é”, v.2 gine – “aqui”, v.8 g’iog’r – “diferente”, v.28 ditehéyets’arehi – v.31</p>
34.	<p>medégoat(i)r aiū(ng) <i>você conta tudo</i></p> <p>guats’írhani erahani <i>o que viu por aqui algumas coisas</i></p> <p>guats’írhani eruad’hani <i>que viu por aqui como é por aqui</i></p> <p>guats’ír, v.2 hani, v.4 era, v.9</p>
35.	<p>adomahi s’iágants’i <i>eu dou ao menino</i></p> <p>mūt(i)r <i>uma piranha</i></p> <p>mút(i)r r, v. N.326 do Voc.</p>

36.	montaguagagátu <i>êle tem medo da espingarda</i> gátu – v. 138 do Voc.
37.	ogapoégota – <i>acende o fogo</i> igapoégota – <i>eu acendo o fogo</i> matã = fogo, v. N. 68 do Voc.
38.	dekiats'amohiovorro <i>eu vou para casa</i> dekiats'a, v.7 mohiovorro, v.n.78 do Voc.; ahiovírio – “nossa casa”.
39.	kira gúteradya! <i>Vamos embora!</i>

Lista de palavras de SCHMIDT (1928).

1. pierna. vovi. (Voc⁶⁷. N° 21: múvi).
2. agua. gogn. (Voc. N 61: mágû).
Vamos en el campo remar, (porque está) ya bastante agua.
Kiragotegua odiogn natchun gogn.
3. rio. dshekung, dsheeking. (Voc. N° 62: madsheékû).
Tiene muchas vueltas el rio.
Kaipogao dshekung.
Hay muchos pirañas, pacús, (y), barbados en el rio.
namungero vodi ogakua maradakiga odsheeking.
No se puede tomar baño en el rio, (porque) hay muchos pirañas.
viropifuivo dsheeking kaiopung votir.
Tapado mucho (está) el rio.
motoye kaiopung odsheeking.
4. fuego. gota. (voc. N° 68 matá).
Asciende fuego.
gapoye gota!
Estuvo con fuego quemóse su madre, ella morió.
makagn gota mavira igi, matchoga.
5. colina. (Voc. N° 72: marápo).
Hacia la colina odirapo.
Vamos pasear (viajar) al otro lado del rio hacia la colina.

⁶⁷ A marcação “Voc.” faz referência ao primeiro vocabulário de Schmidt (1905).

kiragohegi toiamahetchoa odirapo.

6. campo.

Vamos en le campo viajar!

Kira gootegua odiogn!

7. viento del Sud. mufè'idye.

El viento del sud (es) persistente (y) fuerte.

mufè'idye dakiagre narakua.

8. Domingo. mukua.

Domingo (es) hoy.

mukua detchu.

9. aldea, pais, itcha'iuv(i)r.

En mi pais (en mi aldea): atcha'iovoru, itcha'iuvu.

No hay tigres en mi pais.

bisha yapago atcha'iovoru.

El me habia acompañado el Umotina (hacia) la aldea de los Umotinas.

nabetobigaio oguènjiue itcha'iuv(i)r

oguènji(r)ue.

Estoy de prisa lhegar en mi país (aldea).

nakekaye natadèginaya nahing itcha'iuvu.

10. Atterrado. oraboho.

Ellos (los guatós) tienen muchos acurisales en sus aterrados.

namugero gishe oraboho.

Es muy lejos allá llegar a los aterrados.

kaiukuoa dorivaha oraboho.

El mora sobre el Río Caracará, él tiene por allí un aterrado

mahin godishek(i)ng naking oraboho.

11. acurisál. gishe.

Ellos tienen muchos acurisales.

namugero gishe.

6: amugero gishe.

12. casa. muvir. (Voc. N°.78: movír).

La casa es mía: oyoovoro.

Tu casa es linda: nitov(i)rvovir.

Su casa es linda: nitoviniyovir.

Muchas casas: damugere guvir.

Yo me voy ya en casa.

edakia diario vohuiovuir.

Vamos irnos en casa.

kirogarekiadya gohiovuir.

13. Utensilio para desgranar el algodón. matiokutché.

(Compare Voc. N°.142: algodón=mutchí).

14. canoa. manã; gona; gonã; (agoru?). (Voc. N°. 83; máñi)

Yo quiero comprar una canoa (y) un remo.
Tahanago gona kaking.

La canoa vuelve.
gonã. da'edirkidyata.

Llegando en Corumbá yo vendere mi canoa.
matcheyeyoyoka nogu hontina giryu agoru.
Viajar en canoa: igoguna.
Joaõ andó en canoa (para) pescar pacú.
iakiiigadi igogunã iakio guakua.

15. remo. makung; kaking. (Voc. N°.84: mákû)

Mi remo: oioakung.

Tu remo: oheguakung.

Su remo: daguakung.

Nuestro remo: dadikung.

Yo quiero comprar una canoa (y) un remo.
Tahanayo gona kaking.

16. escopeta. gat(i)r. (Voc. N°.138: gatú).

Porque no trajiste una escopeta (para) matar pájaros?
nengogiagono gat(i)r oatiaya dyaye?

Tienes – tu una escopeta?
nagn gat(i)r?
Yo no tengo una escopeta.
bidsha gat(i)r?

El gustava mucho la escopeta.
nabègiki ya gat(i)r.

17. Viola gaho (Voc. N°.124: magahu).

Tu tocas (bién) lá viola.
naguadshura gakuada gaho.

18. columpio para criaturas. matia(a) pehe.

19. vino de palmera de acurí (chicha). Okirda; okrda.

(suplemento de mi vocabulário de la lengua guató em mi escrito citado:
“Die Guató und ihr Gebiet”: chicha, vino de palmera:
amok(i)rda).

Vamos beber vino de palmera!

Kera gokrda!

Los Guatós gustan de beber vino de palmera.

oguatoto dadibioki okirda.

20. caña. opoki(r). (Voc. N°.111: pokí).
Vamos comprar caña!
kiragahana opoki(r)!
21. tabaco mabó (Voc. N°.120: mabó)
22. cigarrillo. tahêgigí. (Voc. N°.119. cigarro:matáhegi).
Dame um cigarrillo.
Takio tahêgigí.
23. revolución. nubiavegogari.
24. madre. igi, egi = su madre. (Voc. N°.191: madre memé; tu madre = guagi).
Estuvo con fuego quemóse su madre, ella murió.
makagn gota navira igi, matchoga.
Sua madre (y) sus hijos viven ahora en Corumbá.
egi etorashi dadi girginani nogu.
25. hijo. Tora (Voc. N°.193: bé; Castelnau: ahora).
(El tenía) dos hijos.
dona tora.
Su madre (y) sus hijos viven ahora en Corumbá.
egi etorashi dadi girginani nogu.
El no tiene hijos todavía.
Vigne tora hogode.
Su hijo (está) en la ciudad, del Magalhaes hijo.
etora tchogunani goyampera etora.
26. hija. gohadya. (Voc. N°.194; ió = mi hija. Castelanu:
Noudiohaya = hija, jio = mi hija).
El tiene solamente una hija.
thceneye gohadya.
El se ha casado con la hija de un Chiquitano.
aguga gohadya ogenijiue.
27. gente, personas. gochirvuir. (Voc. N°.217: machirvuir).
Hay solamente dos gentes al otro lado del río.
donihi gochirvuir giokahitchua.
28. muchacho. Tchagntchi. (Voc.N°.218: chiágantchi).
Murió su muchacho (Meki) en Descalvado.
matchoga tchagntchi guariru.
29. tigre. (jaguar). mepago, dyepago, yepago. (Voc. N°.240= mépago).
Los Guatos matan a los tigres.
goguato negung mepago.
Él caza a un tigre
guaho dyepago.
Vamos cazar (matar) a un tigre!
kirakaho dyepago!

- Vamos matar con la lanza a un tigre!
 kiragaidyaadshir mepago!
 No hay tigres en mi país.
 bisha yepago atcha'iovororo.
30. venado. gedshavi. (Voc. N°.237: médchiavi = ciervo pequeño)
 Nosotros cazamos a venados (y) a puercos del monte.
 Vadyahopo gedshavi mapo dyaho.
31. nutria mevè. (Voc. N°.245: mèvé).
32. perro. mavé. (Voc. N°.236: mavè).
 muchos perros.
 damungere guvè.
 Dos perros.
 doni guvè.
33. puerco del monte. mapó. (Voc. N°.235: mapó).
 Nosotros cazamos a venados (y) a puercos del monte.
 Vadyahopo gedshavi mapó dyaho.
34. caitetú. guaripó.
35. ave. dyaye. (Voc. N°.252 (Catelnu: madjahé).
 Porque no trajiste una escopeta para matar pájaros.
 nengogiagono gat(i)r oatiaya dyahe?
36. pacú (pez). ogakua, ogakua. (Voc. N°.330: muguakuá).
 João viajó em canoa para pescar pacú
 iakiigadi ogogunã iaki ogakua
 En el camino vamos pescar pacú.
 gagedyegnnati ogakua.
 Hay muchos pirañas, pacú (y) barbados en el río.
 namunyero vodi, ogakua maradakiga odsheeking.
37. piraña. (pez) votir, vodi. (Voc. N°.326: mút(i)r).
 No se puede tomar baño em el río (poeque hay) muchos pirañas.
 viporifuivo dsheeking kaiopung votir
 (Hay) muchos pirañas, pacús (y) barbados en el río.
 namunyero vodi, ogakua maradakiga odsheeking.
38. barbado (pez). maradakiga.
 Compare la proposición precedente.
39. Guató. oguato, goguato.
 Los Guatós beben mucho vino de palmera.
 oguato dadibiokí okírda.
 Los Guatós matan a los tigres.
 goguato negung mepago.

40. Umotina, Barbado. oguenejvuir, oguènijius, oguènji(r)ue.
Yo vendí (mi escopeta) a um Umotina:
tedagiryo oguenejvuir.
El Umotina (me había acompañado) a la aldea de los Amotinas.
oguènijius itcha'iu(v)(i)r oguènji(r)ue.
41. Chiquitano. (Chiquito). Oguènjiue. (El mismo vocablo significa también "Umotina". Compare N°.40).
El se había casado con la hija de un Chiquitano.
aguga gohadya oguènjiue.
42. Cuyabá. Kidade (port.)
Yo estuve ya en Cuyabá.
dshendi kidade dyondenugua.
43. Corumbá. nogu.
Su madre (y) sus hijos moran ahora en Corumbá.
egi etorashi dadi girginani nogu.
Su hijo está en Columba.
etora tchogunani.
Llegando en Corumbá venderé mi canoa.
yoka nogu hontinagiryu agoru.
44. Amolár.
Em Amolár, hacia Amolár: hedyatogabo, hedotokaba, hediogabo.
Vamos vender em Amolár!
kiragag(i)r hedyatogabo!
- Puedes acompañarme hacia Amolár.
otobirio odobegnkaio hedotokaba.
- Yo quiero visitar a Magalhaês en Amolár.
nata dshirio goyampera hetiotogabo.
45. Río. Caracará.
sobre el Río Caracará: didshek(i)ng.
El mora sobre el Río Caracará.
mahingo didshek(i)ng.
46. Descalvado. Guariru.
Murió su muchacho en Descalvado.
Matchoga tchagutchi guarirú.
47. Figueira. (anteriormente aldea de los Guatós). eguihehímahe.
En Figueira ya no mora nadie.
eguihehímahe ida doka.
48. Magalhaês. (brasileño em Amolár). Goyampera, oyampera.
Yo quiero visitar a Magalhães.
nata dshirio goyampera.

- Um buen hombre (es) Magalhaês.
mitivir oyampera.
Su hijo está em Corumbá del Magalhaês hijo.
etora tchoguani goyampera etora.
49. Timotheo. (un cacique de los Guatós). timote.
Timotheo murió.
timote matchoga.
50. uno. Theceneye. (Voc. N°.420: tchénehe).
(El tiene solamente) una hija.
tcheneye gohadya.
51. dos. doni.
Dos perros.
doni guvè.
(El tenía) dos hijas.
donatera.
(Moran solamente) dos personas al otro lado del río.
doni higochirvuir giokahitchua.
52. muchos, damugere, namugere.
muchas casas: damugere guvir.
muchos perros: damugere guvè.

(Hay) muchos pirañas, pacús (y) barbados em el río;
namugere vodi ogakua maradakiga odsheeking.
(Ellos tienen) muchos acurisales.
namugere (ó: damugere) gishe.
53. mucho. Kaiopung.
Tapado mucho (está) el río.
motye kaiopung odsheeking.
No se puede tomar baño en el río (porque hay) muchos pirañas.
vipori fuivodsheeking Kaiopuung votir.
54. todos. maku.
Murieron todos.
matchogadshi maku.
55. un buen hombre. mitirvir.
Un buen hombre (es) magalhaês.
mitirvir oyampera.
56. lindo. nitov(i)r. (Voc. N°.409: nitoavi).
Linda (es) tu casa.
nitov(i)r vovir.
Linda (es) su casa.
nitovinigovir.
57. viejo. Tedèni.

El ya está viejo: natoigidi.
 El viejo Caetano está vivo.
 Tedèni Ka'etano yeyirataga.

58.vivo.

El está vivo: yeyirataga. (Compare N°.57).

59. borracho. honagahaio.

60. contínuo. dakiagre.

El viento del Sud (es) contínuo (y) fuerte.
 nufè'idye dakiagre narakua.

61. fuerte (del viento), narakua. (Compare N°.60).

62. tapado (del río). motoye.

tapado (está) mucho el río.
 motoye kaiopung odsheking.

63. tener muchas vueltas (del río). Kaipogao

Tiene muchas vueltas el río.
 kaiopogao dshekung.

64. vamos! kera, kira. (Voc. N°.459: Proposición 39: Kira gúteradya=vamos salir).

Vamos (beber) vino de palmera: kera gokrda!
 Vamos pasear (beber): kira gohegí.
 Vamos (andar en canoa) en el campo: kira gootegua!
 Vamos vender: kira gag(i)r!
 Vamos comprar: kira gehana!
 Vamos preguntar (pedir): kira ga hognga!
 Vamos por acá esperar!
 kira ri gigne!

Vamos al outro lado del río mañana!
 kira timahitchua tchogone!
 Vamos matar con la lanza a un tigre!
 Kira gaidyaadshir mépago!

65. ahora. girginani. (Voc. N°.453: dign; (aquí=gine).

Su madre (y) sus hijos moran ahora en Corumbá.
 egi etorashi dadi girginani nogu.

66. hoy. dingatchoni.

Sopla fueite hoy.
 kaiofe dingatchoni.

67. mañana. tchogone (tchogi).

Vamos al otro lado del río mañana!
 kira timahitkua tchogone!

- Vamos pasear mañana, Martes!
Kíra gohegí donigutchogi toia!
68. aquí. gigne. (Voc. N°.450: gine).
Vamos esperar por aquí hasta que el viento deja de soplar.
Kira rari gigne depuônyunya gofi.
69. cerca de la casa. ehe.
Ellos (los Guatós) tienen muchos acurisales cerca de sus casas.
demugere gishe he.
70. muy lejos. kaiokuoia.
Es muy lejos llegar al aterrado.
kaiokuoia dorivaha oraboho.
71. al otro lado del río. mahitchua, kahitchua, mahetchua.
Vamos al otro lado del río mañana!
Kira timahitchua tchogone!
Vamos pasear mañana Martes al otro lado del río a la colina
kira gohegí donigutchehi toia mahetchoa odirapo!
- (Hay solamente) dos personas al otro lado del río.
doni higochirvuir giokahitchua.
72. bastante.
Porque ya está bastante agua.
odiengn natchungogn.
73. por eso. eraye. (Voc. N°.455: iruadeye, eraaye):
Yo no necesito más la canoa, por eso yo lo venderé.
etitavoro gonã eraye ora giryu.
74. salir.
Sale!: kiragokadshieshi!
Yo (ya) salgo en mi casa.
edakia diario vohuiovuir.
Vamos salir en casa!
kira gorkiadya gohiovuir!
(Voc. Proposición. 7. Ya sales-tu? = dekiatcháhio?
" 19. Tu sales = dekiatchagnhi.
" 39. Yo me voy en casa = dakiatchano hiovororo.
75. viajar. gohegí. (Voc. N°.473: Vamos viajar = kira ugohegn!
Prop. 21: Ellos viajan = góheegn).
76. visitar.
Yo quiero visitar.
nata dshirio (ta = querer).
77. acompañar. Tob(i)r.

- El me habia acompañado.
 (atiro) nabetobi gaio.
 Vamos pedir a matthias a acompañarnos!
 kira gahognga netague tob(i)r!
 Tu puedes acompañarme hacia Amolár.
 Atobirio odobegnkaio hedotokaba.
78. remar. gaioga. (Voc. N°.482: oióga. yo remo= naiogaío.
 él rema=naióga.
 nosotros remamos= naiogahi.
 Vosotros remaio =guatchiaióga).
 Vamos remar = gaioga!
79. morar, habitar. dadi.
 Su madre (y) sus hijos moran ahora en Corumbá
 egi etorashi dadi girginani nogu.
 En Figueira ya no mora nadie.
 eguihehimahe idadoka.
80. beber. (Voc. N° .460: gogign).
 Vamos beber chicha!
 kera gokrda!
 Yo voy beber agua.
 iogirgãyo.
81. pescar. iakio.
 João andó en canoa para pescar pacú.
 iakiigadi igognnã iakio guakua.
82. cazar.
 El caza = guaho.
 El caza a un tigre = guaho dyepago.
 Yo cazo a un tigre = guahahodyepago.
 Nosotros cazamos a un tigre = guadyahodyepago.
 Vamos cazar al tigre = kira kaho dyepago!
- Nosotros cazamos a venados (y) puercos del monte.
 vadyahopo gedhavi mapo dyayo.
- Porque no trajiste una escopeta para cazar pájaros?
 mengogiagono gat(i) oatiaya dyaye?
83. matar. negung. (Voc. N°. 479: keragágû(n)g= vamos matar)
 Los Guatos matan a los tigres.
 goguato negun mepago.
84. matar con lanza. gaidyaadshir. (Voc. N°.137: lanza= madshúrr).
 Vamos matar con lanza a un tigre!
 kira gaidyaadshir mepago!
85. matar a animales con flecha.

Yo mato a los animale com flecha = matchiatiaiaio.

86. matar con escopeta.

Para que nosotros matemos = oatiaya.

87. ascender (fuego). gapoye.

Ascende fuego!

gapoye gota! (Voc. N°.465: ascende fuego= ogapoégota!
yo asciendo fuero = igapoégota.

88. tomar baño.

No podemos tomar baño en el rio.

viporifuivo dsheeking.

89. traer.

Porque no trajiste una escopeta?

mengogiagono gat(i)r?

99. comprar. hana.

Yo quiero comprar una canoa (y) un remo.

tahanayo gona kaking.

Vamos comprar caña!

kira ga hana opoki(r)!

91. vender. ag(i)r.

Vamos vender em Amolár!

kiragag(i)r hedyatogabo!

Yo no necesito más la canoa por eso y ola venderé.

etiotavore gonã eraya orag(i)ryu.

Llegando en Corumbá yo venderé mi canoa.

mateheyeyo yokanogu houtinag(i) ryu agoru.

Yo vendí (mi escopeta) a un Umotina.

tedegiryo oguenejivuir.

92. tocar viola. (Voc. N°. 124: viola magáhu).

Tu tocas bién la viola.

Naguadshuaraguakua dagáho.

93. dar. takio.

Dame un cigarrillo!

takio tahêgigi.

94. Ella quemóse = mavira. (Suplemento de mi vocabulario de la lengua Guató.

1. c.

N°. (9): mi casa quemóse = mavira ovirio).

Estuvo con fuego quemóse su madre ella murió.

makagngota mavira igi mathoga.

95. esperar. rari.
Vamos esperar por aquí hasta que el viento deja de soplar.
kira rari gigne depuõnyunya gofi.
96. morir.
Ella murió = matchoga. (Voc. N°. 502: vátchoga).
Murió el muchacho.
matchoga tchagntchi.

Murieron todos.
matchogadshi maku.
97. soplar (viento).
Sopla fuerte = kaiofe.
Sopla fuerte hoy.
Kaiofa dingatchoni.
Si sopalara fuerte no podremos viajar.
Aifauagagofi dorigoedya.
98. dejar de soplar (el viento).
Vamos esperar por aquí hasta el viento deja de soplar.
kira rai gigne depuõnyunya gofi.
99. preguntar, pedir. hongnga.
Vamos preguntar! kira ga hognga!
100. quiere llover. Natavè. (Voc. N°. 54: lluvia = mavè).
101. entender.
Yo no entiendo = ve'idagatchio.
102. querer. ta.
Yo quiero comprar una canoa (y) un remo.
ta hanayo gonã kaking.

Quiere llover = natavè.
Yo quiero visitar = natadshirio.
103. gustar
El gustaba (mucho) la escopeta.
nabègiki yagatir.
104. no necesitar.
Yo no necesito la canoa, por eso yo la venderé
Ctiotavoro gonã eraya oragiryu.
105. tener.
Tienes-tu una escopeta?
nang guat(i)r?

106. no hay. bisha, bidsha.
 No hay tigres en mi tierra.
 bisha yepago atcha'iovorro.
 No hay (No tengo) una escopeta.
 bidsha gat(i)r.

CUENTOS DE LOS GUATOS

1. Timotheo murió no hay más hijos, una hija (solamente), murieron timote matchoga vigntora hegode, tcheneye gohadya, madchogadshi todos. Murió el muchacho (Meki) en Descalvado. Tenia de mujer maku. matchoga tchagntchi guariru. aguga. la hija de un Chiquitano, (él tenia) dos hijos. La madre (y) gohadya oguenijiue, donatora . egi los hijos moran ahora en Corumbá. En Figueira no vive más ninguén. etoashi dadi girginani nogu. eguihehimahe idadoka.
2. El viejo Caetano está vivo, él mora sobre el Rio Caracará, tedèni ka'etano yeyirataga, mahingo didsshek(i)ng, él tiene por açà un aterrado. Es lejos llegar al aterrado. making oraboho. kaiokuoia dorivaha oraboho, tapado mucho (está) el rio, no podemos ir hasta allí. motoye kaiopung odsheking, igohadshirata.
3. Yo quiero visitar a Magalhaês en Amolár, un buen hombre(es) natadshirio goyampare hediotogabo, mitirvir Magalhês, está viejo ya. El hijo está en Corumbá del Magalhaês hijo. oyampera, natoigidi. etora tchogunani goyampera etora.
4. Vamos matar con lanza a un tigre, él ya está muerto. Vamos vender kira gaidyaadshir mepago, magadi. kiragag(i)r (la piel) en Amolár. Vamos comprar una cañita. hedyatogabo kiragahana opoki(r).

3: Lista de palavras e frases de Rondon (1938)

Lista de palavras e frases de Rondon (1938), organizada alfabeticamente. À esquerda da lista, acrescentamos numeração de ordem.

ordem	Glosa	transcrição - Rondon
1.	À noite	mafi
2.	À tarde	nicaié
3.	Água	magã
4.	Arroz	machiamo
5.	Árvore	modijaarro
6.	Bezerro	modivacá
7.	Boi	auacá
8.	Calor	mapô
9.	Canoa	manã (ou gonã)
10.	Cansaço	maracaiô
11.	Cão	moveie
12.	Capim	majagüe
13.	Capivara	maquê
14.	Carne	marevacá
15.	Casa	movu
16.	Cavalo	matogepagô
17.	Cem	cheneguáteri
18.	Chata (embarcação)	pegibeu
19.	Chuva	mavé
20.	Cinco	toherá
21.	Conversa	mapoegã
22.	Criança	teofâni
23.	Criancinha	mobê
24.	Curral	mahôe
25.	Dança	magacha
26.	De dia	machô
27.	De manhã	baracuachô
28.	Descanso	tacânio
29.	Dez	quinra
30.	Doença	mapôia
31.	Dois	dôni
32.	Dormir, sono	tacôni
33.	Feijão	pageroca
34.	Festa	maferito
35.	Fogo	matá
36.	Fome	chocáquio
37.	Frio	caracoaô
38.	Galinha	carejaié

39.	Gato	marotiá
40.	Gente	machiue
41.	Guerra	mobiavê
42.	Homem	madé
43.	Jacaré	micô
44.	Lenha	moquixê
45.	Lua	mopiná
46.	Mandioca	mamá
47.	Menina	mogieti
48.	Menino	niti
49.	Milho	magêro
50.	Moça	midá
51.	Muito	caiopum
52.	Mulher	muhaja
53.	Nove	recaicáquera
54.	Oito	chumocáquera
55.	Onça	mapago
56.	Panela	nicôe
57.	Pedra	macô
58.	Pinto	modêgaro
59.	Piranha	motoê
60.	Porco	mapô
61.	Quatro	recá ["r" brando]
62.	Rancho	macúgi
63.	Rapaz	motodari
64.	Rêde	mapaná
65.	Remo	macã
66.	Revolução	mac-hê
67.	Rio	magicom
68.	Roça	maheguiá
69.	Roça grande	dafégori guiheguiago
70.	Roupa	mafé
71.	Sêde	côganho
72.	Seis	chenecáquera
73.	Sete	donicáquera
74.	Sol	caponuvé
75.	Soldado	machorove
76.	Sucuri	micôari
77.	Tesoura	mataievaé
78.	Três	chumo
79.	Um	chené
80.	Urubu	mogu
81.	Vaca	auacá
82.	Veado	megiave
83.	Velha	mevü
84.	Velho	meiô (ou tugi)

FRASES

85.	Vamos viajar.	Naquê.
86.	Que é da canoa?	Mahin gonã mahínguerê gonã?
87.	Vamos para lá	Quira mahínguerê.
88.	Quero quatro remos.	Taringuê recá macã.
89.	Quero mais remos.	Taringuê punga cã.
90.	Até a volta!	Dequiajáio!
91.	Vamos pelo meio do rio.	Quiragá toberô quagugi cã.
92.	Vamos passar a corixa.	Quiragotê corixa.
93.	Vai chover.	Na ivé.
94.	Cubra a carga.	Robá agoriá ["r" brando].
95.	Já passou a chuva.	Mapô anhungufê.
96.	Não vai mais chover.	Nivé hedin.
97.	Já é noite.	Notá aié.
98.	Já estamos chegando.	Nagoté quiragorego.
99.	Está ruim.	Infâni.

4: Lista de dados de Wilson (1959)

Lista de palavras e frases apresentada por Wilson (1959).

ordem	Glosa	transcrição - Wilson
1.	Casa	mo'vĩ
2.	Palha	mākú 'dji?
3.	Fogo	ma'ta
4.	Chão	ma'fo ^h
5.	Cachorro	māve.
6.	Gato	ma'ro·cha?
7.	Lenha	mo'kfé
8.	Água	māgə
9.	Mandioca	ma'ma?
10.	Carne	ma'ri.
11.	Canoa	ma'ni
12.	Remo (oar)	ma'ci / ma'ki
13.	Peixe	mākú·'djo?
14.	(Não identificado)	maki
15.	Anta (ta_ir)	mā'ĩ·
16.	Lontra (weesle)	mí'ĩ
17.	Ariranha (bigger)	mév ^ε ·æ?
18.	Cutia (squirrel without tail)	mĩ't ^h õ
19.	Paca (bigger)	māgwai't ^h õ
20.	Tatu (armadillo)	mi'pi·
21.	Tamanduá	mū'pĩ gā?
22.	Coatí	māhā?·djóhò
23.	Caiquitu (peccari)	māgwá'ri'pù?
24.	Queixado (big peccari)	má·pù?
	Boi	māgwà'ká
25.	Macaco	má'cù·
26.	Onça pintada	'mepagu
27.	Onça parda (pale)	--
28.	Jaguatirica	māro'·çà?
29.	Veado	mēdjà'eĩ?
30.	Donrado (fish)	See 13.
31.	Pacu	mūgwà'kwā
32.	Cachara	Pirakambuku
	Pintado	ma'pĩ?/ma'ci?
33.	Pacupeva	mōpà?
34.	Lambare (minnow)	mū'gwapè
35.	Pomba	mi'ki

36.	Mutum (turkey)	māk ^h śnā
37.	Papagaio (garça)	mī'kī
38.	Arara	mā'tà?àhà?
39.	Tucano	mātù?(ù)gùyē
40.	Ver periquito (?)	mī'tádà?
41.	Galinha	màgālidjà?à'yē
42.	Peru	mī'šyá'čī ⁿ gādžà'yē?
43.	Pato	mībō
44.	Flecha	mà'tčī.
45.	Arco	māgātyà
46.	Espingarda	ma'tī?
47.	Pele (capivara)	māfékī?
48.	Tecido	mādà? (a) 'fē
49.	Camisa	màfē
50.	Calça	māfé·tā
51.	Saia	māčédàfē
52.	Chapéu	māu·kwī
53.	Onde vai	hèkōvā?/ hēgōvā?
54.	Vou apanhar água	íhàrikèyōgō'gī
55.	Vou pescar	yáki'iyū
56.	Vou caçar	yāyó·géyāyò
57.	Vou à roça	ítégòyà // gòhē? gǎgò
58.	Vou à Porto Alegre	māhimbòikī?
59.	Vou à Vela Vista (the hill on the island)	bōik'í morro
60.	Onde foi	hēgwā'hoidù
61.	Fui banhar	gwà'fū? (ū) yù
62.	Fui comprar pinga	gwáhálápikī'iyù
63.	Fui comprar fumo	gwáháláyògòbō?
64.	Arroz	màčā? (ā) mò?
65.	Feijão	m̄pā'férókà
66.	Açúcar	mābē?ēhē?
67.	Sal	māvæ?
68.	Rede	māpānà
69.	Cesta	mō/udā
70.	O que é é isto	dérà?gīrī
71.	O que é aquilo	'dérà?mà'hīngērē?
72.	Onde está a canoa (cf.11)	āhīadúgōmī dīwhāidà'tò'rārù
73.	Onde foi o guri	ēùwhādúgōbī?
74.	Onde vai a moça	hē?bōvágídā?
75.	Guri (criança)	mòbī?
76.	Os guri estão brincando	gwātágī 'ga·nī
77.	Os homens não brincam	--
78.	Os homens estão caçando	ōcādæ·ta? gwāyúgīā
79.	As mulheres vão cozinhar a carne	--

80.	O marido não tem medo da onça	yotage? gwàgēpāgò
81.	Ele leva sua arma	nēnūē / eti?
82.	Greeting (at home)	óhē·bè? (said by one inside)
83.	Response	ōmbĩ?
84.	Vamos sentar	kírāgògāgĩ (g ⁿ)
85.	Onde você mora	hégwā·hè?
86.	Eu moro em Conceição	māhí ⁿ gĩĩ?
87.	Pé	ĩbō
88.	Meu pé	à'bō·rù
89.	Meu pé está cortado (machucado)	àsēdjá'bō·rù
90.	Mão	ĩrā·
91.	Minhas mãos	ā'rā·rù
92.	As mãos dele são grandes	dāfé?gĩr (u)ĩrā·
93.	Cabelo (3rd person)	i'kĩ
94.	O cabelo dele	i'kĩ
95.	O cabelo dele é comprido	dākĩ?gĩruikĩ·
96.	Ólho	ĩrē·
97.	Seus olhos	gwáre·
98.	Seus olhos são marrois	ĩpé?jāre·
99.	Os olhos da onça são brancos	ōrēdgíapōgù nákw ^h o (?)
100.	Até logo	ĩrácé? dgāiyù
101.	Fumo	màbō?
102.	Papel	māfé dzĩdžĩ?
103.	Dinheiro	māra·hè
104.	Um	čæ·nè?
105.	Dois	dū·nì
106.	Tres	čū·mù
107.	Quatro	řē·kai
108.	Cinco	'tōhēřā
109.	Seis	čæ·nēkaikāĩrā
110.	Sete	dū·nikāikāĩrā
111.	Oito	čū·mūkaikāĩrā
112.	Nove	rē·kaikāikāĩrā
113.	Dez	'tĩ?řĩrā
114.	Onze	'fan yũibō
115.	Doze	čē?ēnā?čūā
116.	Quinze	'dūnìčūā
117.	Vinte	dūndžikē?tàkwàyāibō
118.	Cinquenta	džúnùdžikē? / tàkwàyāibō
119.	Cem	čá?nēdžā
120.	Pau (dry)	mādā
121.	Aruera	mó / upĩ
122.	Piuva	mō / at ^h / ādžù?
123.	Cedro	māńkĩ?
124.	Castelo	māt ^h adžĩ
125.	--	--

126.	Café	m̄pé / æʔɛrũ
127.	Mãe	mēmē
128.	Pai	bápaʔ
129.	Filho	ā'tó / oʔrārũ
130.	Filha	ā'tó / oʔrārũ
131.	Irmão	ā'dónihũ
132.	Irmã	ā'dónihũ
133.	Tio (irmão do pai)	dítēʔ
134.	Tia (irmã do pai)	dímēʔ
135.	Tio (irmão da mãe)	dímēʔ
136.	Tia (irmã da mãe)	dímēʔ
137.	Avô (bis) (changed informants)	kũvĩ
138.	a) Avó	čāvĩ
	b) Avô	t ^h ɔvæyũ
139.	Primo (older younger)	nánàʔ bēʔèyā
140.	--	--
141.	--	āgónĩrũ
142.	--	ōdáhēgwānĩ
143.	Canoa dêle	óhēgwàgwũ
144.	Nossa canoa	gìgwō
145.	Canoa de vocês	dáhē'gwānĩ'déhēgàʔ
146.	Canoa dos Bol. Gente Bol.	mānĩgwénègārĩ māgwénègārĩ
147.	Tenho duas canoas	ōyũnāgũ'dúnĩgōnĩ
148.	Êle tem mais canoas	tĩgwĩnyæ'gũnĩ
149.	A gente precisa de dois remos	--
150.	Sol	'nũvè
151.	Lua	mópina
152.	Estrela	màbĩ ^h
153.	Está fazendo calor hoje	kaĩpĩ ^h
154.	Hoje	dĩgh gáí fōnĩ
155.	Ontem	mákēʔmā
156.	Amanhã	čógũnĩ
157.	Faz frio de noite	ná'k ^o rǒkwāiyũ
158.	A água está quente	nà'pĩ go'gĩ
159.	A água está fria	nā'rákwàgō'gĩ
160.	Estou com frio	ná'k ^o rǒkwāiyũ
161.	Vai chover amanhã	nāivēti // čógōnè
162.	Está chovendo forte	kāé'gwēgōvè
163.	Choveu ontem	tódævégamákēʔmā
164.	Violão	mōtāgāhō
165.	Orelha	māvĩ
166.	Orelhas furadas por brinco	nāičāvĩʔ
167.	Minha orelha	ávĩrũ
168.	Machado	mā'kó/u
169.	Facão (faca)	mōtōʔ čævāi

170.	Pote	mát ^h ū
171.	Cuya	mīśédžékī
172.	Colher	māgvè·vāi
173.	Cobertor Frutas	māvèhù
174.	Laranja	māč ^y á?adā
175.	Limão	mūřimāo
176.	Banana	māgwā·?džā
177.	Tucum	māčé·?tō
178.	Coco bocayuva	māgwé·džì?
179.	Coco de acuri	mídžì?
180.	--	--
181.	Vermelho	mópi·
182.	Verde	māřápōhù?
183.	Branco	nákw ^h o
184.	Preto	nípē?
185.	Formiga	mòdídžápāgò
186.	Borboleta	mīvākā
187.	Cupim	māřāū
188.	Mato	mādžā?āhò
189.	Capim	māgī?
190.	Pano	'mādà?fē
191.	Lamparina	mà'tōiyè
192.	Rapadura	mà'bē?ēhēřò
193.	Batata	múkà
194.	Melancia	mā'gwádžídī
195.	Milho	mādžé·řù
196.	Que aconteceu	dāgwāhò?
197.	Cachigile (caxinguelê?)	māřédžì?
198.	Bugio	múkw ^h ē
199.	Não passou (cf.73)	īgù
200.	Santo (picture or image)	māgwāí k ^h ā (k ^h ā)
201.	Candle holder	mā'dá // toiyè

5: Vocabulário do Pequeno dicionário da língua guató (2002)

Lista de palavras e frases do *Pequeno dicionário da língua guató* (2002). À esquerda, acrescentamos numeração de ordem.

GUATÓ - PORTUGUÊS

B

- | | | |
|----|----------|--------------|
| 1. | Borrútên | gralha verde |
| 2. | Borrútô | flor verde |
| 3. | Byjá | não quero |

C

- | | | |
|----|-----------------|---------------------------------|
| 4. | Candyderédicaye | boa tarde |
| 5. | Chicha | bebida feita com fermentação do |

D

- | | | |
|----|-------|-------|
| 6. | Dyfoô | titia |
| 7. | Dysté | titio |

E

- | | | |
|----|-----------|-----------|
| 8. | Égo | não |
| 9. | Ego- byjá | não quero |

G

- | | | |
|-----|--------------------------------|--------------------------|
| 10. | Gevô | mulher |
| 11. | Gevô gecô | mulher branca |
| 12. | Gevô gypé | mulher preta |
| 13. | Gobo gafy | estrela da noite |
| 14. | Gôcô aréro tyto vogun o ge com | nossas vidas são os rios |
| 15. | Gua – dá – can | pantanal |
| 16. | Guaritô | flor que alumia |
| 17. | Guyguepe | periquito prateado |
| 18. | Gygyago | roça |
| 19. | Gygyago rô | sua roça |

K

- | | | |
|-----|------------|-------------------|
| 20. | Kyra | vamos |
| 21. | Kira gofun | vamos tomar banho |

22.	Kira gokô	vamos beber
23.	Kyra mubá majá	vamos esquentar fogo
24.	Kyra gare megunty	vamos espiar peixe
25.	Kira garaxé	vamos ser cunhado
26.	Kyra garogâny	vamos comer
27.	Kyra gobyajé	vamos namorar
28.	Kyra goko mypeykô	vamos tomar café
29.	Kyra mareng	vamos lá
30.	Kyra mareng myrobonun	vamos lá na lancha

M

31.	Macararô	anu branco
32.	Macôrarô	piririta
33.	Macújá	dourado
34.	Magêero	milho
35.	Magôpyguá	tamanduá – mirim
36.	Magun	água
37.	Maguakú	dente de onça
38.	Maguarypô	caititu
39.	Maguaykána	jacutinga
40.	Maguêkôô	dente de jacaré
41.	Mahôó	alta
42.	Mahrhô	tuiuíú
43.	Mahkúú	capivara
44.	Majáa	jogo
45.	Makaâna	mutum
46.	Makôó	macaco
47.	Makuú	capivara
48.	Mamáá	mandioca
49.	Mandáá	jaracussu – pianta
50.	Mangôono	japuíra
51.	Manguagycôn	melancia
52.	Maguêjê	bocaiúva
53.	Maguêvay	colher
54.	Makum	remo
55.	Manúm	canoa
56.	Maôó	anta
57.	Mareédy	caxinguelê
58.	Mareém	biguatinga
59.	Marôdytô	comida de servo
60.	Marójávy	ouriço

61.	Maroyto	erva-mate
62.	Maroxá	gato
63.	Matáá	fogo
64.	Matá há	arara preta
65.	Matáaby	joão pinto
66.	Matáaru	víbora
67.	Matege	cachimbo
68.	Matoagagafo	flor branca
69.	Matodyepago	cavalo
70.	Matogagojôgúm	flor do campo
71.	Matôgueyé	tucano
72.	Matojárho	flor selvagem
73.	Matoyeyémacujá	gavião dourado
74.	Matôxévay	facão
75.	Mátum	ema
76.	Mavy govéé	cachorro
77.	Maxága	arara vermelha
78.	Maxáry	macaco – quatro – olho
79.	Maxévay	faca
80.	Maxoraodoro	alho
81.	Maxeogogum	copo com água
82.	Maxuko	copo
83.	Maxungogo	caneco
84.	Maxuvanárô	índio guató
85.	Maxyadá	laranja
86.	Mebépagó	tigre
87.	Megunty	peixe
88.	Megunti nugu mamaá	peixe com mandioca
89.	Mêpagó	onça
90.	Meevôo	bem-te-vi
91.	Méky	coelho
92.	Membóó	pato
93.	Mêpagó	onça
94.	Merebonún	barco
95.	Mevéé	ariranha
96.	Modeydey	macaco saiúna
97.	Morecom	baía
98.	Morobady	pimenta
99.	Morobyco	canário
100.	Morôbykôo	pássaro de cabeça vermelha
101.	Mubôo	prato

102.	Mubôo	sassorana
103.	Múfáá	muçum
104.	Múforxá	bicho de coco
105.	Muká	batata
106.	Mukôdá	chicha
107.	Mukôdá de maquêjê	chicha de bocaiúva
108.	Mukuên	bugio
109.	Mukúá	lobinho
110.	Mumamão	mamão
111.	Mundygeguntty	lambari
112.	Mungo	sabiá
113.	Munguafôô	gambá
114.	Munguaká	pacu
115.	Munguto	lobo
116.	Murerytô	canário
117.	Mutobôo	estrela – dalva
118.	Mutxajá – guaraxo	cobra coral
119.	Muugá	baguari
120.	Muvóô	casa
121.	Muxábé	andorinha
122.	Muxájá	cascavel
123.	Mybúkôo	lagarto
124.	Mycôvay	panela
125.	Mykaâna	aranquan
126.	Mykkoô	papagaio
127.	Mykôo	garça
128.	Mykô	jacaré
129.	Mykuá	dente
130.	Mykuary	sucuri
131.	Mybôtodokúeén	papo de bugio
132.	Mypababáh	massa – barro
133.	Mypedybéu	chalana
134.	Mypéry	lagartixa
135.	Mypéyko	café
136.	Mypy	tatu
137.	Myréé	bagre
138.	Myrobonun	lança
139.	Mytága	periquito verde
140.	Mytágu	saracura
141.	Myté	abóbora
142.	Mytôo	periquito – papo – branco

143.	Mytôrú	sapo
144.	Mytú	piranha
145.	Myúú	lontra
146.	Myveé	beija-flor
147.	Myvégo	gaivota
148.	Myvóta	mutuca
149.	Myytô	cutia
N		
150.	Nákaryo	quero
151.	Nakaryo aytaguadoero	quer casar comigo
152.	Nákaryo garaxé	quer ser meu cunhado
153.	Nákaryo mubá mata	quer esquentar fogo
154.	Nykayé	boa tarde
155.	Nyredy	boa tarde
O		
156.	Orrê	bom dia / boa tarde
157.	Orrêkyracoygyn	boa noite
158.	Óduru	meu sobrinho
R		
159.	Runguá	toma
160.	Runguá gôtháa	toma fogo
T		
161.	Tanjôbodoô	pássaro pequeno baio
162.	Tedéfédyxádyrre	bom dia
163.	Togopanã	garanhão
164.	Torepagnykyro	bravo
165.	Tovyanodoro	cebola
166.	Tuky	toma entrega
167.	Tuky mapokã	me dá uma pinga
168.	Tuky gôtháa	me dá fogo
X		
169.	Xádyroxá	pássaro do campo
170.	Xodygyakaã	pássaro campeiro pequeno

PORTUGUÊS - GUATÓ

A

1.	Abóbora	Myté
2.	Água	Magun
3.	Alho	Maxoraodoro
4.	Alta	Mahôó
5.	Andorinha	Muxábé
6.	Anta	Maôó
7.	Anu branco	Macararô
8.	Aranquan	Mykaâna
9.	Arara preta	Matá há
10.	Arara vermelha	Maxága
11.	Aririnha	Mevéé

B

12.	Bagre	Myréé
13.	Baguari	Muugá
14.	Baía	Morecom
15.	Barco	Merebonún
16.	Batata	Muká
17.	Bebida feita com fermentação do acauré	Chicha
18.	Beija-flor	Myveé
19.	Bem-te-vi	Meevôo
20.	Bicho de coco	Múforxá
21.	Biguatinga	Mareém
22.	Boa noite	Orrêkyracoygyn
23.	Boa tarde	Candyderédicaye
24.	Boa tarde	Nykayé
25.	Boa tarde	Nyredy
26.	Bocaiúva	Maguêjê
27.	Bom dia	Tedéfédyxádyrre
28.	Bom dia / boa tarde	Orrê
29.	Bravo	Torepagnykyro
30.	Bugio	Mukuên

C

31.	Cachimbo	Matege
32.	Cachorro	Mavy govéé
33.	Café	Mypéyko
34.	Caititu	Maguarypô
35.	Canário	Morobyco
36.	Canário	Murerytô
37.	Caneco	Maxungogo
38.	Canoa	Manúm
39.	Capivara	Mahkúú
40.	Capivara	Makuú
41.	Casa	Muvóô

42.	Cascavel	Muxájá
43.	Cavalo	Matodyepago
44.	Caxinguelê	Mareédy
45.	Cebola	Tovyanodoro
46.	Chalana	Mypedybéu
47.	Chicha	Mukôdá
48.	Chicha de bocaiúva	Mukôdá de maquêjê
49.	Cobra coral	Mutxajá – guaraxo
50.	Coelho	Méky
51.	Colher	Maguêvay
52.	Comida de servo	Marôdytô
53.	Copo	Maxuko
54.	Copo com água	Maxeogogum
55.	Cutia	Myytô
D		
56.	Dente	Mykuá
57.	Dente de jacaré	Maguêkôô
58.	Dente de onça	Maguakú
59.	Dourado	Macújá
E		
60.	Ema	Mátum
61.	Erva-mate	Maroyto
62.	Estrela – dalva	Mutobôo
63.	Estrela da noite	Gobo gafy
F		
64.	Faca	Maxévay
65.	Facão	Matôxévay
66.	Flor branca	Matoagagafo
67.	Flor do campo	Matogagojôgúm
68.	Flor que alumia	Guaritô
69.	Flor selvagem	Matojárho
70.	Flor verde	Borrútô
71.	Fogo	Matáá
G		
72.	Gaivota	Myvégo
73.	Gambá	Munguafôô
74.	Garanhão	Togopanân
75.	Garça	Mykôo
76.	Gato	Maroxá
77.	Gavião dourado	Matoyeyémacujá
78.	Gralha verde	Borrútên
I		
79.	Índio guató	Maxuvanárrô

J		
80.	Jacaré	Mykô
81.	Jacutinga	Maguaykána
82.	Japuíra	Mangôono
83.	Jaracussu – pianta	Mandáá
84.	João pinto	Matáaby
85.	Jogo	Majáa
L		
86.	Lagartixa	Mypéry
87.	Lagarto	Mybúkôo
88.	Lambari	Mundygegunty
89.	Lancha	Myrobonun
90.	Laranja	Maxyadá
91.	Lobinho	Mukúá
92.	Lobo	Munguto
93.	Lontra	Myúú
M		
94.	Macaco	Makôó
95.	Macaco – quatro – olho	Maxáry
96.	Macaco saiúna	Modeydey
97.	Mamão	Mumamão
98.	Mandioca	Mamáá
99.	Massa – barro	Mypababáh
100.	Me dá fogo	Tuky gôtháa
101.	Me dá uma pinga	Tuky mapokã
102.	Melancia	Manguagycôn
103.	Meu sobrinho	Óduru
104.	Milho	Mageêro
105.	Muçum	Múfáá
106.	Mulher	Gevô
107.	Mulher branca	Gevô gecô
108.	Mulher preta	Gevô gypé
109.	Mutuca	Myvóta
110.	Mutum	Makaâna
N		
111.	Não	Égo
112.	Não quero	Byjá
113.	Não quero	Ego- byjá
114.	Nossas vidas são os rios	Gôcô aréro tyto vogun o ge com
O		
115.	Onça	Mêpago
116.	Onça	Mêpago
117.	Ouriço	Marójávy
P		
118.	Pacu	Munguaká

119.	Panela	Mycôvay
120.	Pantanal	Gua – dá – can
121.	Papagaio	Mykkoô
122.	Papo de bugio	Mymbôtodokúeén
123.	Pássaro campeiro pequeno	Xodygyakaã
124.	Pássaro de cabeça vermelha	Morôbykôo
125.	Pássaro do campo	Xádyroxá
126.	Pássaro pequeno baio	Tanjôbodoô
127.	Pato	Membóó
128.	Peixe	Megunty
129.	Peixe com mandioca	Megunti nugu mamaá
130.	Periquito – papo – branco	Mytôo
131.	Periquito prateado	Guyguepe
132.	Periquito verde	Mytága
133.	Pimenta	Morobady
134.	Piranha	Mytú
135.	Piririta	Macôrarô
136.	Prato	Mubôo
Q		
137.	Quer casar comigo	Nakaryo aytaguadoero
138.	Quer esquentar fogo	Nákaryo mubá mata
139.	Quer ser meu cunhado	Nákaryo garaxé
140.	Quero	Nákaryo
R		
141.	Remo	Makum
142.	Roça	Gygyago
S		
143.	Sabiá	Mungo
144.	Sapo	Mytôrú
145.	Saracura	Mytágu
146.	Sassorana	Mubôo
147.	Sua roça	Gygyago rô
148.	Sucuri	Mykuary
T		
149.	Tamanduá – mirim	Magôpyguá
150.	Tatu	Mypy
151.	Tigre	Mebépagó
152.	Titia	Dyfoô
153.	Titio	Dysté
154.	Toma	Runguá
155.	Toma entrega	Tuky
156.	Toma fogo	Runguá gôtháa
157.	Tucano	Matôgueyé
158.	Tuiuiú	Mahrhô

V

159.	Vamos	Kyra
160.	Vamos beber	Kira gokô
161.	Vamos comer	Kyra garogâny
162.	Vamos espiar peixe	Kyra gare megunty
163.	Vamos esquentar fogo	Kyra mubá majá
164.	Vamos lá	Kyra mareng
165.	Vamos lá na lancha	Kyra mareng myrobonun
166.	Vamos namorar	Kyra gobyajé
167.	Vamos ser cunhado	Kira garaxé
168.	Vamos tomar banho	Kira gofun
169.	Vamos tomar café	Kyra goko mypeykô
170.	Víbora	Matáaru

6: Mapa “Terras Indígenas MS”

